

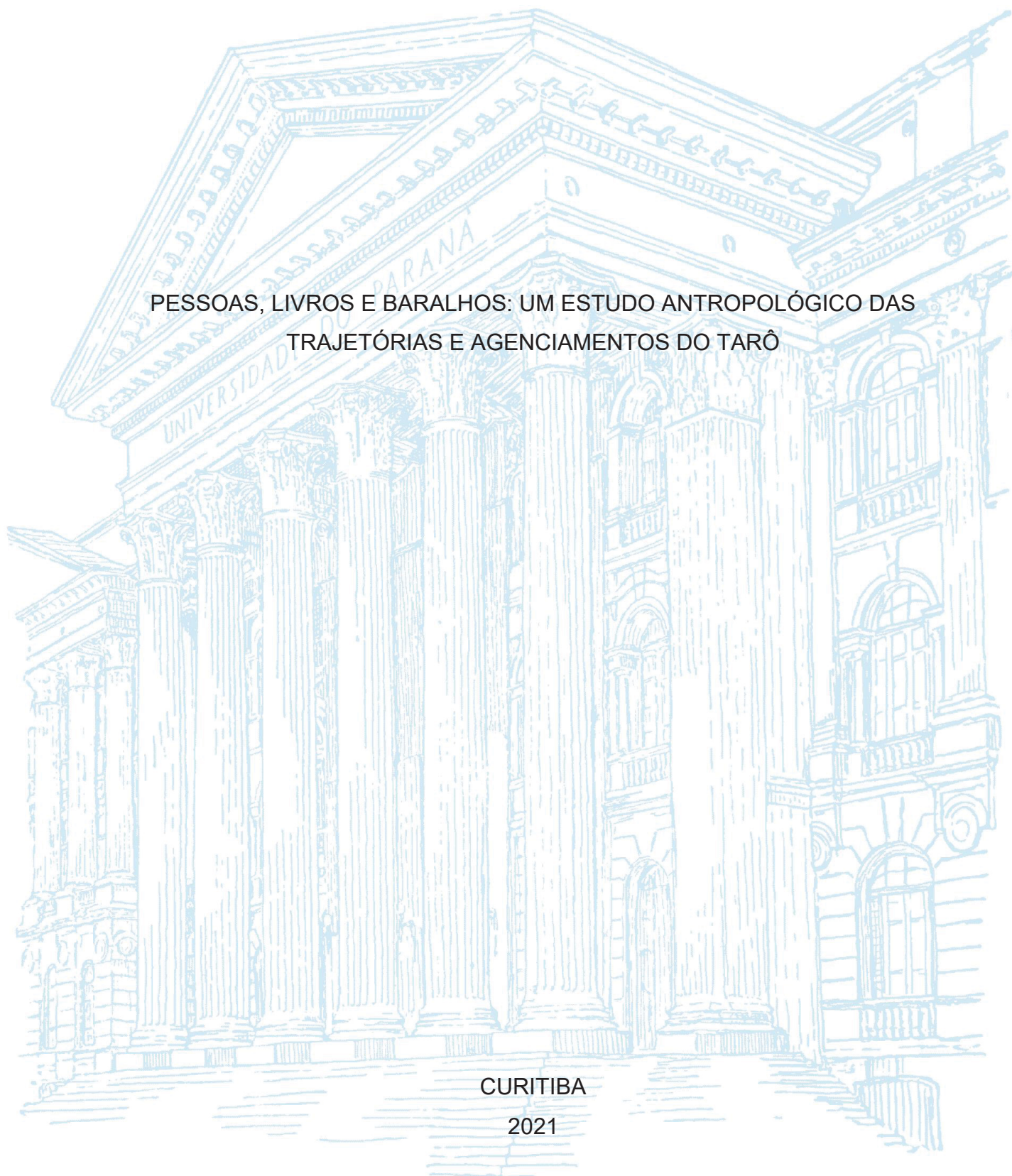
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BRUNO UENO BERTÃO

PESSOAS, LIVROS E BARALHOS: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO DAS
TRAJETÓRIAS E AGENCIAMENTOS DO TARÔ

CURITIBA

2021



BRUNO UENO BERTÃO

PESSOAS, LIVROS E BARALHOS: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO DAS
TRAJETÓRIAS E AGENCIAMENTOS DO TARÔ

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. João Frederico Rickli

CURITIBA

2021

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Bertão, Bruno Ueno

Pessoas, livros e baralhos: um estudo antropológico das trajetórias e agenciamentos do tarô / Bruno Ueno Bertão. – Curitiba, 2021.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. João Frederico Rickli.

1. Antropologia. 2. Tarô. 3. Ciências ocultas. 4. Gell, Alfred, 1945-1997. I. Rickli, João Frederico, 1975-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia. III. Título.

Bibliotecária: Romilda Aparecida dos Santos CRB-9/1214

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **BRUNO UENO BERTÃO** intitulada: **PESSOAS, LIVROS E BARALHOS: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO DAS TRAJETÓRIAS E AGENCIAMENTOS DO TARÔ**, sob orientação do Prof. Dr. JOÃO FREDERICO RICKLI, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 08 de Outubro de 2021.

Assinatura Eletrônica

27/01/2022 14:19:58.0

JOÃO FREDERICO RICKLI

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

15/10/2021 11:05:01.0

EVA LENITA SCHELIGA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

14/10/2021 17:26:29.0

RODRIGO FERREIRA TONIOL

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)

AGRADECIMENTOS

Não houve dedicatória desta vez, pois diferentemente dos demais trabalhos acadêmicos que realizei, este foi um para o qual me dediquei à uma comunidade inteira de oraculistas que me inspiraram e me ensinam diariamente sobre as correspondências entre o Céu e a Terra. Foi a partir desta narrativa sobre o fluxo das coisas que a vida passou a ganhar mais vibração, cor e mistério.

Agradeço, primeiramente, pela companhia e compartilhamento de Vanessa, Mariana, João, Emanuel, Júlio, Mayara, Katharina, Elizabeth. Cada nome citado ressoa nesta pesquisa em eventos, reflexões e controvérsias que tiveram importância na inspiração e consolidação do texto final. Para além da oraculismo, agradeço também a quem se envolveu e teve paciência com meus devaneios antropológicos, aceitando que eu viesse a tirar uma carta ou outra enquanto oscilava na escolha dos marcos teóricos: Carlos, Lucas, Marina, Diogo, Naomi, Thayza, Amanda, Júlia. Fica também meu abraço terno à influência de Olimpio (in memoriam), que certamente se orgulharia do tanto de obras de reflexões históricas neste trabalho e me corrigiria brilhantemente aos berros em uma mesa suja de bar.

O aprimoramento teórico e de escrita só se consolidou com as orientações das professoras e professores do Departamento de Antropologia da UFPR. Agradeço as trocas com Liliana Porto, Eva Scheliga, Miguel Naveira e Rodrigo Toniol. Neste período de reconexão com a universidade pública, após anos de afastamento, foi fundamental lembrar a existência e resistência em tempos tão áridos de profissionais que, em poucas palavras, conseguem suspender certas convicções que carregamos e refinar a nossa compreensão perante cada espaço de agência. Neste ponto que o agradecimento mais ressoante recai à pessoa e orientação de João Rickli, cujos apontamentos e personalidade me deixaram um aprendizado para além do texto. Como costume dizer em cursos sobre o simbolismo do tarô: “todos somos Papas de alguém. E todos somos aprendizes de alguém”. Ainda bem.

Por fim, meu coração segue alinhado ao de Ada Ueno e Vitor Ueno, minhas maiores amigas que coincidiram de ser também familiares. O apoio, o afeto e o compartilhamento foram imprescindíveis. E agora dedico também a Gilberto Bertão, meu pai, cuja influência se encontra latente à cada linha escrita. Grato, sempre.

*“O olho gracioso de uma violeta
contempla o céu azulado até
sua cor tornar-se semelhante
àquilo que ela contempla”*

Shelley

RESUMO

A presente pesquisa objetiva apresentar as controvérsias suscitadas pelos baralhos de tarô a partir do relato da trajetória do autor com estudantes e profissionais do tarô, da análise extensa de manuais e produções científicas sobre o tema e do olhar pormenorizado das artes presentes em três baralhos de tarô (padrão Marselha, padrão Smith-Waite e Tarô Mitológico) a partir de uma perspectiva antropológica ancorada nas teorias de Alfred Gell. Busca-se analisar as disputas entorno da origem, do uso e da interpretação das cartas do tarô, alinhadas à percepção do baralho enquanto agente que não se reduz às proposições dispostas pelos profissionais de tarô e pela literatura especializada. A análise procura se voltar para além dos usos costumeiros dos baralhos, como as práticas oraculares e as terapias alternativas, avaliando os agenciamentos em outros contextos sociais, cujas imagens se tornam modelos para a disposição de outros agentes em suas performances. Ao final do trabalho, intenciona-se demonstrar como o “tarô” em si não é um termo facilmente delimitado, inclusive pela literatura e por profissionais. Ainda assim, segue mobilizando debates históricos, artes da memória, disputas entorno de sua imagética, práticas oraculares e terapêuticas diversas.

Palavras-chave: Antropologia. Arte. Tarô. Ocultismo. Alfred Gell.

ABSTRACT

This research aims to present the controversies raised by tarot decks based on the author's story with students and tarot professionals, an extensive analysis of manuals and scientific productions on the subject and a detailed look at the arts in three tarot decks from an anthropological perspective anchored in Alfred Gell's theories. An analysis is sought as disputes surrounding the origin, use and interpretation of tarot cards, in line with the perception of the deck as an agent that is not reduced to the propositions made by tarot professionals and by the specialized literature. The analysis seeks not only to turn to the usual uses of playing cards, such as oracular practices and alternative therapies, but also to other social contexts, making the images become models for the disposition of other agents in their performances. At the end of the work, the intention is to demonstrate how the "tarot" itself is not an easily delimited term, including by the literature and by professionals. Even so, it continues to mobilize historical debates, memory arts, disputes around its imagery, and various oracular and therapeutic practices.

Keywords: Anthropology. Art. Tarot. Occultism. Alfred Gell.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O Imperador do Tarô Mitológico.....	28
Figura 2 - Cinco de Ouros, Nove de Espadas e Dois de Espadas do Tarô Mitológico	31
Figura 3 - Comparação entre o Arcano XIX do CBD Tarot of Marseille e do Tarot Furtado.....	37
Figura 4 - Representação do Arcano XVIII no Smith-Waite Tarot.....	39
Figura 5 - Imagem publicada por Nei Naiff na página do evento.....	53
Figura 6 - Comparação entre representações do “Louco” em um baralho “clássico” (esquerda, CBD Marseille Tarot) e duas versões “transculturais” (Egyptian ao centro e Tartessos à direita).....	54
Figura 7 - Exemplo de exercício do workshop “Mandala Astrológica”	59
Figura 8 - Palestra na 1ª Feira Mística de Curitiba	64
Figura 9 - Exemplo de postagem interativa em perfil de Instagram	69
Figura 10 - Representações da “Força”, 4 de Ouros e “Mundo” no tarocchi Visconti- Sforza.....	148
Figura 11 - Cena representada pelos Arcanos Maiores “Papisa”, “Sol” e “Eremita” do tarô de Marselha	151
Figura 12 - Três representações dos “Enamorados”: o CBD Tarot (U.S. Games Systems, Inc.), o Tarot of Marseille (Lo Scarabeo) e o Tarot de Marselha (Editora Isis).....	152
Figura 13 - Três representações do “Dois de Ouros”: o CBD Tarot (U.S. Games Systems, Inc.), o Tarot of Marseille (Lo Scarabeo) e o Tarot de Marselha (Editora Isis).....	154
Figura 14 - Três representações da “Rainha de Copas”: o CBD Tarot (U.S. Games Systems, Inc.), o Tarot of Marseille (Lo Scarabeo) e o Tarot de Marselha (Editora Isis).....	155
Figura 15 - Tarocco Sopraffino (Lo Scarabeo): reprodução de baralho de tarô italiano do século XIX com “Dois de Ouros”, informativo e “O Prestidigitador”	156
Figura 16 - “Céu”, “Prudência”, “Cinco de Copas” (Herança) e “Quatro de Ouros” (Presente) do Grand Etteilla	158
Figura 17 - Arcanos “Mago”, “Papisa” e “Eremita” da versão de 1889 do tarô de Wirth	159

Figura 18 - Arcanos “Mago”, “Pendurado” e “XXII de Ouros” do “Tarô Adivinhatório” de Carlos Godo	160
Figura 19 - Cena representada pelos Arcanos “Sacerdotisa”, “Sol” e “Eremita” do Smith-Waite Tarot	162
Figura 20 - Comparação das Cartas Numeradas “Três de Copas” e “Seis de Paus” do padrão Marselha e do padrão Smith-Waite	164
Figura 21 - Carta Numerada “Seis de Paus” dos baralhos Everyday Tarot, Neo Tarot e Morgan-Greer Tarot	165
Figura 22 - Pamela Colman Smith Commemorative Set distribuído pela U.S. Games Systems, Inc.....	167
Figura 23 - Variações do Smith-Waite Tarot (Centennial/Radiant/ Borderless)	168
Figura 24 - “Volúpia”, “Dois de Discos” e “Princesa de Discos” do Thoth Tarot	169
Figura 25 - Três variantes de tarôs esotéricos a partir do Arcano Maior “Justiça” (Sun and Moon/El Gran Tarot Esotérico/Hermetic).....	172
Figura 26 - Representação dos Arcanos “A Sacerdotisa”, “O Imperador” e “A Roda da Fortuna” no Tarô Mitológico	173
Figura 27 - Cartas Numeradas de “Copas” do tarô Mitológico representando a história de Eros e Psique	174
Figura 28 - Três representações do Arcano “Mago/Prestidigitador”	177
Figura 29 - “Le Bateleur” de Hieronymus Bosch (c.1502)	179
Figura 30 - Três representações do “Pendurado” (Marselha/Waite/Mitológico)	183
Figura 31 - Três representações do “Valete/Pajem de Espadas” (Marselha/Waite/Mitológico)	188
Figura 32 - Três representações do “5 de Paus” (Marselha/Waite/Mitológico).....	191
Figura 33 - "O Enamorado", "O Diabo" e "A Lua" do Tarô Brasileiro.....	199
Figura 34 - Arcanas "A Imperadora" e "A Hierofante" do Nosstras Tarot	200

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ESTAR CARTOMANTE.....	26
2.1 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES: MITOLOGIA GREGA E NUMEROLOGIA.....	27
2.2 SER ATENDIDO: ORAÇÕES, PREDIÇÕES E EFICÁCIA SIMBÓLICA	30
2.3 PARA ALÉM DO TARÔ MITOLÓGICO.....	34
2.4 UMA TIRAGEM DE CARTAS EM UM GRAMADO QUALQUER	38
2.5 ANIMANDO AS IMAGENS E AS CORES DO TARÔ DE MARSELHA	42
2.6 CRUZADAS CONTRA O MISTICISMO.....	49
2.6 BARALHOS E PREDIÇÕES EM UMA MESA DE BAR.....	57
2.7 FEIRA MÍSTICA DE CURITIBA: NOVA ERA, BRUXARIA E CARTOMANCIA ...	63
2.8 PANDEMIA, CRUZADAS VIRTUAIS E O TARÔ EM DISPUTA.....	68
2.9 REANIMANDO AS CARTAS DO TARÔ PELA INTUIÇÃO	72
2. 10 O BARALHO DE TARÔ NO CENTRO DAS CONTROVÉRSIAS	75
3 (DES)CONSTRUÇÕES NARRATIVAS SOBRE O TARÔ.....	76
3.1 “A CHAVE DOS GRANDES MISTÉRIOS”: TARÔ E OCULTISMO.....	80
3.2 “UM TARÔ PARA O <i>SELF</i> ”: O CAMINHO DO LOUCO	102
3.3 RECONSTRUINDO A HISTÓRICA CULTURAL DO TARÔ.....	120
3.4 OS MANUAIS DE TARÔ E A PRODUÇÃO ACADÊMICA	132
3.5 CATALISADORES DE CONTROVÉRSIAS MNEMÔNICAS.....	140
4 BARALHOS DE TARÔ: ARTE E AGENCIAMENTO	142
4.1 O PADRÃO MARSELHA E OS TARÔS “HISTÓRICOS”	147
4.2 OCULTISMO, HIEROGLIFOS E ARTE MNEMÔNICA	157
4.4 O TARÔ MITOLÓGICO E A JORNADA DO HERÓI	173
4.5 MAGO: O LIMIAR ENTRE O ESPETÁCULO E AS PRÁTICAS ALQUÍMICAS.177	
4.3 PENDURADO: SACRIFÍCIO OU HUMILHAÇÃO PÚBLICA?.....	182
4.4 PAJEM DE ESPADAS: O AMADORISMO ARMADO DA CORTE.....	187
4.5 CINCO DE PAUS: ROMPENDO O EQUILÍBRIO DAS VONTADES	191
4.6 “UM TARÔ PARA CHAMAR DE NOSSO”	195
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	204
REFERÊNCIAS (MANUAIS DE TARÔ)	208
REFERÊNCIAS.....	210

ANEXO 1 – IMAGENS DO TARÔ DE MARSELHA (EDIÇÃO CBD POR YOAV BEN-DOV).....	213
ANEXO 2 – BARALHOS DE TARÔ CITADOS NA PESQUISA.....	215

1 INTRODUÇÃO

Apresentar um baralho de tarô costuma ser um exercício que demanda planejamento prévio. As reverberações do senso comum ocorrem rapidamente a depender do contexto social, inclusive no meio acadêmico. Durante a apresentação de um estudo, por exemplo, é preciso controlar a narrativa dos eventos e das correspondências antropológicas de forma a não conceder muita margem às interrupções que tragam à tona as curiosidades ligeiras que envolvam o uso de baralhos de tarô. Ao finalizar a fala, basta abrir para questionamentos para constatar o ávido interesse de parte do público em permear os diálogos com curiosidades sobre esoterismo¹ e terapias alternativas. Tendo o hábito de levar um tarô de padrão Marselha² em eventos e grupos de estudo para exemplificar parte das discussões postas, não demora muito para que alguém também questione a possibilidade de tocá-lo. “Posso?”. Vejo o costumeiro receio no olhar, como se o baralho tivesse algum tipo de proteção mágica. Recebo também questionamentos sobre outros baralhos que não se encaixam propriamente na estrutura do tarô de Marselha, mas que são rememorados por serem vendidos com esta classificação como o “Tarô Cigano” e o “Tarô de Osho”³. O interesse maior, contudo, ainda reside no seu uso adivinhatório. “As pessoas acreditam mesmo que estão vendo o futuro?”. Ainda assim, existe um claro distanciamento deste senso comum observado atualmente com os de outrora que aproximavam este objeto com as amarrações, bolas de cristais e povos ciganos.

¹ O uso deste termo neste capítulo e no Capítulo 2 são mais provenientes dos discursos dos interlocutores do que propriamente relacionados à uma bibliografia mais apurada sobre o tema (explorada no Capítulo 3). Essa concepção de senso comum de “esoterismo” engloba todo campo de atividades de cunho místico-sobrenatural que estão ancoradas em um conjunto de “segredos” acerca do funcionamento do mundo. Se tratando do tarô, seria possível incluir conhecimentos advindos de círculos iniciáticos tradicionais (como a O.T.O., a maçonaria e o rosacruzianismo), certas performances mágicas da atualidade (como o neopaganismo e a magia do caos), práticas oraculares (como a astrologia, I Ching, runas) e algumas religiões (como o hinduísmo e a umbanda).

² Conjunto de imagens que é considerado mais “tradicional” por parte dos cartomantes. Costuma apresentar setenta e oito cartas divididas em “Arcanos Maiores” (vinte e duas cartas, antigamente chamados de “trunfos”) e “Arcanos Menores” (cinquenta e seis cartas, compostas por cartas numeradas e com representações de figuras de corte divididas em quatro naipes, similar ao baralho de jogo). Um olhar pormenorizado de sua estrutura está posto no quarto capítulo desta pesquisa.

³ A palavra “tarô” se encaixa em uma série de baralhos vendidos nas prateleiras esotéricas ou religiosas das livrarias. Cabe notar previamente que os exemplos citados não são considerados “tarôs” por grande parte dos estudantes dos tarôs “clássicos”, ainda que sejam vendidos sob esse título.

Durante minha trajetória, observei que a aproximação do baralho de tarô com o esoterismo tem sido mais sutil e permeada de conceitos psicológicos. Fala-se em “inconsciente coletivo”, “sincronicidade” e “crença”. Questiona-se sobre “magia”, “energia” e “pseudociência”. Evidente que ainda coexistem referências ao imaginário mais místico das décadas passadas quando tratamos dos baralhos de tarô. Mas considerando as reportagens, entrevistas, artigos em revistas e conversações com profissionais do tarô analisadas e presentes nesta pesquisa, a relação do senso comum com os baralhos de tarô tem sido cada vez mais fluída, permitindo tanto uma aproximação curiosa em relação ao seu potencial terapêutico, quanto um certo receio frente à permanência de certos tabus sobre seu uso. Não é um senso comum facilmente delimitável. Ainda assim, seria reducionismo atrelar os baralhos de tarô unicamente a estas abordagens elencadas.

Com a intenção de amplificar a compreensão preliminar do tema e apontar a presença do imaginário do tarô na atualidade, proponho uma breve navegação nas redes sociais. Acredito que o espaço virtual seja profícuo para introdução de um tema que certamente não está restrito aos anúncios tradicionalmente postos em paredes e postes de luz ou de cartomantes que aparecem em programas televisivos matinais com a sorte do ano. Em um notebook ou celular, é possível percorrer ruas, avenidas e praças virtuais nas quais circulam o compartilhamento de notícias, projetos artísticos, lojas, debates filosóficos e escárnios coletivos. São nessas vias que milhares de páginas de oraculistas aparecem nas redes sociais, oferecendo consultas, cursos e textos sobre a prática do tarô e a interpretação das imagens de um baralho determinado. Se somam também as lojas e os produtores de baralhos autorais que formam junto aos profissionais e estudantes uma ampla rede de trocas de serviços, coisas e informações. Neste breve passeio, não demora para encontrarmos algum material relacionado ao tarô que não se limite às suas conexões esotéricas e terapêuticas. Durante o período da pesquisa, no circuito que percorri, houve compartilhamentos maciços de duas produções que vale a pena mencionar: a exposição de uma coleção realizada pela Dior sob a direção de Maria Grazia Chiuri⁴ inspirada nas artes do *tarocchi* Visconti-Sforza⁵ e a apresentação do projeto “Tarô Brasileiro” do artista Breno Loeser⁶.

⁴ Disponível no canal do YouTube oficial da “Christian Dior” em: <https://www.youtube.com/watch?v=jYOrGvVh7mk>. Acesso em 09 de Março de 2021.

A primeira iniciativa, um vídeo de quinze minutos visualizado quase 2 milhões de vezes no período de um mês, apresenta uma cartomante que dispõe na mesa as cartas de um baralho antigo, o *tarocchi* Visconti-Sforza. A partir desta introdução, uma jovem passa a percorrer espaços de um castelo no qual performam diferentes personagens vestidas com a coleção de alta costura inspirada pelo tarô. A atitude em geral das personagens apresentadas também reproduz os significados costumeiramente atribuídos à cada carta. Tarô enquanto “performance”. Dentre as personagens em sincronia aos arcanos maiores visualizados pelo vídeo, cabe elencar: uma louca, uma sacerdotisa, um homem pendurado de ponta cabeça, a Morte e uma “diaba”. Durante o período de maior projeção do vídeo, recebi de colegas diversos a sugestão de assistir o vídeo, citado positivamente como uma maneira de tornar as imagens “reais” ou “encarnadas”.

A segunda iniciativa, o “Tarô Brasileiro”, é composto por um conjunto de artes com mãos de santo, caboclos, figuras folclóricas e orixás nos moldes da estrutura dos tarôs tradicionais, como o padrão Marselha: a “Imperatriz” é representada pela “Mãe de Santo”, a posição do “Diabo” é tomada pela imagem de um empresário e o “Mundo” se torna o próprio “Brasil”. Denominada pelo desenvolvedor Breno Loeser como: “uma forma de contar visualmente múltiplas histórias da cultura brasileira que possuem importância para construção de uma identidade múltipla e heterogênea. Os arcanos maiores do Tarô dão o suporte para essa narrativa visual”. Iniciativa que já teve precedentes, como o Tarô Brasileiro a ser citado posteriormente, e que continua a atingir grandes públicos por adequar a imagética de um baralho que costuma ser retratado por representações de figuras europeias ao imaginário popular brasileiro. Interessante notar que as artes não estão materializadas em um baralho físico, mas dispostas virtualmente em uma rede social para serem curtidas, compartilhadas e impressas. Como uma galeria de arte digital.

As duas iniciativas chamam atenção por não provocarem maiores questionamentos sobre o destino, a magia ou o autoconhecimento, além deste último não contar materialmente com a presença física de um baralho. Ainda assim, as imagens postas em dois baralhos antigos, o padrão italiano de Visconti-Sforza e o francês de Marselha, são tomadas enquanto protótipos ou “moldes” para o

⁵ O baralho será analisado nos capítulos 3 e 4.

⁶ Artes disponíveis na página oficial do artista na rede social Instagram em: <https://www.instagram.com/brenoloeser/?hl=pt-br>. Acesso em 09 de Março de 2021.

desenvolvimento de uma campanha de moda e de uma iniciativa artística ancorada em múltiplas representações simbólicas da cultura popular afro-brasileira. Poderia ampliar este campo de agências possíveis com os baralhos de tarô com produções literárias, cinematográficas e teatrais. Contudo, creio que a partir destes dois exemplos já se apontam formas de se pensar o tarô para além das próprias atividades a que costumam ser agregados.

Apesar da importância posta nas manifestações estéticas e artísticas conjugadas ao tarô, as atribuições mais tradicionais do tarô seguem sendo aquelas vinculadas às práticas oraculares⁷, também presentes nas redes sociais, como atestado anteriormente. Meses atrás, era possível visualizar com recorrência os usos de aplicativos na rede social Instagram que sorteavam uma carta do tarô para o dia, normalmente acompanhadas de um ligeiro conselho junto à imagem⁸. Com alguma surpresa, vi usuários se gravando no sorteio de cartas do aplicativo e reagindo aos resultados com alegria, temor ou apatia. Ainda hoje, páginas como Personare⁹ e tarólogos do Instagram realizam tiragens mais gerais com intuito de direcionar a intenção de seus leitores ou de promover reflexões sobre um período de tempo futuro. Nestas situações, a abordagem divinatória de predizer as potencialidades e riscos de um dia ou uma semana se sobrepõem às proposições mais estéticas da moda ou das narrativas populares nacionais.

Isso posto, atesto que o ceticismo frente às práticas oraculares também paira pelas avenidas virtuais em paralelo à sua reprodução e ampliação. Rememoro que durante o início dos fechamentos por conta da pandemia de Covid-19 em 2020, houve um visível aumento dos compartilhamentos de notícias que viessem a descreditar os chamados “jovens místicos” da rede que estavam fazendo uso de oráculos como astrologia e tarô como formas de analisar as tendências daquele cenário. Antes mesmo da pandemia já estava sendo recorrente este tipo de

⁷ O uso de termos como “oraculares” e “divinatórias” se justifica, em primeira instância, pelo uso recorrente dos interlocutores do trabalho. Em ambas situações, atribui-se à manipulação do baralho por um tarólogo/cartomante a capacidade de “desvelar” situações do passado e do presente. Por vezes, não em sua totalidade, visualiza-se também um futuro provável.

⁸ Um dos mais populares foi desenvolvido e compartilhado pelo perfil “autonommy” (ou “ommy”), desenvolvedora digital, sob o nome “taro”. Integrado ao uso de uma câmera, o usuário posiciona o próprio rosto na tela. Quando identificado passa a sortear uma carta do baralho de tarô Smith-Waite. Outro aplicativo usual, ainda recorrente na rede Instagram, é o “Tarot Cards” do perfil “aloucatarot” que também é responsável pela produção de um podcast. Disponível em: <https://www.instagram.com/aloucatarot/?hl=pt-br>. Acesso em 09 de Março de 2021.

⁹ Segue como um dos maiores portais brasileiros no momento deste trabalho. Disponível em: <https://www.personare.com.br/tarot>. Acesso em 09 de Março de 2021.

produção e compartilhamento¹⁰. Termos como “pseudociência” ou “misticismos” foram recorrentes nas redes e passaram a se atrelar também às práticas profissionais com o tarô. Parte destes discursos foram amplamente fortalecidos diante da eminência das posturas negacionistas do período que reverberavam dúvidas frente ao uso de vacinas em uma pandemia ou da forma geométrica do planeta Terra¹¹. As páginas voltadas para a crítica ao “misticismo”¹², em sua maioria, costumam apresentar conteúdo sarcástico frente aos hábitos e discursos presentes em circuitos “Nova Era” apresentado por Heelas (1996), Magnani (1998) e D’Andrea (2000). As críticas tomavam estes estudos enquanto conjuntos de práticas que agregam diferentes tradições com relativa superficialidade, com intenções mais voltadas ao consumo e ao enaltecimento da individualidade e fomentando um tipo de terapêutica que conduziria ao questionamento dos métodos científicos estabelecidos na área da saúde e da psicologia. Também foi costumeiro observar a denúncia de como os defensores destas práticas, por vezes denominados de “jovens místicos”, tomam a “positividade” ou as “boas energias” como uma forma de desvio frente a questões políticas mais amplas e de trazer uma responsabilização unilateral ao indivíduo frente ao próprio bem-estar.

Entre desfiles de moda, coleções de arte digital, aplicativos de celular para predição e ataques aos “jovens místicos”, cabe anunciar: o tarô segue vivo, levantando controvérsias e se expandindo em produções diversas. A sua presença incontestada se dá não apenas nos exemplos citados, como também em múltiplas postagens de oraculistas nas redes sociais que procuram promover suas atividades com análises filosóficas, esotéricas ou históricas acerca de cada uma das cartas que

¹⁰ Uma das mais compartilhadas foi publicada no fim de 2018, sob o nome de “Xamãs do Instagram: a invasão das ‘influencers’ da pseudociência” pelo El País. O texto, contudo, veio a ser mais disseminado dois anos depois. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/01/estilo/1538419701_621074.html. Acesso em 09 de Março de 2021.

¹¹ A presente pesquisa foi realizada durante dois momentos históricos fundamentais: a) o período que teve como presidente Jair Messias Bolsonaro, político de extrema direita, cujos discursos contestavam a importância da universidade pública e dos investimentos em pesquisas científicas; b) a pandemia de Covid-19 (coronavírus), doença infecciosa que provocou milhares de mortes no mundo e suscitou uma série de questionamentos quanto à profundidade do problema, ao isolamento social para evitar o contágio e à eficácia no uso de vacinas.

¹² Com um quarto de milhão de seguidores, na rede social Facebook, a página “Eu não aguento mais o jovem místico” segue como uma das mais compartilhadas diariamente, oscilando entre postagens amparadas no ceticismo frente às práticas místico-esotéricas (astrologia, tarô, ocultismo) e terapêuticas alternativas (florais, reiki, homeopatia). Disponível em: <https://www.facebook.com/acabajovemmistico>. Acesso em 10 de Março de 2021.

compõem o baralho. Além de comentários gerais sobre a história do tarô, resenhas de novos baralhos e cursos gratuitos e pagos em canais de vídeos em YouTube, podcasts no Spotify e plataformas de cursos livres. Somam-se também um amplo comércio de baralhos independentes e objetos inspirados nas artes do tarô: colares, lenços, camisetas, cadernos e perfumes. O tarô perdura em uma complexa rede que mescla, em harmonia e controvérsias simultâneas, coisas, discursos, produções artísticas, ritos mágicos, serviços terapêuticos e oraculares.

Mesmo diante da vivacidade da sua presença, não é possível delimitar em poucas palavras e com segurança do que se trata o *tarô*. A questão referente à sua definição, que é amplificada e explorada nos capítulos 2 e 3, é recorrente e a partir dela que se coloca uma das maiores tensões entre profissionais e estudiosos sobre os baralhos e suas imagens. Diante da impossibilidade de firmar uma noção compartilhada sobre o que é o tarô, decorrem múltiplas consequências frente ao debate acerca do seu *uso* e *reprodução*. “Existiria uma origem esotérica a ser sustentada que influencie nas prescrições costumeiramente postas no objeto? Haveria um objeto primordial pelo qual as inúmeras variações se ancorariam?”.

Com intuito de conceder contornos mais alegóricos ao questionamento e às controvérsias a serem dispostas, seria possível montar um cenário de tribunal no qual se julga um discurso definitivo para delimitar a origem, o uso e o estudo mais legítimos em relação aos baralhos de tarô. A promotoria científica, no caso, acusaria dois réus de distorcerem o único discurso legitimado para tratar daquele objeto. Um dos réus, iniciado de alguma ordem esotérica, declararia soturnamente em sua defesa: “o tarô é um livro de origens egípcias para fins ocultistas. A tradição oral precede suas imagens, sendo possível remontar às tábuas divinas recebidas por Moisés. Pelo estudo do tarô encontramos as chaves das leis do funcionamento do mundo na qual se agregariam por correspondência todos os saberes esotéricos, religiosos e científicos já produzidos. Evidente que esse conhecimento não é para todos.”. No mesmo banco de acusados, ainda que distante do primeiro, alguém de vestes leves, portando cristais e incensos, faria o breve comentário em sua defesa: “por que não afastar esse rigor esotérico e trazer o tarô enquanto produção do inconsciente coletivo? Poderíamos chamá-lo de uma série de imagens arquetípicas para o autoconhecimento humano. Um exemplo vívido do processo de individuação.”. Um promotor afirmaria destemperado, interrompendo o fluxo narrativo das defesas: “leis esotéricas duvidosas e inconsciente coletivo? São crenças

ultrapassadas e superficiais. O baralho é apenas um artefato histórico, nada mais que isso! Um conjunto de lâminas que reproduzem a imagética renascentista e que vêm sendo disseminadas de forma distorcida.”. O juiz do contexto atual penderia para o promotor, tendo em vista a base documental que afastaria o discurso dos réus: “cientificamente, é preciso considerar os fatos históricos para afastar esses misticismos supersticiosos e usos ligeiros da psicologia.”. Ainda assim, o júri popular não entraria em conformidade quanto às posições colocadas. Diante do tribunal, estaria um público imenso que teria em mãos algum tipo de baralho de tarô, mas que não se importaria tanto com os resultados do julgamento. “Funciona. E isso nos basta.”. A alegoria, ainda que caricata, reflete parte expressiva das controvérsias levantadas neste trabalho.

Para compor o conteúdo deste amplo debate, o presente trabalho de pesquisa retoma no Capítulo 2 uma série de experiências pelas quais atravessei em meu percurso de práticas oraculares. Parte dos relatos serão reproduzidos a partir de um exercício de rememoração, período que contempla o início de 2011, quando entrei em contato efetivo com o tarô, até 2016, quando iniciei uma especialização em Antropologia tendo o oraculismo contemporâneo como tema de pesquisa. A outra parte dos relatos foi resultante de relatórios de campo pormenorizados a partir de uma perspectiva participante em eventos que tinham o tarô envolvido. Neste período, demarco os cadernos de campo da especialização até as experiências próprias da dissertação que se situam entre 2016 até o meio de 2020. Frente aos três interlocutores principais (Vanessa, João e Mariana) e quatro eventos de maior relevância (Oracular, Feira Mística de Curitiba, workshop de tarô e Jornada da Maga), será possível delimitar três tipos predominantes de discursos (ocultista, psicológico-arquetípico e histórico-documental)¹³. A partir desta base de experiências descentralizadas atestarei inicialmente que a alegoria posta acima não se distancia muito dos eventos e discursos de estudantes e praticantes destes baralhos, tendo em vista a grande instabilidade na delimitação do que poderíamos entender pelo termo “tarô”. Apesar disso, será possível observar os pontos de toque entre os discursos, relevantes para as demais análises desta pesquisa.

¹³ Fora os interlocutores citados, outros tantos foram consultados, ainda que tenham tido seus nomes postos em anonimato, tendo em vista a visibilidade pública da maioria. Quanto às categorias dos discursos postos, cabe elencar desde já que esta não é a proposição do trabalho. Acredito que são categorias ainda instáveis perante as contradições internas que carregam, mas dispostas para devido amadurecimento com pesquisas posteriores.

Relato provisoriamente que nem todas experiências vivenciadas ou registradas em cadernos de campo serão reproduzidas no presente trabalho. Cabe relatar que houve uma intensificação do meu contato com o tarô após a minha entrada no programa de mestrado. Fui procurado por jornalistas interessados na minha visão sobre a tensão entre as ciências e o uso de oráculos e também fui convidado para ministrar um curso de tarô que se iniciou em 2020. Todas entrevistas realizadas tiveram intenção de provocar dúvidas quanto ao aspecto da “crença” e da “eficácia” do uso de baralhos de tarô ou astrologia em um contexto de predomínio de práticas científicas. Enquanto o curso de tarô se pautou em um estudo coletivo das imagens do baralho a partir de uma perspectiva mais histórica e filosófica. Em ambas situações observei controvérsias muito semelhantes às elencadas nas demais experiências. Nestas experiências, optei por não fazer aprofundamento efetivo tendo em vista a dificuldade em estabelecer os devidos distanciamentos frente às situações. Acredito que com o material previamente selecionado para levantar as questões suscitadas na pesquisa, existe condensação suficiente para atestar a instabilidade frente ao termo “tarô” e para condução dos capítulos até a proposição efetiva de uma perspectiva antropológica sobre o tema.

No Capítulo 3, por meio de revisão da literatura, foram analisadas 84 obras que se relacionam com o tarô como: manuais de cartomancia, obras de ocultismo, livros de história do baralho do tarô e produções científicas. Preferiu-se neste último caso trazer artigos, dissertações e teses das Ciências Humanas e também de outras áreas do conhecimento, com intuito de ampliar as comparações e estabelecer correspondências. As conclusões reafirmam a maneira oscilante com a qual o baralho de tarô costuma ser narrado e concebido e previamente descritos nas experiências do primeiro capítulo. O tarô é considerado ora como objeto do campo do esotérico-místico ou terapêutico, ora como artefato “desencantado”, servindo para induções historiográficas e coleções. Os limites, entretanto, entre esotéricos-terapeutas e desencantadores, não são tão rígidos quanto se anunciam. Os posicionamentos se tocam, se afastam, se contaminam e se enlaçam, tanto nas práticas de seus profissionais como na literatura disposta. As hibridações decorrentes destas expressões serão fundamentais para o cerne do presente trabalho: levar em consideração mais o agenciamento do baralho de tarô do que os discursos que procuram circunscrevê-lo em uma certa denominação.

A intenção dos capítulos precedentes é também levantar um questionamento sobre as abordagens postas sobre os baralhos de tarô quando se tornam partes de uma análise antropológica maior. A literatura sobre o tarô costuma trazer este objeto dissolvido junto à astrologia e outros oráculos dentro do corpo de práticas da “Nova Era”, limitando a compreensão dos baralhos enquanto agenciadores de eventos e tensões que lhe são próprios. Em contraponto, a presente pesquisa desenvolvida nesta dissertação procura progressivamente levantar as disputas suscitadas pelo tarô por meio de uma abordagem antropológica que mobilize parte do aparato conceitual de Alfred Gell (2018) com intuito de tratar os baralhos de tarô enquanto “objetos de arte” dotado de agenciamento em múltiplos contextos que podem extravasar os estudos voltados para a espiritualidade e religiosidades contemporâneas. Tomar o baralho de tarô enquanto “objeto de arte” a partir de Gell também se justifica pela busca em não resumir as imagens a partir de convenções semióticas que acabem por limitar o escopo de visualizar como o baralho se insere em uma ampla rede de disputas entorno de suas imagens e interpretações. Acerca da sua concepção de “objetos de arte”, o autor afirma:

Não se pode determinar nada previamente a respeito da natureza desse objeto, porque a teoria se baseia na ideia de que a natureza dos objetos de arte é uma função da matriz social-relacional na qual se inscrevem. Ela não possui uma natureza “intrínseca”, independente de um contexto relacional. (...). Na verdade, porém, qualquer coisa poderia ser tratada como objeto de arte do ponto de vista antropológico, inclusive pessoas vivas, porque a teoria antropológica da arte (que podemos definir de forma aproximada como “as relações sociais que acontecem no entorno dos objetos que atuam como mediadores de agência social”) se ajusta perfeitamente à antropologia social das pessoas e seu corpo (ibidem, pp. 31-32).

O arcabouço teórico de Gell está presente mais como uma maneira de alinhar a análise antropológica a termos relativamente estabilizados por sua teoria, evitando amplificar as tensões inerentes ao próprio estudo dos objetos desta pesquisa. De forma proveitosa, a noção de “abdução” será em vários momentos utilizada enquanto um processo de inferência válido tanto para objetos convencionalmente semióticos, como aqueles não convencionais. Na aplicação destes preceitos, as imagens serão visualizadas não apenas a partir de uma

bibliografia acerca do tarô e dos discursos de seus profissionais como também pela “fisionomia” de suas representações (ibidem, p. 43), de forma que em certos momentos estarei propondo o exercício de dotar de “vida” as personagens e cenários dispostos nas artes dos baralhos. Em outras palavras, tomar os baralhos enquanto índices que conduzem seus destinatários a abduções diversas que transcendem as disposições dos artistas que idealizaram as imagens e de seus possíveis protótipos imagéticos. Esta “mediação” posta pelo baralho de tarô é um agenciamento sugerido por suas próprias imagens conjugadas à inspiração de um artista gráfico ou à interpretação de um oraculista que visa responder uma pergunta.

Ainda sobre a descrição dos baralhos de tarô e dos processos que se encontram paralelos ao seu agenciamento, tomarei de empréstimo outros conceitos presentes na obra do autor. Os termos mais recorrentes serão: a) “índice”, cujo autor define enquanto “entidades materiais que motivam inferências abduativas...”; b) “destinatário”, tomado enquanto “aqueles que em relação aos quais, por abdução, considera-se que os índices exercem agência, ou que exercem agência por meio do índice”; c) “protótipos”, tidos como “entidades consideradas, por abdução, como representadas no índice, muitas vezes em virtude de uma semelhança visual, ainda que não necessariamente”. Todas estas definições se encontram no resumo do segundo capítulo da obra (ibidem, p. 60) e levantam a “abdução” como um processo central da análise do agenciamento entre os índices e seus destinatários.

Por fim, será apreensível ao longo da pesquisa como os baralhos de tarô agenciam um caráter performativo por parte dos seus destinatários (ibidem, pp. 115-116). Nas situações oraculares retratadas, utilizarei a noção de performance como um atributo que não depende apenas do indivíduo que interpreta, mas também do baralho e das imagens a serem mobilizadas. Nesse sentido, o Capítulo 4 se mostrará fundamental para apreensão das múltiplas possibilidades de agenciamento em relação a baralhos de um mesmo padrão, tornando as situações do Capítulo 2 mais compreensíveis analiticamente, inclusive em relação às próprias controvérsias quanto a qual a “verdadeira estrutura” do tarô.

Quanto à historicidade do objeto, mesmo com uma análise ponderada dos discursos, bibliografias e imagens mais popularizadas do tarô, não será possível assegurar um “mito de origem” quanto ao objeto que seja consensual e que traga sempre um mesmo conjunto de inspirações e símbolos que serviram de “base” para os baralhos atuais. A questão histórica chega inclusive a não ser considerada por

parte da bibliografia disposta no Capítulo 3. Quanto a este aspecto, cabe atestar que não existe um discurso definitivo que fundamente com segurança um evento de origem sobre a produção das artes dos baralhos de tarô mais antigos à disposição na atualidade. Ao contrário, várias referências de cada uma das cartas dos tarôs mais antigos apresentam disputas em relação à abdução de seus ícones, especialmente no que tange ao período histórico proveniente de cada carta. O mesmo ocorre quando se questionam as motivações dos artistas para produzirem os próprios baralhos. Um presente de casamento para aristocratas italianos? Um dispositivo mnemônico para a aprendizagem dos mais jovens? A replicação de baralhos que circulavam nas classes populares que se perderam ao longo do tempo?

Ainda que a Renascença seja tomada recorrentemente como um dos possíveis berços para a condução imagética do *tarocchi* Visconti-Sforza e do popular tarô de Marselha, a ausência de um ponto de partida definitivo agita um conjunto de tensões que facilitam a condição tanto para a defesa de ser um ícone produzido pelo “inconsciente coletivo” da humanidade, como também no argumento de ser uma tradição oral esotérica transmitida por diversas gerações e culturas desde o Antigo Egito. Mesmo considerando as disputas frente ao mito de origem, será possível visualizar como certos profissionais e estudiosos do tarô firmam baralhos tido como “originários” ou “tradicionais” em contraposição aos baralhos tidos como “contemporâneos” ou “transculturais”. Os tarôs considerados mais “tradicionais”, cabe notar, só são assim chamados pois certos grupos demarcam para si o estatuto de conhecedores das “verdadeiras origens” do tarô. Ponto a ser problematizado ao levar em conta as múltiplas relações, atividades e obras que não se ancoram necessariamente na alegada “tradição do tarô”.

No tratamento das disputas discursivas sobre o objeto estará latente a influência das leituras das obras de Bruno Latour (1991, 2017), especialmente para compreensão dos processos sucessivos de “desmistificação” que procuram modular e legitimar as práticas com os baralhos de tarô junto a abordagens mais semióticas, históricas e psicoterapêuticas. Ainda que produzam com isso uma série de formas híbridas. As tensões relatadas acabam por também voltar a atenção de outros públicos, como os meios de comunicação, quanto à legitimidade do uso do tarô em contextos terapêuticos ou da massificação de baralhos e conteúdos ligados ao tema nas redes sociais. Neste ponto, os debates que cercam o estudo antropológico do

tarô se aproximam da literatura das práticas “espiritualizadas” ou terapias integrativas que alçam legitimação na atualidade em políticas públicas de saúde. Mas, com isso, precisam se ancorar mais em preceitos científicos do que propriamente esotéricos ou tradicionais.

Diante de tamanhas controvérsias sobre as origens e performances, parte dos discursos levantados nos primeiros capítulos vão justamente tentar “purificar” o artefato dos “misticismos” que o distanciem de uma concepção mais moderna e científica. Concedem um lugar “objetivo” ao tarô, seja dentro de uma visão mais psicológica-arquetípica (com todos os riscos de cair em uma metafísica do espírito humano supraconsciente atuante na historicidade), seja na defesa de um positivismo histórico (procurando encobrir os rastros de uma série de abduções arbitrárias das imagens). Posturas que podem ser consideradas parte do esforço “moderno” em fundamentar as suas práticas descolando-as dos alegados “fetiches” ou termos que não possibilitariam uma análise pormenorizada a partir dos paradigmas científicos. A ideia de “mistério” é renegada com intuito de preservar um discurso de que o tarô não carrega “segredos” em si, mas é passível de análise crítica e apurada pelo viés histórico-semiótico.

Para adensar as proposições dispostas nos Capítulos 2 e 3, no Capítulo 4 proponho trazer uma análise mais pormenorizada de três baralhos de tarô que são citados recorrentemente ao longo do texto e que também seguem sendo parte dos mais citados, avaliados e comprados em lojas virtuais: o tarô de Marselha (reprodução da versão de Nicolas Conver por Yoav Ben-Dov), o Smith-Waite Tarot (versão Centennial) e o Tarô Mitológico (SHARMAN-BURKE e GREENE, 2014). Se parte expressiva das controvérsias ocorrem diante das abduções e dos usos dos baralhos de tarô, é preciso estabelecer se é possível apreender um tipo de estrutura fundamental entre os diferentes baralhos ou se as tensões se levantam diante da impossibilidade de se ter modelos de ícones comuns atribuídos às cartas do tarô.

Tomando a obra de Carlo Severi (2012, 2018) como base para fundamentar os argumentos dispostos nessa sessão, conjugados aos conceitos já descritos de Alfred Gell, postulo que apesar das instabilidades visualizadas nos capítulos anteriores, existe um “molde” que não chega a se configurar como um ícone em particular (um baralho, por exemplo) e que se replica sem limites postos com muita clareza. Na ausência de mecanismos que fiscalizem ou legitimem a atividade a um nível de política pública, a produção e prática com baralhos de tarô é sujeita a

múltiplas formas de reprodutibilidade. Ainda que coexistam grupos que tomem para si a tarefa de declarar o que é tarô e o que não é. As variações entre os baralhos podem ser explicadas pela chave do conceito de “saliência” utilizado amplamente por Severi (2012, p. 68) que se explica pela capacidade de artistas de “ascender” da imagem algum tipo de intenção ou significado que desejam explicitar com mais ênfase e clareza. É este tipo de atributo presente em muitos baralhos que os aproximam, inclusive, de uma “arte da memória”, especialmente os de abordagem ocultista e psicológica-arquetípica. Quanto à noção de “saliência” e “arte da memória”, Severi afirma:

The arts of memory, on the other hand, are systems of symbols having a power and expressivity that is never equal to those of language, even though they leave scarcely any room for individual choice and variation. As a mental artifact, the structure of an art of memory is made up of a relationship between operations that attribute salience (which give the system its expressivity) and forms of ordering (which give the system its logical power). The primary function of these two principles is a mental one: the sequential ordering of images and their relations has an obvious function in encoding information. Salience, meanwhile, plays a crucial role in evoking and bringing things to mind. In short, the arts of memory can be defined in terms of three distinct relational orders: mnemonic (encoding/evocation), iconographic (ordering/salience), and logical (power/expressivity) (SEVERI, 2018, p. 82).

Dessa forma, cada grupo de baralhos pode agenciar seu entorno de maneira muito distinta a depender de como as imagens foram dispostas: o sequenciamento numérico, o diálogo entre as imagens, as cores mais mobilizadas, a escrita nas laterais de princípios herméticos, entre outros tantos recursos que promovam uma saliência que não era observável nos baralhos antigos. Quanto a estes últimos, acredito que mesmo as categorias antropológicas das quais farei uso acabam por não se tornarem tão eficazes tendo em vista o baixo número de dados disponíveis quanto à produção e circulação destes objetos. Ainda assim, é fundamental destacar como estes mesmos baralhos agregam em si uma capacidade de estimular reflexões e disputas quanto às suas trajetórias e símbolos agregados, de maneira que podem inclusive se dotar de um “poder/perigo”, em ligeira referência à Mary

Douglas (1976), mais amplo do que os que apresentam motivações claras quanto às artes dispostas nas lâminas.

Em suma, independente do baralho de tarô, as múltiplas vozes e escritos a serem mencionadas nesta pesquisa atestarão a capacidade deste objeto-agenciador, enquanto índice, servir de ponto de partida para outras produções artísticas, memorização de princípios esotéricos, rearranjo de princípios terapêuticos e discussões históricas. A estrutura do tarô, vista enquanto um conjunto de imagens móveis que podem ser postas em diferentes sequências ou desenhos para formar novos ícones, denota um alto grau de agenciamento frente aos interesses diversos dos destinatários, perpassando não só o oraculismo, como também o cinema, a literatura e a moda. Mais do que isso, a capacidade de suscitar debates na esfera do campo dos sistemas de saber, conduzindo os profissionais que fazem uso dos baralhos a afastarem as pressuposições místicas com a intenção de legitimar a prática profissional pela via dos conhecimentos científicos hegemônicos.

Sendo assim, cabe reforçar que este trabalho de pesquisa não procura estabelecer o que o tarô é, mas voltar-se para o que ele *faz*. A pretensão se volta mais para uma etnografia sobre o que ele *produz* enquanto coisa e as formas pelas quais ele é *produzido* pelas coisas e pelas relações das redes nas quais se integra. Essa perspectiva, relativamente distante da produção bibliográfica, analisada no segundo capítulo, que procura enaltecer seu aspecto “esotérico”, “histórico” ou “terapêutico”, considera em primeira instância a aproximação do tarô como um conjunto de índices a ser tratado pela perspectiva da antropologia. Contudo, ao invés de se voltar para os termos de uma eficácia simbólica dos ritos oraculares com baralhos de tarô (aproximação com Lévi-Strauss) ou das tensões inerentes ao ceticismo presentes até em seus praticantes (aproximação com Evans-Pritchard), opta-se nesta pesquisa um ancoramento maior na base conceitual dos estudos da antropologia da arte.

O trabalho se encerra provocando uma discussão que traga novamente à luz as abordagens científicas sobre os baralhos de tarô que costumeiramente enaltecem a sua condição esotérica-oracular ou terapêutica. Contudo, a partir de uma abordagem do baralho enquanto ícone artístico, aproximando mais de uma coleção de obras passíveis de mediações diversas do que propriamente uma prática bem circunscrita e definida, é possível estabelecer vínculos do tarô com uma miríade de outras manifestações artísticas ou de controvérsias político-científicas, como o

debate suscitando pela purificação de seu misticismo. Para além disso, o trabalho amplifica a potencialidade em tratar não só o tarô, como também outros baralhos que exercem funções díspares a depender do circuito no qual são compostos e integrados. Ainda reforço também a defesa do estudo de objetos em circulação, descentralizados, em redes sociais, em artigos científicos, em manuais, em podcasts, como potenciais catalisadores das tensões de um certo período.

2 ESTAR CARTOMANTE

Certa vez me questionaram: “como você me definiria em poucas palavras o que é o tarô¹⁴”? Ao ouvir a pergunta pensei que a resposta poderia vir com inúmeras reflexões sem se aproximar de uma frase definitiva. Na época observei que vários profissionais do tarô¹⁵ das redes sociais estavam abrindo a possibilidade de responder perguntas de seguidores. Entre as várias questões abordando as dimensões teóricas e interpretativas existentes no estudo e uso dos baralhos de tarô, visualizei alguns curiosos a replicarem o mesmo questionamento sobre uma definição mais resumida acerca do tarô. Em uma das situações, uma cartomante respondeu: “um livro ou um alfabeto”. Em outra rede, um estudioso apontou: “um jogo de fazer jogos”. E houve também o argumento que toca em uma intenção terapêutica: “um caminho para o autoconhecimento”. Assim as respostas se seguiam, sem uma delimitação rígida ao que poderia se entender por tarô.

A multiplicidade discursiva que cerca o uso do baralho de tarô é evidente logo nas primeiras observações sobre seus praticantes. Foi preciso uma série de experiências para dar contornos mais delimitados para as principais tensões que se demarcam entre os profissionais e estudantes do tarô com os quais tive contato.

¹⁴ A grafia “tarô” com inicial minúscula será preferível neste trabalho, sendo também uma das formas costumeiras de se enunciar o objeto entre parte dos estudantes e profissionais. Ainda assim, é visualizável também o uso do termo “tarot” e do termo em inicial maiúscula “Tarô”. Estas pequenas diferenças no tratamento da palavra também refletem parte das controvérsias tratadas nesta pesquisa, como ficará em evidência ao longo do texto.

¹⁵ “Profissionais do tarô” e, por vezes, “tarólogos” serão os termos utilizados para tratar das pessoas cujo ofício se dá integralmente ou parcialmente através do uso dos baralhos de tarô enquanto ferramentas de trabalho. Durante a pesquisa, encontrei outras denominações, como “cartomante” (costumeiramente associado a quem se utiliza do baralho francês de jogo para divinação) e “oraculista” (quem estuda ou trabalha com diferentes tipos de técnicas oraculares). Inclusive, mobilizo “cartomante” no título do capítulo por ter sido a forma predominante com a qual respondia o questionamento sobre “qual atividade exercia com o baralho de tarô”. Ainda assim, mantereí mais as duas categorias postas inicialmente por conta do caráter mais neutro e da reincidência em nativos e nas principais pesquisas mobilizadas (TAVARES, 1999; MALUF, 2005; RIBEIRO, 2015).

Neste primeiro momento da pesquisa farei uso de dois recursos: a retomada de memórias de experiências que gravitam entorno dos baralhos de tarô antes da escrita etnográfica e a transcrição de momentos sedimentados em cadernos de campo que foram realizados da minha pesquisa em uma escola de astrologia (BERTÃO, 2018) até o presente momento. Momentos estes compostos por eventos, cursos, encontros casuais e manifestações nas redes sociais. Parte dos nomes dos interlocutores ficarão em anonimato, tendo em vista que ainda percorro os circuitos destas figuras majoritariamente públicas e por certos discursos terem sido acessíveis apenas por conta de contatos mais privados. Sendo assim, partirei de uma trajetória pessoal que carrega mais o intuito de apontar as múltiplas controvérsias que são levantadas pelos baralhos de tarô enquanto estive em contato como pesquisador do que propriamente um relato da minha construção enquanto profissional de tarô.

2.1 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES: MITOLOGIA GREGA E NUMEROLOGIA¹⁶

O primeiro contato que tive com um baralho de tarô foi em 2011. Vanessa¹⁷, cientista social e terapeuta holística, me apresentou um baralho de cartas chamado Tarô Mitológico¹⁸. Não havia tido até então contatos maiores com o tarô do que reportagens televisivas apontando os perigos do charlatanismo dos cartomantes e de suas vistosas bolas de cristais. Foi Vanessa quem me apresentou também em maior profundidade o grande leque de terapias holísticas e oráculos disponíveis na atualidade, especialmente com seus pontos de toque com as ideias de arquétipos da

¹⁶ As primeiras memórias relatadas aqui advêm de um processo de resgate provocado logo no início do planejamento da dissertação. O período em questão se inicia próximo de 2010 e se estende até 2016 quando iniciaram os primeiros diários de experiências com baralhos de tarô.

¹⁷ Vanessa é uma das principais interlocutoras do presente trabalho. Pesquisou extensivamente sobre medicina chinesa, o uso de oráculos e florais. Ainda hoje alinha a prática de leituras divinatórias com o tarô alinhadas a uma abordagem mais terapêutica. Em sua página profissional descreve: “os jogos de Tarot que realizo têm propósitos terapêuticos. Olhar as cartas nos ajuda a compreender as situações em que estamos inseridos e nos dá domínio para tomar decisões assertivas”. Disponível em: [instagram.com/houju.terapias](https://www.instagram.com/houju.terapias). Acesso em 22 de Outubro de 2020.

¹⁸ Originalmente publicado em 1986 por Juliet Sharman-Burke e Liz Greene com o nome “The Mythic Tarot”, o tarô Mitológico foi traduzido para o português e lançado no Brasil no mesmo ano de sua versão original. Hoje, é publicado e distribuído pela Madras. Na página da editora consta-se: “Neste livro, a nossa intenção é restaurar a acessibilidade original desse jogo de cartas para que não seja mais de domínio exclusivo do estudioso ou do ocultista que deliberadamente mistifica o seu simbolismo”. Disponível em: <https://madras.com.br/taro-mitologico-o>. Acesso em 24 de Outubro de 2020.

psicologia. Com o Tarô Mitológico, me mostrou uma maneira de “ler uma pessoa”: sortear uma ou mais cartas ou escolher uma a partir de algum método com intuito de narrar o destino de uma pessoa. Na época, já compreendia que o “destino” tratado por Vanessa seria uma forte propensão da vida de alguém se desdobrar de determinada maneira em um certo período (trágica, heroica, entediante, aventureira), mesmo considerando sua margem de arbítrio. Cada carta daquele baralho apresentava uma cena ou personagem da mitologia greco-romana. De imediato, observei as diferenças daquele conjunto de imagens para os típicos baralhos usados em jogos como truco, poker e cacheta. Em determinado momento, Vanessa puxou também o livro que acompanha o baralho e realizou um pequeno cálculo para selecionar uma carta para mim. Lembro de ter sido o “Imperador”, representado pela imagem de Zeus em seu trono com um raio em mãos (Figura 1). Em seguida, Vanessa leu o trecho do livro correspondente à carta e relacionado a tiragem ao meu desejo no período de controle sobre o entorno. Não foi difícil associar a imagem ao que estava sendo narrado, ainda que permeado de detalhes sobre mitologias greco-romanas. A experiência se encerrou ali e mobilizou uma ampla curiosidade de explorar aquele objeto.

Figura 1 - O Imperador do Tarô Mitológico



Fonte: acervo do autor

Apesar da primeira experiência com o baralho ter sido ligeira, sem um rito maior, houve uma implicação primária que viria reverberar nas demais experiências futuras. A imagem do “Imperador” que havia visto naquele baralho se tonaria por algumas semanas o centro gravitacional de uma série de questões que se colocaram para mim: “mas como age um Imperador?”, “será que estou no período certo para exercer esse tipo de autoridade ou isso acontecerá mais tarde?” e “se eu não corresponder à esta imagem, estaria o jogo errado?”. Soma-se também todo um resgate de memória acerca do deus retratado, Zeus, buscando compreender de que forma os mitos a ele relacionados poderiam estabelecer paralelos com a minha vivência. Mais tarde, no decorrer da elaboração desta pesquisa, pude compreender que naquela ocasião eu estava visualizando pela primeira vez o poder das imagens de um baralho de tarô de serem condutoras de certa reflexividade conjugada a um caráter performativo em seus destinatários. Em outras palavras, o seu agenciamento enquanto ícone, nos termos de Gell (2018, p. 44, grifo do autor): “o *índice é ele próprio visto como resultado e/ou o instrumento da agência social*”. Atribuo agenciamento mais amplo nesta primeira experiência à própria carta em questão, por não ter lembrado dias depois dos comentários lidos por Vanessa em seu livro. Neste ponto também que passei a considerar as amplas diferenças do tarô com a astrologia, já que esta trabalha com posicionamentos planetários sob a iconografia de um mapa celeste, muito mais difícil de afetar um leigo do que uma arte posta em um baralho. E, por conta disso, acreditava que seria importante eu ter o meu próprio baralho de tarô, pois assim poderia compreender como mobilizar aquelas imagens em outros tipos de contextos, além de observar com atenção as demais artes do baralho.

Demoraria alguns meses para que eu adquirisse o Tarô Mitológico. Lembro que na época em que procurei, encontrava exemplares em várias livrarias, próximo ou dentro das sessões sobre “religião/espiritualidade”. Tendo-o adquirido, tive que lidar com um problema imediato que me acompanharia por um longo período: “como fazer uso destas cartas. Basta sortear? É preciso consagrar ou ter algum estudo prévio?”. Na época, o hábito das pesquisas digitais já estava em voga, sendo assim, procurei saber sobre o assunto em alguma página da rede. Lembro de ter encontrado um fórum no qual os interlocutores discorriam sobre as orações, ritos e energias necessárias para a realização de uma leitura com as cartas do tarô. A minha sensação imediata na leitura das mensagens foi de desânimo. Estava

afastado havia tempo de qualquer forma de religião e meu entendimento de espiritualidade não fugia muito de tematizar sobre as “energias” das pessoas ou discorrer sobre astrologia. Com um pouco mais de procura, cheguei em uma página na rede chamada “Clube do Tarô”¹⁹. Nela encontrei um artigo cujo escritor apresentava um extenso cálculo a partir da data de nascimento para saber sobre uma carta que falaria sobre nosso destino. Imaginei que Vanessa poderia ter se utilizado deste método naquele primeiro dia para fazer sua leitura. Fiz meus próprios cálculos, mas não lembro ao certo do resultado. Recordo apenas que trouxe à tona uma carta distinta da primeira leitura e que senti que havia feito tudo de forma equivocada. Procurei saber sobre a carta resultante e li a sua interpretação na própria página junto ao livro que acompanhava o baralho. Em uma situação ainda mais problemática do que a anterior, com a imagem do “Imperador”, não havia conseguido estabelecer conexões com a minha vida pessoal. Ainda confuso, fiz o mesmo exercício com uma colega, sem relativo sucesso, já que não sabia ao certo como narrar as atribuições daquela carta, me retendo apenas aos escritos postos no livro. Não havia sentido o mesmo retorno que tinha em relação à astrologia, um estudo que já fazia parte do meu cotidiano havia tempo. Coloquei o Tarô Mitológico em um canto e o acessava esporadicamente, mais no intuito de ver suas artes e mitos do que propriamente realizar jogos preditivos ou análises de contexto.

2.2 SER ATENDIDO: ORAÇÕES, PREDIÇÕES E EFICÁCIA SIMBÓLICA

Em 2014, ministrava aulas de Sociologia para o Ensino Médio. Naquele contexto escolar, conheci um estagiário de Física que era envolvido com atividades esotéricas. Dias depois, ele se aproximou e disse que estava estudando aos poucos a cartomancia, ainda que de forma amadora, e se dispôs a “fazer um jogo para mim”²⁰. O receio veio de imediato, pois já tinha um baralho de tarô havia três anos e

¹⁹ Aberta desde 2005, a página “Clube do Tarô” é uma página recorrentemente recomendada por professores e estudantes de cartomancia. É possível encontrar lá uma série de artigos que tratam não apenas dos baralhos de tarô, como também dos baralhos ciganos (Lenormand), espanhóis e outros tipos de oráculos. Atualmente, a página é retomada com menor frequência, tendo em vista a disseminação de perfis que buscam explicar o tarô nas demais redes sociais. Disponível em: www.clubedotaro.com.br. Acesso em 22 de Outubro de 2020.

²⁰ São inúmeros os termos que se ligam à intenção de alguém se utilizar do baralho de tarô para atender as questões ou compreender o contexto atual de uma pessoa. Antigamente, era corrente o termo “ler a sorte” em revistas esotéricas ou panfletos colados em muros na rua. Hoje, é usual o

não fazia a menor ideia de como usá-lo. Havia preservado em mim a necessidade de um contato maior com a “espiritualidade” antes que viesse a realizar uma tiragem. Como meu colega estava sem seu baralho naquele momento, pediu permissão para o uso do meu tarô Mitológico com o qual havia tido contato. Antes de embaralhar as cartas, ele anunciou que faria preces ao seu anjo da guarda. Me questionou inclusive para quem eu me voltava em situações assim. Não soube responder na hora. Em seguida, tratou de embaralhar as cartas, pedindo para que eu também o fizesse em seguida e pensasse nos meus períodos recentes. Dispôs nove cartas em três colunas em três linhas. Cada linha representaria um período de tempo (passado, presente e futuro). Lembro que cada uma de suas interpretações estavam relacionadas diretamente à arte que estava posta nas cartas, sem necessariamente mobilizar os mitos que as envolviam. “Veja só como você está cercado de vozes falando coisas díspares para seguir”. “Olhe como você está partindo de casa para uma jornada além. Em um dos momentos de sua leitura, falou sobre “algo ou alguém que eu havia deixado para trás” (Figura 2, lâmina à esquerda). Fiz as devidas conexões com minha vida pessoal naquele período, um tanto perturbado por algumas frases ditas encaixarem com o que estava vivenciando.

Figura 2 - Cinco de Ouros, Nove de Espadas e Dois de Espadas do Tarô Mitológico



Fonte: acervo do autor

termo “abrir o baralho” ou “abrir as cartas”, como também “fazer um jogo”. O termo “atendimento” se volta para fins mais profissionais em que o serviço é possivelmente pago (com dinheiro ou trocas), ainda que seja um verbo que remeta à profissionais ligados às terapias alternativas.

Após a leitura de caráter temporal, o colega me pediu para fazer duas perguntas. A primeira foi: “em algum momento vou casar?”. No qual fui respondido com um sonoro: “não. Claro que não.”. Na carta havia um homem jogado no chão atormentado por criaturas com espadas (Figura 2, lâmina ao centro). Talvez uma imagem um pouco mais crua e direta do que imaginava. A segunda foi: “serei pai um dia?”. Desta vez, um indivíduo estava em dúvida entre duas pessoas discursando (Figura 2, lâmina à direita). “Não existe resposta certa. Vai depender muito de você”. Bem, evidente que vai.

A experiência de atendimento a partir de uma perspectiva ampla deixou um forte registro que viria a ser retomado em campos e estudos posteriores. Lembro de nos dias seguintes à leitura do meu colega ficar me questionando “até que dia vai durar essa leitura? Será que ela é definitiva para toda vida?”. Apesar de ter demarcado três eixos temporais (passado, presente e futuro), meu colega não havia explicitado quanto duravam as situações narradas por ele. Dias, meses ou anos? Outro questionamento que reverberou em mim se deu na maneira como ele havia operacionalizava a leitura. Houve um estudo anterior ou foi tudo com base em um exercício intuitivo de perceber nas imagens daquele baralho as possíveis respostas das perguntas colocadas?

O fato de não ter citado qualquer mito grego costumeiramente atribuído às cartas do tarô Mitológico e dispensado o uso do manual me fez questionar se ele já havia tido contato com aquele baralho. A experiência havia reforçado meu temor frente ao objeto e sua prática pois colocava grande margem de autonomia e certa arbitrariedade nos resultados dos sorteios das cartas. Como poderia ser realizada uma leitura mais “objetiva” sobre alguém ou uma pergunta? Não estaria todo resultado fadado à forma como cada destinatário interpretasse as imagens postas em cada posição do jogo? Esse é justamente um ponto fundamental que elenquei na Introdução que diz respeito à capacidade dos objetos de arte não ficarem sujeitos às convenções semióticas. As abduções dos ícones a partir dos destinatários são múltiplas e mesmo que se faça uma análise de grande envergadura procurando estabelecer pontos de toque de várias interpretações, estas estarão sempre sujeitas à vinda de novas maneiras de alinhar a imagem à um novo tipo de situação. A previsibilidade não é algo inerente às interpretações dispostas sobre um objeto de arte, logo, tão pouco será o seu agenciamento como um todo.

Quanto à situação narrada, hoje me pergunto a razão de ter acolhido as frases de meu colega de forma tão imediata. Em nenhum momento questioneei o conteúdo das suas frases, mas procurei entender as razões de terem sido proferidas daquela maneira. Penso na sequência de ritos realizados (como o pedido de benção, embaralhar, pedir para me concentrar, as leituras mais relacionadas ao presente) que alcançaram ao fim um tom mais preditivo. A questão daquele período era: “será que todo ritual seria uma forma de induzir os indivíduos a abraçarem as predições postas?”. Entretanto, mais do que tudo, lembro do impacto de ver as imagens em resposta às questões e de como a narrativa dele estava em congruência ao que estava sendo apresentado na minha vida naquele momento. Não havia toda a numerologia envolvida nos primeiros encontros com o baralho, apenas a leitura do que estava posto a partir de um rito e uma tiragem de cartas randômica.

Relembro que naquele mesmo ano estava atento às leituras sobre a “eficácia simbólica” em Lévi-Strauss (2008) e Victor Turner (2005). Havia conseguido visualizar alguns pontos de toque entre a experiência cartomântica tida com meu colega estagiário, especialmente no que tange aos resultados da interpretação daquelas imagens. Sob uma perspectiva de eficácia e rito a partir de Lévi-Strauss, eu teria sofrido uma possível “ab-reação” quando os meus dilemas pessoais foram se encaixando com as narrativas postas pelo meu colega a partir do sorteio de cartas realizado? Em “O Feiticeiro e a sua Magia”, Lévi-Strauss escreve:

Pois apenas a história da função simbólica permitiria dar conta dessa condição espiritual do homem, na qual o universo nunca significa o bastante, e o pensamento sempre dispõe de um excedente de significações para a quantidade de objetos aos quais pode associá-lo. Dilacerado entre esses dois sistemas de referência, o do significante e do significado, o homem pede ao pensamento mágico para fornecer-lhe um novo sistema de referência, no qual dados até então contraditórios possam ser integrados (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 184, grifo meu).

Na teoria do antropólogo francês, houve a intenção do “feiticeiro” em seu rito se fazer crível ao doente conjunto à crença do próprio doente e de um contexto social mais amplo. Ao ofertar um sistema coerente de símbolos interligados entre si, o doente veria na narrativa do “feiticeiro” a possibilidade de alinhar seus próprios dramas pessoais. Processo em muito similar ao que vivenciei na experiência precedentes, ao constatar que a descrição daquelas imagens conseguia se

corresponder com certas situações e percepções pessoais postas naquele período. A “cura”, ainda assim, como acontece no caso narrado por Lévi-Strauss, dependeria também da minha própria condução de acreditar nas cartas postas e na narrativa desenvolvida por quem me atendia. Neste ponto que permeava uma segunda questão, relacionada ao meu ceticismo latente à estas práticas com baralhos: “quaisquer cartas funcionariam para este encaixe?”.

Em uma afirmação positiva, tudo não passaria de uma certa manipulação técnica, como constatou Lévi-Strauss no caso Quesalid em “A Eficácia Simbólica” (2008), de um adivinho em relação ao consulente, cuja modulação discursiva eu me vi também envolvido naquele momento de ritual. Não havia mistério, em suma. Partindo ainda de uma consideração do potencial “polissêmico” de uma imagem em uma lâmina, nos termos de Turner, não ficaria difícil estabelecer um distanciamento frente à leitura que viria inclusive questionar as predições postas pelo meu colega. Ou seja, os meus dramas pessoais se alinhariam a quaisquer cartas, bastando a habilidade do profissional em corresponder narrativamente e na minha condição de crença frente ao processo ritual. Contudo, partindo deste pressuposto, encarei que poderia estar explicando todo evento em termos racionalistas, abrindo pouca margem para uma conclusão que traria um ligeiro incômodo: “e se as respostas que recebi só poderiam ter se amarrado perfeitamente com a minha narrativa pelas cartas que foram efetivamente escolhidas daquele conjunto de setenta e oito imagens?”. O problema desta conclusão é que daria margem para algum agenciador para além do profissional do tarô, beirando um viés metafísico ou sobrenatural. “Será que o anjo da guarda do estagiário auxiliou na leitura? E será que faltava para mim algum tipo de iniciação mágica ou interseção espiritual para captar essas energias?”.

2.3 PARA ALÉM DO TARÔ MITOLÓGICO

Até o período do acontecimento precedente eu não havia tido quaisquer contatos com baralhos de tarô que não fossem o Tarô Mitológico. Mesmo tendo acesso a algumas imagens nas redes, nas pesquisas realizadas até então, ainda não havia qualquer interesse em adquirir outros. Para além disso, a experiência

anterior tinha cristalizado em mim a necessidade de ancorar melhor um lado mais “espiritualizado”²¹ para assim conseguir realizar jogos com as cartas do tarô de forma menos temerosa. Na época me declarava um agnóstico sem grandes pretensões de me envolver com igrejas, terreiros, misticismos ou qualquer outra forma que ultrapassasse a dimensão mais terrena e racional dos fenômenos. Não me considerava “digno” da recepção das mensagens postas pelo baralho.

Ainda em 2014 se iniciou o meu envolvimento com uma escola de astrologia tradicional que veio a ser o campo principal de uma especialização em Antropologia Cultural²² (BERTÃO, 2018). Durante o extenso período de cursos, encontros e anotações envolvendo a aula, soube que o professor da escola tinha desenvolvido o seu próprio baralho de tarô. Além de ter visualizado sua coleção de baralhos, ainda que não se declarasse propriamente um cartomante. Foi um fato curioso para o período encarar que era possível ter diversos baralhos sem necessariamente utilizá-los em atendimentos. Interessado, fui atrás de um novo baralho, pois queria saber como seria lidar com outro conjunto de imagens que não fossem baseadas na mitologia grega. Me baseando unicamente nas avaliações virtuais de uma livraria, adquiri o popular Smith-Waite Tarot²³. Lembro que na mesma encomenda também solicitei um livro denominado “Jung e o Tarô” de Sallie Nichols (1988) que estava entre os mais vendidos na sessão de “Tarô”. Na mesma época, já tinha recebido de presente um livro denominado “Tarô ou a Máquina de Imaginar” de Alberto Cousté (1983), cuja leitura não havia conseguido estabelecer qualquer prazer em sua leitura. O interesse crescente em ter as cartas, ainda assim, não acompanhou a prática em si. Lia os livros esporadicamente e tirava os baralhos das caixas sem saber ao certo como proceder uma leitura. Apreciava suas imagens, os símbolos

²¹ O uso do termo será melhor explorado nos capítulos seguintes, especialmente quando as proposições “ocultistas” frente ao tarô se mostrarem mais claras. Por hora, adianto que o termo se alinha mais à uma preocupação minha na época quanto à falta de prática e de conhecimentos quanto a princípios sobrenaturais que pudessem estar vinculadas aos baralhos de tarô.

²² Em nota posterior explicarei parte das conclusões delimitadas pelo trabalho de pesquisa precedente.

²³ Com uma proposta de cunho ocultista, o popular baralho Smith-Waite Tarot ou RWS Tarot será analisado de forma mais minuciosa no terceiro capítulo. Cabe elencar previamente que existe uma proposição muito mais voltada ao ocultismo inglês do início do século XX no Smith-Waite Tarot do que no Tarô Mitológico, fortemente sistematizado a partir de uma concepção arquetípica que ressoava preceitos da Nova Era. Evidentemente, não sabia destas diferenças no período ou do quão antigos eram, acreditando que ambos haviam sido criados e distribuídos na contemporaneidade.

postos e as interpretações que vasculhava pela rede, na abordagem psicologizante de Nichols e nos estranhos esquemas de Cousté²⁴.

Com intuito de saber como proceder em uma leitura completa, solicitei um atendimento com o professor da escola de astrologia que eu pesquisava, João. Após agendar um horário e me dirigir à escola, encontrei-o em um quarto diferente do que ministrava as aulas de astrologia tradicional, com incensos acesos, com ar mais formal que o de costume e com dois baralhos desenvolvidos por ele na mesa. Confuso, me sentei e só então entendi que havia ocorrido uma falha de comunicação entre nós. João acreditava que eu tinha expresso desejo de adquirir o seu baralho autoral, o tarô Furtado²⁵. Sem que eu viesse a interromper o processo, a ritualística se iniciou e preferi acreditar que tudo aquilo fazia parte de um momento que “deveria acontecer”. Ainda que algumas cartas do tarô Furtado me remetessem ao recém adquirido Smith-Waite, não fazia ainda ideia de que aquele baralho estava mais ancorado no tradicional baralho de Marselha. João perguntou o meu nome inteiro, o nome dos meus pais e convocou outros nomes no auxílio daquele ritual. O que se seguiu foi um dos momentos que viriam a ser fundantes na minha visão e construção sobre os baralhos de tarô. O professor pediu para que eu escolhesse um dos baralhos de sua autoria e passou a enunciar uma série de regras que estavam ancoradas na prática daquele tipo de cartomancia: a) não poderia abrir o baralho em qualquer momento, mas apenas em meio a um atendimento oracular de outra natureza (como um atendimento astrológico); b) não deveria formular outros tipos de jogos com aquelas cartas sem ser o modelo que ele viria ensinar; c) teria que procurar alguém para presentear um segundo baralho que ele me daria; d) sugeriu que eu invocasse mentalmente ou em voz os nomes que protegem as ruas e a nossa atividade, como a Gilda²⁶.

Após a série de prescrições, o professor fez um sorteio e pediu para que eu também embarlhasse as cartas. Em meio às explicações sobre o baralho e a sua

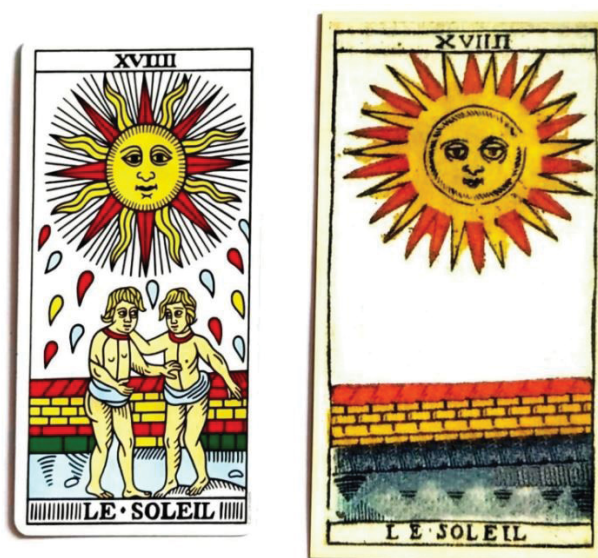
²⁴ Pontos que estarão melhor explicitados no capítulo seguinte.

²⁵ O Tarô Furtado é uma obra com os 22 arcanos maiores que retira algum elemento da clássica reprodução do baralho de Marselha de Jean Dodal. A intenção é que seja restituído algo que se perdeu por meio de um jogo oracular. Disponível em: <https://www.facebook.com/tarotfurtado>. Acesso em 24 de Outubro de 2020.

²⁶ Travesti curitibana que ficou conhecida pelas intervenções artísticas em festas e carnavais e na região central da cidade. Admirada e, ao mesmo tempo, vitimada pelo preconceito, se tornou um ícone popular da cidade, sendo recorrentemente homenageada por canções e poemas. Para mais informações: <https://revistaladoa.com.br/2012/03/cultura/voce-conhece-gilda-rua-xv/>. Acesso em 10 de Julho de 2021;

potencialidade em auxiliar as pessoas, solicitou para que eu “parasse de pensar demais”. Em seguida, me pediu para escolher uma das cartas, sendo “o Sol” a escolhida (Figura 3) e relatou que a minha atividade oracular por meio daquele baralho “devolveria o calor e a luz” para as pessoas. Novamente, a imagem se fez clara para mim, tendo em vista que era a retratação de um cenário com crianças brincando, sem um Sol no céu. Relembro a sensação de um possível “dever” frente ao uso daquele objeto com o que havia sido dito. Por fim, o rito se encerrou com mais um conjunto de preces, prescrições e pedidos para um uso responsável do baralho.

Figura 3 - Comparação entre o Arcano XIX do CBD Tarot of Marseille e do Tarot Furtado



Fonte: acervo do autor

Apesar do impacto gerado pelo “rito de iniciação”, seguia receoso quanto ao uso das cartas do tarô. O ponto de maior tensionamento era a dificuldade em compreender como chamar por aquelas referidas entidades ou quaisquer outras que pudessem me ajudar. Notei também que eu não havia tido experiência no manuseio de baralhos mais antigos que o Smith-Waite Tarot ou o Tarô Mitológico. O que me conduziu à aquisição do tão citado tarô de padrão Marselha para analisar como o professor havia sido influenciado para produzir seu próprio baralho. Só com isso me dei conta com mais facilidade do que João havia feito em sua produção. Ainda que ele já tivesse alegado que vários elementos do baralho original de Marselha haviam sido retirados, por isso o nome “Furtado”, faltava constatar pessoalmente de forma aproximada, as diferenças entre os baralhos sem o intermédio de páginas das redes

sociais (Figura 3). Com isso, passei a comparar as cartas entre si dos baralhos que já tinha, provocando uma série de reflexões que ainda não haviam sido propriamente organizadas por qualquer livro ou página nas redes sociais que havia tido contato até então. O interesse em adquirir novos baralhos apareceu intensamente, conjugada ao exercício de aprofundar as leituras como maneira de saber ao menos interpretar aquelas cartas que apresentavam o mesmo nome em diferentes baralhos, mas com imagens muito distintas. Na época, acreditava que o tarô de Marselha deveria ser o mais antigo por conta de suas imagens rudimentares. Ou seja, não apenas o tarô Furtado havia se ancorado em suas imagens, tomando-o enquanto protótipo, como também o Mitológico e o Smith-Waite. Contudo, não alcançava maiores aprofundamentos quanto à história de cada baralho.

2.4 UMA TIRAGEM DE CARTAS EM UM GRAMADO QUALQUER

Em 2017, iniciei uma série de artigos que foram publicados nas redes sociais em uma página chamada “Astrolíricas”²⁷ e também no meu perfil pessoal em que expunha algumas das reflexões que havia tido com o estudo de algumas cartas dos baralhos de tarô que possuía. Havia aprendido com a contínua leitura de páginas nas redes sociais que costumeiramente se redigiam textos sobre uma determinada arte de um baralho de tarô, procurando agregar às imagens reflexões que poderiam ser suscitadas pelas vivências e leituras do autor.

Lembro que um dos primeiros artigos que fiz referência à uma carta do tarô foi com a “Torre” do baralho Smith-Waite, cuja arte apresenta uma torre sendo destruída por um raio. Em seu cenário obscuro, a imagem também representa o momento em que duas pessoas estão prestes a cair no chão (Figura 4). Em uma rápida exposição, apontei alguns dos significados que já havia lido e também correspondências com aspectos da vida pessoal. Costumeiramente, a “Torre” tomada enquanto ícone costuma transmitir a parte de seus destinatários a noção de “ruptura dramática”.

²⁷ Ainda hoje a página segue ativa com a sua principal escritora e astróloga. Escrevi entre 2017 a 2018 uma série de artigos sobre astrologia e cartomancia procurando alinhar as suas teorias e imagéticas à cultura popular e à própria antropologia. Disponível em: <https://www.facebook.com/astroliricas>. Acesso em 24 de Outubro de 2020.

Figura 4 - Representação do Arcano XVIII no Smith-Waite Tarot



Fonte: acervo do autor

Neste primeiro texto recebi retornos variados, dentre eles, o de Samuel, cartomante que já lia os textos havia algum tempo, inclusive no “Clube do Tarô”. O comentário, contudo, indagava criticamente a forma pela qual havia interpretado aquela carta. Se seguiu a partir disso um debate amistoso sobre as formas de visualizar as cartas do baralho de tarô. Na época, a admiração pelos textos e análises de Samuel se deviam à sua postura minuciosa frente aos baralhos de tarô, contestando a falta de limites em certas narrativas sobre cada carta, sugerindo estudos, especialmente sites e manuais de tarô. O escritor já havia produzido obras sobre diferentes oráculos envolvendo cartas. Descobri logo cedo que ele também se assumia enquanto feiticeiro, sabendo posteriormente que os baralhos faziam parte de certos ritos e meditações.

Naquele mesmo ano, conheci Samuel pessoalmente em uma viagem casual próximo de sua cidade natal. Com pouco tempo disponível para o encontro, havíamos decidido nos encontrar em uma ampla praça próxima ao centro da cidade. Levei comigo um amigo que pouco entendia sobre baralhos de tarô. Após uma ligeira conversa sobre a cidade e nossas vidas pessoais, Samuel mostrou que havia trazido um baralho ao encontro e se eu e meu colega tínhamos interesse em receber uma leitura. Como estávamos sentados em um gramado em uma região com grande fluxo de transeuntes, pensei se não seria melhor se fôssemos para um lugar mais privativo. Contudo, diante do nosso aceite, rapidamente Samuel se prontificou a

estender uma toalha no próprio gramado. Abrindo um baralho que parecia ter um bom tempo de uso, questionou se eu desejava saber de forma mais ampla sobre meus caminhos ou de forma mais específica. Escolhendo a perspectiva mais ampla, vi ele lançar uma carta, trazer ela novamente ao monte e lançar outra novamente. Nas duas tiragens, a mesma carta saiu: um homem pendurado de ponta cabeça, com um dos pés amarrados em um tronco. Reconheci o “Pendurado”. Houve a seguinte afirmação: “você tem que começar a ver as coisas por outro ângulo”. Em seguida, me pediu para cortar as cartas para em seguida coloca-las no formato de uma cruz com cinco cartas. Cada setor da minha vida foi sendo explorado. “Você vai alterar alguns padrões relacionados ao corpo e à saúde”. “Existe um futuro promissor para você. Terá grandeza”. A interpretação era realizada sem maiores delongas, procurando pontuar objetivamente as tendências mais fortes do meu período futuro.

Em determinado momento da leitura, na qual eu pouco intervia, se aproximou um jovem que transitava pela praça e que observava com curiosidade o evento. Samuel interrompeu sua leitura, observou o jovem de volta e passou a tentar afastá-lo com respostas curtas e ríspidas perante seus questionamentos. Naquele momento curioso, lembro de ter pensado que se visualizasse três pessoas lendo cartas de tarô no meio do gramado, certamente teria me interessado em observar. O fascínio das cartas também ocorria por parte do colega que se encontrava ao meu lado. Observei que as desgastadas cartas usadas por Samuel tinham uma coloração e desenhos bem distintas dos baralhos que utilizava. Ao contrário das demais leituras que havia tido, Samuel não se detinha muito aos pequenos detalhes de cada arte, tão pouco trazia consigo algum livro que viesse reforçar o argumento posto em cada tiragem. Para além de sua fluidez com o baralho, cabe notar que Samuel em nenhum momento pareceu ter contato com quaisquer entidades. Não haviam cristais, incensos ou amuletos sagrados. O ritual se resumia a leituras ligeiras com um baralho de tarô.

Meu colega também decidiu receber um aconselhamento de Samuel, tendo que, da mesma forma, cortar o baralho após ser embaralhado e ouvir uma série de conselhos que pairavam sobre diferentes esferas da vida como o trabalho, a saúde e os afetos. Nos impressionou em determinado momento a tiragem que apareceu a figura caricata do “Diabo”. Samuel interpretou que esta carta anunciava ao meu colega a necessidade de pensar sobre as próprias ambições e o seu profundo

desejo de enriquecimento material. O conselho partia no intuito de que este desejo deveria ser posto em prática. Este pequeno comentário me fez repensar inúmeras vezes sobre como uma figura diabólica poderia servir de aconselhamento para as decisões de um indivíduo. Em uma sociedade com fortes raízes cristãs, a conjugação do baralho, dos aconselhamentos e das imagens postas certamente desperta o temor frente ao seu uso e estudo, como viria constatar em momentos posteriores.

Para além do momento em si, em um contexto de colegas, a importância do encontro com Samuel também serviu para reforçar o meu desconforto perante a imagem de qualquer representação do “Pendurado”. Desde a aquisição do tarô Mitológico, a arte de um indivíduo de ponta cabeça, preso e sem possibilidade de escape me causava um incômodo maior do que a do já referido “Diabo”. Lembrando da experiência primeira deste conjunto de relatos, com Vanessa, perceberia uma tendência imediata de alinhamento e de rejeição perante as performances suscitadas por cada ícone presente em um baralho de tarô. Como se tivesse uma espécie de autonomia própria perante o conjunto, como um quadro em uma exposição de arte, também reconheceria com o tempo, em falas de estudantes e profissionais, a resistência perante a performance de outras cartas, chegando ao ponto de alguns me anunciarem em segredo que separavam as cartas do baralho em seus próprios jogos. O mais interessante é notar como as resistências variavam. A figura do “Imperador” remetia ao pai agressivo de uma colega. Enquanto o “Mago” de um cartomante das redes sociais, representa para ele o malandro mal intencionado e, por conta disso, não conseguia ver algo de “bom” em sua arte. Será este o ponto explorado por várias obras expostas e analisadas no próximo capítulo, nas quais o tarô é compreendido enquanto um “espelho” do “espírito” ou “alma”. Em outras palavras, das disposições internas de cada pessoa (personalidade, memória, aprendizados, performances, afetos).

Mais do que representar um certo período ou deus grego, as artes postas no tarô costumam ser mobilizadas para a resposta de perguntas ou para reflexões e meditações. Sendo assim, suas 78 imagens, tomadas enquanto ícones, podem inclusive transcender as intenções daqueles que o idealizaram. Inclusive dos próprios protótipos, se formos pensar no tarô Mitológico e nos deuses e deusas do panteão grego, cujas referências são mais visíveis e declaradas no livro. Contudo, cada destinatário levantará para si as próprias abduções, ou seja, as inferências

interpretativas daquilo que avista na arte. Esta é a tensão que Samuel colocava nas conversas sobre o tarô, sobre como o profissional deve “sedimentar” os significados mais “fixos” de cada uma das imagens para evitar intensas gravitações que propiciem uma “fuga” da resposta diretiva posta por cada carta. No bom português: “não viajar demais com o tarô”. Sendo um escritor de manuais e artigos, Samuel foi o primeiro profissional do tarô que havia conhecido que estabelecia para si uma espécie de “cânone” dentro das práticas oraculares com baralhos e que alocava saberes de outras áreas, como a semiótica e a história da arte, para o tratamento das imagens. Mesmo assim, não observava nele uma recusa explícita do uso de incensos, cristais ou invocação de entidades. Ao contrário, havia um forte apelo em seu discurso sobre o uso da magia, contudo, balizado com intenso estudo bibliográfico. Até então, não acreditava que tais esferas de compreensão poderiam se chocar. Contudo, outras experiências viriam fomentar controvérsias perante essa aparente harmonia posta.

2.5 ANIMANDO AS IMAGENS E AS CORES DO TARÔ DE MARSELHA

Em 2018 decidi fazer um registro mais apurado das minhas experiências envolvendo baralhos de tarô, inclusive com os relatos de memória dos fatos já explorados, de forma a escrever um possível projeto de dissertação na área de antropologia. Na época que decidi realizar a empreitada notei que os eventos que envolviam baralhos de tarô costumavam ser pontuais e em capitais como Rio de Janeiro e São Paulo. Como seria possível fazer uma pesquisa de campo mais circunscrita? Até mesmo se instrumentalizasse a noção de “circuito neoesotérico” como em Magnani (1999) poderia encontrar dificuldades tendo em vista o distanciamento dos eventos e a sua forte dispersão. Em Curitiba, cidade na qual residia, as feiras místicas promoviam aproximações com a cartomancia, mas não da forma como almejava: eventos voltados exclusivamente para os baralhos ou, no mínimo, para as atividades divinatórias ou oraculares.

Em julho daquele ano, houve um evento de saberes oraculares em uma escola de astrologia em Curitiba que contava com uma manhã exclusivamente

voltada ao baralho de tarô. O convidado foi Rodrigo²⁸, conhecido cartomante nas redes sociais por conta do uso do Tarô de Marselha enquanto um objeto de colagens (recorta partes de uma carta, atribui em outras e constrói novas mensagens a partir disso). Apesar de conhecer o trabalho do cartomante, não sabia ao certo como este procedia para atender pessoas. No evento, estavam em maioria astrólogos pertencentes à escola, cada qual com uma versão do tarô de Marselha, solicitado pelo palestrante. Todos ficaram assentados em uma ampla mesa na parte exterior da escola, sobre um pequeno gramado rodeado de ervas e plantas como alecrim, lavanda e babosa. Ainda que Rodrigo tenha feito uma fala mais ampla, com indicações de bibliografias variadas e com uso de outros exercícios imagéticos, como anagramas, me voltarei para o relato da sua forma de usar o baralho proposto naquele workshop.

Após uma apresentação inicial de sua experiência e de alguns livros que ajudaram a fomentar a sua prática, Rodrigo exemplificou a sua forma de leitura: embaralhou as cartas e seleciona três colocando-as em linha num esquema de “passado, presente e futuro”. Em seguida, o palestrante explicou que procurava a partir das imagens dispostas correspondências de objetos e cores entre as lâminas. “Veja só como a água que está colocada na base desta carta vem a ser as asas da carta seguinte”. Em uma espécie de narrativa que partia da “animação” das cores e dos objetos postos em cada lâmina, Rodrigo estava se distanciando das leituras que havia tido até então. Ao invés de cristalizar certos sentidos para cada carta em uma certa posição com um devido significado e assim proceder em uma interpretação, Rodrigo estava colocando-as em possível “diálogo” horizontal, formando assim uma narrativa única a ser proferida ao consulente. “Observem como os cavalos desta carta podem vir a se transformar nos cães da próxima carta”.

O método encantou o grupo de pessoas do evento, ao mesmo tempo em que deixa uma grande margem para interpretações mais fluidas do que aquelas que eu estava tendo contato em redes sociais naquele período. Nestes termos, o baralho de tarô seria dotado de uma capacidade “plástica” muito mais ampla do que havia imaginado em meus primeiros contatos mediando cada carta com um significado

²⁸ Rodrigo é um profissional relativamente conhecido nos circuitos que percorri durante o período, ainda que nas redes sociais tenha um alcance relativamente menor aos demais citados. Professor de tarô e cartomante, realiza consultas por meio do tarô de Marselha, ainda que faça estudos sobre o hermetismo e as abordagens mais esotéricas dos baralhos. Crítico contundente das alegações da cartomancia ser alvo de questionamentos enquanto profissão não legitimada.

própria em livros ou páginas das redes. Ao final do processo, Rodrigo fez um jogo amplo para todas as pessoas presentes em relação ao evento que estava acontecendo.

Apesar do êxtase propiciado pelo curso de Rodrigo, diante de uma potencialidade que não havia visualizado no baralho ainda, as múltiplas vozes díspares em relação às formas de uso dos baralhos de tarô me traziam certa insegurança sobre a leitura das artes. “Existe certo e errado se tratando de um objeto tão sujeito à múltiplas interpretações”? Se Vanessa, no primeiro relato, me trazia uma sensação de interpretação junto aos livros que tinha, o estagiário que tive conduziu a narrativa a partir das imagens postas em cada lâmina e com as benções de seu anjo da guarda. O professor da escola de astrologia, por sua vez, enunciou a importância das entidades e agregou ao rito uma série de regras de tiragens conduzindo o uso e estudo de seu baralho autoral à uma complexidade maior. Enquanto Samuel já me conduzia à uma preocupação frente ao estudo pormenorizado do simbolismo das artes, com uma prática bem diretiva e isenta de quaisquer recursos visíveis para além do baralho. Agora, com a experiência com Rodrigo, a historicidade, os manuais e a espiritualidade davam espaço para uma interpretação mais ancorada em uma sensibilização frente às cores e objetos postos em cada lâmina, de forma a conectá-los para assim produzir uma leitura que viesse a atender a questão posta. O uso de baralhos de tarô me pareceu um território ambíguo e contraditório, no qual a margem de autonomia de cada profissional se chocava com as tentativas de delimitar duramente as compreensões do objeto e das práticas que o envolvem.

Após a experiência com Rodrigo passei a considerar de forma mais concisa que o baralho de tarô poderia ser um objeto um tanto quanto limítrofe frente às categorias sociais estabelecidas. A falta de uma unidade discursiva entorno do objeto e dos profissionais que fazem seu uso vem a ser até hoje um dos temas mais instigantes ao tratar do baralho de tarô como índice central em uma etnografia. Sendo assim, estaria o baralho de tarô em uma espécie de corredor entre as categorias mais delimitadas? Com uma “plasticidade” tamanha que isso explicaria a relação de poder e perigo que carrega frente a quem desejaria definições circunscritas? Como trabalhar etnograficamente com um objeto que parece não permitir uma sedimentação mais estável de seus usos e preceitos?

Estas indagações se ampliaram ao ponto de desejar que se firmassem enquanto um possível projeto de pesquisa. Acreditava que estas questões poderiam ser um desdobramento das pesquisas já realizadas sobre o ensino de astrologia tradicional. Contudo, fui progressivamente levado a perceber que o estudo e uso do tarô não poderiam ser colocados no mesmo campo de atividades que outros oráculos. Um pouco antes deste conjunto de experiências, cheguei a considerar a incorporação das propostas de análise em uma “Antropologia dos Oráculos Contemporâneos”. Entretanto, como apresentei no trabalho etnográfico precedente²⁹ (BERTÃO, 2018), a astrologia atualmente apresenta uma série de fundamentos teóricos e práticos mais consolidados entre seus praticantes, inclusive com uma separação mais visível das formas de uso (“tradicional” e “moderna”). Ademais, a astrologia traz à tona um conflito mais visível com os saberes hegemônicos, especialmente no que tange à astronomia, por seu método se ancorar também em certos cálculos matemáticos que procuram objetivar um fenômeno celeste a ser interpretado (como a data e o horário de um eclipse). Já as divinações e demais usos com baralhos de tarô costumam ser baseadas na leitura de imagens dispostas a partir de um sorteio ou na mera contemplação e estudo de sua estrutura imagética. Ainda assim, nesse registro de comparação, estaríamos atribuindo a ambas uma série de observações e indagações que se aproximariam dos estudos das atividades envolvendo oráculos, magia contemporânea e propostas terapêuticas alternativas.

Logo, não é difícil entender a razão de ser tão costumeiro que a astrologia e o tarô sejam retratados dentro de um conjunto de práticas que evocam um “misticismo contemporâneo”, ressoando as características daquilo que já se convencionou a ser denominado de movimento “Nova Era”. Atualmente, as reportagens que procuram enquadrar e caracterizar os chamados “jovens místicos” também trazem o uso do baralho de tarô como parte de um pacote de atividades esotéricas, como citado na Introdução. Acaba sendo visível como o tarô ainda é

²⁹ A pesquisa procurou narrar três eixos de situações sociais vivenciadas em uma escola de astrologia tradicional no período de um ano enquanto observador participante: 1) as tensões envolta da astrologia enquanto saber “não-científico”, mas sim voltado à “arte” e “linguagem”; 2) as disputas entre astrólogos “tradicionais” e “modernos”, além das próprias versões de “astrologia tradicional” em voga; 3) a “eficácia simbólica” exigida no exercício do astrólogo para produzir leituras eficazes sobre o indivíduo e seus processos futuros (oraculismo). Em todos os eixos era possível permear uma preocupação em relação à legitimação da prática enquanto “arte”, à eficácia dos ritos conduzidos pelos astrólogos na preocupação em “atender ao consulente em respeito à sua destinação” e na busca pela consolidação de uma bibliografia “tradicional” extensa que fundamentasse o corpo de técnicas e correspondências.

cercado de uma série de preceitos e tabus que lhe são próprios. Atribuir ao tarô o mesmo estatuto da astrologia ou de outras práticas como o I Ching, a geomancia e as runas pode ser um exercício analítico interessante e proveitoso para estabelecer a consonância destas práticas com os estatutos de legitimidade dos sistemas de saber da contemporaneidade³⁰. Entretanto, se mostra necessário estabelecer os devidos limites de cada prática, tendo devido olhar pormenorizado frente às singularidades das disputas internas de cada campo frente aos fundamentos compartilhados pelos grupos e as dinâmicas ritualísticas e performáticas das atividades em si.

Considero que quatro pontos de importância podem delimitar as singularidades no estudo de cada uma destas práticas reconhecidas como “oraculares” ou “divinatórias”. O primeiro se dá quando voltamos o olhar para os “pontos de partida” ou “mitos de origem”. Na astrologia é costumeiro que se tenham os gregos e árabes como referências primárias de análise celeste. Não é raro ouvir o nome de Ptolomeu ou de Abu Ma’shar no estudo astrológico, especialmente nas vertentes mais tradicionais. Já em relação às runas, percorre a necessidade de um olhar sobre o contexto histórico-cultural nórdico, especialmente os ritos, mitos e princípios mágicos daqueles povos. Quanto ao tarô, é perceptível um tensionamento entre narrativas que atribuem aos italianos da Renascença e aqueles que alçam os egípcios/ciganos como responsáveis por sua idealização e disseminação.

O segundo ponto de delimitação das práticas pode ser posto a partir do caráter performativo de cada uma. Existe uma dinâmica muito distinta na leitura de um mapa astral (com seus cálculos, projeções futuras e tabelas), um hexagrama do I Ching (a poética envolvida, a combinação de elementos, as moedas/varetas sorteadas) e um atendimento com cartas de baralho (as lâminas, o embaralhar, os designs de jogos). Ponto que não exploro em profundidade e com vastidão de dados na presente pesquisa, mas que tomo como fundamental para trabalhos futuros.

O terceiro ponto é a análise de como estas práticas extravasam os espaços de atividades esotéricas ou terapêuticas. A astrologia certamente é um exemplo de conhecimento que permeia fortemente um tipo de consumo e de produções artísticas diversas. As runas, por sua vez, levantam um grande debate histórico ao

³⁰ A bibliografia acerca da “Nova Era”/“espiritualidade” a ser mobilizada posteriormente cita brevemente o baralho de tarô, costumeiramente elencado ao conjunto de demais práticas divinatórias como a astrologia, o I Ching e as runas nórdicas.

levarmos em conta a sua utilização por exércitos nas guerras do século passado. Quanto ao tarô, assim como foi apontado no capítulo precedente, os limites entre “baralho” e “obras de arte” é tênue e recorrentemente explorado em desfiles, exposições artísticas e apropriações com intenção de agregar elementos populares.

O último ponto é a materialidade envolvida em cada prática oracular. Entre profissionais do tarô, as coisas ganham protagonismo mais evidente do que na astrologia. As imagens das lâminas, as hipóteses do seu surgimento, o uso de teorias semióticas, a defesa da leitura intuitiva, as relações ritualísticas de consagração do objeto, a intenção de produzir o próprio baralho, entre outros tantos elementos que não se encontravam referenciais próximos na prática astrológica. Enquanto isso, na astrologia é visível uma consolidação mais estável de seus paradigmas entre praticantes, ainda que os recursos materiais sejam mais variáveis a depender do profissional (construção de mapas, utilização de diários e cadernos de registro, entre outras ferramentas para um atendimento astrológico). Certa vez, ouvi de uma estudante de tarô que achava as práticas distintas por encarar a cartomancia como uma atividade mais “bruxesca” do que a astrologia. De fato, os comentários do entorno que percorri ressoavam formas muito próximas dessa consideração.

Partindo destes pontos de possível delimitação que acredito serem mais marcantes, o tarô se figura como um objeto mais dotado de uma aparente “instabilidade” perante os discursos e práticas que o circundam do que os demais. O curioso é que, apesar disso, observei sendo mais amplamente mobilizado e comercializado do que as runas ou os livros de I Ching. Parece existir uma acomodação crescente da presença destes objetos com os indivíduos ao contrário dos períodos anteriores. Contudo, o baralho de tarô ainda traz consigo uma série de imagens e uma estrutura que trazem à tona sua ambiguidade costumeiramente latente ao uso e interpretação de suas lâminas. Este foi justamente o ponto em que compreendi a importância de uma análise que privilegiasse estas tensões inerentes mais ao objeto de arte em si do que propriamente as atividades a ele incorporadas.

Naquele período, me deparei com uma controvérsia recorrente na atualidade: a relação das práticas terapêuticas e esotéricas com a digitalização, especialmente nas redes sociais. Tensões que inclusive se extravasam para as práticas elencadas anteriormente como a astrologia e as runas. Nas experiências narradas até então, o agenciamento humano era tido como fundamental para

articular uma interpretação do jogo posto na mesa para o consulente. O baralho mediava uma relação que poderia ser terapêutica ou/e oracular. Todavia, observei, com a expansão das redes sociais, a possibilidade de usuários tirarem cartas com baralhos digitalizados. Durante a pesquisa, constatei que vários usuários publicizavam suas tiragens diárias nestes aplicativos. Avistei como um oráculo que já foi tratado com uma série de prescrições passou a ser massificado virtualmente. Em um aplicativo não tocamos no baralho, não o embaralhamos e, por muitas vezes, nem participamos da sua interpretação imediata, já que a carta costuma ser sorteada com um conselho pronto. Foi também costumeiro observar usuários contestando o resultado. Como se trata de um aplicativo, bastava solicitar um novo sorteio e esperar por uma mensagem mais condizente à vontade de quem estava utilizando. Uma possibilidade raramente observada em atendimentos presenciais. Questionei profissionais do tarô sobre o fenômeno em ascensão. Em grande medida, recebi como resposta de que as leituras virtuais poderiam ser eficazes, já que constroem um jogo aleatório perfeito e que todo sorteio de tarô é válido na condução de um conselho. Contudo, as tiragens não teriam a mesma capacidade de aprofundamento de um atendimento propriamente humano, já que as interpretações viriam todas padronizadas e sem o vínculo com a narrativa da consulente.

O debate suscitado pelos aplicativos de celular me levou a considerar uma pesquisa que viesse a investigar as redes entre atores que fazem parte da formulação de oráculos digitalizados como os aplicativos de tarô. Contudo, diante da dificuldade em encontrar os seus produtores e da falta de tempo disponível para compreender seus códigos, deixei o interesse temporariamente suspenso. Ainda assim, adianto a menção de um campo que está sendo explorado em sucessivos investimentos de pesquisa (RIBEIRO, 2015; GUERREIRO, WELLITON, 2016).

Decidi participar mais ativamente de feiras e workshops de profissionais do tarô, como uma maneira de me colocar dentro de possíveis circuitos que envolvessem o baralho, extravasando o círculo de contatos daquele período. Acreditei que com a própria aproximação, alguma controvérsia mais delineável seria possível de tomar como objeto de estudo. Nas próximas sessões trago os quatro principais momentos que viriam a ser fundamentais para as principais reflexões desta pesquisa: a Oracular, o workshop com Fabrício, a Feira Mística de Curitiba e a intensificação das interações virtuais durante o período de pandemia de Covid-19.

2.6 CRUZADAS CONTRA O MISTICISMO

A “Oracular: Encontro Anual de Artes Divinatórias” foi um evento promovido pela Gaia, tradicional escola de astrologia situada em um bairro residencial na cidade de São Paulo³¹. A fachada do lugar, uma grande casa, não remeteria de imediato a um espaço de aprendizados esotéricos. Ainda assim, os primeiros ambientes que um visitante tem contato são a secretaria e uma pequena biblioteca com vários livros para consulta e venda cujos temas versavam não apenas sobre oráculos como também sobre espiritismo, terapias alternativas e história da magia. Havia certa sobriedade na disposição da decoração e dos espaços de convivência, semelhante à uma escola de cursos livres. As referências ao misticismo contemporâneo eram mais sutis, com certos amuletos à disposição, plantas e cristais diversos dispostos no ambiente. As salas da casa, onde eram conduzidos os cursos durante a semana, tinham nomes de planetas, assim com os demais ambientes. Ainda que o espaço da Gaia apresentasse um certo formalismo em relação à estética bucólica da escola de astrologia em Curitiba, reconheci em ambos locais o aspecto amigável e convidativo, em muito distinto dos chamados “espaços frios” de consultórios médicos, como relatados por Sônia Maluf (2005, pp. 502-503).

Após adentrar os primeiros cômodos da casa na qual se encontrava a escola, notei que um espaço aberto separava a secretaria e a biblioteca do salão “Júpiter” no qual seria conduzida a Oracular. Neste espaço intermediário, estavam dispostas as cadeiras e mesas para o café que seria servido no intervalo. Da mesma forma que os espaços precedentes, havia uma série de plantas e objetos como cristais e olhos gregos no ambiente. Ainda assim, permanecia uma certa discricção em muito distinta das feiras esotéricas e páginas virtuais que viria percorrer posteriormente.

O evento congregava uma dezena de palestrantes com um público que se aproximou de uma centena de ouvintes. Reconheci no evento uma série de pessoas conhecidas nas redes sociais e do meu círculo social, especialmente astrólogas e tarólogas. Em maioria, as palestras se tratavam do uso profissional do baralho de tarô em atendimentos oraculares. O último momento seria uma mesa redonda com o

³¹ É possível encontrar informações sobre o evento e as palestras no site Sympla. Disponível em: https://www.sympla.com.br/oracular-r-encontro-anual-de-artes-divinatorias-o-09-de-junho-de-2019-o-sp__503999#info. Acesso em 24 de Outubro de 2020.

tema “Formação do Profissional Oraculista”. Na divulgação do evento e no próprio local era possível constatar um grande painel no qual estavam descritos os currículos de cada palestrante, um fator que veio a me instigar já que boa parte das formações acadêmicas não se relacionavam diretamente com o exercício da cartomancia. Retomo ligeiramente a aproximação destas características com a caracterização disposta por Magnani ao tratar a relação das práticas esotéricas contemporâneas com as ciências e suas insígnias e ritos:

Assim, a participação, nesses congressos, de acadêmicos de instituições consagradas é peça fundamental num processo de legitimação pública de sistemas e atividades enfrentados com reservas, confiança e até com medidas legais por parte de órgãos que detêm o monopólio sobre determinado campo, em especial da área médica. (...). Em resumo: trata-se de invocar o testemunho da ciência considerada oficial (ainda que desqualificando alguns de seus fundamentos epistemológicos), o prestígio de instituições reconhecidas e a aura de personalidades de renome de forma a construir um multifacetado argumento de autoridade em favor de sistemas de pensamento, crenças e práticas, muitos dos quais não gozam do reconhecimento oficial e/ou legal (MAGNANI, 1999, pp. 44-45).

O título do evento, “Oracular”, sugeriria uma aproximação das falas à um uso oracular do baralho de tarô, aparentando certa unicidade. Contudo, os discursos proferidos naquele dia se chocariam em várias instâncias. Cabe elencar previamente que nem todos os debates se alinham aos propósitos do presente trabalho, além das dificuldades em atribuir a devida importância a cada uma das formas de se estabelecer uma noção de “tarô” e de como usá-lo. Sendo assim, preferi estabelecer um enfoque particular a duas falas no evento: a de Kelma Mazziero e de Nei Naiff.

Antes da análise da fala de Kelma, menciono que ao chegar já havia acontecido a primeira fala, tendo conseguido observar apenas parte do discurso da segunda palestrante. Ouvi a cartomante que estava discursando abrir discussões acerca da ética em atendimentos com baralhos de tarô. Em grande medida seu argumento se voltava para a defesa da responsabilização do profissional em relação à narrativa disposta ao consulente. Além de um enaltecimento de uma leitura de cartas conduzir ao consulente que este tome as próprias escolhas. Em ponto mais crítico, questionava quando profissionais da área estabeleciam outros agentes para o firmamento de uma predição, como entidades espirituais ou estados mediúnicos. Havia um tom de enaltecimento ao livre arbítrio e das responsabilidades junto aos atendimentos com baralhos de tarô. Este posicionamento assertivo da segunda

palestrante ao final de sua fala foi fundamental para apreender parte dos discursos que viriam a ser ouvidos no dia.

Kelma Mazziero, terceira palestrante da sequência, trouxe o tema “A importância da desmitificação do Tarô na contemporaneidade”. Declarando-se taróloga e pesquisadora da Ciência da Religião, iniciou a fala tratando do uso de oráculos e da mobilização de objetos e símbolos para o tratamento dos contextos e dos eventos futuros. Fez uso de extensa bibliografia durante a fala, como o escritor Joseph Campbell, o psicólogo analítico Karl Jung e o filósofo Luc Ferry. “Havia desde cedo uma sondagem da vontade do céu através de presságios”, afirmou, retomando historicamente o uso de oráculos. Cada fala vinha com o contraponto da necessidade de estudos acadêmicos para fundamentar a prática do tarô, revisando autores que trabalhavam com a hipótese de uma possível origem esotérica do baralho de tarô. Para estes, as imagens do baralho reproduzem um conjunto de códigos secretos pelos quais os ocultistas egípcios teriam condensando as leis de funcionamento do universo, transmitindo-as geracionalmente até a atualidade. Kelma invocou os ouvintes a desconfiarem de tais prerrogativas esotéricas sem fundamentação histórica e a saírem do “misticismo anos 80”, se referindo à forma como o tarô é romantizado midiaticamente e à sensação do uso obrigatório de apetrechos como cristais, incensos e bolas de cristais, categorizando estas práticas como ultrapassadas. “O tarô não foi criado como oráculo. Permite o uso de método e não requer dom especial. Abre a interação do consulente com as imagens e faz um papel de mediador”. E se colocou dentro deste grupo de pesquisadoras que estão buscando enaltecer o estudo e o exercício da “racionalidade” frente à atividade, afastando a necessidade de que os profissionais se envolvam com misticismos que venham deslegitimar o exercício da atividade. “A mesma racionalidade que condenamos pode ampliar a nossa visão”³².

A fala de Kelma suscitou uma série de questões ao final de sua explicação. Um dos ouvintes presentes indagou a palestrante qual opinião ela teria sobre o fato de jogos aleatórios com um baralho poderem produzir narrativas tão eficazes sobre

³² Em sua página pessoal, Kelma acentua: “Para se conhecer o tarô não é preciso ser intuitivo, vidente, espiritualizado (a) ou dotado (a) de dons sobrenaturais. O tarô, por carregar simbologia além de subjetividades, pode ser analisado racionalmente e compreendido igualmente da mesma maneira. Não carece de magia, mistério, segredo, ocultismo, religião. Ele se basta e deve também bastar a quem desvenda suas cartas, de maneira singular, a cada tiragem”. Disponível em: <https://kelmamazziero.com/funcionamento>. Acesso em 24 de Outubro de 2020.

o momento atual da pessoa e dos possíveis desdobramentos futuros. Curiosamente, Kelma trouxe a noção de “mistério” para responder à questão, tratando do fato de que mesmo o uso de baralhos de tarô apresenta uma esfera de difícil compreensão, mas, ainda assim, inerente à própria prática. A curiosidade da resposta reside ao fato de não ser um termo propriamente manejável em pesquisas científicas, contraponto fundamental da palestrante em relação às abordagens cheias de “misticismo”, em suas palavras.

Entre a fala de Kelma e Nei Naiff, se seguiram palestras cujos temas se aproximavam ora de uma abordagem mais histórica sobre a iconografia dos baralhos de tarô mais clássicos, ora com um tratamento de cunho mais esotérico ou terapêutico, com sugestões de obras que trazem uma configuração do baralho enquanto correspondente aos ensinamentos cabalísticos ou com os processos de individuação psicológica. Tais abordagens serão tratadas analiticamente em momento posterior, já que ecoam muitos aspectos da revisão bibliográfica. Houve uma aparente dispersão entre cada atividade, sendo visível o uso do espaço intermediário da casa como um lócus de encontros entre os profissionais que lá estavam. Nas conversas que tive neste espaço, inclusive com alguns conhecidos, soube que havia tensões e disputas prévias ao evento. Sendo assim, não foi incomum observar um distanciamento entre os pequenos grupos que se formavam nos intervalos, assim como críticas desenvolvidas entre eles durante as falas das palestras. A sutileza de cada uma dessas situações, entretanto, me deixava em dúvida quanto à intensidade destas disputas, já que o evento parecia ocorrer com tranquilidade.

Próximo ao final do evento, com a chegada da noite, o aclamado Nei Naiff³³ subiu ao palco. Sendo um dos principais divulgadores de cursos, livros e versões de baralhos clássicos, o palestrante ingressou no evento próximo do seu horário de fala, sendo ovacionado como uma celebridade. Dinâmico e bem-humorado, Naiff conduziu a plateia do evento com a palestra denominada “Errei a consulta de Tarô, e agora?” (Figura 5). A sua fala se iniciou com uma preocupação demonstrada

³³ Em sua página pessoal, consta-se: “Escritor (agremiado ao Sindicato dos Escritores, RJ), tarólogo e astrólogo (associado ao Sindicato dos Astrólogos, RJ) e terapeuta (membro da Associação da Medicina Complementar), possui formação tecnicista em arquivologia e química industrial, também instrução superior em administração de empresas, além de licenciatura em Letras (literatura/português/inglês)”. Estende a apresentação elencando ter atendido mais de 11 mil clientes e de 20 mil alunos. Disponível em: www.neinaiff.com. Acesso em 24 de Outubro de 2020.

também por Kelma e outros palestrantes: a necessidade dos cartomantes se responsabilizarem por suas leituras, especialmente por seus equívocos. Por “equivoco” o palestrante estava se referindo à análise de situações e predições que não se atestam posteriormente, colocando em suspensão a eficácia da prática divinatória. Para Naiff, seria preciso constantemente uma revisão da compreensão do tarólogo em relação ao baralho que utiliza. Fez correspondência dessa atitude como a de um viajante que procura “ajustar a bússola”. Em síntese, em casos de erro, o tarólogo deve estudar novamente a simbologia tradicional dos tarôs clássicos. Ou seja, a eficácia de um atendimento oracular reside na habilidade em manipular os símbolos de acordo com “a verdadeira estrutura do tarô”, nas palavras do palestrante.

Figura 5 - Imagem publicada por Nei Naiff na página do evento



Fonte: mural de Discussão na página do evento³⁴

Após comentários sobre a necessidade do estudo do baralho de tarô a partir da história de seus símbolos em seus devidos contextos, Naiff procedeu em um severo ataque às múltiplas publicações sobre o tarô (baralhos, livros e manuais) na atualidade. Trazendo inclusive comentários acerca do consumismo na sociedade capitalista sob o título “Arte, fragmentação e capitalismo”, Naiff estendeu a crítica às diversas correspondências descuidadas entre as imagens “clássicas” do tarô (nestes momentos trazia referências ao tarô de Marselha e de Smith-Waite) e saberes esotéricos variados como a cabala, a astrologia e a alquimia. Alegou existirem mais de 3000 baralhos de tarô disponíveis no mercado editorial, ainda que vários deles

³⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/events/308726839824042/>. Acesso em 06 de Abril de 2021.

não respeitam a “verdadeira estrutura do tarô”. Considerou esse fenômeno o resultado de uma prática capitalista que aposta em baralhos “transculturais” para ampliar as vendas e coleções desnecessárias, mas que produz distorções na simbologia originária deste tipo de estrutura simbólica. Por conta disso, o uso indiscriminado de baralhos que fogem ao padrão facilitaria os equívocos de leitura, ao propor associações das cartas com princípios esotéricos que não estão alinhados necessariamente com a simbologia proposta pela imagem.

Para fundamentar o ponto em que disserta sobre o tarô enquanto um sistema de símbolos tradicional a ser desvelado, Naiff reproduziu na tela uma sequência de imagens sob o título de “Formação Cultural”. Afirmou: “tudo que temos hoje é baseado no tarô de Marselha”. Recomenda que os presentes estudem sobre cultura do Renascimento e que leiam obras como o “Dicionário de Símbolos” de Chevalier. Traz como exemplo a carta do “Louco” (Figura 6) questionando o que poderia significar o cachorro próximo à figura humana.

Figura 6 - Comparação entre representações do “Louco” em um baralho “clássico” (esquerda, CBD Marseille Tarot) e duas versões “transculturais” (Egyptian ao centro e Tartessos à direita)



Fonte: acervo do autor

Diz que dentro de um olhar da “cultura ocidental”, o cachorro significa “amigo do homem, servil, protetor”. Contudo, se observado por meio de uma noção de “cultura oriental”, o cachorro pode ser compreendido enquanto “inimigo do homem,

vil, morte ruim”. Ainda traz um último exemplo se referenciado às culturas do “extremo oriente” nas quais o cachorro pode ser compreendido como uma fonte de alimento. “Temos que buscar o que o tarô clássico nos dá. (...). Quando se conhece bem os símbolos, não precisa de cartas. Tarô é um conhecimento, são figuras arquetípicas”. Encerra anunciando que se tivesse uma folha em branco com diversos números e todos soubéssemos circunscrever o que significa cada uma das cartas (considerando a numeração do tarô de Marselha), conseguiríamos narrar o seu significado, mesmo sem ter a arte da carta em mãos. Acredito que por justamente importar mais a “estrutura originária” do tarô do que propriamente as suas múltiplas variações postas na atualidade.

Após a fala de Naiff, teve início uma mesa redonda com professoras e professores da Gaia, discutindo sobre os processos de formação tanto de astrólogos quanto de tarólogos e outras cartomancias. Por conta de ter sido um evento prolongado, tanto eu quanto meus colegas fomos embora um pouco depois. Ainda assim, cabe constar que na mesa redonda foi possível visualizar como havia uma extensa preocupação quanto aos processos de aprendizagem envolvendo o estudo e uso de oráculos. Este é um processo que encontrei em ascensão durante a pesquisa sobre o aprendizado de astrologia tradicional que traz consigo a noção de “excelência de ensino” para contextos oraculares. Hoje, não é incomum de se pensar em “academia celeste”, “formações completas em tarô” ou “trabalhos de conclusão de curso” em alguma destas práticas. Contudo, acredito que este é um processo a ser melhor tratado analiticamente em momento posterior.

Observei com maior atenção os momentos de fala de Kelma e Nei Naiff por conta de um paralelismo de suas falas: uma extensa crítica à associação do baralho de tarô com saberes esotéricos ou misticismos “ultrapassados”, a necessidade de estudos semióticos, sociológicos e psicológicos para respaldar a atividade oracular e a busca de consolidar interpretações concisas amparadas na historicidade dos símbolos da “verdadeira estrutura do tarô”. Neste período, particularmente, acreditava que as correspondências esotéricas tão usuais na astrologia seriam também mobilizadas nos baralhos de tarô, ainda mais por não ter encontrado naquela época qualquer forma rigidamente circunscrita de se interpretar cada carta. Contudo, a partir destas palestras na Oracular, passei a observar com mais cuidado um círculo de estudiosos e praticantes que se anunciam enquanto “tarólogos”, opositores aos “misticismos” ou do uso exclusivo da “intuição” para interpretar as

cartas. Propagam assertivamente certo purismo da prática por meio de um “retorno aos fundamentos do tarô” e do “estudo mais sério” de seu sistema por meio de extensa bibliografia.

Na busca de mais materiais que me fizessem compreender este movimento, encontrei um artigo do próprio Nei Naiff denominado “Manifesto para o futuro do tarô”³⁵. Neste texto, o tarólogo declara aversão às teorias que propagam uma origem esotérica do baralho de tarô e traz à tona uma série de proposições históricas que afirmam que o baralho inicialmente era utilizado em atividades lúdicas e não em círculos esotéricos. Apesar da importância que este texto teve na minha trajetória junto aos baralhos, deixarei a sua análise para o próximo capítulo, quando for analisar os escritos em manuais e artigos científicos sobre o tarô.

Reforço que este é um dos pontos nodais do presente trabalho para a visualização de um amplo conflito envolvendo a história e o uso dos baralhos de tarô. Se até então encontrava o baralho em um cenário turvo com diferentes interpretações, em Naiff e Kelma encontrei um discurso mais assertivo que procura atestar um limite entre leituras mais “corretas” e aquelas mais “equivocadas”. Mais do que isso, toda minha aproximação cuidadosa com os baralhos por temer represálias espirituais ou por não estar me sentindo preparado para os atendimentos haviam sido colocados em suspensão. Agora estava de frente para uma série de discursos que propagavam um uso “desmistificado”³⁶ do baralho, tratando a espiritualidade como opcional ou desnecessária. Ao invés de entidades cristãs ou populares, notei a defesa pelos estudos semióticos, históricos e sociológicos que fundamentassem a origem, a prática e o uso de baralhos de tarô. No lugar de um visual atrelado às práticas terapêuticas integrativas, ficaria em enfoque o currículo acadêmico de cada profissional atestando o mérito de seu discurso frente àquele objeto.

³⁵ A versão integral do texto se encontra publicada no “Clube do Tarô”. Disponível em: http://www.clubedotaro.com.br/site/h22_3_neinaiff.asp. Acesso em 24 de Outubro de 2020.

³⁶ O termo será retomado recorrentemente no trabalho por conta dos inúmeros momentos nos quais me deparei com esta controvérsia nas redes sociais e em conversas particulares. Se formos compreender o termo “místico” como indutor de práticas ou forças sobrenaturais, cuja intenção seja mobilizar “espíritos”, “entidades”, “energias” para o exercício da cartomancia, é coerente o termo “desmistificado” quanto a estes interlocutores que defendem uma “purificação” dos discursos sobre o tarô que levante mais a historicidade e o estudo simbólico do que aquelas práticas e ritos mágicos tidos como “ultrapassados” ou “supersticiosos”.

2.6 BARALHOS E PREDIÇÕES EM UMA MESA DE BAR

Após o evento da Oracular, fiquei com receio de que havia visualizado um nicho muito específico de praticantes e estudiosos dos baralhos de tarô. Ainda que a influência de Nei Naiff seja ampla³⁷, é preciso considerar que o uso dos baralhos transcende livros e redes sociais, sendo a minha própria trajetória um exemplo de quem teve contato tardio com as teorias que procuram explicar as origens do baralho ou as formas tidas como mais legítimas de uso. Nas redes sociais continuava escrevendo textos a respeito do tarô, da astrologia e de outros conhecimentos esotéricos e, com o passar dos meses, fui entrando em contato crescente com outros profissionais do tarô. Dentre eles, se destacou Fabrício, professor e ávido pesquisador da história dos baralhos de tarô. Interessado pela minha abordagem dentro da astrologia, me convidou para ministrar junto a ele um curso e uma roda de conversa na cidade na qual residia. Colocaríamos nossos estudos compartilhados sobre o oraculismo e também faríamos algumas práticas que unissem a proposta astrológica com o uso de baralhos de tarô.

O primeiro evento foi realizado em uma livraria. Com um grupo pequeno de pessoas, divagamos sobre a possibilidade de entender melhor a realidade com o uso do tarô e da astrologia. Foi neste momento que observei a grande importância concedida por Fabrício à história e ao estudo das imagens nos baralhos de tarô, especialmente os clássicos baralhos de Smith-Waite e o tarô de Marselha. Ouvi também em vários momentos certo tom de desconforto frente a quem pregasse a necessidade do uso de cristais, incensos e outros apetrechos esotéricos com os baralhos. O evento foi de baixa proporção, tendo sido mais importante por considerar a visão de Fabrício em muito próxima com a de Kelma e Naiff no evento da Oracular. A necessidade de um estudo mais apurado frente à cada baralho utilizado, especialmente em relação aos “clássicos”, seria um pressuposto para qualquer atividade profissional envolvendo baralhos de tarô. O distanciamento destas visões acerca do tarô em relação aos momentos antecedentes, muito mais

³⁷ Incontestável presença maciça de seus escritos e livros em páginas que versam sobre o tarô no Instagram ou grupos de estudos presentes no Facebook. Onde mais encontrei referências foi na comunidade “Tarológica: estudos de tarô” que conta com mais de dezessete mil participantes. Naiff é tão citado que por vezes ocorre a aparição de opositores em diferentes redes sociais que denominam seus fãs mais radicais de “naifetes”. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/tarologica>. Acesso em 15 de Março de 2021.

voltados para a intuição e à espiritualidade, estabeleceu uma forte indagação em meu interior: faz quanto tempo que o baralho vem sendo “desmistificado”? E desde quando o acúmulo de literatura sobre este tipo de predição se tornou fundamental para estabelecer a eficácia de sua prática?

No segundo evento, realizamos um workshop em que as técnicas da astrologia e do tarô poderiam ser usadas de forma combinada. Ao contrário do primeiro evento, aberto e gratuito, que contou com um pequeno número de pessoas, este lotou em poucos dias de inscrição. O workshop foi realizado na sala de Fabrício em um apartamento localizado em um bairro tradicional da cidade. Intencionamos naquele dia apresentar uma forma de tiragem de cartas denominada “mandala astrológica”, narrada por Fabrício, conjugada aos saberes astrológicos que eu traria. Dentro da astrologia tradicional, o céu pode ser dividido em doze partes, sendo que cada uma delas corresponderia à um assunto como: sustento, família, doenças, casamento, ascensão profissional. Sendo assim, seria possível reproduzir o “desenho das casas” em uma mesa de forma a sortear uma carta do baralho de tarô para cada posição. Assim, seria utilizado um design próprio do estudo astrológico para estabelecer uma narrativa por meio das imagens de tarô sorteadas em cada posição. Por ser um workshop mais direcionado às alunas de tarô de Fabrício, não foi preciso tratar dos significados das cartas do tarô. Ao final, levei três mapas astrais de celebridades, com intuito que as alunas de Fabrício adivinhassem de quem seriam. Os exemplos eram: Sigmund Freud, Frida Kahlo e Freddie Mercury. As cartas foram lançadas sobre cada uma das casas astrológicas dos mapas, com intuito de “sobrepôr” a imagem astrológica posta pelo mapa com as imagens de tarô sorteadas (Figura 7).

Naquele dia, o estilo de apresentação de conteúdos acerca do tarô posto por Fabrício tinha uma alta condensação de conceitos e hipóteses históricas acerca de cada uma das cartas do tarô. Por mais que discursasse sobre a importância da sensibilidade frente à narrativa produzida, ficava evidente como cada uma das cartas tinha já um significado simbólico configurado a partir da bibliografia que ele mobilizava. Ou seja, não senti naquele momento que tivesse espaço para interpretações mais “intuitivas” e menos ancoradas em teorias de manuais de tarô. Isso me remeteu ao estatuto de “verdade” assegurado por Nei Naiff em momento anterior, ao atestar que a forma “correta” de estudo dos baralhos deve ser a análise minuciosa dos símbolos dispostos nos baralhos clássicos (como o tarô de Marselha

ou Smith-Waite), procurando compreender a cultura no período no qual foram concebidos. Em momentos posteriores, Fabrício empilhava ou elencava os livros de tarô, estabelecendo certo cânone do que um estudante deveria ter contato antes de se dispor ao atendimento profissional.

Figura 7 - Exemplo de exercício do workshop “Mandala Astrológica”



Fonte: acervo do autor.

Ademais, o que mais me chamou atenção desta sequência de eventos ocorreu após o workshop. Partimos para um bar. Em certo momento da noite, uma das colegas presentes tirou um baralho Smith-Waite da bolsa. Observando minha surpresa, brincou ser seu “tarô de bar”. Ouvi Fabrício também afirmar que gostava de atender pessoas em contexto casuais. Em encontros seguintes com este grupo, observei momentos em que se ofereciam para tirar cartas para indivíduos aleatórios em bares. Vi graça no evento por justamente lembrar dos períodos anteriores em que me preocupava em tocar nos meus próprios baralhos sem o devido cuidado espiritual e energético. Para além disso, distanciava de toda uma literatura que consagrava baralhos e trazia prescrições rigorosas quanto aos ambientes e lugares nos quais ele atuaria.

Em conversas posteriores com o tarólogo, questionei o que achava das posições de Nei Naiff e Kelma Mazziero quanto à desconfiança frente ao uso “intuitivo” do baralho ou de apetrechos como cristais e incensos. Houve acordo imediato com os discursos dos palestrantes. Também perguntei quanto ao seu profundo entendimento e prática de magia. Fabrício declarou que isso não necessariamente se atrelava aos baralhos de tarô e que via com olhar mais crítico os discursos que passavam a sensação de certa “obrigatoriedade” na observância de preceitos místicos-esotéricos no tratamento do baralho de tarô. Assim, reafirmou a defesa de um estudo consistente sobre a história e os símbolos de cada um dos baralhos de tarô para uma boa eficácia em atendimentos oraculares. Acompanhando seu trabalho pelas redes, comecei a notar as várias menções aos trabalhos de Naiff e Mazziero e críticas àqueles que supunham uma origem esotérica do baralho, apontando a falta de “estudos sérios” por parte destes indivíduos.

O progressivo contato com Fabrício e com outros profissionais que se declaravam avessos aos misticismos passou a produzir influências na minha prática e estudo do baralho de tarô. Queria testar uma abordagem “desmistificada”. Passei a empreender mais tempo no estudo da literatura, até então duvidosa da importância da mesma na interpretação das cartas, e arrisquei dispensar os incensos e cristais. Além de realizar interpretações de cartas em lugares públicos como cafés e bares. Ao invés de me sentir cada vez mais afetado pelo poder místico do tarô, concedi abertura para o exercício de sua interpretação de forma mais semiótica e desencantada para avaliar os resultados que poderia obter. “Será que dessa maneira consigo responder as perguntas das pessoas?”. A eficácia, contudo, acontecia de forma muito similar: os consulentes que eu atendia se identificavam com a narrativa posta, relatavam suas impressões pessoais e se atentavam às predições colocadas. O que me fez novamente levantar certa confirmação de encarar o baralho de tarô enquanto um objeto sem uma categoria definida que exerce a sua devida eficácia a depender do contexto e narrativa postas.

A “desmistificação” observada nas experiências precedentes se conjugava, naquele momento, com os processos históricos de descrédito em relação às práticas místicas, especialmente em contextos políticos e sociais em que predominam os discursos da razão do Estado, do mercado e das ciências num paradigma positivista. O conflito em alinhar este aparente processo amplo de

“desencantamento” às experiências postas se deu em relação às diferentes abordagens sobre o baralho de tarô. Por um lado, encontrei exemplos como os postos anteriormente que suscitavam desconfiança frente ao uso de objetos ou atribuição de ritos que estariam conectados à um passado “místico” do baralho de tarô, afastando o profissional de seu “verdadeiro simbolismo histórico” (como Naiff, Mazziero e Fabrício). Por outro, ainda observava inúmeras pessoas deste circuito que agregavam o baralho de tarô à uma abordagem mais “espiritualizada”, fazendo referências às “bençãos”, “energias” e “dimensões misteriosas” do objeto (como Vanessa, o estagiário de Física e o professor de astrologia). Deste último ponto, rememoro aqui o trabalho de José Jorge de Carvalho (1998) em que considera a astrologia como uma expressão contradiscursiva da modernidade “desencantada” atestada por Max Weber. De forma a caracterizar o indivíduo que pronuncia este tipo de narrativa, com evidentes pontos de toque aos profissionais do tarô elencados, Carvalho aponta:

O esotérico se caracterizaria então por um excessivo cuidado com o que se diz, a certeza de uma cumplicidade nas conversações sobre coisas do espírito, o pacto de silêncio rigoroso com os membros do grupo a que pertence, um estado constante de alerta diante de sinais tênues e às vezes recônditos de significados ocultos e reveladores. Aqui poder-se-ia enfatizar uma alta predisposição aos efeitos da sincronicidade e uma rejeição radical à obra do acaso (CARVALHO, 1998, p. 11).

Sendo assim, seria o baralho de tarô um mediador para discursos “esotéricos” e resistentes à “modernidade” ou o contrário? A coexistência de tantos discursos sobre o baralho de tarô não propiciava inicialmente a sustentação de uma abordagem teórica que sedimentasse suas manifestações com base em uma teoria geral sobre as atividades esotéricas a partir de um processo amplo e unilateral de “secularização” ou “desencantamento”. Os dois movimentos eram observados, adicionando o fato de que parte dos “desmistificados” realizam também estudos e práticas ligadas à magia, ao mesmo passo em que também observei a presença de conceitos psicológicos e narrativas históricas por quem apresentasse um uso mais espiritualizado do baralho de tarô.

Apesar disso, cabe atestar que naquele período visualizava muito mais a presença maciça nos circuitos presenciais e virtuais de discursos que enaltecessem

a “desmistificação” em contraposição ao alegado “misticismo” presente no estudo e na prática do tarô³⁸. Fenômeno em muito distinto do encontrado na pesquisa precedente em circuitos de astrólogos (BERTÃO, 2018), nos quais observei um discurso ancorado em escritos “tradicionais”, promulgadores de uma noção de “destino”, em contraposição ao desencanto produzido pela literatura contemporânea sobre o oráculo celeste³⁹. A diferença entre ambos é visível na própria condução da literatura psicológica, apreciada pelos cartomantes e rejeitada pelos astrólogos “tradicionais”. Durante a pesquisa, observei fortes vínculos entre os astrólogos “tradicionais” e os profissionais do tarô defensores da “desmistificação” do baralho, por mais que a sustentação de seus argumentos críticos fossem em grande medida opositores. Em outras palavras, o tarô “desmistificado” posto neste trabalho se propõe mais à um confronto dos “misticismos ultrapassados”, se aproximando dos discursos hegemônicos da “modernidade”, nos termos de Carvalho (1998), do que de uma aliança aos contradiscursos propostos pela astrologia “tradicional”.

Cabe também lembrar que as experiências tidas com Samuel (escritor sobre o simbolismo histórico do tarô) e Rodrigo (docente do curso que ensinava a “bricolar” as cartas do tarô) não tiveram discursos que ressoassem um posicionamento claro quanto ao desencantamento ou aspectos místicos do objeto. Visualizava em ambos um certo apreço por ritos e objetos de cunho espiritual ou religioso (feitiçaria no caso de Samuel, budismo em Rodrigo), ao mesmo passo que uma defesa de estudos que viessem a sustentar a prática do profissional do tarô. Conjugados às demais situações postas, acreditava neste ponto que seria possível estabelecer ligeiras demarcações entre certos discursos sobre o tarô, idealizados em tipos mais “puros”, tendo em vista as nuances em uma perspectiva mais pormenorizada de suas atitudes em diferentes contextos.

³⁸ Foram inúmeras as situações em que me deparei com críticas aos “misticismos”, “mitos” e “jovens místicos”. Exemplificando, em publicação recente em página de tarô, encontrei o início de uma série de vídeos com a seguinte proposição: “Desmistificando o jovem místico é o novo quadro do (nome da página), o qual explicarei algumas afirmações equivocadas que são declaradas pelas pessoas que dizem saber sobre o assunto. Mas não é tão simples assim... Os vídeos serão feitos no IGTV, para poder esclarecer melhor a situação abordada na semana. O objetivo é desmascarar, ou melhor, desmistificar determinada declaração que pode levar você a acreditar no falso ou não receber o melhor entendimento sobre o assunto e acabar deduzindo algo errado. Situações com afirmações falsas trazem muitos pré-conceitos sobre o tarot, erros de leitura pra quem já está começando e o pior de tudo, uma ideia deturpada sobre o tarot”.

³⁹ A “re-traditionalização” da astrologia traz consigo uma série de escritos de autores do período helenista até fins da Idade Média. Em meio a este conjunto, são também resgatadas as obras que tratam da magia astrológica ou de filosofias que se amparam no hermetismo do período. Atribuições que são vistas com desconfiança por tarólogos quando aplicados ao baralho.

Ainda assim, considerava que havia tido pouca experiência com ambientes e indivíduos que trouxessem à tona a sensação de um misticismo contemporâneo, mais próximo das literaturas de “Nova Era” (MAGNANI, 1999; MALUF, 2005). Em outras palavras, encontrar os baralhos de tarô dissolvidos em uma série de outras práticas que envolvessem yoga, meditação, wicca, entre outras expressões “espiritualizadas”. Por um certo momento, acreditei que este tipo de abordagem havia caído em certo desuso, sendo possível observar apenas na literatura das ciências humanas e em manuais de tarô. Contudo, naquele mesmo ano em que tive contato com as palestras da Oracular e com Fabrício, conheci também uma terapeuta holística que estudava o tarô em conjunto à outras práticas terapêuticas que eram integradas à diálogos meditativos com entidades intergalácticas. Tendo passado por uma experiência de atendimento com ela, comecei a me aproximar de um círculo até então desconhecido. Estudantes e praticantes de terapias alternativas que “misturavam” diferentes abordagens em um circuito de eventos envolvendo uma classe média-alta curitibana, na típica “errância” descrita por Leila Amaral (2000, p. 10). Descrevo o maior dos eventos em registro daquele período, lugar onde conseguir observar também atendimentos e discursos sobre o tarô.

2.7 FEIRA MÍSTICA DE CURITIBA: NOVA ERA, BRUXARIA E CARTOMANCIA

Fui convidado pela terapeuta holística a presenciar e participar da Feira Mística de Curitiba⁴⁰. O evento foi disposto em uma casa num bairro nobre da cidade. Ao visualizar a sequência de palestras do dia e os estandes me choquei com uma possível antítese do que havia assistido na Oracular. Na Feira Mística seriam ofertados atendimentos com baralhos de tarô, artigos esotéricos e terapias alternativas. Ao mesmo tempo, seria ouvinte de palestras sobre fadas, sigilos mágicos, meditação e sagrado feminino⁴¹. As imagens promocionais do evento

⁴⁰ A proposta e atividades do evento ainda se encontram disponíveis na página que vendia os ingressos. Disponível em: https://www.sympla.com.br/1-feira-mistica-de-curitiba__559171. Acesso em 15 de Março de 2021.

⁴¹ Cabe relatar que após a primeira experiência, a Feira Mística se tornou uma espécie de grupo autônomo que promoveu uma série de outros eventos de dimensões variadas. A página oficial conta com milhares de seguidoras com conteúdos que versam sobre bruxaria, misticismo e posicionamentos político-identitários. Durante a pandemia de Covid-19, lives diversas foram disponibilizadas sobre as temáticas postas. Disponível em: <https://www.facebook.com/feiramisticadecuritiba/>. Acesso em 15 de Março de 2021.

tinham cores em alta saturação, promovendo uma sensação que remetia à psicodelia e ao onirismo.

A Feira Mística apresentava dimensões mais amplas do que a Oracular. Já não estava mais no registro de menos de uma centena de pessoas, mas no triplo da anterior. Quando chegamos me deparei com um corredor alongado em um gramado no qual diversos vendedores apresentavam objetos esotéricos, em grande medida autorais. Havia um fluxo intenso de pessoas, consumindo e vendendo cristais, incensos, colares, amuletos de sorte, roupas, livros, revistas esotéricas e outros apetrechos. A casa era ampla e com vários quartos nos quais ocorreriam as sessões de atendimento particular. Aos fundos do terreno, se localizava um espaço ainda mais amplo de gramado, onde estavam dispostas dezenas de cadeiras em volta de um palco no qual se apresentariam os palestrantes (Figura 8). Nas laterais, outras barraquinhas dividiam espaço para venda de pratos vegetarianos e veganos, como pizza, strogonoff e doces.

Figura 8 - Palestra na 1ª Feira Mística de Curitiba



Fonte: acervo de fotografias na página do evento⁴²

⁴² Disponível em: <https://www.facebook.com/events/954060548265606>. Acesso em 06 de Abril de 2021.

Logo que cheguei na área na qual seriam conduzidas as palestras, me deparei com o cartomante que se apresentaria. Amigável e aberto a perguntas, questionei sobre o quealaria e sobre a experiência com os baralhos de tarô. O palestrante me explicou que faria uma dinâmica com as cartas do tarô promovendo uma meditação coletiva. Interessado, questionei qual baralho mobilizaria e citei alguns dos clássicos, como Marselha e Smith-Waite. Recebi do palestrante que ele não sabia ao certo qual usaria e que não tinha certeza se sabia sobre aqueles que eu estava me referindo. Me apresentou um flyer no qual se anunciava a escola de terapias alternativas da qual fazia parte. Pude constatar cursos não só envolvendo o tarô em si, como também a psicologia analítica de Jung e yoga. O anúncio transmitia uma saturação de cores similar à constatada na feira, além de dispor de símbolos que remetiam aos chacras e aos campos energéticos.

Nos sentamos à espera da fala do cartomante, ouvindo relatos de uma palestrante que promovia correspondência entre a psicologia de matriz junguiana e aspectos do sagrado feminino. O público que assistia era predominantemente feminino, com presença de mais jovens do que a Oracular. Assim como os eventos precedentes, nem todos os momentos caberão aos propósitos do fluxo narrativo posto. Observo aqui que o conjunto de palestras tinham um tom que oscilava entre uma proposição místico-esotérica, com citações de obras mágicas, feitiçaria e performances xamânicas, e um viés mais psicológico analítico, com inúmeras menções aos arquétipos, ao sagrado feminino e à construção da individualidade. No intervalo entre as palestras, as promotoras do evento anunciavam promoções ou sorteios do que estava sendo disposto nas barracas de alimentação ou de objetos esotéricos. A quantidade de informações visuais e auditivas eram massivas, novamente distanciando do ambiente escolar visto na Oracular.

Após uma palestra sobre o sagrado feminino, o cartomante subiu ao palco, fez uma breve apresentação de si mesmo enquanto instrutor de yoga e meditação. Relatou as atividades da escola na qual estava envolvido e que a dinâmica do dia implicaria o uso das imagens do tarô. Explicou como procederia o exercício e justificando o uso do tarô como uma poderosa ferramenta de autoconhecimento. Cada pessoa assentada recebeu uma carta impressa em papel mais rígido. Ainda que não viesse a citar o nome do baralho, o palestrante utilizou o Zillich Tarot, uma variante aquarelada mais contemporânea do baralho de Smith-Waite. Fomos orientados a cuidarmos das cartas para em seguida devolvê-las. Recebi uma carta

denominada “O Louco”, enquanto meus colegas ostentaram cartas distintas da minha. Fomos instruídos a fixar o olhar em nossas cartas, procurando gravar o posicionamento de cada objeto. Em seguida, o palestrante pediu para que fechássemos os olhos, solicitando que imaginássemos momentos anteriores àquele retratado na imagem. Com sutileza, pediu para que nos colocássemos no mesmo cenário, realizando movimentos que nos levassem até o “estado atual” da arte da carta. Por fim, pediu para que imaginássemos o que aconteceria em seguida. Com algumas respirações finais, o exercício se encerrou e fomos chamados a abrir os olhos. Ao redor, observei algumas pessoas presentes em lágrimas, enquanto outras estavam ainda em silêncio mesmo com a saída do palestrante. O autoconhecimento foi novamente elencado como força motriz possibilitada pelo uso dos baralhos de tarô e da meditação, termo que viria a ser recorrente demais palestras.

A Feira Mística encerrou com uma grande fogueira, cânticos xamânicos e vozes de protesto contra os regimes conservadores e as violências perpetuadas pelo machismo. Toda sequência me fez lembrar, com as devidas ponderações, certos estudos sobre eventos categorizados como Nova Era. Trago um conceito presente na obra de Leila Amaral, como uma maneira de propiciar pontos de toque do evento analisado com fenômenos sociais mais amplos: a religiosidade caleidoscópica. Nas palavras da autora:

Devido à irreverência espiritual do trânsito, os errantes da Nova Era não demonstram, assim, a pretensão de encontrar uma unidade religiosa fechada ou completa, porque é a própria errância que lhes permitiria ‘vivenciar’ controvérsias que desafiam o sentido usual das categorias que imperam em todas as esferas culturais, levando o indivíduo errante a operar em um limiar onde opostos se relacionam, entram em intercâmbio, coexistem (AMARAL, 2000, p. 206).

Aproveitando-me ainda mais do conceito, por onde observasse naquele espaço, era possível encontrar uma expressão espiritual distinta. Diferentes ofertas de terapias alternativas, palestras que versavam sobre bruxaria, tarô e yoga, além dos discursos finais que retomavam aspectos do chamado “sagrado feminino”. A decoração também suscitava um estranho efeito de conjugação de símbolos apropriados de religiosidades diversas como o hinduísmo, o budismo, o hermetismo renascentista, o xamanismo norte-americano e sigilos de magia contemporâneos. O

efeito “caleidoscópico” foi também observado nos eventos anteriores, contudo em menor intensidade, tendo em vista a intenção das escolas em promover uma certa “estabilização” quanto ao ambiente e suas propostas de atividades e palestras. Nas palavras de Magnani, o efeito gerado é de aparente fragmentação dos registros mais tradicionais acerca de cada uma das práticas e símbolos postos:

As novas propostas, pessoais ou de grupos, provindas dessa estratégia que permite infinitas possibilidades de combinação, parecem entregues ao acaso das escolhas aleatórias: não há autoridade nessa espécie de ‘religião pós-moderna’ que possa impedir as junções, por mais estranhas que possam parecer – tarô de Marselha com yoga indiana, meditação transcendental com xamanismo indígena, crença na reencarnação com manuais de auto-ajuda, ritos tântricos e pesquisas ufológicas (MAGNANI, 1998, p. 81).

Cabe também observar as atribuições acerca da Nova Era de D’Andrea (2000, pp. 59-71) observadas nas minúcias dos discursos postos pelo evento, especialmente quanto ao individualismo (desenvolvimento individual, “culto do eu”). Apesar deste enfoque quanto ao “próprio desejo”, momentos como o fechamento do evento, com a fogueira, o discurso antipatriarcal e a dança coletiva, propiciam a retomada dos preceitos éticos presentes em partes das expressões das chamadas “espiritualidades da vida”, nas palavras de Paul Heelas (2008). Para além dos aspectos que enaltecem a construção individual, a colagem entre práticas esotéricas de origens diversas e o consumo, existe também uma forte tendência associativa entre os membros da Feira Mística. Notei trocas de contatos e serviços entre os presentes, além do próprio evento ter se reestruturado posteriormente enquanto um grupo fixo que publiciza estudos e práticas ligados ao esoterismo contemporâneo,

Quanto ao tarô, parte da minha percepção sentia o contraste em relação aos momentos passados junto aos tarólogos mais preocupados com o estudo científico e o “desencantamento” dos misticismos. Ainda que os dois ambientes tivessem a presença de baralhos de tarô, a interpretação, a prática e as consequências dos discursos dos cartomantes estavam em muito distantes, mesmo que se tocassem em determinados pontos. Mas, ao final do dia, acabava não sabendo ainda como definir o que seria o tarô.

2.8 PANDEMIA, CRUZADAS VIRTUAIS E O TARÔ EM DISPUTA

Em março de 2020, no Brasil se iniciou uma série de restrições por conta da pandemia de Covid-19, doença que já havia se alastrado em territórios europeus e asiáticos provocando milhares de mortes. Durante meses duas medidas foram fundamentais para impedir o avanço da doença: o isolamento social (evitar encontros e aglomerações) e a manutenção de serviços essenciais (mercados, hospitais, serviço de transporte, segurança pública) a depender do nível de gravidade da pandemia em cada região. Colégios, universidades, shows musicais, cinemas, festas populares e feiras diversas foram suspensas por cerca de dois anos. Sendo assim, três dos eventos principais daquele ano no qual me envolveria de forma mais aprofundada foram cancelados, sem previsão de ocorrerem virtualmente: a DMAstro XP (na qual fui convidado enquanto palestrante para falar sobre a dissertação), a II Feira Mística de Curitiba e o Festival da Saturnália (um evento em que eu auxiliaria na organização). Evidentemente, nos eventos também acabaria por encontrar e dialogar com os demais tarólogos e cartomantes apresentados nos relatos precedentes.

Considerando os fatos elencados, boa parte das atividades passaram a ser virtuais. Mesmo os cartomantes e tarólogos mais tradicionais que tinham uma projeção mais tímida nas redes sociais tiveram que se adaptar aos tempos e passaram a ser mais atuantes e visíveis. Várias páginas voltadas ao estudo e à oferta de serviços com baralhos de tarô começaram a aparecer. Os fóruns receberam uma série de novos integrantes, interessados em aprender e atender. Com a pandemia, as redes vieram a ser o lócus primário da presente pesquisa, onde poderia verificar a recorrência dos fenômenos observados anteriormente ou o enfraquecimento das controvérsias ao levantar novas questões próprias deste tipo de circuito de peculiaridades próprias.

Cabe elencar que desde o início da pesquisa, sites, fóruns e redes sociais estiveram presentes. Houve certa dificuldade em encontrar trabalhos que tratassem da expressão das práticas esotéricas em contextos virtuais. Destaco o artigo de Silas Guerreiro e Moraes Welliton (2016) que suscitaram a temática pelo olhar dos estudos de Nova Era. Dentro das ambiguidades postas pelo tarô até então, não demorou muito para constatar as tensões e disputas observadas na Oracular ou a alta projeção dos “jovens místicos” nas redes sociais. A diferença em relação ao

período de pandemia é que as ocasiões para os confrontos antes eram mais sutis, sendo observáveis em artigos no “Clube do Tarô” ou em pequenos vídeos do Facebook ou YouTube. A partir do momento em que as redes se tornaram o ambiente prioritário para angariar clientes e seguidores, tendo em vista a impossibilidade de estabelecer atendimentos presenciais, as opiniões e posicionamentos acabaram por se acirrar.

De maneira mais ampla, com o aumento de competitividade nas redes sociais, a maioria dos perfis ligados ao estudo e prática do tarô passaram por reformulações. Novos designs, esquemas de vídeos mais dinâmicos, textos mais frequentes e promoções variadas para conquistar novos seguidores (Figura 9).

Figura 9 - Exemplo de postagem interativa em perfil de Instagram



Fonte: página “tarotdehermes”⁴³ administrada por Marcos Yuri

Surgiram profissionais no ramo das redes que traziam serviços de assessoria exclusivos para astrólogos e tarólogos. Com intuito de aprofundar essas expressões no campo virtual, passei a acompanhar páginas que centralizavam seus discursos na prática do tarô, especialmente no Instagram, rede que estava em alta de acessos e interações no período. Neste acompanhamento, grande parte dos perfis sobre tarô giram em torno de quinhentos (500) a quase dois mil (2000) seguidores. Neste grupo que se encontravam todos interlocutores citados na pesquisa. Acompanhei também quatro perfis de maior alcance: o “Café Tarot” (~18.500) cuja descrição é “Tarô criativo e inteligente” coordenado por Leonardo Chioda, dono do popular site Personare, “GAIA Energia Intuitiva” (~25.400) com a

⁴³ Disponível em: <https://www.instagram.com/tarotdehermes/>. Acesso em 06 de Abril de 2021.

descrição “Tarô/Espiritualidade/Meditação/Curso de Tarot Intuitivo”, “Tarot Reale” (~83.500) com os escritos “Cartomante/Misterioso/Acessível/Infalível” e, por fim, a “br000na” (~210.000) com a descrição “cartomante, feitiços e afins”.

Os perfis mais populares que versavam sobre os baralhos de tarô costumavam apresentar conteúdos diários no qual disponibilizavam predições para o dia ou a semana, conjunto a outros conteúdos de matriz esotérica (como estudos astrológicos ou uso de banhos, cristais, orações, entre outras ritualísticas). Observei também como as páginas seguiam em conjunto à outras práticas comerciais, se alinhando em campanhas de certas empresas e promovendo roupas, cosméticos, terapias alternativas e outras artes que tinham no tarô uma parte do conteúdo de divulgação. Não existia uma preocupação maior por grande parte deles em apresentar dilemas teóricos entre as interpretações acerca do tarô ou proposição de cursos prolongados. Apesar destes perfis serem dinâmicos em suas postagens, não foi possível notar uma relação tão comunitária quanto àquela observada nas páginas menores. As páginas dos tarólogos de menor projeção costumam fazer referências entre si, impulsionando coletivamente suas produções diárias. Em caso de alguma controvérsia sobre a prática ou estudo do tarô, certas páginas de menor engajamento se uniam tratando do mesmo assunto, fazendo com que o assunto alcançasse os perfis de maior projeção.

Houve um momento em questão que será interessante retomar para exemplificar este tipo de atividade coletiva observada. Durante 2020, constatei perfis se debruçando sobre a “história do tarô”, alegando que “certos influencers populares, com milhares de seguidores” estavam “propagando ideias falsas” sobre os significados e a verdadeira origem dos baralhos. Na época, estavam se referindo à hipótese disseminada em alguns círculos do baralho ter surgido a partir de grupos secretos egípcios e tendo sido deslocado para a Europa com o auxílio dos ciganos. A mobilização foi tão intensa que observei dezenas de perfis menores se pronunciando de forma enfurecida, alegando que tais posturas justificavam os preconceitos e receios das pessoas frente aos praticantes e estudiosos do tarô⁴⁴. Curiosamente, não havia conseguido entender ao certo de que lugar havia partido a suposta “teoria falaciosa”. Frente a isso, observei um certo consenso entre usuários

⁴⁴ Uma das dificuldades se tratando da rede social Instagram é que boa parte destes posicionamentos foram vídeos temporários dos próprios cartomantes dialogando sobre fatos e equívocos históricos. Estas postagens ficam disponibilizadas apenas por vinte e quatro (24) horas.

da rede social de que existiam “fatos históricos incontestáveis” quanto ao baralho de tarô ter sido originário da cultura europeia renascentista. Conjuntamente, proliferaram discursos favoráveis às ciências humanas, questionando o profissionalismo de tarólogos que não estudassem ou confiassem apenas na “intuição”. A intensificação desse processo trouxe aos mesmos fóruns e redes sociais uma série de fotografias das “mesas de estudos” ou estantes dos profissionais do tarô. Em várias imagens que retratavam livros e anotações em folhas de papel foi possível atestar frases como: “para quem diz que é só intuição”.

Naquela época, uma cartomante afirmou privadamente que estava se sentindo “linchada” por dezenas de tarólogos por conta de uma imprecisão histórica feita em uma postagem quanto à uma carta de tarô. Os ataques, contudo, raramente eram diretos. Eram costumeiramente postos com comentários que possibilitassem ao entorno da rede entender de quem havia partido o “erro”. Em contrapartida, acusados de estarem “perseguido” estudantes e profissionais do tarô, parte destes mesmos acusadores se defenderam alegando que estavam apenas “desmitificando” o baralho e preservando a autoridade das ciências sobre o que concerne às origens e atribuições. Naquela época, cheguei a fazer parte de um grupo privado de profissionais do tarô e astrólogos no qual eram compartilhados textos e vídeos de supostos “charlatões” da área. Costumeiramente, perfis com alto número de seguidores que não conduziam reflexões históricas ou filosóficas maiores sobre a atividade oracular, mas produziam conteúdos mais lúdicos, humorísticos e comerciais. Foram acusados, especialmente no âmbito mais privado, de “superficiais” por quem advogava um maior academicismo e pureza frente às práticas oraculares e tidos como fortalecedores da deslegitimação das carreiras de cartomante e astrólogo. Cabe elencar que parte expressiva deste grupo era composto por páginas de baixo ou médio alcance, muito distantes do apelo comercial e midiático das maiores. Contudo, unificavam os ataques quando necessário, amplificando a mensagem até atingir os perfis de maior alcance, agregando inclusive usuários que se alinhavam a este tipo de conteúdo.

As interações virtuais em grande medida reproduziam parte expressiva das situações observadas previamente, com a inclusão de mobilizar indivíduos em uma escala e velocidade ainda maiores. A intensificação das disputas colocava em maior projeção uma disputa presente em livros, cursos e eventos como a Oracular: a demanda por parte dos tarólogos em “desmitificar” os baralhos de tarô de suas

origens egípcias ou preceitos esotéricos para estudo e prática. Mas entre abordagens tão díspares, sempre será possível encontrar quem não se alinhe em nenhum destes campos, preferindo uma abordagem que tome mais a interpretação do consulente do que a de si própria. Foi nesse período de embates que encontrei a proposta de Mariana, em muito distante das violências obtusas observadas nas redes até então.

2.9 REANIMANDO AS CARTAS DO TARÔ PELA INTUIÇÃO

Foi no período de pandemia em 2020 que conheci Mariana, taróloga e astróloga popular das redes sociais, que se aproximou dos meus estudos em cartomancia por conta de uma série de textos publicados no meu perfil pessoal. Mariana coordena um perfil relevante para o estudo comparado aos profissionais do tarô (~21.000 seguidores)⁴⁵. Em seus conteúdos, diariamente escrevia e gravava vídeos em uma abordagem que mesclava uma astrologia mais “tradicional” com o uso de baralhos de tarô de forma mais despojada e intuitiva. Nos termos da própria profissional, considerava a astrologia uma área mais “rígida” em suas técnicas e estudos, enquanto o tarô seria uma prática que não precisaria de estudos tão aprofundados, bastando a leitura atenta das imagens. Durante a pesquisa, Mariana me ofertou uma vaga como observador em uma vivência denominada “Jornada da Maga”. Com meu aceite, fui introduzido de imediato em um grupo de WhatsApp no qual se encontravam as pessoas que participariam no processo. Os eventos ocorreram pelo Google Meet, às segundas-feiras com duração de duas horas.

No grupo de WhatsApp, dias antes do encontro, Mariana pediu para que cada pessoa escolhesse uma carta do tarô e que anunciássemos publicamente no primeiro dia. Notei que as imagens que ela divulgou para a escolha eram do Tarô Mitológico, o velho conhecido dos primeiros tempos de contato com os baralhos. No dia do primeiro encontro, Mariana se apresentou para logo em seguida pedir que cada pessoa se apresentasse e declarasse qual havia sido a carta escolhida. Esta seria denominada a carta “de onde estamos partindo”. Pelo menos metade das participantes (cerca de quinze naquele dia) não tinha conhecimento prévio sobre

⁴⁵ Durante o período da pesquisa, o domínio da página de Mariana se encontrava em: <https://www.instagram.com/maga.astrologica/>. Acesso em 11 de Julho de 2021.

baralhos de tarô. Houve relatos mais neutros que ancoravam a escolha de acordo com a arte colocada pela carta: “não sei se foi o desenho em si, mas essa foi a que mais me chamou a atenção mesmo” e “eu vi como uma carta muito harmônica”. Contudo, aconteceram também relatos puxados para situações pessoais. Uma das participantes escolheu a “Torre”, carta que era representada pelo deus grego Poseidon com seu tridente destruindo uma torre em um mar agitado com céu obscurecido. “Não queria ela, mas não tem outra que melhor se encaixe. Eu vejo as coisas desmoronando, as coisas que eu fazia antes. Já não tenho mais tesão.”. Um jovem que aparentava já ter conhecimento prévio, afirmou em relação à escolha do “Pendurado”, representado naquele baralho como Prometeu de ponta-cabeça sendo bicado por um pássaro em uma ilha deserta: “escolhi, mas não consegui desvincular do significado que já carrego. Depois que a gente sabe, fica difícil, não é? É o lance de estar aproveitando esse momento de pandemia, tentando me adaptar a isso, tentando ver as coisas de uma melhor forma, analisar e esperar, porque não tem o que fazer. Tentando ver por outro ângulo”. O grande diferencial do evento proposto por Mariana para tantas outras experiências com baralhos de tarô que observei foi justamente a centralidade que os discursos daqueles que estavam presentes tinham em relação à interpretação de cada carta.

No segundo encontro, cada participante foi chamado para escolher um número de um a vinte e dois. Mariana pegava a carta na sequência do baralho e apresentando-a questionava o que aquela imagem suscitava na pessoa. Esta seria a carta que falaria sobre “onde estamos”. A ideia da Jornada da Maga é que por três semanas, cada carta represente um processo da vida da pessoa (passado, presente, futuro). As respostas a partir do sorteio variavam da mesma forma como os discursos precedentes: foram ouvidas opiniões de quem julgava apenas pela imagem retratada, muitas vezes atribuindo significados distantes dos tradicionalmente atribuídos ou que foram colocados no próprio livro do tarô Mitológico. Por outra lado, interpretavam também aqueles que já tinham algum contato prévio com baralhos de tarô e por vezes jogavam frases que se relacionavam mais às cartas de outros baralhos (como os tradicionais Marselha e Smith-Waite) do que propriamente do utilizado por Mariana.

Dentre os momentos a serem destacados, houve uma senhora que ao ver a carta da “Imperatriz”, retratada naquele baralho como Deméter em um bonito campo de trigo, afirmou que via “alguém saindo da zona de conforto em busca de

autoconhecimento”. Interessante observar que no manual do Tarô Mitológico, essa é uma carta mais ligada à vivência da própria zona de conforto do que a um processo de peregrinação. Em todas as tiragens, Mariana valorizava o relato da consulente, mesmo quando destoantes das interpretações postas pelo próprio manual do baralho. Outra mulher, sorteou uma carta chamada “Enamorados”. Comumente, essa arte procura apontar um processo de decisões que levem em conta o lado afetivo. Assim que viu a imagem, questionou após uma breve reflexão: “por que a carta se chama Enamorados se ninguém está se olhando?”. De fato, na arte do Tarô Mitológico os olhares parecem um tanto perdidos e dispersos, muito por conta das linhas de expressão dos rostos das personagens. Não houve qualquer referência ao mito de Páris, simbolizado na lâmina pelas artistas, tão pouco as motivações tradicionais atreladas à carta. Mas sim uma reflexão da própria pessoa em relação ao fato das pessoas “não se olharem” em momentos de “enamorados”.

Nas semanas seguintes, os relatos se repetiram de forma similar. Novamente, houve sorteio de cartas pelas mãos de Mariana. A intenção era descobrir “para onde estávamos nos dirigindo” após os encontros. Observei ligeiras alterações nas interpretações daqueles que já tinham conhecimento prévio dos baralhos de tarô. Passaram a arriscar discursos mais voltados para as imagens em si do que em preceitos estabelecidos pelos manuais. Após cada sessão, eu e Mariana realizávamos extensa conversa sobre sua forma de usar o baralho de tarô e histórias das vivências anteriores. Me contou que: “certa vez tirei a carta da ‘Morte’ para a mesma pessoa duas semanas seguidas, imagine. Fiquei com medo de que ela viesse novamente. Por sorte, a carta que veio no último dia para ele foi a ‘Força’.”. A figura da Morte, assim como do Diabo, costuma provocar impressões temerosas por parte de quem teve pouco contato com os baralhos de tarô. São nessas situações que observei uma intervenção maior de Mariana para ajustar levemente a interpretação da pessoa de forma a evitar predições fatalistas ou a sensação de mau agouro. Contudo, nem sempre as intervenções eram suficientes, sendo observável a angústia de quem desejou ter tirado uma imagem mais “positivada”.

Posteriormente, em outra das experiências que acompanhei Mariana, uma das participantes de uma vivência teve como carta a “Justiça”, levando assim a um gatilho de relatar dramas pessoais intensos e um momento de escolhas críticas. Mariana procurou contornar a situação apresentando outras formas de visualizar o

momento, contudo, sem entregar uma via definitiva de solução para os dilemas pessoais da participante. Dias depois, Mariana me relatou que a mesma mulher havia enviado uma mensagem pedindo desculpas por ter “falado demais”. A cartomante relatou que disse a ela que “não precisa se desculpar, mas que a questão era muito séria para afirmar com todas as letras tendo apenas uma carta. (...). Para gente aquela única carta costuma servir. (...). Só não estava segura para afirmar tomar uma atitude x ou y em relação à um assunto tão sério”.

Interessante notar que em todas as experiências já referenciadas com os baralhos de tarô nesta pesquisa, as artes postas nas lâminas estiveram sujeitas à abdução predominantes de profissionais em atendimentos ou escritos teóricos. Observei como os estudos históricos, semióticos e a espiritualidade podem servir como mediadores auxiliares no processo de respostas às perguntas de consulentes ou aos processos de autoconhecimento. Contudo, a partir da experiência com Mariana, visualizei a possibilidade de levar a sério as interpretações dos leitores, mesmo quando amadores no estudo do tarô. Especialmente quando conectam as artes às próprias vivências pessoais. Mesmo a intuitividade imagética sugerida por Rodrigo, quando alinhava as cartas e buscava demonstrar como elas “conversavam” entre si, colocava a combinação como algo a ser descrito pelo profissional e não pelo consulente. Essa relativa “liberdade” posta por Mariana em seus eventos se aproximaria em muito de uma bibliografia que trata o tarô enquanto um “espelho da alma” dos indivíduos que o acessam, ponto a ser levantado no próximo capítulo.

2. 10 O BARALHO DE TARÔ NO CENTRO DAS CONTROVÉRSIAS

Seria um exercício homérico tratar de estabelecer limites bem definidos entre os diferentes praticantes e estudiosos dos baralhos de tarô. Ainda que a aproximação por certas tipologias se faça presente no corpo do texto, é preciso levar em consideração a instabilidade destes termos quando encaramos as nuances cotidianas das práticas. Vários dos profissionais assumidamente avessos aos “misticismos” quanto ao tarô são também praticantes de magia. Em conversas mais íntimas, notei como por parte dos profissionais a separação entre “prática e estudo do tarô” e “magia” se davam de maneira mais discursiva do que prática. Por outro lado, aqueles que estabeleciam uma maior potência do baralho no seu tratamento mais místico ou intuitivo, faziam cursos com os tarólogos “academicistas”, como uma

maneira de “aprimorar” a interpretação das cartas dos baralhos. Não deixo de observar também as situações nas quais fui atendido por tarólogos e observei que a narrativa empregada para a resposta das minhas perguntas se ancorava muito mais na arte do baralho utilizado do que em um cuidado semiótico quanto às tradições da representação imagética posta. Os múltiplos relatos apresentam apenas um fator em comum: a presença dos baralhos de tarô. Sejam eles os mais clássicos (Marselha, Smith-Waite), sejam os mais contemporâneos (como o Tarô Mitológico, os “baralhos transculturais”, os baralhos de gatos e os de apelo à imagética da cultura popular). Como os baralhos de tarô, tomados enquanto ícones materiais, conseguem mobilizar abduções de tantos sujeitos de maneira tão ampla e controversa? Dessa forma, retornando à questão que abre o trabalho, qualquer resposta que procurasse estabelecer “o que é o tarô?” estava fadada à contraposição de outras argumentações possíveis. Não existe um consenso estabelecido sobre os baralhos de tarô, o que não impede destes objetos se fazerem presentes em feiras místicas, abordagens terapêuticas, exposições de arte e estudos científicos.

Uma das formas encontradas para compreender melhor a trajetória do baralho de tarô foi resgatar parte da bibliografia tida como relevante pelos interlocutores citados neste trabalho. Livros e manuais referenciados em grupos de conversação virtual em redes sociais e obras citadas em artigos de páginas renomadas foram também retomadas com a finalidade de buscar em suas narrativas os pontos de toque com os eventos que havia observado na minha trajetória. No próximo capítulo, apresento como ocorreu esta análise literária e como fui levado a voltar cada vez mais os olhos no objeto que gravitava em todas as tensões e concordâncias postas: os próprios baralhos de tarô.

3 (DES)CONSTRUÇÕES NARRATIVAS SOBRE O TARÔ

Imagine a seguinte situação: após um ligeiro interesse pelo tarô, uma jovem decide comprar um baralho junto com algum manual. Seleciona ambos cuidadosamente em alguma livraria ou loja de artigos esotéricos a partir da recomendação de colegas ou pelas próprias listagens das lojas. Observa o teor comum e, por vezes, pretensioso dos títulos das obras: “Tarô Instantâneo”, “Tarot for Dummies”, “Tarô Simples” e “Guia Definitivo do Tarô”. Quanto ao baralho, observa denominações curiosas como “Tarô Clássico”, “Tarô Egípcio”, “Tarô do Osho”, Tarô

das Domésticas” e “Tarô dos Gatos”. Naquele momento prefere um manual mais em conta e um dos baralhos ditos “tradicionais”. As compras chegam até a sua residência e em uma leitura dinâmica dos materiais que recebeu nota o primeiro conflito: o livro não trata propriamente do baralho que adquiriu, mas de outro. Ainda que no momento da compra tenha verificado que a capa continha cartas de diferentes baralhos de tarô, ela observa que as imagens internas do manual e do baralho adquirido não coincidem. Para complicar o seu aprendizado, as recomendações de uso do baralho são cercadas por tabus no manual adquirido. Logo ela, uma jovem sem contato algum com a espiritualidade. Uma das prescrições do manual chama sua atenção: as cartas devem ser depositadas em um lenço fino sem estampas em uma caixa de madeira. Oras, deveria também ter adquirido a caixa na mesma loja! Estranhamente ela nota que o pequeno livreto que acompanha o baralho adquirido não apresenta qualquer menção à esta mesma regra. Para amplificar as dificuldades, o manual atribui aos baralhos de tarô uma origem difusa envolvendo egípcios, ciganos e a civilização perdida de Atlântida. Em contrapartida, o livreto que acompanha o baralho diz que não há evidência conclusivas sobre o aparecimento das cartas, além de apontar uma série de obras históricas para o estudo correto do tarô. Sendo assim, com tantas discordâncias entre dois materiais, como fazer uso do objeto recém adquirido? Buscar novos discursos nas redes sociais que façam defesa de um dos lados? Questionar colegas que fazem uso? Mobilizar intuitivamente as cartas sem maiores preocupações com o estudo das origens e prescrições postas?

O exemplo acima não é puramente hipotético. Aconteceu em grande medida comigo e também com outros interlocutores. Estranhei inicialmente que os manuais que adquiria abordavam artes de baralhos de tarô que por vezes não se correspondiam aos meus. Além disso, os livretos que acompanham os baralhos comumente são pequenos e genéricos, tendo em vista a necessidade de um número mínimo de folhas que possam ser colocadas dentro das caixas de baralhos. O estudante autodidata em baralhos de tarô deverá ter algum tipo de auxílio que venha direcionar suas aquisições ou leituras. Caso contrário, estará exposto a uma miríade de discursos que não parecem dialogar entre si, especialmente no que tange à história e à interpretação de cada uma das lâminas dos baralhos.

Tendo isso em vista, as controvérsias que cercam os baralhos de tarô não se resumem aos circuitos de indivíduos que disputam entre si os termos ideais para

o tratamento daquele objeto. Coexiste também uma rede interligada de outros objetos que disseminam discursos díspares sobre a origem, o uso e a interpretação de suas lâminas. Como apontado no capítulo anterior, observei durante o período da pesquisa um vasto debate sobre discursos que procuram fundamentar certas práticas com os baralhos de tarô (como o oraculismo, o autoconhecimento e o saber esotérico). Contudo, ainda que certos grupos colocassem o estudo como uma necessidade frente à prática, houve muito dissenso sobre quais obras seriam mais importantes para os recém ingressos no tarô. Em fóruns do Facebook, postagens no Instagram, vídeos no YouTube, tarólogos se colocam na defesa de suas obras favoritas e na crítica àquelas que poderiam confundir os estudantes. Neste interim, novas obras vão sendo lançadas de forma a suscitar êxtase ou frustração a depender do tarólogo.

Esta série de eventos e reflexões me levaram a exercitar um olhar prolongado sobre as obras que tratam acerca do tarô. No presente trabalho, a análise bibliográfica alcançou 84 produções, divididas em livros, artigos científicos, dissertações e teses. Os livros foram escolhidos a partir da menção repetitiva de estudantes e profissionais do tarô, do encontro destas obras entre as mais vendidas das livrarias nacionais e internacionais durante o período da pesquisa⁴⁶ e das que tiveram um número expressivo de reimpressões. Também busquei dentro dos manuais mais populares a quais obras se referiam, ainda que neste tipo de material, nem sempre o apuro em relação à bibliografia seja observado. Em grande maioria, os livros escolhidos se identificam enquanto “manuais de tarô” ou obras de cunho histórico sobre o tema. Os trabalhos científicos foram selecionados por mecanismos de buscas online e recomendações⁴⁷, apesar das pouquíssimas menções diretas em páginas ou discursos dos profissionais do tarô.

Cabe atestar novamente que o tarô não é uma prática que observei um discurso que impere a necessidade de “letramento” para a sua prática, me

⁴⁶ Foram escolhidas as livrarias “Amazon” (nacional/internacional), “Livrarias Curitiba”, “Saraiva” e “Book Depository”. Todas amplamente citadas em grupos de oraculistas como recomendáveis para aquisição de livros sobre cartomancias. Disponível em: <https://www.amazon.com.br>, <https://www.saraiva.com.br>, <https://www.livrariascuritiba.com.br>, <https://www.bookdepository.com>. Acesso em 24 de Novembro de 2020.

⁴⁷ Ainda que as bibliotecas digitais das universidades tenham sido utilizadas na busca de artigos e teses referentes ao tarô, preferiu-se utilizar os mecanismos de busca “SciELO” e “Google Acadêmico” por conta da maior amplitude de resultados, inclusive de pesquisas realizadas em outros países. Disponível em: <https://scielo.org>, <https://scholar.google.com.br>. Acesso em 24 de Novembro de 2020.

apropriando de um termo mobilizado na pesquisa de Bernardo Lewgoy (2000) que realizou pesquisa com pontos de toque com a proposta apresentada neste capítulo. Ainda assim, similarmente aos espíritas kardecistas, existe uma tendência por parte de professores e profissionais de tarô defensores de sua “desmistificação” de suscitar bibliografias para que o uso do tarô seja mais “acadêmico” e menos intuitivo. Por parte desses indivíduos, existem literaturas que se apresentam enquanto superiores diante das demais, por estabelecerem um vocabulário que é mais condizente à prática profissional com baralhos de tarô. Partindo deste ponto, o trabalho se voltará em diversos momentos para as trajetórias suscitadas no capítulo precedente com objetivo de estabelecer vínculos com o caráter “performativo” que a literatura pode agitar em seus leitores. Qualidade também inspirada pela leitura da pesquisa de Lewgoy.

Quanto aos procedimentos de análise, as obras foram lidas e grifadas em trechos que viessem a ser operacionalizados para as indagações da presente pesquisa, especialmente no que tange à origem, uso, função e interpretação de um baralho de tarô. Os trechos selecionados foram dispostos em arquivo no formato “.xls” (planilhas digitais) de forma a facilitar o estudo hermético e construção de possíveis categorias mais abrangentes em relação ao corpo de obras analisado. Para além disso, considere também a forma como estes materiais constroem uma narrativa na conjugação de seus capítulos, título da obra e imagens apresentadas na capa e nas demais páginas.

Foi possível constatar a recorrência de certos discursos que vieram a ser separados em três eixos de narrativas frente aos baralhos de tarô: ocultista, arquetípica e histórica. Ainda que sejam categorias instáveis que se tocam em diversos momentos, os argumentos centrais acabam por ser dirigir fortemente em pelo menos uma das três direções. Para além disso, procurei tratar não só das obras que versam sobre um baralho de tarô específico (comumente na forma de um manual mais extenso que os livretos internos das caixas), como também das que analisam de forma abrangente diferentes baralhos para a construção de suas conclusões teóricas sobre o tarô.

Os trabalhos acadêmicos sobre tarô estarão dispostos ao final da discussão, como uma forma de apontar a possível reverberação dos discursos dos manuais na própria condução das pesquisas, inclusive com citações dos manuais mencionados previamente. As conclusões do presente capítulo servirão de ponte para interligar os

discursos difusos do primeiro momento e a análise pormenorizada de três baralhos de tarô no próximo passo.

3.1 “A CHAVE DOS MISTÉRIOS”: TARÔ E OCULTISMO

Duas constantes são perceptíveis no tratamento das obras que versam sobre o tarô: a primeira é que não há evidências conclusivas sobre a sua origem. Não é possível estabelecer uma rede bem delimitada historicamente dos processos de produção e divulgação dos baralhos de tarô mais antigos já encontrados. Mesmo que seja possível rastrear uma série de proibições de jogos de baralhos, sem saber ao certo de que baralhos e jogos se tratavam, não é conclusivo afirmar que exista na historiografia um relato de origem tido como consensual. Para além dos breves relatos que remontam aos períodos próximos ao Renascimento, os baralhos preservados tidos como mais antigos, os *tarocchi* Visconti-Sforza, não se encontram completos. Diante disso, as produções sobre o tema apresentam uma série de pontos nebulosos nos quais os pesquisadores postulam teorias mais ancoradas em pressuposições a partir da imagética das lâminas do que propriamente em evidências materiais consolidadas. Assim, não surpreende que ao estar ligeiramente em “aberto”, a história do baralho de tarô permite que múltiplas formas de narrativas possam ser atribuídas às suas imagens mais antigas.

A segunda constante nas obras diz respeito à enunciação, favorável ou crítica, sobre as teorias acerca do tarô que atestam uma origem ligada ao misticismo egípcio. Neste conjunto de hipóteses, o baralho de tarô seria uma forma de materializar a transmissão dos segredos sobre o funcionamento do mundo, práticas de magia e outros conhecimentos inacessíveis ao público geral. Em outras palavras, o baralho de tarô enquanto artigo “esotérico”⁴⁸. Por este ponto de vista, o tarô

⁴⁸ O termo costuma estar associado a um conjunto de conhecimentos que não devem ser divulgados publicamente (“mistérios”, “segredos”). Sendo assim, ficam restritos a certos círculos de saberes que estabelecem regras quanto ao momento para o acesso destes mistérios, conjugados a ritos de passagem e de obediência à uma estrutura hierárquica por “graus”. A Editora Polar, conhecida pela divulgação de livros esotéricos, apresenta uma breve pesquisa sobre as origens do termo em: <https://www.polareditorial.com.br/esoterismo-qual-o-real-significado-desse-termo/>. Acesso em 19 de Maio de 2021.

costumeiramente é correspondente ao “Livro de Thoth”⁴⁹, divindade egípcia ligada aos conhecimentos universais, nas quais as leis herméticas⁵⁰ seriam reproduzidas por imagens. Historicamente, postulam que os baralhos foram trazidos em território europeu pelos ciganos ao fugirem de perseguições e mantendo os segredos à salvos nas imagens do tarô. O uso do baralho enquanto jogo de azar e adivinhação seria apenas uma “distração” para os seus reais propósitos. Os escritores de obras sobre o tarô se dividem entre aqueles que narram esta proposta interpretativa para em seguida refutarem rigorosamente e aqueles que pretendem demonstrar que a origem esotérica não estaria distante de validação. Para contextualizar melhor a hipótese enunciada e sua importância na produção de materiais, é preciso compreender quais foram as principais vozes que fizeram defesa desta abordagem.

Conta-se que o escritor ocultista Antoine Court de Gébelin (1719-1784) estava visitando uma condessa quando observou um grupo de indivíduos jogando cartas. A brincadeira lúdica atraiu seu olhar por alguns minutos, quando observou que uma das cartas de trunfo usadas⁵¹, nomeada “O Mundo”, poderia ser uma forma alegórica de retratar os segredos do Antigo Egito. Solicitando observar as cartas, se deteve mais atentamente às demais artes e observou que poderiam se tratar de hieroglifos ligados à uma doutrina esotérica de matriz grega-egípcia denominada “hermetismo”⁵². Parte de suas conclusões foram expostas no oitavo volume de sua grande obra “Le Monde Primitif Analyse et Compare Avec Le Monde Moderne” (1773-1782). O pesquisador sobre a história do tarô, Robert Place, narra o caso da seguinte forma:

⁴⁹ Acredita-se que os egípcios tinham no deus Thoth, representado como um homem com cabeça de pássaro, o criador da escrita e revelador dos mistérios espirituais. Para mais informações sobre o histórico do conceito de “Livro de Thoth” consultar PLACE, pp. 59-63, 2015.

⁵⁰ O termo “hermetismo” vem em muito associado ao estudo de uma série de diálogos que procuram estabelecer as leis que regulam o universo provindas do deus greco-egípcio Hermes Trismegisto (“três vezes grande”) como: a lei do mentalismo (“o todo é mente, o Universo é mental”). Durante a pesquisa, as obras “Caibalion” e “Corpus Hermeticum” foram as mais suscitadas conjuntas ao tema “hermetismo”.

⁵¹ O baralho para o jogo relatado por Court de Gébelin provavelmente era composto por uma união das “cartas de jogo” (numeradas e com figuras de corte divididas em quatro naipes) com as de “trunfo” (imagens de maior valor representando cenas e figuras mais complexas do que as retratadas nas demais cartas).

⁵² Parte expressiva dos conhecimentos atribuídos ao “hermetismo” são de origem grega, sendo formado por um híbrido de conceitos do platonismo e reflexões do estoicismo e do neopitagorismo. A importância do hermetismo no contexto da Renascença europeia ocorre por conta da crença de que havia uma “religião primordial” antes das segmentações existentes daquela época e que provavelmente suas leis e ritos se encontravam nos ritos e mitológicas egípcias (HANEGRRAFF, 1996, pp. 396-397; DECKER e DUMMET, pp. 18-19, 2013).

Court de G  belin defendia que o tarô tinha origem egípcia. Disse ter topado com esse fato por acaso, enquanto visitava uma condessa an  nima. Na ocasião, ele encontrou a condessa e os amigos jogando uma partida com cartas do tarô de Marselha. Na época, o tarô não era usado em Paris, e, embora Court de G  belin o conhecesse de sua nativa Suíça, o baralho teria sido novidade para as mulheres presentes. Quando a condessa mostrou a carta do Mundo, Court de G  belin de imediato reconheceu a alegoria e passou a explicar o significado de cada um dos trunfos para ela e seus convidados, declarando que o tarô    'um livro egípcio salvo da barbárie, das destrui  es do tempo, das conflagra  es acidentais e propositais e daquilo que    ainda mais desastroso, a ignorância' (PLACE, 2016, p. 85).

Naquele período, a obra de Court de G  belin também era acompanhada de um artigo de outro autor ocultista chamado Comte de Mellet. De acordo com este, seria possível corresponder os vinte e dois trunfos de um baralho de tarô com as vinte e duas letras do alfabeto hebraico e aos processos formativos do mundo estabelecidos pelo "Corpus Hermeticum" (PLACE, 2005, pp. 52-54; FARLEY, 2009, p. 106). Já era recorrente no estudo cabalístico do período, o exercício de corresponder as letras hebraicas às plantas, signos astrológicos, cores, ervas e processos alqu  micos⁵³ (DECKER e DUMMETT, 2013, p. 106). A lei prevalente destes registros    a de que os diferentes saberes mundanos, especialmente os de cunho místico-esotérico, apresentariam pontos de toque, sendo a cabala e o tarô formas de organizar estruturalmente em uma língua uníssona. Havia a demanda de fomentar uma espécie de "glossário universal" acerca da interliga  o entre os elementos da natureza. Dominar estas correspondências, conjugadas    enuncia  o de palavras consideradas sagradas (como os nomes de Deus), seria também ter a potência de realizar interven  es mágicas sobre o mundo, produzindo altera  es nas destina  es humanas (DECKER e DUMMETT, 2013, p. 20, 2013). Assim, em Court de G  belin e Comte de Mellet teríamos os primeiros autores a produzirem obras que trazem o baralho de tarô enquanto resultante de uma sequência de

⁵³ O uso recorrente de "correspondências" entre as imagens do tarô e outros campos do saber se devem    influência exercida pelas correntes herméticas. Existiria uma correla  o entre todos os elementos da natureza por base na lei da correspondência ("o que está em cima    como o que está embaixo"). Por meio das correspondências postas, seria possível estabelecer grandes tabelas conectando os elementos que fossem considerassem adequado para estudo e proposi  o de rituais, magias e amuletos (HANEGR  FF, 1996, p. 427).

processos de aprendizagem hermética, cujas imagens seriam compreendidas em profundidade apenas pelo exercício de correspondências com as letras hebraicas.

Acrescento que, em suas obras, os autores procuraram enaltecer a importância do estudo da parte do baralho do tarô que se denominada “trunfos” ou, atualmente, “Arcanos Maiores”. Para ambos autores, os segredos estariam dispostos apenas nas 22 cartas deste conjunto, enquanto as demais 56 cartas, compostas do baralho comumente utilizado em jogos, não teriam uma função relevante dentro da estrutura esotérica posta. Para além disso, Court de Gébelin sugere alterações nas imagens dos “trunfos” em voga naquele período, delineando um tipo de prática que viria se firmar ao longo de toda literatura deste eixo.

A tese destes autores alteraria os rumos da compreensão dos baralhos de tarô, até então vistos como meros artigos de jogos populares. Seria possível questionar as possíveis causas desta intensa repercussão dos autores e de seus escritos naquele período. Um dos possíveis motivos se liga à presença de Court de Gébelin e Comte de Mellet em círculos influentes de intelectuais e maçons franceses daquela época. Jim Revak apresenta enquanto hipótese:

Occultists, including some members of masonic lodges and similar organizations, may have been exploring and discussing the history and esoteric content of Tarot prior to Monde primitif, and, of course Court de Gébelin was an enthusiastic member of such organizations. Additionally, Monde primitif embraced concepts which did harmonize with known masonic interests. For example, similar to the aforementioned masonic almanacs, it included discussion on the calendar from, in part, a mythological perspective. Like some masonic lodges, it delved into purported ancient wisdom traditions, including the Egyptian⁵⁴.

Considera-se relevante também a crescente “egiptomania” durante o período pós-napoleônico (FARLEY, 2011), influente nas conjugações de saberes postas pelas ordens esotéricas europeias e em parte dos círculos intelectuais do período. Referencio o já citado “Corpus Hermeticum” como obra que despontou durante o Renascimento enquanto grande influência das ordens ocultistas franceses do

⁵⁴ O site de Jim Revak é citado em outros fóruns nacionais e internacionais enquanto referência para hipóteses e estudo da história do tarô. Não tendo a possibilidade de acessar suas obras completas, o trecho referido se encontra em sua página pessoal. Disponível em: http://www.villarevak.org/bio/gebelin_2.html. Acesso em 19 de Maio de 2021.

período em que Court de Gèbelin escreve, como os próprios maçons (FARLEY, 2011, p. 176). Independente das motivações de seu alcance, todas as obras analisadas nesta pesquisa narram esta espécie de “mito de origem” conduzida por Court de Gèbelin quanto à orientação esotérica comumente associada aos baralhos de tarô, mesmo quando a história do baralho não é central na condução do manual.

Anos depois das teorias postas por Court de Gèbelin, sua epifania e produção viriam influenciar o ocultista francês Jean-Baptiste Alliette (1738 – 1791), conhecido na época como “Etteilla”. O autor reconheceria também o baralho de tarô enquanto correspondente ao “Livro de Thoth”, originalmente composto por uma série de hieróglifos originários que tiveram que ser reformulados para preservação dos mistérios esotéricos antigos diante das perseguições religiosas perpetuadas pela Igreja Católica. Etteilla também teria sido um dos primeiros autores a fazer uso do termo “cartomancia”, unindo o prefixo relativo ao uso de baralho (“-carto”) e o sufixo das práticas oraculares (“-mancia”). Ainda que tenham documentos que atestem a presença do uso de baralhos para responder questões e dissertar sobre o futuro nas classes populares, foi a partir de Etteilla que se popularizou uma proposta de organizar e fundamentar este tipo de prática preditiva a partir dos baralhos de tarô. O autor proporia mudanças na estrutura imagética dos baralhos de tarô para que se aproximassem ainda mais dos princípios herméticos e cabalísticos sugeridos por Court de Gèbelin e Comte de Mellet. Os baralhos resultantes, denominadas “Livro de Thoth” e “Grand Etteilla”⁵⁵, foram comercializados na Europa junto a escritos do autor que aconselhavam o modo de uso e as vias de interpretação para cada uma das cartas, ainda que nas próprias imagens contivesse termos que facilitassem o uso oracular, como será visualizado no capítulo seguinte.

⁵⁵ As artes desses baralhos serão ligeiramente visualizadas e analisadas no próximo capítulo. Cabe elencar o seguinte trecho descrito por Place para compreender as atribuições realizadas pelo ocultista à estrutura do baralho de tarô: “The Grand Etteilla is the first Tarot deck made primarily for divination and to embody the views of a modern occultist. We might say that it is the first modern Tarot. In keeping with the Egyptian theme, Etteilla intended the trumps in his deck to appear to be Egyptian designs. To the modern viewer, however, the images are obviously depicting an eighteenth-century romantic view of Egypt. The temples and obelisks are neoclassical and the figures are dressed in a style that owes more to European history. *Etteilla believed that the trumps illustrated the Hermetic texts, particularly the Poimandres. To improve the correlation, he rearranged the trumps to fit the Poimandres as far as it went and then he made use of other Hermetic texts to fit the rest of the trumps.* He also transformed the four temporal rulers, Papesse, Empress, Emperor, and Pope, into abstract aspects of the creation and moved the Fool to the end of the deck. On the first twelve trumps, he introduced the innovation of equating them with the signs of the zodiac by including astrological symbols for the signs on the cards, placed in astrological order, one to each card” (PLACE, p. 72, 2005, grifo meu).

Apesar de ter sido relevante a formulação e a comercialização de um baralho esotérico para uso divinatório por parte Etteilla, foi com o francês Alphonse Louis Constant (1810 – 1875), conhecido como Éliphas Lévi, que o estudo do tarô a partir de uma interpretação esotérica chegou no seu ponto mais alto, influenciando os ocultistas seguintes. Em suas principais produções (LÉVI, 2017, 2018), é possível observar a forma como o baralho de tarô é elevado enquanto objeto que não só transmite desde os tempos antigos as leis de funcionamento do mundo como também se relaciona ao estudo para formulação e prática de magias cerimoniais. O enfoque do autor é versar sobre o ocultismo em si, levando em conta a importância do tarô dentro do conjunto das atribuições postas. Ao contrário dos autores atuais, não existe a proposta de um manual para uso do tarô em práticas oraculares. Para Éliphas Lévi, o caminho posto pelas cartas do tarô concede a um iniciado nos mistérios da alta magia a possibilidade de progressivamente entrar em contato com outros planos de interferência espiritual e material (DECKER e DUMMETT, p. 50, 2013). Em sua obra, a filosofia oculta⁵⁶ não se distancia das ciências ou da religião, sendo um caminho no qual fé e razão se encontrariam unidas com vias de intervir no mundo, como sugere no seguinte trecho:

A esta ciência (filosofia oculta), dizia a multidão, nada é impossível; ela manda nos elementos, sabe a linguagem dos astros e dirige a marcha das estrelas; a lua, à sua voz, cai ensanguentada do céu; os mortos se endireitam no seu túmulo e articulam com palavras fatais o sopro do vento noturno que sibila nos seus crânios. Senhora do amor ou do ódio, a ciência pode dar à vontade, aos corações humanos, o paraíso ou o inferno; ela dispõe à vontade de todas as forças e distribui a seu bel-prazer ou a fealdade; ela muda, com a varinha de Circe, os homens em brutos e os animais em homens; ela dispõe até da vida ou da morte, e pode conferir aos seus adeptos a riqueza pela quintessência e seu elixir composto de ouro e luz (LÉVI, 2017, pp. 43-44).

⁵⁶ De acordo com Wouter Hanegraaff (1996), Éliphas-Lévi foi o primeiro escritor a cunhar o termo “ocultismo”. Na compreensão do historiador, a filosofia oculta seria uma derivação do amplo campo do “esoterismo”, surgindo como uma forma de contraponto aos discursos modernos que agregavam os saberes místicos ao obscurantismo e à ausência da racionalidade. Apesar da busca pela preservação das tradições esotéricas, coexiste a defesa de que a ciência ainda viria explicar os fenômenos mágicos e sobrenaturais. Nas palavras do autor: “Occultism, in contrast, came into existence when the esoteric cosmology (based on universal correspondences) increasingly came to be understood in term of the new scientific cosmologies (based on instrumental causality). As a result, the internally consistent worldview of traditional esotericism gave way to an unstable mixture of logically incompatible elements” (HANEGRRAFF, 1996, p. 407)

Os segredos das filosofias ocultas se encontrariam condensadas na chamada “obra de Hermes”, com a qual Éliphas Lévi costumava nomear o tarô, em correspondência a outros saberes esotéricos que seriam capazes de codificar as leis de regulação universal, como o misticismo hebraico e as obras alquímicas (LÉVI, 2017, pp. 52-54). O autor, inclusive, faz referência à descoberta primária de Court de Gébelin por este ter visto na carta de tarô “O Mundo” os “hieróglifos da vigésima primeira folha” da obra de Hermes e a “chave das coisas ocultas desde a origem do mundo” (LÉVI, 2018, pp. 212-214). A correspondência entre tarô e cabala, ao ponto de serem codependentes, compõe o principal argumento do autor. Quanto à importância da cabala, o autor afirma:

Todas as religiões verdadeiramente dogmáticas saíram da Cabala e voltam a ela; tudo o que há de científico e grandioso nos sonhos religiosos de todos os iluminados, Jacob Boehme, Emanuel Swedenborg, Louis Claude de Saint-Martin, etc., é tirado da Cabala; todas as associações maçônicas lhe devem os seus segredos e seus símbolos. Só a Cabala consagra a aliança da razão universal e do Verbo divino; ela estabelece, pelo contrapeso das duas forças em aparência opostas, a balança eterna do ser; só ela concilia a razão com a fé, o poder com a liberdade, a ciência com o mistério: ela tem a chave do presente, do passado e do futuro! (LÉVI, 2017, p. 55).

Apesar das aproximações com Comte de Mellet no que tange às correlações entre tarô e letras hebraicas, Éliphas Lévi corresponderia os “trunfos” do baralho de tarô de forma distinta. O ocultista francês usaria como “base” para as correspondências, os preceitos estabelecidos na obra de cabala judaica “Sefer Yetzirá” (O Livro da Criação)⁵⁷, tida como texto base para a iniciação nestes mistérios (LÉVI, 2017, p. 55). Ainda que Comte de Mellet tenha associado a primeira letra hebraica (“Aleph”) à última carta dos “trunfos” (“O Mundo”), Éliphas Lévi trouxe

⁵⁷ Texto que expõe que o deus judeu teria criado o mundo a partir das vinte e duas letras hebraicas e das sefirot (emanações divinas). Cada letra hebraica teria uma forma, uma numeração (“gematria”) e um fonema agregados, assim como correspondências com planetas, partes do corpo humano, aromas e cores (PLACE, pp. 81-86, 2005). Nas palavras de Decker e Dummett: “The Sepher Yetzirah (Book of Formation [or Creation]) briefly expresses several themes that became standard among mystical rabbis. The text claims to have been revealed to the Patriarch Abraham, while tradition attributes it to Rabbi Akiba, a visionary of the II century AD. The text actually emerged in Palestine or Mesopotamia some time between AD 100 and 600. and may have accumulated by stages. The Sepher Yetzirah cryptically discusses ‘the 32 secret paths of wisdom’. These are the ten basic numerals plus the 22 letters of the Hebrew alphabet. Hebrew was revered as the language that the Bible represents as spoken by the Creator” (DECKER; DUMMETT, 2013, p. 21).

a primeira carta (“O Mago/Recipiendário”) conjunta à primeira letra hebraica (“Aleph”), invertendo a ordem das correspondências. Para Éliphas Lévi, a narrativa dos “trunfos” são os caminhos pelos quais atravessa o “Recipiendário/Mago”. Adiciona-se o fato da figura humana desta primeira carta formar com seu corpo e postura o desenho da primeira letra hebraica (LÉVI, 2017, p. 62). A ideia de uma “jornada” posta pelo baralho de tarô será um ponto de toque entre as perspectivas ocultistas, a partir da noção de uma jornada do iniciado nos mistérios, e a seguinte, conduzida por um viés mais próximo da psicologia analítica e da concepção de “Jornada do Louco”, pensado enquanto um arquétipo de autoconhecimento. Para além disso, cabe notar que as diferenças das correspondências entre “cartas” e “letras hebraicas” de Comte de Mellet e Éliphas Lévi serão alvas de inúmeras críticas pelos autores posteriores ao refletirem sobre uma notável “instabilidade” na interpretação das cartas quando conjugadas ao estudo da cabala.

Algumas décadas após Éliphas Lévi publicar “Dogma e Ritual de Alta Magia” (LÉVI, 2017), Gérard Anacleto Vincent Encauss (1865 – 1916), conhecido como “Papus”, médico e ocultista, viria fundar uma ordem que agregava iniciados nos mistérios da cabala, da alquimia e do tarô, compreendido já enquanto enciclopédia esotérica provinda dos egípcios, denominada “Ordem Cabalística da Rosacruz”. Este grupo também teria como membros fundadores, Oswald Wirth (1860 – 1943) e Joséphin Peladan (1858 – 1918), nomes que viriam ser influentes no estudo e prática do baralho enquanto instrumento mágico e oracular. As influências de Éliphas Lévi se encontram em imagens e preceitos postos por Papus e Wirth, especialmente o primeiro na obra “O Tarô dos Boêmios” (PAPUS, 2003). Logo em sua introdução, Papus realiza uma crítica frente aos limites da ciência quando esta freia a unificação de saberes que costumava propor os “cientistas antigos”, aqui compreendidos como os egípcios e indianos. A “soma dos conhecimentos adquiridos” defendida por Papus estava expressa na transmissão de saberes postos pelas ordens de mistérios, como afirma no seguinte trecho, ressoando pontos de toque com o ocultismo de Éliphas-Lévi:

Estamos na véspera de uma transformação total em nossos métodos científicos. O materialismo deu tudo o que se podia esperar dele, e os pesquisadores, desiludidos em sua maioria, esperam muito do futuro, sem desejar deter-se por mais tempo nos erros do presente. Em todos os ramos

de nossos conhecimentos, a análise atingiu seus limites máximos e só fez aumentar o abismo que separa as ciências. (...). Na Antiguidade, a ciência só era transmitida a pessoas que haviam passado por uma série de provas. Tal transmissão fazia-se nos templos, sob o nome de *mistérios*, e o sábio tomava o título de *sacerdote* ou *iniciado*. A ciência era, pois, secreta ou oculta, donde o nome de *ciência oculta* dado pelos contemporâneos à síntese antiga (PAPUS, 2003, p. 4, grifo do autor)

Para Papus, com objetivo de “salvar a síntese da destruição”, os iniciados mantiveram estes conhecimentos em sociedades secretas (advindo disso o uso recorrente do termo “esotérico”). Contudo, o povo também se torna “depositário inconsciente da ciência” ao carregar objetos que trazem estes saberes sobreviventes das perseguições, ainda que mascarados por outros símbolos. Os baralhos de tarô seriam tidos como parte destes objetos. Utilizados em jogos para passar o tempo ou adivinhar sobre o futuro, apesar de conterem em si os mistérios esotéricos da própria humanidade. Na introdução de sua obra, Papus afirma:

Os boêmios possuem uma bíblia, bíblia que os faz viver, pois com elas predizem o futuro. E essa bíblia é motivo de perpétua diversão, pois ela lhes permite jogar. Sim, esse jogo de cartas chamado Tarô, que os boêmios possuem, é a bíblia das bíblias. É o livro de Tot Hermes Trismegisto, é o livro de Adão, é o livro da Revelação original das antigas civilizações. Enquanto o franco-maçom, homem inteligente e virtuoso, perdeu a tradição e enquanto o sacerdote, homem inteligente e virtuoso, perdeu o seu esoterismo, o boêmio, homem ignorante e imperfeito, dá-nos a chave que permitirá explicar todos os simbolismos sem dificuldades (ibidem, p.7).

Será em Court de Gébelin que Papus devotará a referência do primeiro ocultista que alcançou a descoberta posta da correlação entre o baralho de “TAROT” e a “TORAH”. Replica que é possível estabelecer um anagrama entre ambas palavras e também com o termo “ROTAH” (no sentido de “caminho”). Estes seriam indícios de que no baralho de tarô se encontra “essa lei sintética oculta em todos os simbolismos” (ibidem, p.8). Por meio dela, haveria a reconciliação das diferentes ordens esotéricas sob um mesmo vocabulário. Curiosamente, o fato de Éliphas Lévi e Papus anunciarem em livros os “mistérios” contidos em um baralho de jogo e publicizando certos termos que eram exclusivos aos iniciados de uma ordem poderia

colocar a ideia de “esotérico”, enquanto conhecimento de um círculo fechado, em questão. A isso, Papus afirma:

Aqueles que acham que a ciência oculta não deve ser revelada podem ficar tranquilos. A experiência mostrou-nos que se pode dizer tudo sem temor; só entende quem deve entender; os outros acusam nossos escritos de obscuros e incompreensíveis. Estes foram prevenidos quando assim encabeçamos nosso trabalho: *Para uso exclusivo de iniciados* (ibidem, p.10, grifo do autor).

A obra de Papus, tal como a de Éliphas Lévi, apresenta um complexo conteúdo no qual se alinham mitos, termos cabalísticos, numerologia, astrologia, alquimia, entre outros saberes que foram correspondidos às imagens do tarô. Assim como o autor precedente, Papus propõe um baralho que foi ilustrado pelo também ocultista Oswald Wirth e que se encontra posto nas páginas do livro. Apesar da notável parceria que veio a se firmar entre ocultistas franceses, constituindo assim uma ideia de “escola francesa”, Wirth se desliga de Papus e produz a sua própria obra com distanciamentos e aproximações em relação ao “Tarô dos Boêmios”. Em “Tarot of the Magicians” (WIRTH, 2012), publicado originalmente em 1927, fica notável que tanto em Éliphas Lévi quanto em Papus e Wirth se encontram pontos de toque ao atestarem a confluência dos conhecimentos esotéricos em relação às imagens do tarô. Também é possível perceber nos comentários acerca de cada uma das cartas, sobre como estas poderiam estar alinhadas a um momento específico do iniciado em seu percurso de desenvolvimento espiritual e mágico.

Saindo da “escola francesa”, nestes termos, a The Hermetic Order of the Golden Dawn⁵⁸, círculo iniciático inglês, não se distaria muito das atividades e obras precedentes. Unificando estudos cabalísticos, alquímicos, mitologia greco-egípcia⁵⁹, gnosticismo e filosofia hermética, a Golden Dawn tomaria também o tarô enquanto

⁵⁸ “The Hermetic Order of the Golden Dawn arose in England towards the end of the nineteenth century as a reaction against the strict scientific rationalism and the shortcomings of conventional religion of the period. Although it never had more than 300 members, its influence far exceeded that of many larger occult groups. The Order was the crowning glory of the occult revival, synthesising into a coherent whole a vast body of disparate material including Egyptian mythology, kabbalah, tarot, Enochian magic, alchemy, Rosicrucianism and astrology” (FARLEY, 2009, p. 129).

⁵⁹ Um dos relatos mais interessantes que atesta a presença maciça de simbolismo e referências mitológicas egípcias nos ritos e proposições filosóficas da Golden Dawn se encontra no relato da atriz Florence Farr presente em artigo de Nick Freeman em uma coleção acerca da imaginação ocultista inglesa (FREEMAN, 2018, pp. 164-166).

uma das enciclopédias centrais de seu corpo de mistérios, cujas artes corresponderiam aos caminhos da Árvore da Vida⁶⁰ pelos quais percorriam seus iniciados (FARLEY, 2009, pp. 131-135). Um fator que atesta a importância deste grupo se deve ao fato do baralho mais copiado e comercializado do último século ter sido proveniente do estímulo das lideranças aos seus iniciados a desenharem o próprio baralho de tarô com base nos preceitos místico-esotéricos postos pela ordem. Também cabe enaltecer que a partir dos escritos dos fundadores da Golden Dawn, William Westcott e MacGregor Mathers, consolida-se uma série de novas correspondências das imagens do tarô com outra forma de organizar as letras hebraicas, os signos astrológicos, os elementos da natureza, entre outros conhecimentos do ocultismo europeu. Dessa forma, amplificando os dissensos entre autores sobre como devem ser as correspondências frente ao tarô (FARLEY, 2009, p. 133). Os esquemas da Golden Dawn para produção de baralhos encontram-se hoje disponíveis publicamente ⁶¹, ainda que o “modelo comum” que servia de “base” para as produções dos iniciados não se encontre mais disponível.

Dois iniciados que pertenceram à Golden Dawn se destacariam historicamente, ainda que seus baralhos se distanciem em alguma medida daquele proposto por Westcott e Mathers. O primeiro a ser citado é Arthur Edward Waite (1857 – 1942), renomado ocultista da época que traduziu e prefaciou uma série de obras francesas acerca do tarô para o inglês, como as de Éliphas Lévi e Papus (DECKER; DUMMETT, 2013, p. 175). Participando enquanto membro relevante da Golden Dawn, encomendou o seu baralho para ser ilustrado pela artista Pamela Colman Smith (1878 – 1951). A produção de Smith-Waite será comentada em melhor profundidade no próximo capítulo. Em 1910, o baralho resultante era acompanhado de um pequeno manual denominado “The Key to the Tarot”. Posteriormente, o texto foi publicado em versão estendida sob o nome “The Pictorial

⁶⁰ Também denominada de “Árvore Sefirótica”, representa simbolicamente por meio de uma árvore os caminhos que explicariam a criação do mundo, as ordens celestiais e os caminhos de desenvolvimento espiritual de um iniciado. Cada um destes caminhos e frutos estaria relacionado às letras hebraicas, logo, com o estudo da cabala. Este modelo apropriado pelo ocultistas adveio provavelmente dos escritos do intelectual judeu Athanasius Kircher (1601-1680). Para visualização da Árvore da Vida e escritos do autor, verificar: <http://www.billheidrick.com/Orpd/AKir/AKOeAell.htm>. Acesso em 11 de Julho de 2021.

⁶¹ Atualmente, é possível encontrar materiais disponíveis na rede que versam sobre a forma como a ordem demandava a construção de seus baralhos de tarô, a exemplo do próprio “Book T”. Disponível em: <https://benebellwen.files.wordpress.com/2013/02/mathers-and-felkin-golden-dawn-book-t-the-tarot-1888.pdf>. Acesso em 24 de Novembro de 2020.

Key to the Tarot” (WAITE, 2005), sendo ainda comercializado hoje, apesar de costumeiramente ser vendido separado do baralho de tarô do autor. Neste pequeno manual, Waite se distancia das proposições históricas de Court de Gébelin, afirmando não ser possível estabelecer uma origem para os baralhos de tarô (ibidem, pp. 25-28). Ao analisar as cartas em suas artes e proposições, estabelece pontos de toque com obra de Éliphas Lévi, acentuando a importância do ocultista francês no que viria a ser chamada de “escola inglesa” do tarô. No trecho a seguir é possível visualizar pontos de toque com os autores apresentados até então:

The Tarot embodies symbolical presentations of universal ideas, behind which lie all the implicits of the human mind, and it is in this sense that they contain secret doctrine, which is the realization by the few of truths imbedded in the consciousness of all, though they have not passed into express recognition by ordinary men. The theory is that this doctrine has always existed – that is to say, has been excogitated in the consciousness of an elected minority; that it has been perpetuated in a secrecy from one to another and has been recorded in secret literatures, like those of Alchemy and Kabalism; that it is contained also in those Instituted Mysteries of which Rosacrucianism offers an example near to our hand in the past, and Craft Masonry a living summary, or general memorial, for those who can interpret its real meaning (ibidem, p. 29).

O baralho de tarô para Waite congregava em si os códigos para ascensão mística e espiritual por meio das correspondências com a Árvore da Vida⁶². Em outros termos, por uma perspectiva cabalística e hermética, a passagem do mundo “profano/material” para a esfera do “divino” (KATZ; GOODWIN, 2015, p. 87). Não existem tantas referências à divinação em sua obra, ainda que tenha proposto métodos de jogos para leituras oraculares que vieram se popularizar nas décadas seguintes. Ainda que sua intenção tenha sido clara quanto ao uso e estudo do tarô

⁶² Em relação às correspondências com a Árvore da Vida, desenho idealizado por cabalistas herméticos, propostas por Waite, Crowley e outros desenvolvedores de baralhos de tarô, vale retomar referência da ocultista Dion Fortune: “O curioso sistema simbólico que conhecemos como Árvore da Vida é uma tentativa de reduzir à forma diagramática as forças e fatores não só do universo manifesto como também da alma humana, de correlaciona-las mutuamente e de ordená-los como num mapa, para que as posições relativas de cada unidade possam ser compreendidas, de modo a traçar-lhes as relações mútuas. Em resumo, a Árvore da Vida é um compêndio de ciência, psicologia, filosofia e teologia” (FORTUNE, 2019, p. 15). Cada parte da Árvore da Vida (caminhos e “sephiroth”) seriam correspondentes à uma ou mais cartas do baralho de tarô.

como um todo, Waite não exporia com tanta evidência os mistérios postos pela Golden Dawn por trás da construção e interpretação de cada imagem do baralho de tarô (DECKER; DUMMETT, 2013, pp. 174-175). Quando aos baralhos de tarô em si, considerando a história de sua produção, Waite renegaria as hipóteses de Court de Gébelin, mas não estabelecendo qualquer teoria quanto à massificação do objeto em terras europeias. Contudo, concorda acerca do seu caráter esotérico, como descreve no seguinte trecho:

(...) the true nature of Tarot symbolism is perhaps a secret in hands of a very few persons, and outside that circle operators and writers may combine the cards as they like and attribute them as they like, but they will never find the right way (WAITE, 1902, pp. 482-483).

Explorando a obra de Waite, Wouter Hanegraaff (2012) aponta que seus escritos demarcam a produção de um período caracterizado pelo intermédio entre o conhecimento esotérico religioso e a pesquisa estritamente acadêmica, muito próximo da filosofia oculta de Éliphas-Lévi e Papus. Contudo, acrescenta também o fator de que ao invés de considerar a externalidade dos efeitos mágicos possibilitados pelo esoterismo e utilização dos baralhos de tarô, Waite se volta também para a interiorização dos sujeitos. Aproximando-se, como sugere Hanegraaff, da psicologização do ocultismo observado na Nova Era a partir da influência dos escritos da New Thought e de Carl Jung. No seguinte trecho, Hanegraaff firma sua análise acerca das correspondências postas:

Its basic assumption is that the term 'esotericism' refers not primarily to initiatic organizations (although these may be included too), but to the 'inner' spiritual dimensions that are believed to be discreetly present under the surface of 'exoteric' traditions. (...). In other words: the dissipation of mystery in this world is compensated for by a separate magical world of the reified imagination, where the everyday rules of science and rationality do not apply, and this is how occultist manage to secure a 'place of enchantment' in a disenchanted world (HANEGRAFF, 2012, p. 251)

O segundo nome que pertenceu à Golden Dawn e de importância para a presente pesquisa é o de Edward Alexander Crowley (1875 – 1947), popularmente conhecido como Aleister Crowley. O ocultista inglês foi um dos motivos da cisão do

grupo ao publicizar os conhecimentos esotéricos postos pela ordem e como os ritos ocorriam, além de dividir o grupo entre aqueles que o defendiam e os que o recriminavam (DECKER; DUMMETT, 2013, pp. 164-167). A produção do baralho de Crowley ocorreria décadas depois, após a sua participação em outras ordens iniciáticas. Conjunto à artista Frieda Harris (1877 – 1972), seguindo certos preceitos postos por Mathers e desejoso de anunciar profeticamente uma “Nova Era” (“Aeon”, em seus termos)⁶³, Crowley estabeleceria no seu Thoth Tarot um baralho que continha parte da sua vivência enquanto magista com múltiplas referências aos seus escritos. Na época, acreditava que o baralho deveria ser usado mais como mediador de experiências ritualísticas e conhecimentos esotéricos do que divinação. Ainda que não recusasse estes ritos, postulava a divinação enquanto prática que exigia mais dos praticantes do que estes imaginavam. Como alega criticamente em “Tarot Divination” (CROWLEY, 1976, p. 300): “All divination resembles an attempt by a man born blind to obtain sight by getting blind drunk”. Ainda que tenha alcançado relativo reconhecimento, Crowley foi aconselhado a não participar dos eventos nos quais a arte de Frieda Harris foi posta para visualização pública⁶⁴, diante das polêmicas que suscitava.

Em seu manual de tarô, “Book of Thoth” (2020), Crowley segue o padrão mais amplo apresentado até então desta vertente de inferências ocultistas, ainda que se distancie, assim como Waite, das hipóteses históricas que ligavam o baralho aos ciganos e egípcios. Como procura atestar no seguinte trecho: “1. The origin of the Tarot is quite irrelevant, even if it were certain. It must stand or fall as a system on its own merits. 2. It is beyond doubt a deliberate attempt to represent, in pictorial form, the doctrines of the Qabalah” (CROWLEY, 2020, p. 10). Assumidamente influenciado por Éliphas Lévi, considera também o potencial místico do objeto, ao conjugar as cartas às letras hebraicas e à intenção do agente em provocar

⁶³ Em conversas com admiradores e seguidores dos escritos de Aleister Crowley, soube que o baralho desenvolvido pelo ocultista apresentava a intenção de também refletir os princípios de sua religiosidade denominada Thelema (“vontade” em grego). Para estes, a “Nova Era” enunciada por Crowley seria aquela na qual o desenvolvimento espiritual não seria alcançado pelas vias sacrificiais ou do ascetismo protestante, mas pelo exercício da chamada “verdadeira vontade” (desejo isento de expectativas exteriores ou futuras). Em outras palavras, o divino se acessaria a partir do momento em que o indivíduo se voltar para si e seu próprio desejo.

⁶⁴ “Lady Harris exhibited the paintings on at least three occasions; first in June 1941 at the Randolph Hotel in Oxford, then again in July 1942 at the Berkeley Galleries on Davis Street, London, and in August 1942 at the Royal Society of Painters in Water Colours on Conduit Street, London. At Harris's insistence Crowley was not in attendance, nor does his name appear anywhere in the program essays” (DUQUETTE, 2003, p. 29).

mudanças no entorno. Chega a considerar cada carta enquanto um “ser vivente” (ibidem, pp. 47-48). Obrigatoriamente, considerava que o baralho criado deveria vir acompanhado de seu livro, “The Book of Thoth: Egyptian Tarot”, no qual anunciava as diversas correspondências das imagens do baralho com a mitologia egípcia, a cabala, a profecia da “Nova Era” e a “Thelema” (DUQUETTE, 2003, p. 277). O objetivo geral do livro é posto nos seguintes termos: “The subject of the book – the tarot is called *The Book of Thoth or Tahuti* – is the influence of the Ten Numbers and the Twenty-two Letters on man, and his best methods of manipulating their forces” (ibidem, p. 34). Apesar da assumida intenção do autor, atualmente o livro e o baralho são vendidos separadamente.

Fica evidente a partir dos relatos históricos postos que a influência primária das expressões ocultistas europeias recai nas obras de Court de Gébelin e Comte de Mellet. Nota-se que todas as obras posteriores, desde Etteilla até Aleister Crowley, procuram estabelecer artes reformuladas para o baralho de tarô conjunto à uma série de correspondências de saberes como a cabala judaica, a astrologia, a alquimia e o hermetismo. Como introduz o oculista Mouni Sadhu em seu “The Tarot: a contemporary course of the quintessence of hermetic occultism”:

In traditional Western occultism, the Tarot is recognized as the keystone of the whole philosophical system called Hermetism. It is very hard to discover its actual origin. The most competent and famous occult authors like Eliphas Lévi, P. Christian, Fabre d’Oliver, Theophrastus Bombastus, von Hohenheim (Paracelsus), Oswald Wirth, Papus (Dr Gérard Encausse) and others, are of the opinion that the Tarot’s true symbolism comes from Ancient Egypt. (...). For I look on the Tarot as the ‘algebra of occultism’, which enables a man – who knows its use – to progress independently in a safe way, traced for us in these ancient Arcana (SADHU, pp. 11-12, 1971)

Ainda que a origem egípcia seja contestada por alguns autores, como Arthur Waite, é notável a forma como esta hipótese inicial conduz parte expressiva dos usos e reformulações de baralhos de tarô até a metade do século XX. Percorre nestas décadas uma literatura comum que agrega à cada livro uma introdução com comentários sobre as atribuições maiores ao baralho, especialmente quanto ao estudo da cabala e do hermetismo, para assim tratar de cada uma das cartas que costumam compor um baralho de tarô. Considero relevante que outros autores

estiveram produzindo na mesma época que os anteriores, como os russos P. D. Ouspensky (1976) e Gregory Ottonovich Mebes (1990a; 1990b) e como a proposição do ocultista norte-americano Paul Foster Case (1947) com sua curiosa teoria marroquina do tarô⁶⁵. Não aprofundarei nestas obras por se tratarem de formas muito similares no tratamento do tarô e com teorias que apresentam muitos pontos de toque com as anteriores.

Hoje, as editoras seguem reproduzindo as obras clássicas que versam sobre o tarô de autores como Wirth (2012), Papus (2003), Waite (2005) e Crowley (2020). Os quatro autores costumam estar à disposição nas livrarias de outros escritores contemporâneos que versam sobre o tarô a partir de abordagens mais próximas da psicologia e dos que recusam veementemente as atribuições esotéricas ao baralho. Conjunta à presença das obras clássicas, uma série de manuais procuram fazer releituras dos clássicos considerados anteriormente, especialmente se utilizando das imagens dos baralhos de Smith-Waite e Aleister Crowley. Contudo, nem sempre existem concordâncias sobre as atribuições cabalísticas, herméticas e históricas postas por eles. Algumas autoras incorporam em seus manuais uma narrativa histórica do baralho de tarô mais amparada em documentos e hipóteses desmistificadas conjuntas a interpretações com conceitos da psicologia, a exemplo do uso de Benebell Wen do Smith-Waite Tarot em “Holistic Taro” (2015) ou da abordagem sobre o tarô de Crowley por Gerd Ziegler em “Tarô: espelho da alma” (1993). Outras decidem agregar várias atribuições e formas de narrar próximas do esoterismo do século passado, mas criam um novo baralho, procurando estabelecer imagens que são mais próximas da contemporaneidade ou da visão da artista, a exemplo do “Tarot of the Spirit” de Pamela Eakins (1992) e o “Diário de uma Bruxa” de Deborah Blake (2020). Ainda cabe também mencionar manuais que reconstroem historicamente a produção destes baralhos como o “Secrets of the Waite-Smith Tarot” de Katz e Goodwin (2015) e o “Understanding Aleister Crowley’s Thoth Tarot” de Lon Milo DuQuette (2003), procurando conectar com mais clareza as possíveis referências das artistas de cada baralho em relação a escritos do período ou a outras influências artísticas, como o teatro.

⁶⁵ Marisa Mattos foi a única autora que encontrei durante a pesquisa que faz uma menção favorável à teoria de Paul Foster Case, como descreve no seguinte trecho: “Paul Case, estudioso do tarô, lança a teoria de que, por volta de 1200 A.C., um grupo de sábios vindo de todo mundo se encontraram Fez, Marrocos e escreveram um livro contendo a sabedoria de todas as culturas – esse livro seria o Tarot. Paul Case em seu livro “The Tarot, The Key of Ages” comprova essa teoria” (MATTOS, 1989, p. 14).

Apesar das adaptações postas aos escritos de Court de Gèbelin e Éliphas Lévi, foram encontrados manuais produzidos nas décadas seguintes que advogam hipóteses similares, mas buscam agregar um outro ponto de origem ou uma proposto de uso que não remeta à magia cerimonial. Na coleção “ABC do Destino” da Editora Globo (1991), os autores atribuem a criação do baralho de tarô à uma civilização perdida e submersa denominada Atlântida, cujos habitantes teriam fugido carregando seus segredos místicos para o Egito. A mesma hipótese foi encontrada no manual de Edelweiss Cagno (1996), conjunto ao fator dos sacerdotes desta civilização terem se realizado da progressiva decadência espiritual da humanidade, agregando ao tarô uma fonte de “esperança” para os tempos futuros. Abordagem similar também ao dos manuais: “O Tarô da Nova Era” de Mascha Rabben (2006) e “O Tarô do Antigo Egito” de Doane e Keyes (1993). Quanto a este último, agrega-se a defesa de que o Apocalipse bíblico estaria vinculado à imagética do tarô e à necessidade de seu estudo diante da decadência espiritual do homem. Os autores têm em vista que “as próprias necessidades de sua alma humana exigem um conhecimento que ele não vem desenvolvendo” (DOANE e KING, 1993, p. 20).

Apesar da relevância dos livros citados no intuito de terem pontos de toque e de distanciamento com as teorias ocultistas elencadas, não cheguei a observar tantas menções nas convivências entre profissionais e estudantes do tarô. Dentre as obras ocultistas das últimas décadas, uma das mais citadas em grupos de estudos de tarô nacionais foi o “Tarô Cabalístico” de Robert Wang (1983). Na obra de Wang, o autor traz uma ampla análise das correspondências entre as imagens de quatro baralhos de tarô (padrão Marselha, Smith-Waite Tarot, Thoth Tarot e Golden Dawn Tarot) e a “Cabala Hermética” (através dos caminhos da Árvore da Vida pelos escritos da Golden Dawn e de Dion Fortune). A densa obra apresenta um relativo cuidado quanto às referências bibliográficas, ponto que não costuma ser observado nos demais manuais de tarô. Na introdução, Wang postula a importância do estudo minucioso das correspondências entre tarô e cabala. Contudo, atesta que a avaliação histórica dos baralhos é de interesse secundário perante o exercício proposto, em via similar ao posicionamento de Waite e Crowley. Com intuito de ancorar sua obra perante as possíveis críticas dos “acadêmicos” e até “historiadores”, nas palavras do autor, do uso de conhecimentos esotéricos para interpretação do tarô, Wang afirma:

O problema com o estudo de qualquer aspecto das Doutrinas Secretas é que o próprio pesquisador torna-se necessariamente parte do sistema. Ele precisa avaliá-lo a partir do seu interior, o que talvez o faça transmitir a impressão de haver abdicado da objetividade da pesquisa. O academicismo atual não reconhece a aquisição de conhecimentos através da intuição e do psiquismo, uma atitude que o coloca em frontal contradição com boa parte daqueles grandes pensadores que as Humanidades estudam e simulam reverenciar. (...). 'O sistema funciona?', isto significa: 'a estrutura simbólica do sistema é suficientemente representativa das verdades universais para levar o indivíduo além do próprio sistema?' No caso da Cabala Hermética e de sua ferramenta prática, o Tarô, a resposta é um inequívoco sim. Este é um sistema extremamente poderoso, principalmente quando se considera que ele pode ser incorporado a qualquer sistema ou religião em que o indivíduo prefira operar (WANG, 1983, pp. 22-23).

Apesar das contribuições dos autores esotéricos serem amplamente consideradas sob o ponto de vista das narrativas que cercam o tarô, a preocupação argumentativa de Wang em sua obra tem justificativa. Grande parte das obras analisadas neste trabalho questionam a alegada origem egípcia posta por Court de Gébelin e a necessidade das atribuições cabalísticas às imagens do tarô para assim compor seus significados. Dentre as críticas que recaem aos autores precedentes, uma das vertentes mais relevantes já foi exemplificada no primeiro capítulo no relato da palestra de Nei Naiff, quando o tarólogo apontou a falta de concordância entre os autores quanto às correspondências postas em cada carta impedindo a estruturação de uma narrativa homogênea sobre as cartas ou de um respeito ao "simbolismo verdadeiro". Como será apresentado no próximo capítulo, os baralhos idealizados por Etteilla, Papus, Wirth, Waite e Crowley se distanciam em grande medida da estrutura imagética daqueles utilizados antes da veiculação das teorias esotéricas. Existem alterações significativas nas ordens das cartas, nos nomes, nos naipes e no conteúdo imagético como um todo. Como observa Brian Innes acerca da forma como cada baralho acaba por reproduzir o ideário simbólico de cada autor conjunto à estrutura porosa do tarô:

Em vista do crescente interesse pelo Tarot, demonstrado nos recentes anos passados, surgiram inúmeros desenhos novos, alguns deles atraentes, outros grotescos. Entretanto, cada novo baralho introduz detalhes que não estavam presentes no descrito por Court de Gébelin, os quais foram

acrescentados para exemplificar alguma teoria predileta do desenhista. A ordem das cartas está mudada; algumas foram retiradas e substituídas por outras inteiramente novas; com frequência, os nomes das lâminas individuais sofreram alterações, ficando de acordo com um sistema mais rígido. A que ponto, era 'genuíno' o baralho de Gébelin? E qual foi sua origem? (...). De onde vieram estas gravuras? De uma coisa podemos estar bem certos: sua fonte não é o antigo Egito (INNES, 1983, p. 10).

Pelos registros históricos disponíveis (KAPLAN, 2007; FARLEY, 2009; DUMMETT e MCLEOD, 2004), cabe notar que até as premissas esotéricas terem projeção, os baralhos de tarô eram de uso mais lúdico e recreativo em contextos populares ou de forma apreciativa em círculos aristocráticos. A partir das produções citadas, o baralho de tarô passa a ser visto predominantemente enquanto um mediador de conhecimentos esotéricos (DECKER e DUMMETT, 2013). O fato de coexistirem tantos discursos que postulam uma potencialidade mística do baralho de tarô fez também com que o objeto passasse a adquirir uma série de prescrições frente ao seu uso. Durante a minha trajetória, me deparei com cartomantes que acreditavam que não se podia comprar um baralho, apenas poderia ser recebido de presente, ou que haveria a necessidade de “limpar” as energias antes e depois do uso das cartas por meio de um cachimbo ou cristais. Lembro também de ter ouvido sobre a necessidade de uma caixa com madeiras específicas com o objetivo de não permitir que o objeto “descarregasse” ou se contaminasse. Evidente que tais prescrições também se encontram em alguns manuais (ZIEGLER, 1993; CAGNO 1996; GREGORY, 1999). Acredito que este teor “místico” latente, compreendido enquanto uma capacidade do baralho ser atrelado a forças sobrenaturais, venha conjunto às literaturas que propagam o objeto enquanto sobrevivente de ordens ocultistas do passado.

Ainda que a vertente ocultista tenha sido amplamente difundida na produção bibliográfica primária sobre o tarô e no próprio imaginário dos indivíduos, a importância de seus escritos decaiu durante a metade do século XX. Especialmente nos últimos quarenta anos, encontrei poucos discursos que viessem a reforçar as hipóteses originárias postas por autores como Court de Gébelin, Etteilla e Éliphas-Lévi. Autores tidos como relevantes nos estudos da área como Michael Dummett, Stuart Kaplan, Helen Farley e Mary K. Greer se recusam a considerar o tarô apenas enquanto mediador de processos de iniciação mágica ou como uma transmissão de

saberes ocultos sobre o funcionamento do universo. A consideração de uma possível origem egípcia do baralho é hoje contestada tanto pelo viés psicológico-arquetípico como também pelas abordagens mais históricas. São tantas introduções que procuram afastar este tipo de abordagem que parece ressoar uma espécie de consenso entre os produtores de materiais acerca do tarô hoje de que as posições dos ocultistas do século XIX estariam ultrapassadas ou carentes de maior validação documental (BARLET, 2011; BEN-DOV, 2017; JODOROWSKY, 2016; NAIF, 2011; NICHOLS, 2017; POLLACK, 1991; WEN, 2015). Atestar que o tarô “não veio do Egito” ou que “não necessita de ser cercado de prescrições místicas” se tornou parte de um senso comum das produções atuais e das já mencionadas páginas que versam sobre o tarô nas redes sociais. Mais do que isso, a iniciativa destes autores teria provocado um movimento em massa de interessados em atribuir à cada uma das cartas dos baralhos de tarô as correspondências esotéricas que achassem mais convenientes. Acerca deste teor crítico frente às correspondências ocultistas, o conhecido tarólogo Jodorowsky afirma:

A partir da publicação desse primeiro tratado esotérico sobre o Tarot em *Monde Primitif*, os ocultistas começaram a delirar, deixando de se concentrar nos desenhos do Tarot de Marselha, considerando a cópia de Court de Gébelin e suas explicações egípcias como a autêntica verdade esotérica. (...). Depois dessas tentativas de enxertar no Tarot todo tipo de sistemas esotéricos, escrevem-se milhares de livros baseados em uma inexistente 'tradição' que demonstram que o Tarot foi criado pelos egípcios, pelos caldeus, pelos hebreus, pelos árabes, pelos hindus, pelos gregos, pelos chineses, pelos maias, pelos extraterrestres, evocando-se também Atlântica e Adão, a quem se atribui a autoria dos desenhos das primeiras cartas, ditadas por um anjo. (...). Cada novo baralho de cartas encerra a subjetividade de seus autores, suas visões de mundo, seus preconceitos morais, seu limitado nível de consciência. Como na história da Cinderela, onde as irmãs são capazes de cortar um pedaço do pé para poder calçar o sapato de cristal, cada ocultista altera à sua maneira a estrutura original (JODOROWSKY, COSTA, 2016, pp. 20-21)

Mesmo com as inúmeras críticas referentes à descoberta de Gébelin e às associações cabalísticas em Éliphas-Lévi e Arthur Waite, é possível ainda encontrar obras contemporâneas de cunho mais ocultista conduzindo a narrativa para fontes

que não sejam às do Antigo Egito e a cabala cristã. Trago dois exemplos ligeiros. O primeiro é a obra “O Código Sagrado do Tarô: a redescoberta da natureza original do tarô de Marselha” (2011) de Wilfried Houdouin. Constantemente referenciada nas redes sociais durante a pesquisa, ainda que repleta de críticas, a obra de Houdouin procura atestar que as lâminas dos baralhos de Marselha são construídas a partir de formas geométricas que reproduzem a ordem sagrada do mundo. Relato que é possível encontrar referências à geometria sagrada em quase todas as obras precedentes, especialmente a de Papus. Contudo, estas estão comumente em paralelo às demais correspondências esotéricas postas pelos círculos iniciáticos do início do século passado (astrologia, alquimia, cabala). Apesar das distinções, pelos escritos de Houdouin, seria possível novamente atestar que o baralho pode ter sido idealizado por um iniciado nos grandes mistérios, uma posição claramente esotérica. Nas palavras do autor:

Esse Tarô demonstra, assim, que essa geometria é certamente a matriz tradicional da iconografia do Tarô de Marselha, tanto quanto de sua estrutura geral e de sua organização. Isso também prova, sem sombra de dúvida, que essa Ciência foi conhecida e dominada a ponto de ser inserida no final do século XVIII por um desenhista que foi, sem dúvida, um grande iniciado. O Tarô é, de fato, uma obra puramente hermética. Se um mestre não concede as chaves, ou não permite que elas sejam encontradas por meio de sinais claros como esses marcadores geométricos, não se consegue desvendar o arcano. É bem provável que, se esse mestre o fez, além de ser iniciado, ele deu a entender que estava no fim de uma era e que a transmissão da herança sagrada da ciência do Tarô de Marselha estava ameaçada (HOUDOUIN, 2011, p. 48).

A partir do trecho precedente se observa a reverberação de termos em muito similares à dos autores anteriores, como a hipótese do tarô se constituir enquanto um artigo de saber que “sobreviveu” aos períodos de perseguição religiosa e política e de afirmar que a interpretação correta das cartas poderia nos fazer alcançar as chaves para a compreensão do funcionamento mundano. No caso em questão, um mundo que se estrutura a partir das formas geométricas básicas. As críticas à obra novamente recaem no fato de não apresentar documentos ou dados históricos suficientes que venham a sustentar a hipótese. A obra se volta mais para um teor especulativo a partir das próprias imagens postas pelo tarô de Marselha.

Outra obra amplamente divulgada e vendida internacionalmente durante o período da pesquisa foi a do historiador Stephen Flowers denominada “The Magian Tarok: The Key Linking the Mithraic, Greek, Roman, Hebrew and Tunic Traditions of the Tarot” (2019). Ao invés de tratar das correspondências das imagens dos baralhos com as cosmologias egípcias, Flowers defende que existe uma ligação com narrativas mitológicas ainda mais antigas, centrando seu estudo no mitraísmo. Nas palavras do autor:

It would be untenable to speculate that there was a system of tarot cards going back into a time period well beyond the age of the Renaissance in Italy (and beyond the time of the printing press!). What is being posited is that there was a more archaic system of symbols, keyed to definite sequences such as the Iranian/Zoroastrian sirozahs, the Greek letters (stoicheia), the Roman letters (Lat. *litera* or *nota*), and perhaps even Germanic runes and Egyptian hieroglyphic phonetic signs. These form the deep background of the icons that came to be the final sequence of images known as the tarot in the fifteenth century. It is possible that each of these simple signs carried with them an oral verbal tradition, which explained the signs in iconographical terms. Such a tradition certainly survives in the form of the Germanic rune poems, which provide 'word pictures' that could easily be translated into representational images very similar to those that became the tarot. So the original icons would probably have been mnemonic mental images keyed to divinities or letters of an alphabet used in divinatory operations. Only much later were these mental images actually translated into pictorial representations (FLOWERS, 2019, p. 69).

Observa-se aqui a defesa dos estudos históricos sobre os baralhos de tarô, ainda que implique na hipótese de que as cartas sejam materializações de tradições orais de grupos esotéricos transmitidas em sigilo. O confronto de Flowers se dá frente à alegada limitação de Court de Gébelin e demais autores em considerar o baralho de tarô uma sobrevivência de saberes egípcios, tendo em vista que os conhecimentos esotéricos apresentam uma raiz histórica ainda mais longínqua. Em capítulos posteriores da obra, Flowers segue uma escrita que rememora as obras de Éliphas-Lévi. Ao invés de associar com as letras hebraicas, Flowers interliga cada uma das cartas do tarô com o alfabeto e ritos de iniciação dos mitras. Mas, assim como na obra anterior, apresenta uma teoria mais especulativa a partir das imagens

costumeiramente retratadas nos baralhos de tarô do fundamentada em registros históricos.

Por parte das obras de Houdouin e de Flower é possível demarcar que existe uma preferência em fazer uso das imagens dos baralho de padrão Marselha ao invés de reproduzirem novos baralhos com uma série de outras correspondências esotéricas (como ocorreu com Etteilla, Papus, Waite e Crowley). Este movimento de retorno aos “baralhos clássicos” será observado em todos os eixos, especialmente quando são consideradas as obras contemporâneas. Por hora, é válido fomentar o avanço para a próxima perspectiva que tem seu estabelecimento nas décadas seguintes da massificação do Smith-Waite Tarot na Europa e nos Estados Unidos, da ascensão dos movimentos contraculturais e da proposição de práticas terapêuticas alternativas à hegemonia médico-científica. A partir da metade do século XX, um grande acervo de livros e manuais de tarô será publicado prometendo aos seus leitores uma abordagem que prescindisse do respeito pleno às correspondências e preceitos do hermetismo e da filosofia ocultista. Defenderiam o baralho de tarô como mediador do autoconhecimento e da interpretação dos símbolos a partir do inconsciente da própria humanidade.

3.2 “UM TARÔ PARA O *SELF*”: A JORNADA DO LOUCO

O ano é 1970. Eden Gray (1901 – 1999), doutora pela First Church of Religious Science e professora das “Ciências da Mente”, publica “A Complete Guide to the Tarot” em 1970, dez anos depois de lançar seu primeiro manual de tarô, “Tarot Revealed: A Modern Guide to Reading the Tarot Cards”. A abordagem de Gray é parcialmente distinta em relação aos padrões de manuais e livros de tarô observados até então. Em “A Complete Guide to the Tarot” (GRAY, 1972), realiza uma interpretação sobre o Smith-Waite Tarot que considera a cabala, a numerologia e a astrologia de ocultistas como o próprio Arthur E. Waite e Paul Foster Case, em conjunção ao uso de conceitos derivados da psicologia do período que viriam a se popularizar nos manuais posteriores como “mente coletiva”, “jornada”, “simbolismo” e “sentido interior”. Em Gray, o tom “misterioso” e erudito encontrado nas obras ocultistas não se faz tão presente. Na estrutura de seu manual, as correspondências esotéricas não precedem as interpretações das cartas, ainda que elas estejam

diluídas na interpretação simbólica de cada uma e agregadas aos capítulos finais. Na introdução de seu trabalho, a autora afirma:

The true Tarot is symbolism: it speaks a language that arises from the *collective mind of Man*. Given an understanding of the *inner meaning of the symbols*, the card yield, on the highest plane, mystic powers and esoteric wisdom. And although there are various theories about the Tarot and many different versions of the cards, no one of them can claim final truth and any one of them many contribute some illumination (ibidem, p. 10, grifo meu).

A bibliografia de base da autora, contudo, é essencialmente ocultista, com amplas rememorações dos escritos analisados anteriormente. Ainda na introdução e no epílogo, retoma o argumento de Arthur E. Waite quanto às cartas do tarô representarem um caminho ascensional da alma. Relembro neste ponto que em Waite e Crowley já se encontravam postos os termos de uma espiritualidade mais voltada para si do que propriamente para um credo organizado exterior ao indivíduo. Ainda assim, a linguagem de ambos ocultistas era cercada de um denso misticismo que agregava mitos, termos cabalísticos e esoterismo renascentista. Quanto à Eden Gray, esta atribui à carta do “Louco” enquanto a representação do personagem que “percorrerá as demais cartas do tarô”, compreendidas enquanto diferentes manifestações da Natureza, em um trajeto de autoconhecimento⁶⁶:

It may be helpful to think of the Tarot as representing the spokes of a huge wheel upon which each of us travels during his life on earth, experiencing materials and spiritual ups and downs. These are reflected in the cards when they are laid out by a Reader – their positions, juxtapositions, and combinations are all significant. The Fool, representing the Life-force before it comes into manifestation on the earth plane, is in the center of the wheel, moves to its outer edge through 21 phases of experience, and then returns to the center whence it came. Thus, the designs illuminate the life of man, his joys and sorrows, his hopes and fears. Each of the Major Arcana represents a distinct principle, law, power, or element in Nature. These are drawn from a repository of symbols and images common to all men in all

⁶⁶ Em um trabalho conjunto a outros estudantes dos baralhos de tarô, a pesquisadora Mary Greer realizou uma linha do tempo cuja obra de Eden Gray figura na importância de ter sido a primeira a constatar a “Jornada do Louco”. Disponível em: <http://docshare04.docshare.tips/files/3227/32279389.pdf>. Acesso em 26 de Maio de 2021.

ages, from what has been called the 'collective unconscious.' They appear in our dreams, in the poet's flights of imagination, in the inspired work of artists, in the visions of saints and prophets; indeed, thinking in pictures is the universal heritage of man (ibidem, p. 14);

O nome de Eden Gray chegou até mim apenas durante a pesquisa bibliográfica para a dissertação. Contudo, nos meus percursos entre profissionais e estudantes do tarô, tanto presenciais quanto virtuais, foram inúmeras as situações em que houve a intenção de estudantes e profissionais em representar as cartas do baralho como uma “jornada do Louco⁶⁷”. Avistavam as cartas como um caminho linear que levaria o personagem central, o “Louco” (numerada como “zero” ou “sem numeração”), até a última, denominada “Mundo” (numerada como a vigésima segunda carta). Entre o “Louco” (costumeiramente representado pela figura solitária do errante com o seu cachorro) e o “Mundo” (comumente uma pessoa dançando no centro, flutuando, ao redor de quatro representações dos elementos da natureza, em tom de completude), existiria um trajeto de aprendizado perpassando por figuras humanas (como o cuidado da Imperatriz e a autoridade febril do Imperador), virtudes cardeais (como a Força, a Justiça e a Temperança), quanto por crises (como a paralisia do Pendurado, o tom soturno da Lua e a quebra da Torre) e reintegrações à vida (como a esperança da Estrela e o regozijo do Sol).

Eden Gray se fez importante por provavelmente ter sido a primeira a mobilizar a compreensão do conjunto de cartas do tarô enquanto uma narrativa de autoconhecimento e não apenas enquanto os graus de uma ordem esotérica. Por mais que Waite e Crowley já tivessem induzido anteriormente uma certa sacralização do sujeito frente ao estudo dos baralhos de tarô, não encontramos em suas obras uma declaração evidente dos preceitos ocultistas conjuntos aos termos próximos da psicologia. Até Waite e Crowley, observamos uma pretensão de estabilizar as cartas do baralho de tarô perante a estrutura do alfabeto hebraico, alinhando o estudo do tarô ao da cabala. Na obra de Gray, ainda que coexistam reflexões numerológicas e herméticas sobre o baralho, existe uma intenção mais evidente em atribuir à carta “Louco” um paralelismo ao indivíduo que busca pelo

⁶⁷ Rememoro que o “Louco” costuma ser uma carta representada entre os Arcanos Maiores, não tendo um número atribuído ou sendo o próprio número “0” (zero).

conhecimento de si mesmo, respeitoso diante do simbolismo presente na “mente coletiva” da humanidade.

Acrescenta-se que na obra de Gray ressoam muitos dos discursos próximos aos do movimento Nova Era. A preocupação frente ao *self*, no sentido de uma “iluminação interior” ou de um “se voltar para si”, as referências às religiões e ao ocultismo de forma mais “destradicionalizada” do que os escritores anteriores faziam, me fez alinhar os escritos de Gray ao conjunto de práticas e crenças da *self-religion* explorada por Paul Heelas (1996). Os mesmos atributos viriam a ser replicados nos demais manuais publicados neste período que se situa poucas décadas depois da expansão da perspectiva New Thought⁶⁸. Nas palavras de autor, quanto às características Nova Era, aqui compreendidas enquanto uma religiosidade voltada para o *self*:

And more analytically, as an *internalized* form of religiosity, the New Age is (albeit to varying degrees) *detraditionalized*. That is to say, *autonomy* and *freedom* are highly valued; and *authority* lies with the *experience of the Self* or, more broadly, the *natural realm*. This means that New Agers attach great importance to the *Self-ethic*, which includes emphasis on the exercise of *Self-responsibility* and which, more generally, serve as a ‘meta-narrative’ operating at the *experiential* level. Detraditionalization is also associated with the Movement’s *perennialized* outlook, namely that the same wisdom can be found at the heart of all religious traditions” (HEELAS, 1999, p. 29, grifo do autor).

Ainda que tenha observado certas características que distanciem a obra de Gray aos movimentos analisados por Paul Heelas (como o aspecto mais contracultural ou o enaltecimento da prosperidade pessoal), acredito que existam correspondências consideráveis entre os manuais do período e a busca pela “interiorização” disposta pelo movimento Nova Era. Possibilitando ao tarô de ser tido como potencial mediador destes processos de autoconhecimento, em uma

⁶⁸ Esta leitura sobre a obra de Eden Gray e as devidas influências da “New Thought” foram propostas por Mary Greer em artigo disponível em: <https://marykgreer.com/2008/03/27/eden-grays-fools-journey/>. Tendo como base uma série de autores como William Walker Atkinson, o “New Thought” direcionou parte dos movimentos “Nova Era” e a espiritualidade norte-americana durante o século XX. Para Mary Greer, existe um possível vínculo entre a produção de livros e manuais de tarô nos Estados Unidos e as publicações vinculadas ao “New Thought” por conta da obra de Gray. Acesso em 25 de Maio de 2021.

linguagem alinhada mais aos conceitos psicológicos do que herméticos. Ponto extensivamente abordado pela obra de Hanegraaff (1996).

Apesar da obra de Gray ser uma das mais lembradas em páginas e livros de tarô, especialmente em língua estrangeira, o livro mais citado com a proposta interpretativa da “jornada do Louco” em conversas e fóruns nacionais foi “Jung e o Tarô” de Sallie Nichols (1908 – 1982), publicado em 1980, uma década depois do lançamento de “A Complete Guide to the Tarot” (GRAY, 1972). É possível encontrar facilmente uma série de análises da obra de Nichols⁶⁹ e referências da sua importância em manuais de tarô e em artigos acadêmicos, como será visualizado posteriormente. No presente estudo, uma das relevâncias de Nichols se encontra em seu uso diretivo de conceitos junguianos alinhados ao estudo do tarô, ponto que não havia sido explorado por Gray, cujo manual se limitou à uma breve citação. Outro fator considerável é o amplo reconhecimento do livro de Nichols no Brasil. Ao longo dos anos, o livro contou com dezenas de reimpressões pela Editora Pensamento-Cultrix. “Jung e o Tarô” foi traduzido para o português pouco tempo depois de seu lançamento oficial. A obra de Edén Gray, em contrapartida, segue apenas em língua inglesa.

Apesar de não constar em suas referências bibliográficas, Nichols também parte do mesmo pressuposto descrito por Gray: a “jornada do Louco”. Mesmo movimento de outra reconhecida autora contemporânea à Nichols e que lança sua obra naquele mesmo ano, Rachel Pollack (1945 -). Em “78 Graus de Sabedoria”, considerado por alguns interlocutores como uma das “bíblias do tarô”, é observável o mesmo movimento interpretativo em relação ao tarô: um caminho pelos arquétipos ou símbolos do inconsciente coletivo, com objetivo de alçar o autoconhecimento. As proposições de Nichols e Pollack se aproximam muito de uma intenção terapêutica, ao agregarem ao tarô a capacidade de facilitar que o indivíduo de se volte para si, compreendendo seus processos psíquicos em uma abordagem “simbolista-arquetípica”. Quanto a este termo, mobilizado apenas para fins de categorização

⁶⁹ Foram encontrados comentários sobre “Jung e o Tarô” em blogs populares sobre o tema como: “Tarolando” (<https://taronline.wordpress.com/2014/08/26/resenha-jung-e-o-taro-sallie-nichols-parte-i-o-louco/>), “Clube do Tarô” (http://www.clubedotaro.com.br/site/z94_SNichols-res.asp), “Café Tarot” (<http://www.cafetarot.com.br/2013/07/bibliotheca-tarologica.html>) e séries de vídeos na plataforma YouTube que tomam como referência básica de aprendizado do tarô como no canal “Diário da Bruxa” (<https://www.youtube.com/watch?v=SFdLd3yMt94>) e no “Canal Artétipos” (<https://www.youtube.com/watch?v=p5fakR53lo>). Acesso em 25 de Maio de 2021.

ligeira das obras elencadas (em contraposição à “ocultista”), cabe estabelecer que as obras citadas neste conjunto, com exceção de Nichols, não costumam citar Jung diretamente. Existe mais a presença de citações de outros manuais de tarô (como as autoras elencadas, citadas por quase toda bibliografia). Nas obras, a noção de “símbolo” e “arquétipo” não é estável, recebendo ligeiras modulações a depender da intenção de quem escreve, dificultando assim a circunscrição delimitada de seu uso e correspondência. Apesar disso, a presença de ambos é evidente. Considero, preliminarmente, que “símbolo” acaba por ressoar enquanto algo suscetível a múltiplas interpretações, provocando as motivações dos sujeitos (como no caso das imagens do tarô) e “arquétipo” enquanto noções estabilizadas no inconsciente/mente coletiva. Ambas noções são costumeiramente referenciadas de maneira atemporal, trazendo consigo o pressuposto de uma humanidade universal. Neste último ponto, inclusive, toca nos preceitos postos pelos escritos ocultistas. Contudo, as explicações reverberam mais nos debates sobre a “mente”, o “psicológico” e o “terapêutico”, concedendo a elas um caráter em muito distinto do explorado anteriormente.

A partir das obras de Eden Gray, Sallie Nichols e Rachel Pollack, lançadas entre as décadas de 1970 e 1980, é possível observar uma progressiva ruptura na forma predominante com a qual os baralhos de tarô eram interpretados. As extensas análises permeadas de conteúdos cabalísticos e de filosofia hermética de Éliphas Lévi, Papus, Waite e Crowley, ainda que não cessassem de serem reproduzidas e comercializadas, abririam espaço para o predomínio de abordagens mais “intuitivas” e terapêuticas das cartas de tarô, de forma que vieram a se estabelecer dezenas de livros que se ancoravam na ideia de o baralho ter sido resultante do “inconsciente coletivo” da humanidade e de reproduzir uma ascensão de autoconhecimento de si (*self*). A partir desta perspectiva, para boa parte destes autores, não faria diferença mais se as imagens eram originárias da China ou do Egito, tendo em vista o fato das interpretações se ancorarem mais em uma abordagem simbólica do que no amparo dos rígidos esquemas ocultistas ou de documentos históricos (BANZHAF, 1997, p. 14; NICHOLS, 2007, p. 15; JODOROWSKY e COSTA, 2016, p. 25). Em parte expressiva das obras, a intuição e a sensibilidade são enaltecidas por conta da compreensão das imagens enquanto símbolos “universais”. Além do disseminado uso do conceito de “arquétipo” para tratar dos “padrões simbólicos” contidos no baralho de tarô e possíveis de serem postos em correspondências com mitos

gregos, fábulas, lendas urbanas e arte contemporânea (JAYANTI, 2002, p. 10; JETTE, 2000, p. 7; WANLESS, 2001, p. 9; GODO, 1985, p. 10; GREER, 2007, p. 202).

Ainda que nem todos autores categorizados nessa perspectiva façam uso do baralho de tarô enquanto análogo à “jornada do Louco” ou tragam referências diretas à obra de Jung, é observável um aparente consenso quanto ao tratamento do objeto enquanto mediador de autoconhecimento e “espelho” das interpretações de quem observa as suas imagens. Para exemplificar este ponto, cabe uma série de referências diretas encontradas em obras que apresentam pontos de toque com as características postas nesta categoria: a) o baralho de tarô para “orientação no caminho rumo a um maior discernimento” e “guia de transformação interior” (ZIEGLER, 1993, p. 11); b) o tarô com intuito de “obter um entendimento mais claro de nossa verdadeira natureza lendo as cartas” (LIND, 1983, p. 59); c) a função de “orientar quem o consulta quanto aos caminhos que devem ser seguidos e proporcionar o autoconhecimento” (MANTOVANI, 2007, p. 116); d) o “uso do Tarô para o alcance da felicidade e reconhecimento da luz que emanamos” (AMARAL, 2010, pp. 132-133); e) o tarô enquanto “uma ferramenta objetiva para a autoanálise” (BARLET, 2011, p. 22); f) sobre as cartas: “they are like a spiritual mirror in which we can not only recognize but also thoroughly examine and study ourselves” (HAICH, 1985, p. 25); g) “The meaning will depend on your frame of reference, your state of mind, and what you are open to perceiving within the cards” (JETTE, 2000, p. 11); h) “Tarot is a mirror. It reflects back who you are. It shows you your strengths and weakness” (WEN, 2015, p. 2).

A lista de referências se estenderia para outras tantas obras, não cabendo à proposta do trabalho um apuro pormenorizado de cada publicação ou uma abordagem quantitativa sobre o assunto. A relevância em trazer este conjunto de manuais é apontar como uma forte corrente de publicações emergem da década de 1970 em diante, aproximando o tarô de uma perspectiva próxima à da Nova Era, vigente em uma série de terapias e filosofias medicinais holísticas daquele período. Ainda que este termo seja utilizado explicitamente apenas por parte das autoras (WANLESS, 2001; MASCHA, 2006; RENÉE, 2007).

Conjugado a este olhar mais distanciado sobre a bibliografia, também estabeleci uma análise mais minuciosa das obras que foram citadas continuamente em conversações sobre o tarô, eventos, fóruns virtuais e vídeos de recomendações

de manuais. Selecionei as já citadas obras de Sallie Nichols, “Jung e o Tarô” e a coleção “78 Graus de Sabedoria” de Rachel Pollack, além dos manuais do escritor alemão Hajo Banzhaf e o livro “O Caminho do Tarô” de Alejandro Jodorowsky e Mariane Costa. Intenciono pontuar ainda mais os distanciamentos destas produções em relação à perspectiva ocultista, demonstrando os fios que atrelam as obras mencionadas e adiantar algumas considerações gerais desta pesquisa sobre como o tarô mobiliza diferentes formas de correspondências para a fundamentação de sua origem, estudo e prática. As obras desta perspectiva voltada ao olhar arquetípico costumam se mencionar positivamente, em contraste às obras precedentes que procuravam disputar entre si a delimitação das “chaves” corretas para decifrar os hieróglifos contidos nos baralhos de tarô. Nesta perspectiva arquetípica, existe margem para que todas as interpretações sejam “corretas”, tendo em vista o argumento do baralho de tarô se situar enquanto um molde de símbolos “universais” projetados pelo inconsciente coletivo ou pela humanidade e que trazem à tona o que cada pessoa apresenta enquanto conteúdo subjetivo, o “espelho da alma”.

A primeira obra a ser analisada será “Jung e o Tarô” (2007) de Sallie Nichols. Nas primeiras linhas da introdução, a autora já expressa um consenso estabelecido por parte das obras do período: “o Tarô é um baralho de cartas misterioso de origem desconhecida” (NICHOLS, 2007, p. 12). Concebe que o “homem moderno”, imerso na cultura verbal têm dificuldades na compreensão da “linguagem pictórica não-verbal” do tarô. Atesta: “uma viagem pelas cartas do Taro, primeiro que tudo, é uma viagem às nossas próprias profundezas” (ibidem, p. 12). E parte para consideração da estrutura do baralho de tarô, procurando focar nas cartas que tomarão mais a sua análise na obra: os Arcanos Maiores. A intenção de Nichols com essas cartas é “decifrar a história que eles contam”, tomando o “Louco” enquanto ponto de origem. Na introdução, Nichols avalia certas proposições históricas acerca do tarô que serão visualizadas posteriormente neste trabalho, como as de Paul Huson e Gertrude Moakley Contudo, não considera de maior relevância para a intenção do seu livro, para além de sentir que se tratam de imagens resultantes de uma “moção humana muito real e transformadora”. Completa: “parece evidente que essas velhas cartas foram concebidas no mais profundo das entranhas da experiência humana, no nível mais profundo da psique humana. É para esse nível em nós mesmos que elas falarão” (ibidem, p. 15). Quanto à consideração do baralho, toma o padrão Marselha como central por “preservar, de

um modo geral, o tom e o estilo de alguns dos desenhos mais antigos”. Segue então em um dos trechos mais relevantes para o presente estudo:

Existem outras razões para escolher o baralho de Marselha. Em primeiro lugar, o seu desenho transcende o pessoal. Não há provas, por exemplo, de que tenha sido criado por um indivíduo, como acontece com a maioria dos nossos baralhos contemporâneos de Taro. Em segundo lugar (também à diferença da maioria dos baralhos contemporâneos de Taro), o baralho de Marselha nos chega desacompanhado de um texto explicativo. Em vez disso, oferece-nos simplesmente uma história pela imagem, uma canção sem palavras, que nos açaude ao espírito como um velho refrão, evocando lembranças sepultadas. Este não é o caso dos baralhos de Taro contemporâneos, a maior parte dos quais foi desenhada por um indivíduo ou por um grupo conhecido de indivíduos, e muitos dos quais são acompanhados de livros em que os autores expõem, com palavras, as idéias abstrusas que presumivelmente apresentaram na pintura das cartas. Esse é o caso, por exemplo, das cartas e textos criados por A. E. Waite, Aleister Crowley, "Zain" e Paul Foster Case (ibidem, pp. 16-17).

Nichols assume perante as imagens do padrão Marselha, um baralho francês popularizado no século XVIII, um potencial de “transcendência” em relação aos demais baralhos produzidos na modernidade, especialmente os que procuraram agregar correspondências esotéricas. A justificativa de Nichols quanto ao uso do padrão Marselha é interessante por estar muito presente em grupos mais “puristas” da atualidade que fazem a defesa do uso deste tipo de baralho de tarô para o estudo simbólico pormenorizado. Contudo, não pelos mesmos motivos da autora, mas sim pela intenção de se voltarem para as possíveis “origens” das imagens primordiais do tarô. Para Nichols, os baralhos de tarô produzidos por ocultistas como Papus, Wirth e Waite são como “livros ilustrados”, estimulando intelecto e empatia. Em contrapartida, o padrão Marselha seria como uma “galeria de arte” e “estimula a imaginação, forçando-nos a mergulhar fundo em nossa própria criatividade e experiência de amplificação e compreensão. A correspondência é suscitada em outros momentos mais com intuito de que os indivíduos avaliem as imagens do baralho e compreendam o que estas levantam enquanto emoção ou percepção, conjunto à leitura de mitos e situações postos pela autora no encaminhar de cada

um dos capítulos. A intenção posta é de que as imagens do tarô sejam como “detentores da projeção”, como atesta no seguinte trecho:

Contemplando as imagens que atiramos na realidade exterior, como reflexos de espelho da realidade interior, chegamos a conhecer-nos. Em nossa viagem através dos Trunfos do Taro estaremos utilizando as cartas como detentores da projeção. Os Trunfos são ideais para esse propósito porque representam simbolicamente as forças instituais que operam de modo autônomo nas profundezas da psique humana e que Jung denominou arquétipos (ibidem, p. 20).

Exemplificando, se um indivíduo observa a imagem do “Louco” do baralho de Marselha, lê sobre suas diferentes representações em outras “culturas”, tomando-o enquanto representação arquetípica, logo, com “caráter essencial universal”, e se incomoda demais, esse é um “resultado” pelo qual pode levantar as próprias reações e questionar suas possíveis origens, se tornando mais consciente de si. Como afirma no seguinte trecho: “é fácil compreender porque Jung decidiu chamar de individuação esse tipo de autocompreensão. Pela confrontação dos arquétipos e pela relativa liberação da sua compulsão, tornamo-nos cada vez mais capazes de responder à vida de maneira individual” (ibidem, p. 30). Em outras palavras, existe uma “emancipação” proposta pelo livro diante da possibilidade do indivíduo estabelecer um “eu” que compreenda as projeções alheias, inclusive do próprio “ego”, a partir do estudo das imagens arquetípicas. Atribuições ao baralho, como “recursos”, em consonância ao posto por Paul Heelas sobre a *self-religion*:

Perfection can be found only by moving beyond the socialized self – widely known as the ‘ego’ but also as the ‘lower self’, ‘intellect’ or the ‘mind’ – thereby encountering a new realm of being. It is what we are by nature. Indeed, the most pervasive and significant aspect of the lingua franca of the New Age is that the person is, in essence, spiritual. (...). The inner realm, and the inner realm alone, is held to serve as the source of authentic vitality, creativity love, tranquility, wisdom, power, authority and all those other qualities which are held to comprise the perfect life” (HEELAS, 1996, p. 19).

A intenção de provocar a “percepção” ou “intuição” dos indivíduos à medida em que “passeiam” pelas “galerias de arte” das cartas, estabelecendo conexões com

mitos populares, situações cotidianas e expressões artísticas modernas, faz com que o conteúdo proposto por Nichols se aproxime mais do cotidiano de sua época do que propriamente no estudo pormenorizado dos saberes das civilizações antigas. A autora exclama: “Deem espaço a tudo; não esperem nada. Deixem folgar a imaginação. Divirtam-se - divirtam-se” (NICHOLS, 2007, p. 34). Para além do uso de termos como “individuação”, “arquétipos” e “percepção”, a maior contribuição que analiso a partir de sua obra foi a defesa de uma abordagem mais “livre” em relação ao baralho do que a disposta pelas tabelas estruturadas de correspondências dos ocultistas. A abordagem mais intuitiva do tarô, contudo, não será isenta de inúmeras críticas, pois suspende temporariamente os limites que poderiam demarcar entre “profissionais” e “estudantes” do tarô, já que não promulgaria uma “fórmula correta” para a interpretação de suas imagens. Ao contrário, caberia ao indivíduo avaliar as imagens do baralho enquanto um “espelho” de suas próprias disposições, para apenas deste ponto de partida incorrer em correspondências diversas a mitos, numerologia, cabala e outros saberes.

Abordagem similar pode ser encontrada na obra lançada naquele mesmo ano do livro de Nichols: “78 Graus de Sabedoria” da escritora Rachel Pollack. Nesta obra de dois volumes, a autora suscita as mesmas indagações históricas e os possíveis fundamentos para uso e estudo do tarô que os manuais de Eden Gray e Sallie Nichols. Apesar disso, Pollack agrega ainda mais em seu texto parte dos estudos postos naquele período sobre a história do tarô. Já concebe a hipótese do nome do criador dos primeiros baralhos, os *tarocchi* Visconti-Sforza, ser Bonifacio Bembo. Apesar disso, considera que certas cartas, como “O Pendurado”, não parecem retratar uma cena específica de um período histórico. Tomando as cartas enquanto símbolos presentes no inconsciente coletivo, como no exemplo disposto, traz à tona em cada carta uma série de correspondências da mitologia nórdica, ritos xamânicos, processos alquímicos e yoga (POLLACK, 1991, p. 10) para fundamentação de um processo de aprendizagem e autoconhecimento dos indivíduos. Assim como em Gray, a obra de Jung é citada de maneira ligeira (ibidem, p. 12). Contudo, os seus comentários acerca do baralho ressoam em muito com termos provocados por Nichols, como os “arquétipos”. Novamente, conceitos postos em conjunto às interpretações do tarô em um período de expansão das terapias alternativas/holísticas que em muitas matrizes ressoam uma literatura psicológica (HEELAS, 1996, pp. 96-97; SUTCLIFFE, BOWMAN, 2000; HANEGRAFF, 2012).

Em Rachel Pollack, transparece a intensão em demarcar o tarô enquanto “uma abertura, um caminho para o crescimento pessoal através do conhecimento de nós mesmos e da vida” (POLLACK, 1991, p. 12). A escolha do baralho, contudo, contrasta com a de Nichols, em muito pautada na concepção do padrão Marselha enquanto “galeria de arte” e mais suscetível a leituras intuitivas. Pollack escolhe o Smith-Waite Tarot, tendo como um dos fatores mais importantes, a ilustração de Pamela Smith nas Cartas Numeradas, criando cenários em cartas que costumavam trazer apenas a imagem dos naipes na devida quantidade de cada carta (como em um baralho de jogo). Para além disso, o seguinte trecho agrega a sua visão de “arquétipos” junto à justificativa de não estabelecer um “baralho correto” na sua perspectiva interpretativa:

Muitos livros sobre o Tarô usam um baralho exclusivo para ilustrações. Essa autolimitação talvez derive de um desejo de representar o ‘verdadeiro’ Tarô. Pelo fato de escolher um baralho e não outro, estamos realmente declarando que um é correto e o outro falso. Tal declaração vale muito para esses escritores, como Aleister Crowley ou Paul Foster Case, que consideram o Tarô um sistema simbólico de conhecimento objetivo. Este livro, no entanto, considera as cartas mais como um arquétipo de experiência. Visto por este ângulo, nenhum baralho é certo ou errado, mas simplesmente uma extensão do arquétipo. O Tarô é a soma de diferentes versões ao correr dos anos, quanto uma entidade separada de qualquer uma delas (ibidem, p. 15).

No desenvolvimento de sua narrativa acerca do tarô, questiona a superficialidade dos escritos mais voltados à “cartomancia” junto ao baralho, por se tratarem de associações ligeiras à cada uma das cartas com intuito de responderem questões superficiais. Propõe-se de encarar o baralho enquanto um processo psicológico que tem no “Louco” a figura de ponto de partida (ibidem, p. 27). Nesse intuito, separa as cartas em três conjuntos, provocando correspondências de cada grupo com os conceitos de “consciência, as preocupações externas da vida em sociedade; o subconsciente, ou a busca interior para descobrir quem somos realmente; e o superconsciente, o desenvolvimento de uma consciência espiritual e uma libertação de energia arquétipo” (ibidem, p. 31). Nestes termos, avança para a interpretação de cada uma das cartas que compõe o baralho, tanto Arcanos

Maiores, quanto Arcanos Menores. Interessante que a introdução posta pela autora ressoa nas demais propostas interpretativas das cartas. A escrita perpassa múltiplos territórios como as mitologias gregas, egípcias e babilônicas, aspectos históricos e filosóficos do Ocidente, filmes, quadrinhos e até preceitos cabalísticos. Diferentemente de Nichols, Pollack não chega a se ater tanto aos escritos de Jung, propondo, assim como havia feito Gray, uma abordagem ainda mais intuitiva frente aos símbolos postos pelas imagens de Smith-Waite. Trazendo observações da expressão das figuras, dos cenários ilustrados, das movimentações possíveis de cada carta e de como elas se agregam em um caminho de autoconhecimento.

Hajo Banzhaf (1949 – 2009), assim como Nichols e Pollack, figura entre os autores mais citados pelos profissionais e estudantes com os quais tive convívio durante a pesquisa. O diferencial principal reside na grande quantidade de obras traduzidas em português do autor em comparação aos difíceis volumes de encontrar de Rachel Pollack e à obra única, ainda que popular, de Sallie Nichols. Assim como nos exemplos precedentes, houve várias menções ao manual “O Tarô e a Viagem do Herói: a chave mitológica para os arcanos maiores” publicado originalmente em 1997. O título já evidencia uma conexão imediata com a obra de Eden Gray, referenciada por Banzhaf, e também com o termo cunhado por Joseph Campbell, nome muito rememorado em conversações acerca do estudo dos símbolos. Nas primeiras linhas de sua obra traz elogio e rememoração de “Jung e o Tarô” de Sallie Nichols. O autor afirma: “reconhecer os símbolos arquetípicos das 22 cartas dos arcanos maiores no caminho de vida de um ser humano – e entendê-los com mais profundidade – tem estado entre as experiências mais compensadoras da minha vida” (BANZHAF, 2013, p. 7). O autor faz uma breve revisão histórica pelas hipóteses dos caminhos percorridos pelos baralhos de tarô até a chegada no território europeu. Inclusive comentando as suposições egípcias, ainda que conceba insignificância quanto à relevância do tema, no que comenta:

Pois, se o tarô, como este livro irá demonstrar, transmite uma verdade arquetípica que tem raízes no inconsciente coletivo profundo e remonta aos primórdios da conscientização humana, de fato não tem importância se as cartas demonstram uma sabedoria de 400 ou 4.000 anos. As imagens que elas transmitem são mais antigas do que o papel e a arte da impressão de livros (ibidem, pp. 14-15).

Assim como Sallie Nichols, Banzhaf postula que um significado profundo se encontra nos 22 Arcanos Maiores, também denominados de “os símbolos no caminho da vida dos homens” (ibidem, p.16). Cita a psicologia de Carl Jung para fundamentar a sua noção de “simbolismo arquetípico”, recusando as interpretações dos ocultistas do século XIX que buscavam as “chaves herméticas” para a interpretação correta destes símbolos. A partir da “psicologia junguiana”, Banzhaf postula um baralho de tarô como “caminho de cura”, a partir de um ponto de partida “desafortunado”, em referência à carta do “Louco” (ibidem, p. 17). Antes da interpretação de cada uma das artes do baralho de tarô, Banzhaf procura fundamentar a sua compreensão de “jornada do herói”. Retoma novamente a psicologia de Carl Jung no seguinte trecho:

Temos de agradecer principalmente ao grande psicólogo Carl Gustav Jung pela explicação esclarecedora sobre o fenômeno de que os temas dessa tradição evidentemente estão contidos na alma de cada homem. Ele provou que nós não temos somente sinais característicos externos, com base nos quais podemos ser reconhecidos como homens, independentemente de idade, raça e sexo, mas que também no âmbito espiritual existe algo comum que é próprio de todo homem. Ele chamou esse âmbito interior de inconsciente coletivo. Nesse nível, que une todos os homens, atuam os arquétipos, as imagens primordiais da alma humana que, por assim dizer, já "trouxemos junto" ao nascer e que não precisamos adquirir através de nossa experiência de vida. Um desses arquétipos, por exemplo, é o velho sábio. Ele pode surgir no sonho de alguém que de fato nunca viu uma pessoa velha ou ouviu falar dela em sua vida. O inconsciente também está em posição de nos mostrar uma imagem arquetípica dessa camada coletiva mesmo sem um modelo externo (ibidem, p. 26).

Assim, a “jornada do herói” seria um “padrão arquetípico”, no qual uma personagem passaria pelos processos de partida, conhecimento de parcerias, reconhecimento de inimigos, quedas, desafios e conquistas. Banzhaf acredita que foi apenas no tarô que essa estrutura narrativa adquiriu sua “forma perfeita”: o trajeto que parte do “Louco” em direção ao “Mundo”. Em reforço ao vínculo com a psicologia de Jung, concebe este caminho como “um processo de individuação, que consiste em descobrir e desenvolver a originalidade individual, cristalizar o próprio padrão de vida e, dessa forma, em última análise, encontrar a totalidade” (ibidem, p.

31). Após as discussões teórico-conceituais a partir da estrutura do baralho de tarô, Banzhaf segue na interpretação dos Arcanos Maiores, um a um. No conjunto de suas referências bibliográficas, elenca uma série de escritos poéticos, psicológicos e mitológicos que vieram a ser mobilizados no percurso de suas interpretações, retomando também as obras de Sallie Nichols e Rachel Pollack.

A última obra a ser tratada, “O Caminho do Tarô” de Alejandro Jodorowsky (1929 -) e Marianne Costa (1966 -) carece de um comentário preliminar mais amplo. Assim como “Jung e o Tarô” de Sallie Nichols, o nome de Jodorowsky apareceu em diversos momentos da minha trajetória, em costumeiras apropriações extremistas, tanto para o lado positivo (“gênio”, “mestre”), quanto negativo (“exagerado”, “fora de foco”, “muita viagem”). Parte desta condição se dá pelo conjunto da obra e do discurso sustentado pelo autor. Em sua produção fílmica se destacam o faroeste vanguardista “O Topo” de 1970 e o místico surrealista “A Montanha Mágica” de 1973. Obras densas de símbolos, com narrativas não-lineares, propondo discursos que passeiam entre perspectivas filosóficas, psicológicas e esotéricas. O mesmo ocorre em vídeos ou postagens de Jodorowsky, cuja proposição terapêutica se denomina “psicomagia”, na qual a arte desempenha papel central no tratamento do mal-estar dos pacientes. Para além de sua controversa figura perante artistas e terapeutas, Jodorowsky sempre foi reconhecido pelo estudo do tarô e de lecionar cursos sobre o tema.

Na obra “O Caminho do Tarô”, a narrativa se inicia como num roteiro fílmico, com um extenso relato do autor sobre o seu encontro com o baralho de tarô e das muitas mudanças que atravessou perante o seu entendimento. Recai inclusive nas interpretações ocultistas do baralho, recontando a epifania de Court de Gébelin e a hipótese do “Livro de Hermes”. Assume, em determinado ponto, um questionamento frente à origem do baralho de padrão Marselha, objeto com o qual decidirá percorrer seus devaneios interpretativos:

Qual foi a intenção do criador desta catedral nômade? Seria possível um único ser humano plasmar uma enciclopédia de símbolos tão intensa? Quem teria sido capaz de reunir em uma só vida tais conhecimentos? É tamanha a precisão do Tarot, são tão perfeitas suas relações internas, sua unidade geométrica, que não é possível aceitar que seja uma obra realizada por um iniciado solitário (ibidem, p. 23).

Em um trecho seguinte de sua introdução, Jodorowsky afirma como se deu o seu aprendizado perante o tarô, modo de operacionalizar intuitivo que será depois visto de forma efetiva nos capítulos destinados à cada uma das cartas. Para além disso, estabelece alterações ao padrão de imagens de Marselha a partir das meditações e vivências realizadas com as cartas. Segue o seguinte trecho:

Tudo o que eu queria saber estava ali, entre as minhas mãos, diante dos meus olhos, nas próprias cartas. Era essencial deixar de escutar as explicações baseadas na ‘tradição’, nas concordâncias, nos mitos, nas explicações parapsicológicas, e deixar que os arcanos falassem... Para incorporá-lo em minha vida, além de memoriza-lo, realizei com ele alguns atos que espíritos racionais poderão considerar pueris. Por exemplo, dormi cada noite com uma carta diferente embaixo do meu travesseiro, ou passei o dia inteiro com uma delas no bolso. (...). Imaginei os pensamentos, as emoções, a sexualidade e as ações de cada personagem. Eu os fiz rezar, insultar, fazer amor, declarar poemas, curar (ibidem, p. 25).

A partir deste ponto, passa a firmar cursos e palestras sobre o tarô de Marselha reproduzido por Paul Marteau. Neste período, conhece Philippe Camoin, descendente da família que imprimia o tarô de Marselha desde 1760. Após um acidente que vitimou seu pai, o herdeiro decide ter aulas de tarô com Jodorowsky. O tarólogo afirma ter realizado uma sessão de psicomagia em Camoin, ainda angustiado pela tragédia. Como resultado da sessão, Jodorowsky sugeriu que restaurassem o tarô de Marselha. Por meio do acesso aos parentes do herdeiro, o Jodorowsky teve acesso às pranchas de impressão de cartas de tarô do século XVIII. Iniciava, assim, uma comparação entre as diferentes versões de baralhos produzidas no passado. A busca fez com que a dupla chegasse até o México, lugar no qual um jovem, filho de dono de um antiquário, guardava uma das versões mais antigas de um tarô francês. A intenção da pesquisa de Jodorowsky era reproduzir fielmente as linhas, os pequenos objetos de cada cenários, as cores, entre outros elementos, do padrão “original” de cartas de tarô produzidas na França.

A minha intenção em detalhar este processo descrito nas páginas de seu livro (ibidem, pp. 26-31) é pelo fato de Jodorowsky ter sido um dos primeiros autores com os quais me deparei com um evidente olhar “purista” em relação às artes do tarô. Ainda que Sallie Nichols apresentasse preferência pelo uso do padrão

Marselha, é possível encontrar, em sua obra, referências a outros baralhos modernos que reforçam suas interpretações. Quanto aos autores ocultistas, havia a busca generalizada de criarem baralhos que fossem mais próximos do “Livro de Thoth”, com os devidos hieroglifos e correspondências herméticas. No caso de Jodorowsky, são descritos parágrafos inteiros acerca da preocupação frente ao número de linhas e à saturação das cores de cada carta do baralho de padrão Marselha e uma dura crítica frente às “poluições” postas pelas reproduções modernas de baralhos de tarô.

Apesar da preocupação inicial quanto ao objeto a ser utilizado, será a partir do capítulo “O Tarô é um ser” que o exercício interpretativo de Jodorowsky não se fará em muito distinta das obras referenciadas anteriormente. Inclusive com várias referências à psicologia analítica de Jung (ibidem, p. 35). Almeja-se a compreensão da “unidade” narrativa que permeia as cartas: “simbolicamente, os Arcanos do Tarot são um cofre onde se depositou um tesouro espiritual. A abertura desse cofre equivale a uma revelação. A tarefa iniciática consiste em unir os fragmentos até recuperar a unidade” (ibidem, p. 36). Por meio das diferentes disposições das cartas, Jodorowsky constrói interpretações a partir de templos, suásticas e mandalas, afirmando: “de todo modo, devo admitir, os arcanos permitem inúmeras formas de ser ordenados em um todo. Sendo o Tarot um instrumento essencialmente projetivo, não há nele uma forma final, única, perfeita” (ibidem, p. 37). Em movimento similar à de Rachel Pollack, recusa o uso deste modelo para mera adivinhação, concebendo “uma nova forma de psicanálise, a tarologia” e concebe o caminho do Louco até o Mundo enquanto uma jornada, como já postulava Eden Gray.

O teor crítico às interpretações mais “fechadas” também se faz presente na obra, como se atesta no seguinte trecho: “aqueles que afirmavam ‘este é o significado tradicional do Arcano’ eram aprendizes ingênuos de magos ou charlatães” (ibidem, p. 123). Em contrapartida, traz à tona uma interpretação de cunho mais psicológico-arquetípico. Em seus termos: “compreendi que cada Arcano, tendo características diferentes dos outros, agia no inconsciente como um arquétipo” (ibidem, p. 124). Além da compreensão do estudo do tarô como uma terapia, trabalhando as suas projeções a partir das imagens postas ou “o espelho da nossa verdade subjetiva” (ibidem, p. 133). Reforça também um argumento já posto pelas obras anteriores da mensagem pictórica das cartas, sobrepondo-se à “impotência da

linguagem racional” e da importância do símbolo e sua “infinita variedade de significados” (ibidem, p. 130).

Como apontado nos quatro livros citados e nas breves citações das demais obras analisadas, existe um conjunto de termos em comum nesta série de manuais de tarô. Apesar das distinções quanto ao baralho a ser utilizado ou da aproximação maior ou menor com os termos ocultistas ou psicológicos, existe uma motivação ampla em relação ao estudo do tarô em consonância a motivações terapêuticas para o autoconhecimento. Também fica apontado a forma como esta literatura apresenta pontos de toque com as concepções de *self-religion* em Paul Heelas (1996) em sua análise de movimentos e práticas espirituais que imperaram no mesmo período de lançamento das obras seminais de Eden Gray e Sallie Nichols (década de 1970 e 1980). Ainda hoje é possível encontrar livros recentes que conduzem a narrativa do tarô a partir da analogia da “jornada do Louco”, de forma a corresponder as imagens das cartas à uma estrutura simbólica presente no inconsciente coletivo da humanidade. Por conta da falta de precisão quanto às referências bibliográficas dos manuais, não fica claro, a partir das análises, até que ponto as obras ressoam os preceitos postos pela New Thought ou pela psicologia analítica de Jung. O que não diminui a validade de observar como noções costumeiramente utilizadas pela psicologia imperante do período impactam literaturas que primariamente versavam com aproximações ao ocultismo moderno, ponto observado pelo minucioso trabalho histórico de Hanegraaff (1996).

Um último ponto a ser demarcado quanto a este eixo de produções é a importância nas obras posteriores às citadas na idealização de baralhos de proposta terapêutica distintos dos tradicionais (reproduções fiéis aos tarôs “antigos”) ou dos fomentados pelos oraculistas (os “Livros de Thoth”). Este será um ponto fundamental para compreensão das modulações do baralho em si no próximo capítulo. Parte expressiva de toda a literatura que promulga uma conexão entre as imagens do tarô com o “inconsciente coletivo” da humanidade concede margens para a concepção de baralhos com temáticas das mais variadas: mitologias diversas, séries de televisão, filósofos, gatos, mulheres cientistas, dentro outros tantos temas que observei terem um baralho próprio durante o período de pesquisa. Esta “atualização” das imagens do tarô, fonte de inúmeras críticas por parte dos “puristas”, tem sido uma das controvérsias motoras da expansão dos baralhos de tarô no mercado editorial e nas redes sociais, como apontei no primeiro capítulo.

A condução dos estudos sobre a literatura do tarô não se encerra nas tensões entre a margem ocultista e a arquetípica na interpretação das imagens dos baralhos. Quatro anos antes de Eden Gray publicar a primeira obra que traria a analogia do baralho enquanto mediador do autoconhecimento pela via interpretativa da “Jornada do Louco”, a bibliotecária Gertrude Moakley sairia em defesa da importância do estudo histórico para a compreensão da estrutura imagética do tarô. Sendo a primeira autora mais popular a tratar desta maneira o tema (FARLEY, p. 45, 2009), a obra de Moakley se desdobraria em uma série de publicações de proposições mais acadêmicas com objetivo de estabelecer hipóteses mais respaldadas historicamente quanto ao simbolismo originário do tarô. Será este o ponto de partida para o terceiro e último eixo deste presente momento da pesquisa.

3.3 RECONSTRUINDO A HISTÓRIA CULTURAL DO TARÔ

Os estudos e manuais de tarô analisados anteriormente podem ser divididos em dois grandes grupos quanto aos baralhos escolhidos. Por parte de autores como Éliphas Lévi, Papus, Wirth, Waite e Crowley, buscava-se reformular os baralhos de tarô que existiam naquele período, utilizados prioritariamente para jogos, de forma a se aproximarem do que seria o “Livro de Thoth”, agregando às imagens as chaves herméticas de funcionamento do mundo. Por outra via, Eden Gray e Jodorowsky acreditavam que o tradicional baralho francês de Marselha seria composto por um conjunto de imagens mais propícia para a imersão terapêutica-artística idealizada por ambos. Enquanto para Eden Gray e Rachel Pollack, o baralho do ocultista Arthur Waite poderia ser mobilizado para além de suas pretensões esotéricas, utilizando-o enquanto mediador de processos de autoconhecimento. Para os ocultistas, não havia necessidade da investigação dos primeiros baralhos criados, pelo fato de todos serem constituídos apenas de imagens que procuram “disfarçar” os hieroglifos inculcados pelos esotéricos de outrora. Quanto aos autores de abordagem mais terapêutica, imperou o discurso da historicidade do baralho não importar, já que provinha de um mesmo arcabouço simbólico universal que permeia a humanidade. Mas essa falta de apreço ao estudo dos baralhos mais antigos nunca foi um consenso absoluto. Desde fins do século XIX, os museus europeus e norte-americanos passaram a agregar baralhos de tarô antecedentes ao de Marselha em suas coleções, como os de Visconti-Sforza, considerados hoje os mais antigos e

preservados, em muito similares à estrutura dos tarôs modernos (KAPLAN, 2007, p. 65). Contudo, as interpretações até a década de 1950 se limitavam ao caráter descritivo, evitando teorias mais gerais sobre o tarô que explorassem a motivação da sua criação e seus usos.

Até que, em 1956, a norte-americana Gertrude Moakley (1905 – 1998) publica um artigo denominado “The Tarot Trumps and Petrarch's Trionfi: Some Suggestions on Their Relationship” no *The Bulletin of the New York Public Library*. Neste artigo, hoje encontrado virtualmente⁷⁰, Moakley apresentaria pela primeira vez parte de seus argumentos relacionados à origem do tarô. Elencarei três importantes pontos do texto: a) naquele período em que Moakley escreve, apesar de observar indivíduos que catalogavam os baralhos de tarô já produzidos e os disponíveis em museus, não se encontrava um empenho mais acadêmico em questionar as supostas origens do tarô formuladas por ocultistas como Court de Gébelin e Éliphas Lévi; b) o termo costumeiramente associado às cartas, “trunfos”, teria advindo do italiano *trionfi*, sendo uma correspondência aos desfiles carnavalescos do Renascentismo italiano influenciados pelas marchas triunfais romanas. Assim, os tarôs mais antigos, provindos do norte da Itália, seriam representações imagéticas destes desfiles; c) na Itália renascentista, vigorava a popularidade de uma série de poemas denominados de “I Trionfi” (publicado pela primeira vez em 1351), escritos por Francesco Petrarca (figura conhecida da aristocracia italiana) e que retratavam a jornada do pecado até a redenção. Existem fortes correspondências, de acordo com Moakley, das cenas narradas por Petrarca e as cartas representadas no tarô de Visconti-Sforza. Ao longo dos anos, os estudos de Moakley ganhariam mais condensação documental, ainda que tenham ficado sempre em registro de hipótese histórica, já que até hoje não se encontra uma efetiva constatação se houve tarôs mais antigos que o Visconti-Sforza.

Interessante notar que a autora não renegava a importância das interpretações românticas dos ocultistas europeus ou das suas correspondências com o psicologismo proposto pela New Thought. Durante a década de 1950, Moakley participava de programas com temas místico-esotéricos, além de ter se aproximado de Eden Gray e de sua obra. Havia uma intimidade com os eixos

⁷⁰ Disponível em: <http://moakleyupdated.blogspot.com/2017/03/appedix-moakley-1956.html>. Acesso em 14 de Julho de 2021.

literários acerca do tarô relatados até então. Apesar disso, a autora postulava, inclusive em obras esotéricas, a necessidade de averiguar os “fatos” relacionados à produção dos primeiros baralhos, como atesta a seguir na introdução da versão inglesa do “Tarô dos Boêmios” de Papus:

To complete our idea of the Tarot symbolism we need to add to the darkly veiled side the bright conscious side with the spot of dark unconsciousness at its center. That is, we need to recognize that the literal facts about the Tarot cards are probably quite different from the occultist account. But this brings us again to another veiled darkness: the unconscious motives of those who meant to use symbols only to add to the amusement and excitement of a Carnival game. We may then accept the occultist tradition as a valid myth, that is, a solemn way of stating a truth symbolically with such imaginative force that even its authors at first always mistake it for the literal truth⁷¹.

Em 1966, Gertrude Moakley publicaria “The Tarot Cards Painted by Bonifacio Bembo for the Visconti-Sforza Family: an iconographic and historical study”, a obra pela qual o seu estudo seria reconhecido. Um dos diferenciais da autora certamente se encontra na busca por ampliar a noção dos leitores quanto aos inúmeros baralhos precedentes ao padrão francês de Marselha. Soma-se também os estudos sobre a iconografia imperante nos locais nos quais estes baralhos foram produzidos, especialmente o padrão Visconti-Sforza em paralelo ao contexto político-cultural do norte da Itália. Na obra em questão, a autora explora a hipótese dos *tarocchi* (“tarôs” em italiano) terem sido pintados, em sua maioria, por Bonifacio Bembo, a partir da análise da convivência do mesmo com a corte e do estilo apresentado nas imagens. Moakley apresenta também indícios sobre como o luxuoso baralho poderia ser um presente do casamento de Bianca Maria Visconti e Francesco Sforza, duque que viria se firmar na corte de Milão após a morte do pai de Bianca, Filippo Maria Visconti:

This set of tarocchi dates back to the middle of the fifteenth century, and is the work of Bonifacio Bembo. Bembo was the favorite painter of Bianca

⁷¹ Trecho retirado de artigo da página “pré-Gébelin Tarot History” de Michael Hurst denominado “Gertrude Moakley” (postado em 26 de Março de 2008). Disponível em: <http://pre-gebelin.blogspot.com/2008/03/gertrude-moakley.html>. Acesso em 14 de Julho de 2021.

Visconti Sforza, and it is probable that the cards were painted for her. At that time the tarocco pack (“tarocchi” is the plural form of the word) was not yet established in its present form. (...). With the utmost skill and subtlety he has interwoven the Visconti motto “A bon droyt” (said to have been suggested by Petrarch) on many of the cards of the ordinary suits. On some of the trumps there are Sforza devices. This combination of Visconti and Sforza elements shows that the earliest possible date for the cards is 1432, when the betrothal of Francesco Sforza and Bianca Maria Visconti united the two families. However, we cannot date them as early as that since their painter, Bembo, would have been only twelve years old (MOAKLEY, 1966, p. 19).

A autora descreve o percurso do baralho desde a sua possível origem, passando por outros aristocratas e colecionadores, até alcançar os museus modernos. A intenção maior do estudo, contudo, é a retratação do ambiente da nobreza italiano, os pormenores das vidas pessoais que resultaram na união das famílias Visconti e Sforza, a maneira como os desfiles carnavalescos se estabeleceram no período e o aprofundamento da literatura poética de Petrarca. A partir deste último ponto, as cartas do tarô vão sendo correlacionadas uma a uma com as cenas poéticas do “I Trionfi”. Cabe notar que no baralho Visconti-Sforza mais preservado, denominado Pierpont-Morgan (cada *tarocchi* recebe o nome dos museus que o possuem na coleção), faltam três cartas em relação aos baralhos “completos”: a carta da “Torre”, do “Diabo” e o “3 de Espadas”. Ainda assim, se torna notável ao leitor como os atos presentes nos poemas de Petrarca são possivelmente análogos a figuras tidas como clássicas nos baralhos de tarô como o “Amor” (referente aos “Amantes”), a “Morte”, uma mulher em sua carruagem triunfal (referente ao “Carro”), as Virtudes Cardeais (a “Fortitude”, a “Temperança” e a “Justiça”) e o “Tempo” (referente ao Eremita).

Não só dos chamados “trunfos” a autora se debruça. Cabe lembrar que um baralho tradicional de tarô é reconhecido por 78 cartas, divididas entre os vinte e dois “trunfos”, 40 cartas numeradas e 16 arcanos de corte. Esses dois últimos estabelecem um conjunto de 56 cartas separadas em quatro naipes e muito próximas do baralho francês utilizados em jogos como truco, poker e canastra. Também chamados de Arcanos Menores, costumam ser analisados nos livros de teor histórico ou em obras que procuram substituir as imagens tradicionais por cenas pictóricas (como em Waite). Em várias produções literárias (a exemplo dos manuais

de Wirth, Papus e Sallie Nichols), não existe o mesmo tratamento pormenorizado que as vinte e duas cartas de “trunfos”, justamente pela dificuldade de agregar correspondências esotéricas ou psicológicas nos baralhos mais tradicionais similares aos baralhos de jogos. Como as obras de cunho histórico procuram recompor as redes que interligam a idealização, a produção e a distribuição dos baralhos de tarô, os estudos sobre as 78 cartas costumam estar presentes, ainda que separados em diferentes capítulos, tendo em vista que historicamente acreditase que as 40 cartas numeradas e as 16 de corte foram criadas antes dos 22 “trunfos”. Perante esse tema, as controvérsias se desdobram nas motivações dos indivíduos que desenvolveram os baralhos ao colocarem as imagens de espadas, cálices ou moedas nas cartas (exemplos de naipes encontrados em baralhos de jogos) e como ocorrem variações em cada região que o baralho alcançou (os mamelucos tinham um naipe para tacos de polos, por exemplo). Existem inclusive teorias que procuram apontar uma correlação entre os naipes e as estamentos sociais de certos períodos (PLACE, 2005, p. 44). Outra controvérsia ampla neste tema é se as figuras tradicionais da corte (rainhas, reis, pajens, cavaleiros) foram inspirados em personalidades históricas ou se são apenas representações ideais dos estratos de poder de um período.

Em Moakley, por exemplo, cada um dos naipes do padrão de Visconti-Sforza (bastões, cálices, espadas e moedas) encontra possível consonância com alguns dos “trunfos”. A autora descreve a narrativa de um grande desfile, no qual as cartas vão se apresentando uma a uma, inclusive as numeradas, estabelecendo correspondências e justificativas perante a sequência apresentada (MOAKLEY, 1966, pp. 61-115). Reforçando, assim, uma possível “unicidade” que as cartas formariam quando pensadas em conjunto. Essa coesão interna nem sempre ocorre da maneira mais fluida, tendo em vista a dificuldade em estabelecer se todas as cartas dos chamados “trunfos” foram concebidas na mesma época ou se houve protótipos anteriores que nunca foram encontrados. Nestes pontos em que o teor factual histórico se torna mais instável em suas vias de sedimentação. Dessa forma, as análises ficam passíveis de críticas em suas interpretações e tentativas de tratar os baralhos enquanto agentes coesos entre suas partes. Mesmo tendo estes pontos de tensionamento em vista, fica inegável a influência da obra de Moakley em todos os livros tratados neste eixo. Especialmente quanto à importância concedida à interpretação dos símbolos a partir de uma perspectiva histórica e a possível

correspondência das cartas do tarô formando uma narrativa análoga aos poemas de Petrarca. O tratamento mais objetivo da autora, sem se voltar necessariamente para atributos espirituais ou de um inconsciente coletivo, provocou uma série de replicações futuras.

De maneira similar ao que aconteceu com Court de Gébelin, os escritos de Moakley demarcam um ponto de partida pelo qual uma série de outros autores passarão a anunciar as suas próprias interpretações frente ao baralho de tarô, dessa vez ancorados na época em que os primeiros baralhos foram concebidos. O tarô, enquanto ator materializado, se torna o protagonista central das narrativas. Existem narrativas comuns às obras, inclusive no que tange às teorias das possíveis influências na produção dos arcanos maiores. Uma série de autores retomam objetos similares aos baralhos de jogos em outros povos como os chineses e os mamelucos conjunto às possíveis teorias que versam a chegada destes objetos em terras europeias (HUSON, 2004, p.1; PLACE, 2005, p. 22; FARLEY, 2009, p. 5). Existe também um olhar para os primeiros documentos com descrições dos baralhos em decretos para a proibição de jogos, atestando as primeiras “aparições” dos objetos em contexto europeu (KAPLAN, 2007, p. 24; HUSON, 2004, p.10; FARLEY, 2009, p.8). Quanto aos usos do baralho antes da agregação aos círculos esotéricos, são influentes as obras de Michael Dummett (2004), autor que centraliza suas análises nos jogos de mesa que faziam uso do baralho de tarô e a variação de suas regras em cada período e região. É comum que os autores retomem estas referências com intuito de contestar a hipótese de o baralho de tarô ter sido utilizado para divinação ou para ritos iniciáticos em primeira instância (KAPLAN, 2007, p. 295; FAIRLEY, 2009, pp. 44-45), a exemplo deste trecho da obra de Robert Place:

All known evidence indicates that the first deck that we would call a Tarot was created in the early fifteenth century in northern Italy when a fifth suit, containing allegorical figures, was added to the already existing deck of cards. From literary evidence and observation of games played with the deck, we can determine that the main purpose of a Tarot deck was for playing a new tricktaking game in which the fifth suit acted as trumps. This game is the ancestor of the modern game of bridge but the original form of the game is still played in parts of Europe. Bridge was designed to be played with a standard four-suit deck and, therefore, one of the suits has to be designated as the trump suit. In the Tarot, there is a natural trump suit. The

English word *trump* is derived from the original Italian name for this suit, *trionfi*, which means “triumphs” (PLACE, 2005, p. 26).

Contudo, ao longo da literatura, nem todos concordaram quanto a qual o baralho mais antigo ou “originário” a se ter em vista para a análise histórica. Helen Farley apresenta como houve um período em que pesquisadores diversos tratavam um baralho supostamente encomendado por Charles VI da França para o pintor Jacquemin Gringonneur. Tendo inclusive quem afirmasse que o mesmo pintor teria sido um cabalista que intencionava com o baralho curar as doenças mentais do rei francês (FARLEY, 2009, pp. 18-19). Perante a avaliação das vestimentas, dos brasões representados nas imagens, da numeração romana, do material utilizado, entre outros fatores, hoje existe um aparente consenso de que o baralho é posterior ao italiano Visconti-Sforza⁷². Este exemplo disposto acerca das hipóteses que pairavam no suposto baralho de Charles VI, tido como o mais antigo, é bem representativo dos movimentos que acontecem dentro deste eixo de obras. É notável a propensão à indução a partir de um conjunto de dados históricos fragmentados, especialmente quanto ao próprio termo “tarô”, às possíveis cartas que estão faltando nos baralhos, aos artistas que pintaram as primeiras obras e aos devidos usos populares e aristocráticos (HUSON, 2004, p.11; PLACE, 2005, p. 26; FARLEY, 2009, p.12). Os consensos estabelecidos, como aquele em relação à precedência dos baralhos produzidos no norte da Itália renascentista e a falta de provas documentais que consolidem a hipótese esotérica de origem egípcia-cigana, costuma servir primariamente de contraponto às proposições históricas dos ocultistas, a exemplo do trecho da obra de Dummett e McLeod:

Many people have heard of Tarot cards: ninety-nine out of a hundred of them believe that they were invented for fortune-telling or as a document of the occult. The belief is entirely wrong. The Tarot pack was invented in northern Italy in about 1425; the earliest documentary references to it come from the court of Ferrara in 1442, and the earliest surviving pack was made for the court of Milan, conjecturally in 1441. By the end of the century it was

⁷² Em artigo do escritor francês Alain Bougearel, revisando parte da bibliografia que explora as controvérsias sobre o chamado “baralho de Charles VI”, não há ainda um consenso sobre a datação do baralho. Apesar de certa concordância sobre sua posteridade em relação aos baralhos italianos. Uma tradução em português do artigo se encontra disponível em: http://www.clubedotaro.com.br/site/h23_15_gringonneur.asp. Acesso em 14 de Julho de 2021.

known throughout northern Italy, from Rome upwards; in the early XVI century it spread to France and Switzerland. A plethora of references to the cards, from Italy in the XV century and from all three countries in the XVI and XVII, testify to their use as instruments in a special kind of card game. None associates them with the occult, and only one very dubious one hints at a use of them to read individual characters (DUMMETT, MCLEOD, 2004, p. 1).

Similarmente, considerando as controvérsias que ainda imperam no estudo histórico do baralho, Helen Farley afirma:

There are as many theories as to the derivation of the term 'tarot' as there are theories about the provenance of the cards themselves. In the absence of substantiated etymological evidence, most theories relating to the derivation of the terms 'tarot' and 'tarocchi' tell us more about the prevailing social and intellectual currents at the time that these theories were formulated than about the place and time of the origin of the tarot deck. While we can be certain that tarot evolved from the regular playing-card deck and confidently discount the theories that would have it being created in ancient Egypt to be disseminated by the gypsies or evolving from an extant game, the circumstances surrounding its creation remain ambiguous without the examination of further evidence. The most significant clues to tarot's true provenance are to be found in the documents where '*cartes de trionfi*' are first mentioned, in the correspondence and record books of the courts of Northern Italy (FARLEY, 2009, p. 32)

Uma das consequências mais evidentes em relação ao tipo de abordagem de autores como Moakley, Dummett, Place, Depaulis e Farley, é a forma como pode conflitar com as interpretações correntes de cada carta, propiciando um terceiro caminho para além do ocultismo ou dos arquétipos. No primeiro eixo era considerável a importância dos conhecimentos esotéricos-herméticos, de forma que o baralho servia como um mediador de processos de iniciação ou de “biblioteca simbólica” dos preceitos herméticos. No segundo eixo, a leitura de cartas de tarô é feita a partir do aceite de que mitos, situações de vida, acontecimentos históricos e até mesmo os preceitos herméticos apresentam um substrato simbólico comum que recai sempre em uma das imagens arquetípicas dispostas no baralho de tarô. Agrega-se ainda o potencial do baralho de tarô funcionar como um possível

“espelho” das condições interiores do indivíduo (*self*/alma). Em contrapartida, no terceiro eixo, considera-se que a melhor forma de interpretar as imagens se dá com um estudo minucioso do seu período de produção, procurando estabelecer seu simbolismo “originário”. Em suma, existiria uma estrutura do “tarô em si”, a partir do momento em que os defensores desta abordagem passam a construir e desconstruir coletivamente (levando em conta as múltiplas citações entre eles) um arcabouço ideal ou “verdadeiro” por meio de registros históricos e estudos semióticos tendo em vista o contexto político-social de cada época. A esse respeito, Nei Naiff faz a seguinte defesa⁷³:

Com o tempo, você perceberá que as estruturas fornecem o verdadeiro significado do tarô em relação à vida humana, nelas reside o autoconhecimento - pense nisso. Pelo fato de inúmeras pessoas não conhecerem a verdadeira estrutura do tarô, terminam por querer estudar cabala, astrologia e numerologia, na tentativa de esclarecer o que são estes enigmáticos simbólicos. (...). Atenção! Os arcanos maiores serão apresentados, primeiramente, através da tarologia, que representa o estudo da simbologia clássica que deu origem aos tarôs modernos, transculturais e surrealistas; em seguida, pela taromancia, que leva os conceitos básicos para os jogos (NAIFF, 2011, pp. 46-47).

Como visualizado na obra de Moakley, seguindo uma estrutura em muito similar às obras precedentes, estes autores também trazem no decorrer de seus livros um momento em que cada carta de um baralho de tarô é abordada de forma pormenorizada. Apesar disso, são poucas as produções que procuram fundamentar uma interpretação divinatória para as cartas (com exceção de Nei Naiff e Paul Huson, nas obras tratadas nesta pesquisa). As sessões das poucas obras destinadas aos “usos divinatórios” costumeiramente se apresentam curtas, informativas e sem maiores divagações esotéricas ou mitológicas. Outra diferença em relação aos demais livros é que a maioria das obras analisadas neste eixo não se dispõe aos títulos de “manuais” ou “guias”, mas costumam evocar a investigação

⁷³ Em entrevista para o podcast “Dama de Copas” em 23 de Novembro de 2020, Nei Naiff proclama que parte expressiva de seus escritos partem mais de traduções dos escritos em outras línguas do que teorias próprias. Para além disso, traz com ênfase a sua atividade em “purificar o tarô dos hermetismos” e a crítica da massificação de baralhos, distanciando os estudantes e praticantes dos “reais significados do tarô”.

(“study”), as origens (“mystical origins”) e a história (“cultural history”) em suas nomeações.

Acredito que seja válido apontar que boa parte dos estudos históricos acerca do tarô nesta pesquisa, inclusive quanto aos contextos da produção dos baralhos ocultistas e das correspondências arquetípicas, estão permeadas de citações dos autores aqui dispostos. Adiciono que não existe um atrelamento imediato destes mesmos autores aos discursos que propoem uma “desmistificação” do baralho como exposto pelos profissionais presentes na trajetória apresentada no capítulo precedente. O que unifica os trabalhos dos autores apresentados é justamente o nível de amplitude e aprofundamento dos documentos históricos que atestam a presença do tarô antes da produção de baralhos ocultistas e terapêuticos, uma preocupação elementar no apuro bibliográfico de cada estudo e a construção de hipóteses interpretativas quanto à cada uma das cartas a partir da análise de seus símbolos em correspondência aos encontrados no contexto sociocultural do período.

As diferenças mais notáveis entre as produções acontecem no recorte histórico-cultural abordado por cada autor. Após a obra de Moakley (1966), consigo visualizar a importância de Stuart Kaplan (2007) que, sendo um dos maiores colecionadores de tarô daquele período e fundador de uma empresa ligada ao campo, concede um tom enciclopédico atravessando diversos períodos e baralhos, procurando descrever uma certa trajetória. Disposição analítica muito similar ao de Helen Farley (2009) que se detém prioritariamente nos *tarocchi* Visconti-Sforza, procurando corrigir as inconsistências históricas de Moakley e depois seguindo uma trajetória similar à de Kaplan. As obras citadas, contudo, tocam levemente na questão dos jogos de mesa realizados por meio do tarô, ponto que viria a ser melhor explorado nos escritos de Michael Dummett (2004).

As perspectivas dos quatro autores citados (Moakley, Kaplan, Farley, Dummett) se voltam para o aspecto material e, por vezes, o simbólico frente ao estudo da trajetória dos baralhos de tarô. Mas é possível encontrar também autores como Paul Huson (2004) que indagam as leituras mais “duras” ou “materialistas” e oferece interpretações que agregam positivamente o conhecimento místico-esotérico ao tarô, ainda que dentro de uma perspectiva histórica. Em Huson, não encontramos uma recusa prontificada quanto ao uso divinatório, apesar de uma evidente defesa da utilização dos estudos como maneira de ampliar as narrativas perante cada uma das imagens. É interessante observar como autor oscila entre abordagens mais

contextuais, como a atestada relevância da obra de Petrarca no Renascimento, os estamentos da Idade Média e as marchas fúnebres, e leituras mais ocultistas, compreendendo a trajetória das correspondências e mobilizando em alguma medida de suas interpretações. Um caminho entre as disposições do primeiro eixo com as do terceiro, como no seguinte trecho:

Actually, I believe anyone who wants to read the cards is not only free to, but must evolve a personal method for himself or herself, for reasons I will make clear. If you have the talent, it will make itself know to you soon enough. However, if you take the art of tarot reading seriously (and expect others to), it might behoove you to know something about the actual historical roots of your chosen field (HUSON, 2004, p. xvi).

A aparente ambivalência no posicionamento de Paul Huson é presente em outros tantos manuais analisados. É possível observar obras de cunho histórico que enaltecem também os aspectos de um possível “inconsciente coletivo” alinhados à pesquisa documental. Com enfoque maior no simbolismo e na estrutura psicossocial do período, é possível resgatar as obras de Robert O’Neil (1986) e Robert Place (2005), cujo imaginário renascentista é analisado em seus pormenores, com as devidas influências alquímicas e obras neoplatônicas que provavelmente condicionaram parte da imagética dos primeiros baralhos de tarô. O’Neill assim se refere à proposta de seu livro “Tarot Symbolism” (1986, p. 1):

(...) after completing the book, the same reader also will have to conclude that many occultist interpretations are justified based on our reconstruction of the Renaissance mindset. The major onus of the book is to present the symbolic systems of Renaissance Italy and to suggest how these systems might have entered into the design of the Tarot. The book does not offer a definitive interpretation but presents the available data from which such an interpretation might eventually be constructed.

A ideia, contudo, é também de compreender como se molda uma “estrutura” a partir desta formulação originária e de com os baralhos que vieram posteriormente acabam por se adequar, tendo em vista que tudo é formulado pela mente humana. Em Robert Place, no último capítulo de sua obra se encontra uma tentativa de corresponder as imagens ao conceito de “hieroglifos” (PLACE, 2005, p. 315), tidas

como produções artísticas nas quais seus autores congregavam uma série de símbolos sagrados como uma forma de estabelecer comunicação com as divindades. O autor atesta a coincidência de no mesmo período em que os “trunfos” dos baralhos de tarô foram concebidos de ter sido popularizada a tradução para o italiano da obra “Hieroglyphica” do helenista Horapollo. Mesmo ao considerar as produções posteriores, como o Smith-Waite Tarot, o autor segue postulando que o baralho de tarô é um molde para o estabelecimento de “hieroglifos” de uma certo contexto histórico-cultural. Para além disso, cabe notar a atribuição de correspondências psicológicas, especialmente no final do trabalho, como no seguinte trecho:

It is likely that the main reason that the Tarot has replaced dice as a popular divinatory tool is that the Tarot offers a set of visual symbols instead of the bare numbers offered by dice. The eminent psychologist Carl Jung observed that there is a difference between a true symbol and what he labeled a sign. True symbols flow naturally from the unconscious. We find them in our dreams and in the myths of our culture. Jung refers to signs as consciously crafted images that have one standard meaning, such as the logo of a corporation. Symbols are also used by artists in their creations, but in the strictest sense, they are not created by the artist, they emerge from the unconscious. This is why artists often have trouble describing their work or explaining the meaning of their images in words, and this is also why artists from cultures separated by time and geography often use the same symbols (PLACE, 2005, p. 314).

Partindo dos pontos estabelecidos neste último eixo, reforço a percepção de não ser possível delimitar categorias rígidas quanto à literatura que versa sobre o tarô. Apesar disso, levo em consideração que o que faz com que estas obras se diferenciem das demais é a estruturação de um texto com uma linguagem mais acadêmica, um grande número de referências bibliográficas e documentos históricos e um tratamento mais simbólico a partir dos contextos de criação dos baralhos, evitando possíveis agregações de narrativas contemporâneas ou que extravasem os “limites” postos pelos baralhos mais antigos. De qualquer maneira, é notável a forma como as noções da psicologia ou aproximações com teorias ocultistas se fazem presentes em alguma medida. Curioso notar também que quase todos autores elencados apresentam um contato superficial com os circuitos acadêmicos. Ainda

que vários possuam algum tipo de formação, as pesquisas foram realizadas para fora das universidades. O que não invalida o empreendimento de cada obra, tendo em vista a eficácia com a qual mobilizam documentos e hipóteses interpretativas. Contudo, caberá estabelecer um olhar para as produções acadêmicas, propriamente ditas, investigando se elas apresentam ponto de toque com os três eixos já dispostos ou se alcançam uma compreensão única que pode se firmar enquanto um quarto eixo de abordagem.

3.4 OS MANUAIS DE TARÔ E A PRODUÇÃO ACADÊMICA

A reunião dos artigos, dissertações e teses que versam sobre o tarô foi a tarefa de maior empenho deste eixo. Enquanto os manuais de tarô se encontram dispostos às centenas em sebos, livrarias e fóruns de estudos, a produção acadêmica se encontra parcialmente dispersa em áreas mais abrangentes, como os estudos sobre Nova Era, Educação e Artes. Foi possível encontrar pesquisas que agregaram a este presente trabalho uma série de reforços aos questionamentos e controvérsias postas, especialmente no que tange ao uso diversificado do tarô. Interessará em primeira instância entender como estes autores mobilizam a bibliografia posta anteriormente, de forma a construir a ideia de “tarô” em um contexto que não é nem dos manuais e nem dos livros especializados em sua historicidade ou simbolismo.

Seria possível dividir boa parte da bibliografia escolhida em três segmentos principais. O primeiro é aquele que busca utilizar um ou mais baralhos de tarô enquanto mediadores de um estudo imagético, literário ou educacional. Nesta abordagem, não se observa a intenção do estudo do tarô em si, mas de tomar um baralho com intuito de fomentar um projeto que possa visar: a correspondência com a atividade redacional por meio do tarô de Marselha (FEITOSA, 2014), a comparação das imagens do tarô de Wirth com a pintura simbolista do século XIX (ARANHA, 2010), o estudo da forma como o “Louco” é retratado em diferentes iconografias (GONÇALVES, 2007), a articulação do baralho no estudo da matemática no Ensino Básico (ALBUQUERQUE, 2004), a migração do símbolos das cartas para as fotografias performáticas (VIANA, 2016), novas formas de apreender a arte contemporânea (GONÇALVES, 2020) e tomar um baralho católico enquanto exemplar da “descanonização” na pós-modernidade (SILVEIRA, 2021). No segundo

segmento, procura-se indagar como ocorre o processo de interpretação e leitura das cartas do tarô. Existe uma dimensão da práxis divinatória enfocada em pesquisas de campo (TAVARES, 1999) ou manuais e livros de tarô (SANTO ROSA JÚNIOR, 2010; MARTINELLI, 2013), também com intuito de apreender como se agregam os profissionais que fazem uso da ferramenta. É nesse eixo que se situa o potente trabalho de Listhiane Ribeiro, cujo enfoque recai nos atendimentos e performances nos campos digitais (RIBEIRO, 2015). O terceiro segmento objetiva a compreensão do contexto que circunda a produção dos baralhos de tarô mais antigos (como Visconti-Sforza e Marselha) para estabelecer alguma hipótese quanto ao que motivou a produção e distribuição, intenções próximas a dos referidos autores do terceiro eixo deste trabalho. Os melhores exemplos são: a dissertação de Ligia Vasconcelos (2019), enfocado no Visconti-Sforza, e a abordagem a partir da arte da memória na tese de Marcelo Santos (2018).

Quanto às referências mobilizadas, atesto em primeira instância a presença incontestada com a qual o aparato conceitual da psicologia, especialmente de matriz junguiana, novamente recai nos escritos sobre o tarô. Curioso observar as inúmeras referências aos mesmos conceitos encontrados nas décadas passadas em manuais de tarô: “inconsciente coletivo”, “arquétipos” e “sincronicidade”. A diferença em relação às obras anteriores se dá em um maior cuidado na citação das obras do autor, ainda que estes conceitos sejam tratados sem maiores aprofundamentos, buscando apenas enaltecer o baralho de tarô enquanto parte de um processo estrutural e inconsciente da humanidade. A título de exemplificação, em sua dissertação na área de Artes, Roberta Aranha afirma:

Defendo que há um caminho evolutivo da consciência humana que pode ser percebido através das imagens arquetípicas do simbolismo artístico do Tarô em seus 22 arcanos. Ele tem sua origem e antecipação em camadas dimensionais mais elevadas do inconsciente coletivo. É uma ponte não racional sobre o aparente divisor de águas entre o inconsciente e a consciência. Os Arcanos contam uma história pessoal humana através da imagem. Seu texto pictórico mudo representa as experiências típicas encontradas ao longo do caminho antiquíssimo do autoconhecimento (ARANHA, 2010, p. 2).

Cristina Martinelli, em dissertação para a área de Comunicação e Cultura, segue pelas mesmas vias:

No intuito de concretizar o objetivo principal deste trabalho partimos da teoria de Jung sobre o inconsciente coletivo e verificamos que os arquétipos (imagens primordiais ou símbolos) existentes nas cartas de Tarô estão impressos na psique desde o começo dos tempos e, a partir de então transmitidos à humanidade, auxiliados por diferentes meios de comunicação e estruturas culturais” (MARTINELLI, 2013, p.14).

Martinelli narra em seu trabalho uma série de observações sobre o tarô que se aproximam ora da perspectiva mais psicológica, ora daquela proposta pelos simbólicos-históricos. A historicidade do baralho de tarô é remontada com muitas aproximações dos eventos citados pelas obras dos autores precedentes, inclusive com citações do próprio Kaplan. Ainda assim, no momento em que trata propriamente da ação do baralho sobre os indivíduos quando estes interpretam as cartas em uma tiragem, a autora afirma:

Enfim, o que notamos é que as imagens pouco ou muito utilizadas possuem uma qualidade misteriosa porque tocam em algo profundo dentro da mente humana, desencadeiam verdades represadas no inconsciente, e despertam sentidos que se encontravam adormecidos até então. Neste sentido as imagens parecem contribuir assim para o desenvolvimento de competências linguísticas e para a ampliação das potencialidades de expressão humana (MARTINELLI, 2015, p. 39).

Com tom muito similar, Vera Feitosa em interessante trabalho correlacionando os primeiros oito arcanos do tarô de Marselha com o processo de escrita, afirma sobre a estrutura do baralho:

Os arquétipos do Tarô são também um eficiente instrumento de autoconhecimento: ajudam-nos a nos questionar, a relembrar episódios adormecidos, estabelecendo relações antes insuspeitadas. Na psicologia junguiana, arquétipos são imagens primordiais, simbólicas, que operam na psique humana. Assim, nesta leitura, cada arcano ilumina sentimentos, capacidades, habilidades, comportamentos relacionados àquela etapa do processo de produção, levando o aluno a se ver e a se conhecer no

exercício de atividades de escrita, e a conhecer melhor o trabalho de produção de textos (FEITOSA, 2014, p. 104)

Na tese de Fernanda Viana (2016), é interessante notar que a fundamentação de seu trabalho na área de Práticas Artísticas Contemporâneas foi ancorada em dois manuais de tarô citados anteriormente: “Jung e o Tarô” de Sallie Nichols (2007) e “O Caminho do Tarot” de Jodorowsky e Costa (2016). Para além disso, Viana se apoia nas mesmas categorias já citadas de Carl Jung como maneira de aproximar os baralhos do tarô dos estudos da psicologia analítica. Outro elemento presente em seu texto que também encontrei nos manuais foi a exposição de todos os “trunfos” individualmente, descrevendo não apenas as cartas em si como também fomentando uma interpretação divinatória quando são colocadas como respostas de questões. A linha que diferencia os manuais de tarô e as obras acadêmicas se torna tênue nestes momentos.

De forma similar percorre o texto de Santa Rosa Júnior (2010) em dissertação para a área de Letras. Ainda que tenha um ponto a ser observado distinto da autora precedente, recorre aos mesmos materiais de tarô já abordados. O autor procura atestar como os produtores de novos baralhos atualizam os símbolos postos pela estrutura do tarô, com intuito de que estes objetos sejam utilizados para a resposta de questões e avaliação de situações. A eficácia das interpretações das cartas tiradas em jogos é novamente visualizada pelas lentes da psicologia analítica, ainda que o nome de Jung seja mais referenciado a partir dos manuais de tarô do que propriamente com textos próprios do psicólogo, a exemplo do trecho:

É nessa esfera investigativa que este trabalho se insere. Não com a intenção de desacreditar o discurso divinatório, mas de apontar como se constituiu e evoluiu o tarô, bem como averiguar quais sentidos oraculares podem ser construídos a partir das diferentes iconografias e dos variados elementos verbais presentes em diversas cartas. As cartas do tarô – quer sejam encaradas como ferramentas para predição do futuro, quer sejam usadas como instrumento lúdico ou ainda como forma de autoconhecimento psicanalítico – contam uma história simbólica pela imagem, já que podem ser vistas ‘como um texto pictórico mudo, que representa as experiências típicas encontradas ao longo do caminho antiquíssimo da autocompreensão’, na perspectiva psicologista de Nichols (SANTA ROSA JÚNIOR, 2010, pp. 13-14).

É possível verificar nas obras acadêmicas citadas a compreensão do baralho de tarô enquanto um mediador desta consciência para além das unidades humanas propiciando o almejado autoconhecimento costumeiramente propagado pelas vertentes mais psicológicas dos manuais de tarô. A sustentação de tais trabalhos a partir deste viés certamente é digna de nota e de reflexão quanto à inserção e legitimação da psicologia analítica em contextos acadêmicos. Para além disso, a mobilização de manuais de tarô, cuja intenção é nortear o leitor ao uso e interpretação do objeto para fins divinatórios ou terapêuticos, também chamada atenção, tendo em vista como estes materiais se imbricam sem que se conduza a uma diferenciação das literaturas postas sobre o tarô. Acredito que isso valide, em primeira instância, o potencial destes manuais citados no texto em conduzir a compreensão das narrativas e controvérsias que estão envoltas dos baralhos, inclusive nas produções acadêmicas.

Apesar de tamanha influência posta pelos manuais no tratamento dos baralhos de tarô, existem pesquisas acadêmicas que seguem um caminho diverso, mais pautado na análise documental (assim como no terceiro eixo de obras sobre tarô visto anteriormente) e na observação de contextos em que o baralho se faz central para as interações sociais. Mencionarei os trabalhos que considero relevantes para o presente momento da pesquisa.

O primeiro é a tese de Marcelo Ribeiro dos Santos (2018) dentro da área de Educação. A partir de uma perspectiva calcada em Bergson e Frances Yates, a tese em questão avança no intuito de comprovação da construção do baralho de tarô mais enquanto um exemplar de “arte da memória”. Ainda que Santos procure estabelecer uma forte base histórica para o baralho de tarô, seu trabalho procura estabelecer uma origem que traz à tona uma proposição metafísica. Para tratar do baralho a partir de uma concepção próxima do esoterismo, retoma o trabalho já citado de Jodorowsky e Costa em “Caminho do Tarot” (2016), concordando com a defesa de que o baralho de Marselha seria o mais próximo do “original” e que provavelmente toda sua estrutura foi concebida de maneira integrada. Em um exercício de reflexão sobre as possíveis conexões de sentidos entre as artes do baralho de Marselha e certos mitos antigos, Santos atesta:

Após todas as semelhanças que encontramos entre a iconografia mesopotâmica arcaica e os Trunfos do Tarô de Marselha, seria improvável

que a correspondência aqui apresentada com os Naipes fosse apenas uma causalidade. Ao contrário, fica patente que se trata de uma única tradição iconográfica ao longo de todo o baralho, a tradição mesopotâmica arcaica, sendo impensável uma composição por inserção casual dos Trunfos a Naipes preexistentes de outra tradição, como que a corrente que defende a origem causal e composta do Tarô de Marselha (SANTOS, 2018, p. 160).

Como uma forma de validar empiricamente sua tese, Santos estrutura as cartas do baralho de tarô de Marselha de forma a ficarem na estrutura de construções antigas, como o Arco do Triunfo (ibid., p. 189) e um oratório (ibid., p. 190), que tinham o intuito de formar corredores de símbolos que se interligam para fomentar um exercício de memorização por quem o percorresse. Santos chega à conclusão de que possivelmente as artes presentes em cartas de tarô já foram reproduzidas tanto em santinhos, como também em jogos mnemônicos, ainda que não se costume citar este tipo de produção atrelada à estrutura do tarô (ibid., p. 202). Ao final do trabalho, Santos atesta:

A sobrevivência dos símbolos e imagens do Tarô de Marselha nos santinhos devocionais católicos não deve nos surpreender, visto que fazem parte da mesma linha de tradição religiosa popular que se espalhou pelo mundo com os Cristãos-Novos. Neste trabalho, não cabe enveredar pelo viés iconológico das imagens, levando em conta seus significados e contextos, no entanto, uma linha de pesquisa interessante se abre aqui, com a possibilidade de compararmos as interpretações tradicionais das cartas do Tarô de Marselha, os mitos relacionados com as imagens dos deuses representados nas imagens mesopotâmicas arcaicas e as histórias e mitos relacionados com os santos católicos que correspondem a cada carta. Com a sobreposição destes três estratos iconológicos, poderíamos ter uma interpretação consistente do enredo possível presente nas cartas do Tarô de Marselha, que nos fornece uma sequência numérica e, portanto, assimilável a uma cronologia (ibid., p. 267).

A partir da análise de Santos, em contraste, é possível visualizar como os demais trabalhos acadêmicos que conduzem suas pesquisas para além dos manuais de tarô postos, agregam suas reflexões ao campo de reflexões dos estudos da Nova Era. A exemplo da pesquisa da socióloga Fátima Tavares (1999). As conclusões de seu estudo, resultantes de sua dissertação, levantam a relevância e a

singularidade do movimento de prática divinatória com o tarô no Brasil ao atestar a presença da chamada “leitura intuitiva” por seus praticantes. Ou seja, a relativa liberdade dos profissionais que atendem terapeuticamente com baralhos de tarô em se deixarem envolver pelas imagens postas pelos baralhos e acionarem narrativas e aconselhamentos que fluam entre diferentes linguagens, em uma atitude tipicamente “caleidoscópica”. Para Tavares, tal vastidão deste conjunto de práticas demarca um posicionamento que se contrapõe à modernidade, em termos muito próximos aos de Carvalho (1998), quando este pensa na astrologia como “contradiscurso” da modernidade. Nas palavras da autora:

Ao partilhar dos valores que conferem alguma identidade – ainda que muito fluída – a este conjunto de movimentos, o mundo do tarot insere-se no universo mais amplo da “nebulosa místico-esotérica”, tal como foi caracterizado por Champion. Dessa forma, também as pessoas que fazem uso do tarot procuram vivenciar, em alguma medida, uma percepção renovada de suas experiências diárias, traduzida na forma de um certo reencantamento da realidade cotidiana. Muito embora não assuma contornos definidos, o que implica numa certa fluidez de fronteiras em relação às diferentes formas de inserção (com graus de intensidade variáveis) ao mundo do tarot, identifico na “visão de mundo” de todos aqueles que recorrem a este jogo, mesmo que esporadicamente, a presença de elementos “não-modernos”, interagindo, tensionando e reconfigurando o conjunto de suas representações sobre o universo cotidiano. O simbolismo do tarot representa, para essas pessoas, a possibilidade de transpor o conhecimento perante aos limites do mundo desencantado, buscando conquistar uma nova compreensão de si mesmos, bem como de sua realidade cotidiana” (TAVARES, 1999, p. 103).

A defesa da “intuitividade” observada no circuito de profissionais do tarô explorado por Tavares não se resume à uma abordagem “livre” sobre as imagens das cartas, mas à atividade a partir de uma prévia consolidação da estrutura simbólica que permeia as cartas. Em suas palavras: “o ‘imponderável’, portanto, configura o critério de ‘verdade’ para os tarólogos na medida em que se encontra alicerçado *num sistema organizativo de símbolos*, assimilado ao do processo iniciático” (ibidem, p. 117, grifo da autora). Por conta disso, Tavares observa como no circuito carioca do período predominavam cursos que dispunham aos estudantes

uma maneira organizada de estudo dos baralhos, para depois fomentar a “prática intuitiva”. Ao ponto de a autora conseguir categorizar duas “escolas” de tarô predominantes naquele contexto (ibidem, p. 113). Também observa como o “autoconhecimento” é tido como algo a ser buscado por quem faz uso dos baralhos de tarô em contraposição à outras formas oraculares que se ancoram mais no desejo de “adivinhação” (ibidem, pp. 115-116). Fica atestado como Tavares trouxe registros empíricos de uma prática com baralhos de tarô com pontos de toque com a proposição interpretativa mais “psicologizante” de Nichols e Pollack. Ou seja, por mais que exista uma estruturação dos símbolos, uma maneira de alinhar suas imagens à um conjunto de disposições e narrativas, no momento da leitura é solicitado que o tarólogo “se deixe levar”, não sendo requerido qualquer dom ou habilidade mágica. Dessa maneira, o enfoque de Tavares se situa mais na demarcação de uma abordagem fenomenológica partindo da sua iniciação em cursos de tarô do que em uma análise que estabeleça controvérsias históricas para além do contexto analisado ou para o agenciamento do baralho em si.

Compreendendo seu trabalho enquanto uma continuidade daquele realizado por Fátima Tavares, a psicóloga Listhiane Ribeiro (2015) explorou em sua dissertação a dinâmica discursiva, a atividade profissional e a produção de conteúdo em contexto virtual. Mobilizando também bibliografias típicas dos estudantes de tarô, como Alberto Cousté e Nei Naiff, a autora explora várias controvérsias apresentadas nesta pesquisa, como disputas pelos significados do tarô (se são “estáveis” ou “moduláveis”) e os apetrechos místico-esotéricos costumeiramente associados à prática de cartomantes. Apresenta também referências à literatura da Nova Era, como Leila Amaral, integrando a prática e estudo do tarô dentro deste corpo de atividades. Um dos pontos mais interessantes a esse respeito, se dá com a investigação da autora perante as vias de “legitimação” da área, procurando estabelecer limites a partir de um “Código de Ética” (RIBEIRO, 2015, pp. 75-76). É visível em sua pesquisa a preocupação dos profissionais do tarô em firmar uma contraposição aos chamados “charlatões”, aqueles que fazem um uso irresponsável das cartas do tarô, levando parte dos indivíduos ao descrédito da prática. Estes são pontos que tocam na “desmistificação” do tarô e de como a vastidão de interpretações possíveis sobre as cartas se esbarra com o desejo por parte de alguns grupos de estabelecer os limites das narrativas postas por meio do baralho.

Neste teor mais crítico, cujo baralho de tarô pode ser posto frente às variações interpretativas de sua estrutura simbólica, cabe também referenciar a pesquisa do cientista da religião Émerson Silveira (2021). Por meio de uma análise do “Tarô dos Santos” e da observação de uma pessoa que faz uso diário das leituras deste baralho, Silveira procura atestar como as práticas Nova Era no contexto da pós-modernidade promovem a dissolução das tradições religiosas, alocando de forma arbitrária os símbolos cristãos. Nas palavras do autor:

Nesse sentido, a visão, a “divindade” mais poderosa da modernidade, operou um deslocamento da linearidade temporal da fala para a espacialização da escrita. Como uma espécie de superfície, a escrita permite o retorno e a repetição da leitura. Daí a possibilidade de criação de percursos individualizados de leitura – percursos, portanto, modernos. O *Tarô dos Santos* introduz, ao construir um híbrido entre tradições (cristã e gnóstica, por exemplo) separadas por fronteiras canônicas no nível da instituição, a questão da pós-modernidade enquanto dissolução de fronteiras e emergência de um sujeito descentrado, que substitui o dispositivo da modernidade de separar, pelo dispositivo holístico de fundir, no mesmo espaço e tempo, substâncias e simbologias aparentemente inconciliáveis (SILVEIRA, 2021, pp. 36-37)

Ainda que a análise de Silveira parta de uma série de pressupostos passíveis de críticas, como a própria compreensão de “pós-modernidade”, acredito que seja interessante notar como o autor toma o “Tarô dos Santos” para suscitar as controvérsias. Ainda que a obra de Farley e a dissertação de Ligia Vasconcelos sejam fundamentais para a observação do contexto que circunda a criação do baralho mais antigo, os *tarocchi* Visconti-Sforza, existe uma evidente falta de obras que tratem das produções contemporâneas de baralhos. Este ponto será melhor explorado no próximo capítulo, partindo já da prévia crítica ao texto de Silveira de que as questões levantadas pelos baralhos atuais são melhor compreendidas quando colocamos em paralelo à historicidade de suas versões mais antigas.

3.5 CATALISADORES DE CONTROVÉRSIAS MNEMÔNICAS

No primeiro capítulo da presente pesquisa, tracei uma série de experiências pessoais e coletivas cujos baralhos de tarô exercem uma força centrípeta, unindo

discursos que se alinham a depender da postura referente à sua interpretação e uso. Contudo, cada um dos grupos observados apresentava dissensos internos e aparentes interligações com as demais abordagens. Os limites entre os discursos apresentam porosidades relevantes que foram também encontradas no presente capítulo. Neste segundo momento, por meio de uma ampla pesquisa bibliográfica, aponte as recorrências e pontos de toque entre obras, manuais e pesquisas que tomam os baralhos de tarô enquanto objetos centrais. Tendo em vista o longo trajeto histórico dos baralhos, ainda que faltem evidências históricas relevantes para apontar certos fatos, as obras advogam argumentos díspares, especialmente no que tange às origens e à interpretação das cartas. Ainda assim, existem consideráveis semelhanças entre obras que poderiam parecer opositoras, como na utilização dos conceitos da psicologia ou na sugestão de seu uso para o autoconhecimento.

Cabe ressaltar que o baralho de tarô neste capítulo permanece como mediador não apenas dos comportamentos dos indivíduos no momento de uma tiragem ou de um estudo, como também de períodos históricos mais amplos, sendo um catalisador de controvérsias de determinados círculos e contextos sociais. O desejo de corresponder as cartas do baralho à estrutura mítica e cosmológica egípcia de Court de Gébelin é também tomado em conta por se tratar de um escrito em um período no qual estavam em ascensão um conjunto de ordens esotéricas que creditavam ao hermetismo uma importância fundamental na contestação aos preceitos medievais (BARROS, 1999). Cabe rememorar que em Éliphas-Lévi, o estudo do tarô, da cabala e da magia não estariam tão distantes da defesa das ciências. Contudo, nos séculos seguintes, com o advento da ciência positivista e da recusa dos preceitos ocultistas na linguagem acadêmica, os estudos sobre tarô passam a se voltar para o arcabouço de conceitos da psicologia, como uma forma de fundamentar a prática da cartomancia sem recair em paradigmas esotéricos. Na contemporaneidade, por sua vez, a história e a semiótica emergem como ciências mais dignas de apreciação e consideração no tratamento dos baralhos de tarô, ainda que seus autores recaiam constantemente nos termos típicos da psicologia para justificar a eficácia das leituras.

Mesmo considerando as análises feitas até então, a pergunta feita num primeiro momento segue sem resposta definitiva: “o que faz do tarô, tarô?”. Por meio das análises das obras e analisando os discursos mais recorrentes do primeiro capítulo, já é possível atestar que há um certo consenso acerca do número de cartas

que costumam compor um baralho de tarô e dos nomes de cada carta, com algumas exceções. As maiores tensões se dão nos seguintes pontos: a) existiria uma “estrutura básica” ou “verdadeira” dos baralhos de tarô, a partir da qual os demais estariam ancorados?; b) a interpretação das cartas é passível de uniformização ou estará sempre sujeita à arte posta pelo artista?; c) até que ponto o estudo histórico aprofundado sobre seus símbolos alteraria a eficácia simbólica da atividade da cartomancia?

4 BARALHOS DE TARÔ: ARTE E AGENCIAMENTO

Nos primeiros capítulos desta pesquisa procurei apontar as controvérsias que cercam o uso e estudo dos baralhos de tarô a partir de um conjunto de experiências descentralizadas da minha trajetória com estudantes, profissionais e participando de eventos. Evidenciei a dificuldade em estabelecer um discurso unilateral acerca do tarô em si, tendo em vista a multiplicidade de contextos nos quais ele exerce algum tipo de agenciamento (espiritual, terapêutico, acadêmico). Não existe também uma delimitação clara quanto ao “protótipo originário”, sendo possível estabelecer uma multiplicidade de baralhos que acabam por servir de “molde” a depender da narrativa defendida acerca do mesmo.

No capítulo precedente, parte da literatura que versa sobre os baralhos de tarô, tanto manuais quanto livros de abordagem histórica, foram analisadas em suas narrativas e fundamentações. Ainda que conte também com um grande número de variações quanto à abordagem sobre o tarô, é possível observar que a literatura ressoa com os eventos dos primeiros capítulos em pontos fundamentais na construção de um discurso que legitime a prática, a interpretação e o uso do baralho de tarô. Antes que o baralho estabeleça nesta pesquisa o devido protagonismo, cabe compreender estes pontos de toque.

A conexão mais concisa quanto à ampla literatura de livros e manuais de tarô e as experiências pessoais relatadas foi quanto ao intuito dos discursos dos indivíduos e das obras no estabelecimento de uma forma de tomar aquele conjunto de setenta e oito ícones enquanto uma estrutura coesa e coerente, regulada por um determinado princípio que forneceria as bases para um certo tipo de agência. Pela via ocultista (Court de Gébelin, Papus, Wirth, Éliphas-Lévi), o baralho de tarô foi considerado um objeto popular que mascara um livro egípcio sagrado cujos

hieroglifos das imagens preservam os conhecimentos das tradições esotéricas do passado. O tarô fundamentado e sendo fundamento do “ocultismo ocidental”, nos termos de Hanegraff (2012). Pela abordagem mais psicologizante ou Nova Era (Eden Gray, Rachel Pollack, Sallie Nichols), as noções de inconsciente coletivo e arquétipos são trazidas enquanto arcabouços para construção narrativa dos baralhos. Evitando confrontos quanto à origem e tomando as imagens enquanto reproduções dos processos de desenvolvimento humano, o tarô se aproximaria das práticas de *self-religion* propostas por Paul Heelas (1996). Enquanto na perspectiva histórica de cunho mais simbólico-construtivista (Gertrude Moakley, Michael Dummett, Helen Farley, Robert Place), postula-se que a investigação se dá com base nos documentos e no imaginário da época em que cada baralho é concebido. As hipóteses históricas se disputam entre aquelas que creditam às imagens uma representação de um desfile carnavalesco e outras que correlacionam com a vivência de uma família real italiana do século XIV. Consensualmente, renegam a origem proclamada pelos grupos ocultistas, reforçando que os “fatos históricos” atestam como os baralhos eram objetos de jogos de mesa, em princípio.

Em termos comparativos, as múltiplas narrativas acerca dos ícones são demarcadas por tensões quanto ao: a) “ponto de origem”, partindo daqui a profusão de hipóteses quanto aos protótipos (mistérios do antigo Egito, imagens do inconsciente coletivo, gostos pessoais de um aristocrata); b) delimitação dos artistas que conceberam os primeiros baralhos (iniciados no esoterismo, pintores do período ou “não importa”); c) destinatários do baralho (neófitos de um círculo iniciativo, indivíduos que buscam um “espelho para a alma”, populares que o utilizam para um jogo de azar). Cada uma das defesas postas concede ao baralho um tipo específico de agenciamento que poderá ser continuamente validado pelo circuito posto, seja pela ritualização de práticas ocultistas, seja pelo estudo e uso contínuo a partir de abordagens de cunho terapêutico ou histórico.

Apesar da importância em tratar da literatura em si, defendida especialmente por parte de quem ministrava cursos ou produz manuais, foi recorrente observar curiosos e profissionais que não se voltavam com atenção para a questão da origem ou das correspondências exatas para cada baralho. O que não impedia essas mesmas pessoas de na interpretação alocar termos e formas de visualizar as imagens que estavam em muito alinhadas a certas obras de tarô. Nem sempre os leitores de um dado manual de tarô estarão atentos à introdução ou aos capítulos

que se propõe a uma reflexão que não se conecta diretamente à interpretação de cada uma das imagens. O que foi mais costumeiro entre estudantes foi observar os manuais sendo mobilizados ligeiramente em momentos de dúvidas, para conferir uma palavra-chave ou a explicação de um determinado símbolo posto na lâmina. Foi notável o número de indivíduos que defendiam o uso da “intuição” a partir das imagens e argumentavam que o excesso de teorias poderia “enrijecer” a sensibilidade do profissional.

Este é o ponto que há de se ter em vista: os baralhos apresentam uma sequência de imagens dispostas nas lâminas que “dialogam” com os indivíduos que entram em contato com elas, conduzindo-os a uma determinada performance e interpretação frente ao ícone, mesmo quando não apresentam vínculo com a literatura ou com os ritos oraculares. Reforçando um argumento posto nos capítulos anteriores, este é um aspecto que diferencia em muito o tarô de campos de atividades como: a astrologia (pautada na análise minuciosa das configurações celestes postas em um momento), o I Ching (sendo necessário o estudo dos hexagramas e dos textos que se ligam aos mesmos) e as runas (alfabeto que é tão acessível à narrativa mais intuitiva quanto as imagens do baralho). Considerando que os baralhos de tarô costumam apresentar imagens ainda mais passíveis de correlações com cenas cotidianas, mesmo quando “fantasiosas” ou “abstratas”, é possível dar margem à uma série de abduções de seus destinatários que podem não estar escritos em manuais ou livros históricos. Inclusive os baralhos que foram idealizados e construídos a partir de uma perspectiva com correspondências ocultistas bem demarcadas ou com conceitos psicológicos bem amarrados. A partir do momento em que o baralho de tarô se encontra disponível para uso de múltiplos destinatários, as interpretações podem ser contrastantes, tendo em vista a possibilidade de se tornar o protótipo de uma outra produção artística, como uma performance, um jogo de videogame ou um desfile de moda. Dessa forma, é preciso compreender como os próprios baralhos suscitam em sua própria estrutura objeto certos tipos de agência que podem se distanciar de consensos postos pela literatura, pelos círculos de profissionais e também pelos artistas que o projetaram.

Como referenciado na trajetória, houve diversos momentos em que observei discursos que enfatizavam a busca pelos “verdadeiros sentidos” das cartas do tarô. Especialmente estudantes de uma abordagem mais histórica acabam por constatar a dificuldade que uma parcela expressiva dos usuários e praticantes de tarô se

voltem para o seu “simbolismo originário”. De forma que, nessa perspectiva, sempre caberá ao indivíduo conhecedor dos símbolos a capacidade de incorporar o seu saber no objeto. Este é um ponto bem explicitado por Gell:

As teorias da arte semiológicas ou interpretativas supõem que obras de arte são veículos de significados (signos, símbolos) que os espectadores devem decifrar baseados em sua familiaridade com o sistema semiológico usado pelo artista para codificar os significados que elas contêm. Não nego que elas são às vezes idealizadas ou recebidas como objetos de apreciação estética, e que algumas vezes a operação de obras de arte se dá semioticamente; no entanto, rejeito especificamente a ideia de que isso sempre ocorre dessa forma. O tipo de agência exercida no entorno de obras de arte varia de maneira considerável, dependendo de inúmeros fatores contextuais. Em termos gerais, é possível supor que qualquer tipo de ação que alguém possa exercer em relação a outra pessoa também pode ser exercida por uma obra de arte, nos domínios da imaginação, se não mesmo no da realidade – não que estejamos sempre na posição de decidir o que é “real” e o que não é (GELL, 2018, p. 114).

Conjugada aos interesses do entorno, acredito que os diferentes baralhos de tarô estejam replicando uma estrutura imagética que passou a se firmar ao longo de sua trajetória. Nesta pesquisa, não existe a pretensão de que esta estrutura seja fundamentada rigidamente, mas que certas sedimentações imagéticas e discursivas possam ser levantadas para além das controvérsias latentes, estabilizando alguns preceitos que fazem de um baralho um “baralho de tarô”. A exemplo da própria quantidade de cartas, argumento costumeiramente levantado entre os interlocutores: costumam ser 78 cartas divididas em “trunfos”/Arcanos Maiores e 40 Cartas Numeradas e 16 Figuras de Corte/Arcanos Menores. O mesmo pode ser dito sobre as correlações dos quatro naipes com os quatro elementos do sistema de temperamentos, ponto a ser observado ao longo do capítulo. É como se cada uma das vertentes agregasse ao “baralho de tarô” um elemento imagético que venha a ser replicado, mesmo que possa ser correspondente a outro conjunto de saberes.

As imagens dos baralhos em si ainda não foram alvo da presente investigação. Nos manuais e livros de tarô, com algumas exceções, costuma-se escolher um baralho de preferência para assim conduzir as inferências quanto ao seu uso, origem, interpretação das imagens, ritos, entre outros interesses que os

escritores possam ter. Apesar dos pontos em comum, será observado como as imagens colocadas em cada um dos baralhos se distanciam em muito em cada um de seus atributos (formas, referências, cores, nomeações, numerações, correspondências ocultistas), a ponto de levantar a controvérsia: “quais são as características que autorizam um ícone a ser reconhecido enquanto baralho de tarô?”. Foram selecionados baralhos que apresentam vínculos mais evidentes com as interações postas no primeiro capítulo e com a literatura observada no segundo. Especialmente aqueles que foram mais replicados e reformulados. Será visível como certos padrões se repetem entre os baralhos, mesmo quando as motivações dos artistas são díspares. Parto da perspectiva de Gell quanto ao exercício de estabelecer as devidas representações, como é explicitado no seguinte trecho:

(...) a representação icônica se baseia na semelhança real no que diz respeito à forma entre representações e as entidades que elas representam ou que se acredita que elas representam. Uma imagem de uma coisa existente se assemelha a essa coisa em aspectos suficientes para ser reconhecida como uma representação ou modelo dela. (...). Só se pode falar de representação na arte visual onde há semelhança suscitando o reconhecimento. Há situações em que pode ser necessário explicitar para alguém que determinado índice é uma representação icônica de um sujeito pictórico particular. O ‘reconhecimento’ pode não ocorrer espontaneamente, mas, uma vez que a informação necessária é fornecida, os sinais de reconhecimento visual devem estar presentes; do contrário, o reconhecimento não se concretiza” (GELL, 2018, p. 58)

Os três baralhos escolhidos para serem tratados na presente análise são: o padrão Marselha retratado por Yoav Ben-Dov, o padrão Smith-Waite reproduzido no Centennial Edition e o tarô Mitológico de Juliet Sharman-Burke e Liz Greene. Os dois primeiros foram selecionados por serem os mais replicados pelas edições atuais, enquanto o terceiro foi escolhido por ser muito presente nos relatos do primeiro capítulo, além de compor um bom exemplo de baralho moderno aos moldes das abordagens psicológicas no tarô. Neste capítulo, não busco estabelecer todos os processos de composição de cada uma das obras, mas trato de como as suas imagens evocam as mais distintas interpretações e como se tornam modelos para outras produções. Para além do agenciamento, a possibilidade de configurar os baralhos em categorias analíticas mais ampla, como as “artes da memória”

(SEVERI, 2000) ou o resultado de “objetos distribuídos” nos termos de Gell (2018, p. 321). Será possível também estabelecer vínculos destes baralhos escolhidos com outros do mesmo período, de forma a possibilitar ao fim do trabalho, uma possível historicização das principais vertentes na produção de baralhos de tarô. Sendo assim, ainda que não seja possível estabelecer rigorosamente o tarô em si, será manejável estabelecer parte das agências que advém de sua produção e parte do que resulta de seu progressivo agenciamento em diferentes contextos histórico-sociais.

4.1 O PADRÃO MARSELHA E OS TARÔS “HISTÓRICOS”

Como afirmado no capítulo anterior, o tarô de Marselha, ainda que tenha sido amplamente posto em consideração frente a profissionais e manuais como o mais tradicional em comparação aos demais, não é o conjunto de lâminas mais antigo preservado até então. Existe uma série de baralhos incompletos denominados de *tarocchi* Visconti-Sforza espalhada em diferentes museus e hoje reproduzidos por empresas como a Lo Scarabeo em versões que se aproximem dos originais (Figura 10). São postos atualmente como os possíveis antecessores dos demais tarôs conhecidos na atualidade, ainda que não existam dados históricos efetivos para confirmar quais destes baralhos seria o mais antigo (KAPLAN, 2007, p. 106). Por conta de certos símbolos postos nas imagens (vestimentas, brasões, cenários), acredita-se que parte expressiva dos *tarocchi* de Visconti-Sforza tenham sido encomendados pelas famílias aristocráticas de mesmo nome, regentes do norte da Itália no século XV, em grande parte pintadas pelo artista Bonifacio Bembo (FARLEY, 2009, p. 39). As imagens procuram retratar pessoas e eventos do contexto do século XV em Milão (KAPLAN, 2007, p. 345; VASCONCELOS, 2019, pp. 146-147). Para além destas inferências postas, não existe uma hipótese verificada acerca da função deste baralho. Apesar da importância dos baralhos elencados em um estudo histórico, não os privilegio na presente análise por conta do pequeno número de vezes em que observei a sua mobilização ou estudo pormenorizado em manuais e práticas divinatórias, assim como a baixa replicação de sua estrutura em outros baralhos.

Figura 10 - Representações da “Força”, 4 de Ouros e “Mundo” no tarocchi Visconti-Sforza



Fonte: acervo do autor.

O tarô de Marselha, cujo nome foi cunhado por conta da região na qual foi impresso em grande escala no século XVIII, mais amplamente utilizado e replicado, também não apresenta uma hipótese bem delimitada e sustentada por um bom número de pesquisadores acerca da sua idealização. Acredita-se que as primeiras versões eram utilizadas para jogos de mesa. É possível encontrar uma série de páginas nas redes sociais que buscam estabelecer uma possível “linha narrativa” dos baralhos que antecederam as versões mais popularizadas e que provinham de diferentes regiões da França⁷⁴. Nestes estudos, em muito amparados pela bibliografia especializada sobre a historiografia e a museologia dos baralhos, costuma-se elencar o gravador marselhês Nicolas Conver como o responsável pela versão que viria ser mais disseminada pela Europa e que possivelmente alcançou os círculos de ocultistas citados no capítulo anterior. Apesar de não ser o enfoque desta pesquisa, existe um campo aberto para restituir as possíveis referências imagéticas do chamado padrão Marselha a partir de baralhos que antecederam a replicada versão de Conver, alcançando baralhos e artes produzidas na Itália, na Suíça, na Espanha e em cidades francesas como Avinhão, Lyon e Paris. Este circuito de produções que chega até a versão do baralho de tarô marselhês remete em muito à noção de

⁷⁴ Novamente referencio a página “Tarot Heritage” como uma das mais importantes para a consecução deste presente trabalho. Em seus textos, Sherryl Smith traz uma série de documentos, dados e textos de difícil acesso ou que não apresentam tradução para a língua inglesa. Acredito que seja um bom acervo para ser apreciado criticamente em trabalhos futuros. Disponível em: <https://tarot-heritage.com/history-4/tarot-history-chronology/>. Acesso em 16 de Setembro de 2021.

“objetos distribuídos” que Gell mobiliza para tratar da arte marquesana. Nas palavras do autor:

O conjunto da arte marquesana pode ser concebido, em uma escala macroscópica, como um ‘objeto distribuído’ no tempo e no espaço. (...). Por outro lado, *o corpus de arte marquesana não emana de uma estrutura executiva centralizada, e apenas se constituiu ao longo de mais de dois séculos de história, graças ao acúmulo (ou à supressão), mediante uma rede de relações sociais formada entre os marquesanos – artistas e mecenas – e estrangeiros – colecionadores, acadêmicos etc. (...).* Embora tenha se espalhado e seu contexto tenha se transformado, a arte marquesana mantém uma integridade interna própria como um todo macroscópico, e não como um agregado de fragmentos. *É possível perceber ressonâncias entre suas peças, motivos, linhas e marcas. É como se todos compartilhassem um parentesco e pudessem ser colocados dentro de uma genealogia comum, como seus criadores.* Tais ressonâncias entre as peças de arte marquesana ocorreram sobretudo porque cada uma delas, de maneira única, passou por uma mente marquesana, voltando-se para outra mente marquesana (GELL, 2018, pp. 321-322, grifo meu).

A “ressonância” entre as lâminas dos baralhos de tarô neste período entre o século XVI e XVII na França é muito forte para ser desconsiderada. O que conduz a um questionamento da própria nomenclatura deste conjunto de objetos de arte em uma única localidade, Marselha, tendo em vista a quantidade de baralhos produzidos com motivos muito próximos em períodos anteriores em outras regiões. Um estudo sobre a “mente” dos artesãos que produziam estas cartas está presente na obra de Robert Place, especialmente em “The Tarot: History, Symbolism, and Divination” (2005), e nos demais estudos históricos apontados no capítulo anterior. Para os fins do presente trabalho e preservando a forma com a qual todos interlocutores nomeavam este conjunto de baralhos, manterei a noção de “padrão Marselha” para os objetos de arte que se aproximem do ícone produzido por Nicolas Conver e que é replicado na reprodução de Yoav Ben-Dov, presente nas imagens deste capítulo.

Tratando da estrutura do chamado padrão Marselha, assim como em sua versão italiana, o baralho de tarô teria como diferencial dos demais baralhos divididos em cartas numeradas e figuras de corte, a existência de “trunfos”, que

viriam a ser chamados de Arcanos Maiores, utilizados de diferentes maneiras a depender do jogo e suas regras (DUMMETT, 2004). As imagens prezariam pela simplicidade de seus traços e cores para serem rapidamente identificadas no momento do jogo⁷⁵. Os baralhos de padrão Marselha costumam apresentar vinte e uma cartas de Arcanos Maiores e a carta do Louco, que não recebe um número específico e reconhecida como “feroz/selvagem” nos jogos de mesa. A ordem posta nos Arcanos Maiores pelo padrão Marselha, apresenta distinções frente ao ordenamento numérico de outros baralhos de tarô do mesmo período ou os precedentes. Os próprios *tarocchi* Visconti-Sforza não carregavam uma numeração específica, muito menos título em suas lâminas, como relembra Decker e Dummett:

The French Tarotists of the XVIII and XIX centuries identified as the traditional Tarot the version used in France, known as the Tarot de Marseille and derived from a Milanese prototype. They took the order and numbering of the trumps found in it to be the Tarot order and numbering, being unaware of the other orders, ancient and current; they were equally unaware of the different rankings in the different suits observed almost everywhere but in France. These oversights were inherited by Tarotists in other lands (DECKER; DUMMETT, 2013, p. 12).

Além dos Arcanos Maiores, o tarô de Marselha contaria com dezesseis cartas com figuras de corte divididas em quatro naipes (comumente, “Bastões/Paus”, “Copas/Cálices”, “Espadas” e “Moedas/Ouros”) e quarenta cartas numeradas de 1 a 10 divididas nos mesmos naipes precedentes, padrão que viria ser replicado pela maioria dos baralhos posteriores. Tradicionalmente, os tarôs de Marselha foram manufaturados a partir das técnicas de estêncil em madeira⁷⁶.

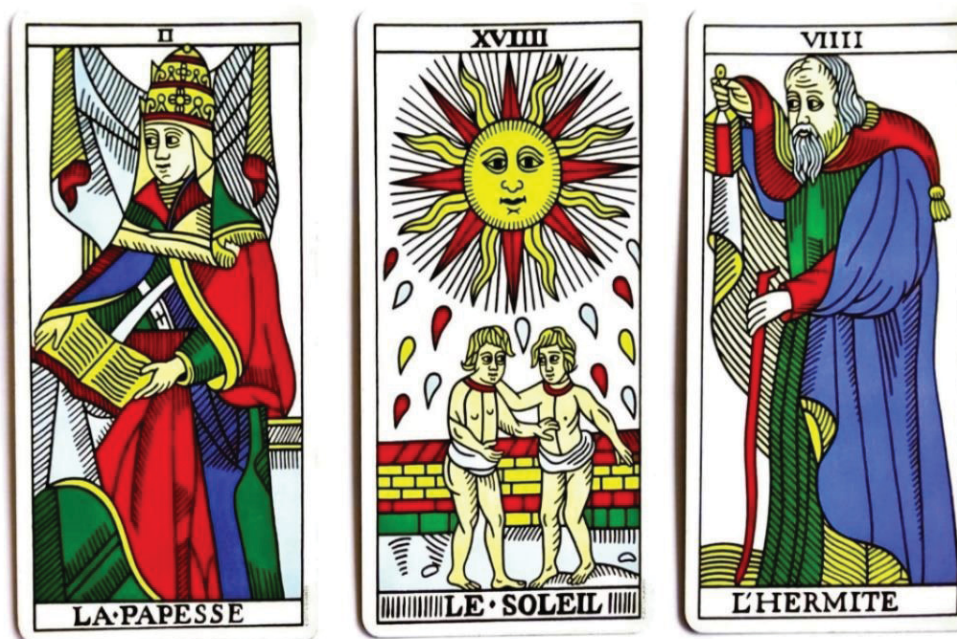
Para além das inúmeras distinções que poderiam ser avaliadas aqui em relação às reproduções que se intitulam enquanto “tarô de Marselha”, uma das qualidades mais ressaltadas pelos interlocutores do trabalho é a forma como as

⁷⁵ Em Dummett (2004) encontramos o fato de até hoje o baralho de tarô ser utilizado em jogos, sendo que os Arcanos Maiores apresentam pontuação a partir da numeração posta em suas imagens. Quanto às Cartas Numeradas e Arcanos da Corte, estes teriam pontuações distintas a depender da região em que o jogo fosse mobilizado.

⁷⁶ Esse foi o tipo predominante de manufatura dos baralhos de jogos na França durante o período em que o padrão Marselha foi inicialmente disseminado. Isso explicaria o pequeno número de cores utilizadas em cada carta e os traços bem delimitados entre cada elementos posto na arte. Para mais informações sobre como era realizado este processo, consultar: <https://www.wopc.co.uk/cards/stencilling>. Acesso em 10 de Maio de 2021.

cartas desta tradição parecem agir uma relação à outra. Por conta da rusticidade, sem inúmeros elementos que possam tirar a atenção do intérprete do enfoque retratado, é mais fácil estabelecer relações de “observação”, “corte”, “investida” ou “indiferença” entre as imagens dispostas em sequência.

Figura 11 - Cena representada pelos Arcanos Maiores “Papisa”, “Sol” e “Eremita” do tarô de Marselha



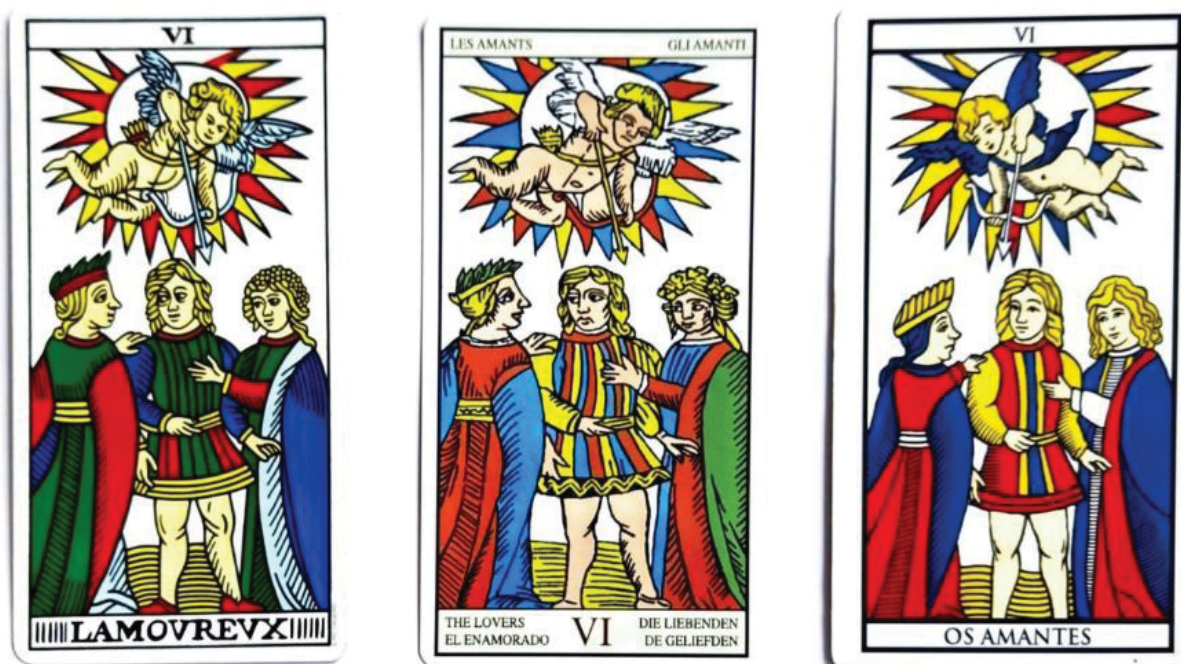
Fonte: acervo do autor

A exemplo da Figura 11, a “Papisa” parece desatenta enquanto as crianças da carta do “Sol” brincam. Por sua vez, o senhoril “Eremita” observa silenciosamente a brincadeira. Dessa forma, as imagens postas pelo padrão Marselha permitem um grande número de formulações narrativas que podem se adequar ou não com o interesse de quem monta estes cenários, como a resposta de uma pergunta ou um sorteio para inspirar o capítulo de um romance. Evidente que esta não é uma forma que todos destinatários realizam, contudo, cabe notar que é uma abordagem que observei poucas vezes sendo realizada nos demais baralhos, tendo em vista o grande número de referências mitológicas, esotéricas e étnicas postas em cada lâmina.

Atualmente, são comercializadas diversas versões nomeadas enquanto “tarô de Marselha” com variações nas cores, materiais e tamanhos das cartas. Os pequenos ajustes podem incluir a agregação ou a retirada de certos elementos das cartas originais encontradas em museus. Para este estudo, analisei uma versão

denominada “CBD Marseille Tarot” idealizada pelo pesquisador Yoav Ben-Dov que reproduz a edição de 1760 de Nicholas Convent e distribuído pela U.S. Games System, Inc.⁷⁷. Busca-se neste baralho uma reprodução fiel das cores, números de traços, fonte e escrita dos nomes das lâminas (inclusive replicando os mesmos erros ortográficos das versões antigas).

Figura 12 - Três representações dos “Enamorados”: o CBD Tarot (U.S. Games Systems, Inc.), o Tarot of Marseille (Lo Scarabeo) e o Tarot de Marselha (Editora Isis)



Fonte: acervo do autor

Para efeito de comparação, contraste aqui esta versão e outras duas que foram produzidas a partir do padrão Marselha, mas que acabam trazendo pequenos diferenciais sobre a arte (Figura 12). Nas lâminas ao centro, estão dispostas as imagens do “Tarot of Marseille”, baralho distribuído pela Lo Scarabeo e baseado na versão de Claude Burde, francês produtor de um baralho distribuído na Suíça no

⁷⁷ No pequeno folhetim que acompanha o baralho, conta a seguinte nota: “Among the different Tarot decks printed in Marseille, the one that became most influential and best appreciated was published in 1760 by Nicholas Convent. The CBD Tarot de Marseille (Convent ~ Ben-Dov) was restored from copies of several printings of the Convent deck. The lines were copied on paper by the illustrator Leela Ganin using an ink nib. The drawings were scanned, cleaned, titled and colored by the graphic designer Nir Matarasso. Then I (YB) reshaped the line and colored areas, comparing them with scans of the original cards. The cards were originally printed in 2011, and now by U.S. Games Systems, Inc.”.

século XVIII⁷⁸. Esta é um baralho cujas imagens apresentam maior saturação em suas cores, traços mais cartunescos e o título de cada carta em seis línguas distintas em fonte moderna. As lâminas na extremidade direita provêm de “O Tarot de Marselha”, uma reprodução do baralho organizado por Julian White pela editora nacional Isis. Nas cartas deste tarô, existe um menor número de cores postas em cada imagem, além das formas serem mais arredondas, propiciando uma sensação distinta na observação das lâminas. Os nomes de cada carta são apresentados em português em fonte distinta aos baralhos antigos.

No Arcano Maior escolhido, os “Enamorados” (Figura 12), visualiza-se um padrão que replica três pessoas na base da imagem, cada pessoa nas extremidades das lâminas toca a figura central, enquanto um jovem anjo com arco-e-flecha, Cupido, se encontra no topo da imagem, possivelmente obliterando a luz solar. Na versão de Ben-Dov, as personagens parecem tranquilas em relação ao contato uma com as outras, ainda que a figura central pareça estar duvidosa quanto à qual das pessoas dirigir a sua atenção. O Cupido parece dirigir a sua flecha para a pessoa à direita, aparentemente mais jovem do que a pessoa à esquerda da personagem central. O padrão é muito similar ao posto na lâmina ao centro, apesar da expressão da personagem central mudar consideravelmente, aparentando certo desgosto. Quanto à imagem na extremidade direita, na versão da editora Isis, a aparente harmonia da primeira versão se replica, contudo com o Cupido aponta para a direção oposta.

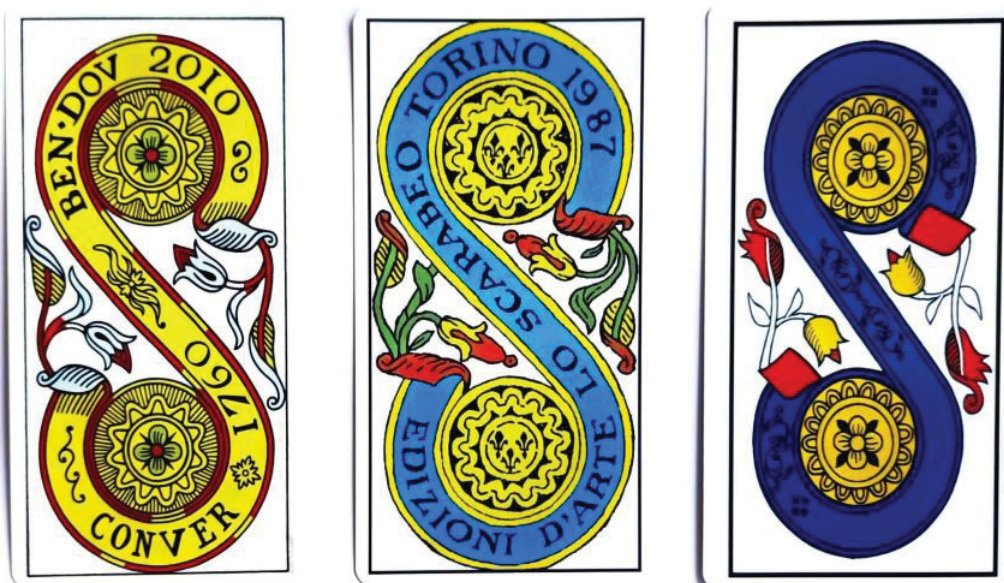
Lembro de um escritor de manuais de tarô que alegava que esta é uma carta representativa para a escolha entre a “virtude” (a pessoa à direita) e as “paixões” (a pessoa à esquerda). Logo, faria sentido o direcionamento da flecha do Cupido na versão de Ben-Dov, por mais que o deus possa ter como alvo a própria figura ao centro. Autoras como Rachel Pollack, creditam à carta um momento em que o indivíduo deve sair da alçada parental, em busca de seus próprios desejos. Nessa perspectiva, alinhada à maturação humana, a figura à esquerda seria uma

⁷⁸ No manual que acompanha o baralho, os autores comentam sobre as alterações dispostas nas imagens: “In particular, this deck represents a typical example of the iconography of the Tarot of Marseille. This edition’s exact ‘reproductions’ differ slightly since the colours were brought back to their original splendour (without the damage which time has inflicted on the original cards), the background was cleaned up, and the images were carefully reset in a sharper design. The final effect is not an exact reproduction of the ancient deck but rather a reconstruction of how the ancient deck would have looked had it been printed today”.

representação da maternidade, ainda influente nas decisões da figura central. Para contrastar às visões postas, em um dos maiores fóruns de história do tarô, um historiador se confronta com as visões postas e defende que por conta das vestimentas das imagens, é possível que se tratem de três homens e não um homem cercado por duas mulheres, como comumente se afirma. Sendo assim, o título poderia estar escrito de forma errônea, tendo em vista que os baralhos mais antigos não carregavam nomes para cada lâmina.

As quarenta Cartas Numeradas divididos em quatro naipes apresentam pequenas diferenças também quanto à coloração, formato e outros pequenos detalhes, ainda que o posicionamento dos elementos seja similar. Em comparação às representações das demais cartas, costumeiramente com figuras humanas ou cenários, estas não apresentam variações que alcancem alterações mais significativas das narrativas propostas por seus destinatários. Ainda assim, existem algumas diferenças notáveis a depender da carta em questão. Em baralhos mais tradicionais, como os dispostos na Figura 13, é representativo que a imagem que representa o “Dois de Ouros” costume trazer na faixa o nome das principais responsáveis pelas artes e, por vezes, carrega também o nome da editora ou de quem restaurou a arte original. Contudo, como aparece no último exemplo à direita, nem todos artistas acabam por registrar a própria assinatura.

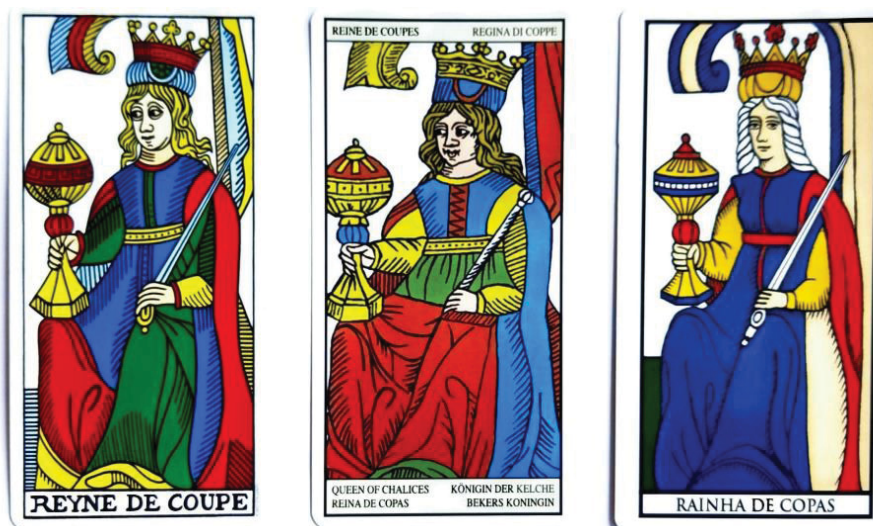
Figura 13 - Três representações do “Dois de Ouros”: o CBD Tarot (U.S. Games Systems, Inc.), o Tarot of Marseille (Lo Scarabeo) e o Tarot de Marseille (Editora Isis)



Fonte: acervo do autor

Quanto aos Arcanos da Corte, ainda que as mesmas figuras costumem ser retratadas (Reis, Rainhas, Cavaleiros e Valetes/Pajens), também se visualizam distinções notáveis como: vestimentas, direção do olhar, postura corporal, heráldicas e o formato do objeto que carrega, demarcando o naipe da carta (Figura 14). Como costumeiramente os manuais atestam que os Arcanos da Corte podem representar pessoas que estão envolvidas em uma certa situação de uma pergunta, a observação atenta do comportamento delas se torna fundamental para estabelecer a narrativa performativa de cada uma.

Figura 14 - Três representações da “Rainha de Copas”: o CBD Tarot (U.S. Games Systems, Inc.), o Tarot of Marseille (Lo Scarabeo) e o Tarot de Marselha (Editora Isis)



Fonte: acervo do autor

Fica evidente visualmente como as pequenas mudanças em cada uma das versões podem propiciar abduções distintas se os destinatários se propuserem a interpretar o significado da carta a partir das expressões corporais, vestimentas e cores utilizadas na reprodução de cada carta. Em outras palavras, a abdução do caráter performativo do ícone. Mariana, interlocutora do segundo capítulo, comparava suas versões de tarô de Marselha apontando uma das edições enquanto sua preferida. “Esta versão desta carta aqui, o ‘Mago’, é mais simpática do que normalmente se apresenta em outros baralhos”. A sua narrativa modulava sutilmente dependendo do tarô de Marselha que utilizava. Ainda assim, também observei estudantes e profissionais que conduziam olhares mais crítico a estas variações, procurando estabelecer interpretações mais rígidas a partir dos “símbolos” postos na lâmina. Renegavam as possíveis adaptações e inferências

quanto às minúcias do olhar ou da postura de como a imagem é representada, privilegiando aspectos mais estanques. Tal posicionamento foi caracterizado por uma interlocutora como “purista”.

A busca por baralhos que apresentem uma maior fidelidade em relação aos originais encontrados em museus ou coleções privadas fez com que certas editoras, como a Lo Scarabeo e a US Games, lançassem edições especiais que buscam restaurar os baralhos, tanto do padrão Marselha quanto versões de Visconti-Sforza (Figura 10) e do Sopraffino (Figura 15). Neste último caso, o *tarocco* Sopraffino, variante italiana do tarô de Marselha, apresenta uma lâmina com a numeração da cópia que a pessoa adquiriu e um texto explicando que a restauração se utilizou de materiais que auxiliem na reprodução de uma coloração mais próxima ao baralho original. Contudo, nesta mesma lâmina, o informativo avisa que aquele não é um baralho adequado para sucessivos embaralhamentos. O pequeno manual que acompanha o baralho traz consigo uma série de informações históricas sobre a produção e distribuição do *tarocco*. Nenhum texto sobre a interpretação das cartas se encontra naquelas linhas, caso o indivíduo deseje realizar interpretações oraculares. A reprodução do baralho apresenta um caráter mais colecionável, como uma galeria de arte em baralho, do que jogável para situações divinatórias.

Figura 15 - Tarocco Sopraffino (Lo Scarabeo): reprodução de baralho de tarô italiano do século XIX com “Dois de Ouros”, informativo e “O Prestidigitador”



Fonte: acervo do autor.

4.2 OCULTISMO, HIEROGLIFOS E ARTE MNEMÔNICA

Como observado no Capítulo 3, será a partir dos escritos dos ocultistas franceses no século XVIII, como Court de Gébelin, Comte de Mellet, Etteilla e Éliphas Lévi, que o baralho de tarô passará a ser concebido enquanto um livro sobrevivente de uma série de grupos iniciáticos que teria tido início no Antigo Egito (PLACE, p. 71, 2005). A partir dessa indução, foram realizadas múltiplas correspondências com cada uma das cartas do tarô e propostas de alterações das imagens tradicionais do padrão de Marselha e demais baralhos de jogos de mesa. O baralho se distanciaria progressivamente dos jogos para se tornar um ícone que concentrava em si os códigos de organização do mundo e os caminhos para o desenvolvimento espiritual, como uma espécie de enciclopédia ocultista. O tarô serviria não apenas para usos divinatórios, como também para meditação, estudo de correspondências e ritos mágicos. Com isso, o baralho de tarô sairia de uma esfera de uso popular para ser reconstruído por ordens iniciáticas e tomado enquanto um “acontecimento mágico”, sendo a explicação pormenorizada de sua origem narrada enquanto “grande mistério” da humanidade (GELL, 2018, p. 116). Sendo assim, a controvérsia central destes conjuntos de baralhos ocorreria principalmente nas correspondências de cada carta com os conhecimentos mobilizados pelos seus desenvolvedores. Em outras palavras, uma disputa entorno de quem “devolveria” ao baralho de tarô a estrutura mais próxima do “Livro de Thoth” originário com seus devidos hieroglifos e correspondências herméticas.

Neste eixo de produções, a obra de Etteilla apresentou incontestável influência sobre a maioria dos baralhos de tarô de proposta ocultista. Nas reproduções dos baralhos do ocultista francês, os Arcanos Maiores apresentam imagens que se correspondem a trechos de obras herméticas, princípios alquímicos e as três fases de criação do mundo postas no “Corpus Hermeticum”, similar ao modelo proposto por seu antecessor, Comte de Mellet⁷⁹. Cada uma das lâminas

⁷⁹ Recentemente, o pesquisador e desenvolvedor de baralhos Robert Place publicou em sua página um extenso texto explorando estes primeiros baralhos com correspondências esotéricas. Afirma estar desenvolvendo um baralho a partir das instruções deixadas por Comte de Mellet, correspondências dos Arcanos Maiores com as letras hebraicas, tomando a carta “Mundo” enquanto primeira da sequência. Comte de Mellet teria tido como base o Tarô de Besançon, formulação suíça dos baralhos de tarô do século XVIII. Disponível em: <https://robertmplacetarot.com>. Acesso em 11 de Maio de 2021.

carrega um termo que orienta a leitura divinatória (Figura 16). Existem três versões conhecidas de baralhos idealizados por Etteilla. Duas são reproduzidas e comercializadas atualmente: o “Book of Thoth” (versão mais comercial com nome em referência à hipótese da origem egípcia) e o “Grand Etteilla” (versão de colecionador e nome em referência à maneira como o baralho era denominado), ambas distribuídos pela Lo Scarabeo.

Figura 16 - “Céu”, “Prudência”, “Cinco de Copas” (Herança) e “Quatro de Ouros” (Presente) do Grand Etteilla



Fonte: acervo do autor

Apesar de ter sido um dos primeiros autores a popularizar o uso do baralho de tarô em jogos divinatórios, Etteilla idealizou um conjunto de cartas que se distanciava do padrão de Marselha em relação à ordem das cartas e às próprias imagens dispostas. Existem poucas obras tratando da interpretação deste baralho e conheci apenas um cartomante que fazia uso do mesmo. Para o estudo e uso dos baralhos de Etteilla, o profissional deve dedicar tempo e disposição para as suas correspondências, ao contrário dos demais baralhos a serem analisados cujas artes, mesmo quando distintas, se aproximam em grande medida.

A produção de Etteilla influenciaria os escritos de Éliphas-Lévi que conectaria cada um dos Arcanos Maiores às letras hebraicas de acordo com o estudo do livro cabalístico “Sêfer Yetzirá”. Apesar das inúmeras referências das correspondências deste autor em baralhos de tarô produzidos até hoje, Éliphas-Lévi não teria desenvolvido um conjunto completo de artes para o tarô (PLACE, p. 97, 2005). Ainda assim, estabeleceu a conexão das cartas do tarô com as letras

hebraicas a partir do estudo da cabala⁸⁰. O que não diminuiria sua importância na produção dos baralhos que vieram posteriormente, como atesta Helen Farley ao tratar dos dois ocultistas franceses: “though Etteilla was responsible for making tarot popular as a divinatory device, it was magus Éliphas Lévi who incorporated tarot into his syncretistic schema of occult philosophies” (FARLEY, 2009, p. 124).

Quem viria desenvolver um baralho nos moldes propostos por Éliphas-Lévi, influenciados pelo trabalho já realizado por Etteilla, seriam os ocultistas Papus e Oswald Wirth. Pertencentes à uma ordem que estruturava sua filosofia e graus a partir da cabala judaica em conjunto a outros conhecimentos esotéricos de matriz maçônica, Wirth contribuiria com as artes em um baralho publicado em 1889 (Figura 17) junto a um escrito tarológico-ocultista de Papus intitulado “Tarô dos Boêmios” (2003). Na obra em questão, Papus advogaria que para além dos Arcanos Maiores serem correspondidos às letras hebraicas, como atestava Éliphas-Lévi, os Arcanos Menores (Cartas Numeradas e Arcanos da Corte) poderiam ser colocados em paralelo ao Tetragramaton e aos quatro elementos alquímicos (Fogo, Água, Ar e Terra).

Figura 17 - Arcanos “Mago”, “Papisa” e “Eremita” da versão de 1889 do tarô de Wirth



Fonte: “Tarot of the Magicians” (WIRTH, 2012)

⁸⁰ Nas palavras de Robert Place (p. 91, 2005): Levi was influenced by Court de Gébelin and Etteilla. It is known that he possessed a copy of Etteilla’s Tarot. Like his predecessors, he considered the Tarot the Book of Thoth or Hermes but he also believed that the Tarot was of Jewish origin and totally based on the Hebrew Kabbalah. He based his knowledge of the Kabbalah on the seventeenth-century Christian Kabbalistic text by Athanasius Kircher, who believed that the Kabbalah was really Egyptian”.

Apesar da importância dos trabalhos realizados, Papus e Wirth teriam entrado em conflito posteriormente e seguido caminhos distintos no desenvolvimento de correspondências entre o tarô e o esoterismo. Tanto Wirth quanto Papus reformulariam o baralho original de 1889. Wirth traria décadas depois um modelo mais contemporâneo, com elementos de *art nouveau* e fundo dourado. Papus, por sua vez, colocaria nas cartas as correspondências com letras, números e signos astrológicos postos em sua obra “Tarô dos Boêmios”. A obra amplamente vendida e republicada “Tarô Adivinhatório” de Carlos Godo (1985) acompanha uma reprodução do baralho presente na obra de Papus.

Figura 18 - Arcanos “Mago”, “Pendurado” e “XXII de Ouros” do “Tarô Adivinhatório” de Carlos Godo



Fonte: “Tarô Adivinhatório” (GODO, 1985)

Anos depois da divulgação e comercialização dos baralhos de Etteilla, dos livros de Éliphas-Lévi e da publicação das obras de Wirth e Papus na França, ocorreria o contexto de efervescência de grupos iniciáticos ingleses como a já citada The Hermetic Order of the Golden Dawn. Os ocultistas franceses influenciariam os organizadores destas ordens no estudo pormenorizado das imagens contidas nos baralhos de tarô enquanto uma possível enciclopédia hermética sobrevivente à perseguição religiosa. A Golden Dawn estruturaria seus graus a partir de certas denominações encontradas nas correspondências dos Arcanos Maiores com os caminhos da Árvore da Vida. O sistema viria a ser mais complexo do que os propostos por Comte de Mellet e Éliphas-Lévi ao envolver as setenta e oito cartas do baralho de tarô e um conjunto de bibliografias mais extenso.

Durante o período em que esteve em atividade nos séculos passados, a Golden Dawn requiria que seus iniciados desenhasssem um baralho de tarô baseado nas correspondências postas pela própria ordem. Havia um “modelo padrão” que circulava pelos iniciados junto a um texto que explicava quais elementos deveriam estar presentes em cada uma das cartas⁸¹. Sabe-se também da influência das tabelas de um texto denominado “Liber777” que veio a ser publicado por Aleister Crowley⁸². Atualmente, não se encontram registros de todos os baralhos produzidos dentro desta ordem iniciática, inclusive daquele que servia de “modelo básico” aos demais. Contudo, um dos baralhos próximos aos moldes da Golden Dawn veio a se tornar o mais vendido por um longo período de anos nos mercados europeus e norte-americanos: o idealizado pelo ocultista inglês Arthur Edgard Waite que encomendou o trabalho artístico para a ilustradora Pamela Colman Smith.

O baralho em questão foi projetado no período em que Waite e Smith estavam agregados à Golden Dawn. O resultado foi um baralho que apresenta claras influências do padrão Marselha, do Grand Etteilla, do antigo Sola-Busca e do “modelo padrão” da Golden Dawn ancorado no “LiberT”. Quanto à motivação de Waite quanto ao tarô, Katz e Goodwin afirmam:

Waite saw the tarot as a story of mystical and spiritual ascent, from the mundane world to the divine. He viewed the map of this ascent primarily on the Tree of Life, with the tarot cards as illustrations of the journey. He concentrated mainly on the twenty-two major cards, which correspond to the twenty-two paths of the Tree of Life, rather than the minors and court cards, which correspond to the four worlds and the ten Sephiroth on the Tree. This is because it is through the paths that we ascend, according to Kabbalah, as we learn each of their lessons. The paths also represent the world as we perceive it as we ascend through the ten grades of the Sephiroth, returning to divine union. So the major cards are the major lessons of life, as we learn

⁸¹ Acredita-se que grande parte das obras ocultistas que dirigiam a formulação dos baralhos de tarô na Golden Dawn, como o chamado “Cypher Manuscript” foi formulada por um de seus fundadores, MacGregor Mathers. Este já havia publicado obras sobre tarô e divinação antes do advento da Golden Dawn, tendo sido o primeiro manual original sobre o assunto publicado na Inglaterra (DECKER; DUMMETT, pp. 83-104, 2013).

⁸² O escritor e pesquisador Paul Hughes-Barlow publicou este ano um pequeno estudo comparativo entre as correspondências encontradas no “Liber777” e as produções de tarô da Golden Dawn, apontando a importância deste documento na formulação das obras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XwFUey7biRM>. Acesso em 11 de Maio de 2021.

them, and the minors are the grades of divine creation through the four worlds (KATZ e GOODWIN, 2015, p. 87).

Assim como nos baralhos originais de Etteilla e Papus, não havia demarcações explícitas sobre as correspondências entre as cartas do Smith-Waite Tarot e os conhecimentos esotéricos. Na época, havia ainda um código entre membros da Golden Dawn exigindo a manutenção dos mistérios aos iniciados, inclusive aqueles que tangiam as atribuições esotéricas aos baralhos de tarô. Ainda hoje, quando alguém adquire uma versão mais próxima do original do baralho de Smith-Waite, caso não tenha qualquer conhecimento prévio sobre a história do tarô será muito difícil que apreenda das imagens as correspondências de cada uma das imagens com os mistérios da astrologia, da cabala cristã e da alquimia, idealizadas pelo seu criador.

Figura 19 - Cena representada pelos Arcanos “Sacerdotisa”, “Sol” e “Eremita” do Smith-Waite Tarot



Fonte: acervo do autor

Na Figura 19, constata-se as mesmas cartas elencadas na Figura 12, quando reproduzi a “cena” por meio de um padrão Marselha. As cartas do Smith-Waite Tarot apresentam cores mais vibrantes e cenários com referências a mitologias diversas. A primeira carta representada (Figura 18, lâmina à direita) não carrega nem mesmo o nome daquela do padrão Marselha, por opção da estrutura proposta pela ordem iniciática e da intenção de se afastarem dos termos atrelados à

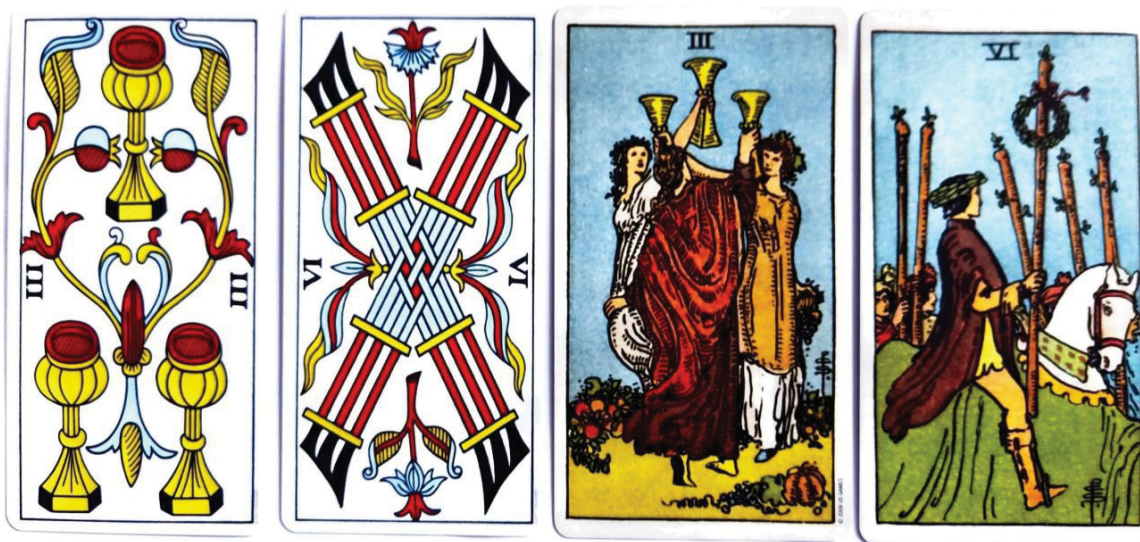
hierarquia católica. A figura humana, antes concebida como “Papisa” e agora denominada “Alta Sacerdotisa”, carrega na cabeça uma coroa que remete à deusa egípcia Ísis, com vestimentas próximas à da Virgem Maria, em um cenário cujo fundo reproduz a imagem de romãs, associadas à deusa grega Perséfone. O livro que carrega tem o nome de Torah, o livro sagrado dos judeus, e as duas colunas nas extremidades com iniciais “B” e “J” se referem às do templo de Salomão, “Boaz” e “Jachin”. A Lua Nova aos pés da “Alta Sacerdotisa” remete a um padrão que a identifica com a Nossa Senhora da Conceição e traz consigo também a correspondência desta carta com a Lua astrológica nos termos do “Sêfer Yetzirá”.

A lâmina ao centro carrega o mesmo título da carta do padrão Marselha, “O Sol”. Entretanto, é notável que esta mesma carta representava duas crianças em contato sob a luz do Sol (Figura 12, lâmina ao centro). No padrão Smith-Waite (Figura 19, lâmina ao centro), por sua vez, uma única criança é retratada cavalcando em um grande cavalo branco. Um fundo com girassóis reforça a correspondência dessa planta com o princípio solar do esoterismo, da mesma forma que as romãs da “Alta Sacerdotisa” pressupunham a conexão com as viagens ao submundo. Por fim, a carta do “Eremita” (Figura 19, lâmina à direita) conduz o leitor à poucas alterações estéticas em relação ao padrão Marselha. Contudo, caso exista por parte do intérprete o estudo das correspondências cabalísticas e astrológicas, essa é uma imagem que representa também a letra hebraica “Yod”, cujo significado se aproxima de “mão”. Um profissional do tarô, propenso a realizar tais correspondências, dizia que a mão do “Eremita” segura a lanterna, representativo da iluminação que cada indivíduo carrega. Astrologicamente, o “Eremita” seria relacionado ao signo astrológico de Virgem, visível no cenário melancólico e na tendência ao aprendizado e à prudência.

Neste viés interpretativo, buscando estabelecer o significado dos símbolos e as correspondências implícitas pelos idealizadores, presente em livros como o de Katz e Goodwin (2015), é possível esmiuçar cada detalhe de um baralho como de Smith-Waite, cujas múltiplas referências não se encontram explicitadas na lâmina ou no manual que costuma acompanhar o baralho. Interlocutores mais estudiosos tendiam a julgar a interpretação de um profissional pela sua capacidade de lembrar cada uma das referências e conectá-las na narrativa oracular. O Smith-Waite Tarot, assim, poderia se aproximar em muito de um artefato com proposições mnemônicas do ocultismo ocidental.

Um outro diferencial imediato da estrutura do baralho de Smith-Waite em relação ao padrão Marselha, para além das correspondências esotéricas implicadas, se encontra no fato das quarenta Cartas Numeradas divididas em naipes serem representadas com cenários e representações humanas⁸³. Ao invés dos costumeiros padrões de naipes encontrados nos baralhos mais antigos e utilizados em jogos de azar (“pip cards”, termo que observei em fóruns ingleses), o Smith-Waite Tarot reproduz imagens que são mais fáceis de estabelecer uma narrativa para responder uma questão divinatória do que os demais (Figura 20).

Figura 20 - Comparação das Cartas Numeradas “Três de Copas” e “Seis de Paus” do padrão Marselha e do padrão Smith-Waite



Fonte: acervo do autor.

O fato de também ser um baralho que apresenta uma estrutura mais propícia à divinação do que as imagens postas pelos baralhos “históricos”, além de ter sido o primeiro baralho de tarô comercializado na Inglaterra, fez com que se tornasse o mais popular e comentado em obras de cartomancia (FARLEY, p. 145, 2009). Atestando a importância dos baralhos de Waite e Crowley, Helen Farley afirma:

⁸³ Cabe relatar que antes deste baralho, houve um antecessor denominado Sola-Busca Tarot, no qual, provavelmente, Waite e Smith encontraram inspiração para as suas artes. Uma das vozes que entoam esta hipótese, Katz e Goodwin (p. 75, 2015), elucida que o Sola-Busca Tarot, datado do século XV, se encontrava há dois anos em um museu inglês frequentado por Waite e Pamela. A mesma hipótese se encontra em Decker e Dummett (p. 170, 2013). As motivações maiores desta adequação das Cartas Numeradas se encontram até hoje desconhecidas.

Two Golden Dawn members who would play a significant role in the Evolution of tarot were Aleister Crowley and Arthur Edward Waite. Crowley extended the lists of correspondences between the tarot trumps and Other esoteric systems. But it was Waite who was to be the major innovator by designing a pack in which the minor arcana or pip cards were Illustrated to facilitate divination. The deck he designed, commonly known as the Rider-Waite deck, was to become the most popular in the history of tarot (ibidem, p.2).

Foi comum ouvir de estudantes de tarô a preferência por baralhos “parecidos com o Smith-Waite Tarot” (a exemplo da Figura 21) por conta das imagens das cartas contarem com cenas cujas ações das personagens são bem definidas. Cada um dos naipes do baralho replica um evento, de forma que a interpretação de um destinatário se torna mais direcionada para responder uma pergunta ou fomentar uma performance. Nos próprios exemplos postos (Figura 20), fica visível como o “Três de Copas” apresenta uma celebração de três mulheres em um campo florido. Quanto ao “Seis de Paus”, uma comitiva cavalga com uma figura central carrega em seu bastão uma coroa de louros. Ainda que o destinatário não saiba propriamente o que essa coroa simbolize, existe uma margem maior de abduções que o ícone propicia do que as duas cartas numeradas ao lado de padrão Marselha.

Figura 21 - “Seis de Paus” dos baralhos Everyday Tarot, Neo Tarot e Morgan-Greer Tarot



Fonte: acervo do autor

Os profissionais mais puristas, por vezes, afirmavam que não visualizavam tamanho distanciamento quanto à dificuldade em interpretar os baralhos mais antigos, tendo em vista que as imagens com naipes podem também suscitar a imaginação de um indivíduo. Mesmo levando em consideração tais argumentos, é inegável o caráter mais lúdico dos baralhos de Smith-Waite, replicado por dezenas de baralhos contemporâneos (Figura 21).

Apesar de ter sido produzido e distribuído faz pouco mais de um século, o Smith-Waite Tarot vem apresentando uma série de variações ao longo das últimas décadas, a começar pelo próprio nome que carrega. Em um primeiro momento, o baralho foi divulgado como o “Rider-Waite Tarot”. Inclusive, foi esta a forma pela qual eu nomeava este baralho anteriormente quando iniciei os estudos sobre o tarô. O título “Rider” se referia à companhia que distribuía estes baralhos nos Estados Unidos. Hoje, reverbera uma ampla problematização quanto ao uso desta nomenclatura. Uma das consequências frente ao uso deste título teria sido o progressivo enfraquecimento da importância e reconhecimento da ilustradora Pamela Colman Smith. Katz e Goodwin (2015) atestam que Waite pouco auxiliou na estruturação das imagens do baralho, especialmente quanto às populares Cartas Numeradas. Foi Smith quem conduziu parte expressiva das imagens e da conexão narrativa entre elas⁸⁴. Decker e Dummett também versam sobre as contradições postas pelo nome que o Smith-Waite Tarot carrega:

Not only was it the first complete commercially available cartomantic Tarot pack to be produced in Britain, and the first independent of the Etteilla tradition to be produced anywhere, but, in face of all the competition put up against it over the years, it has remained the most popular. (...). Many of the later occultist packs have borrowed from Pamela Colman Smith's design; it could almost be said to have established a standard pattern for occultist Tarot packs. But the designer never benefited from its success; conventional

⁸⁴ As artes do Smith-Waite Tarot apresentam interessante coesão posta pelas imagens por conta de Pamela Smith ter reproduzido nas Cartas Numeradas cenários e personagens que se aproximavam de sua vida pessoal ou de peças de teatro e performances nas quais havia auxiliado quanto ao figurino e ambientação. Certos sites congregam até hoje informações atualizadas recorrentemente sobre as possíveis influências que Pamela teve ao retratar cada uma das cartas do baralho. Uma das páginas disponíveis para consulta se encontra no blog da cartomante Mary K. Greer. Disponível em: <https://marykgreer.com/2018/02/27/pamela-colman-smith-a-new-pair-of-eyes-and-ears/>. Acesso em 10 de Maio de 2021.

nomenclature was not even to attach her name to it (DECKER; DUMMETT, pp. 169-170, 2013).

Recentemente, Pamela Smith vem recebendo uma série de homenagens póstumas, com páginas reservadas à rememoração de sua biografia⁸⁵ e livros recontando sua trajetória enquanto artista (Figura 22). Autores alegam inclusive uma possível relação exploratória no desenvolvimento das ilustrações que compõe o baralho Smith-Waite (KATZ; GOODWIN, p. 68, 2015). Em uma de suas cartas, Pamela conta que esteve desenvolvendo uma grande obra por pouco dinheiro (DECKER; DUMMETT, p. 169, 2013). Por conta da falta de documentos biográficos sobre a artista, uma série de hipóteses cercam a sua figura, especialmente no que tange às influências pessoais postas nas imagens do tarô (como o teatro, a cultura jamaicana e os próprios estudos esotéricos na Golden Dawn). Atualmente, os baralhos costumam agregar seu sobrenome ao baralho no lugar da Rider Company, inclusive chegando ao ponto de certas reproduções serem vendidas apenas com o seu nome.

Figura 22 - Pamela Colman Smith Commemorative Set distribuído pela U.S. Games Systems, Inc.



Fonte: acervo do autor

⁸⁵ Uma das pioneiras neste quesito se encontra ainda ativa: <https://pcs2051.tripod.com>. Acesso em 10 de Maio de 2021.

Os baralhos de padrão Smith-Waite podem apresentar variações de cor e linhas entre si, ainda que costumem preservar a expressão das personagens e dos objetos postos em cada lâmina (Figura 23). Existe espaço para uma discussão acerca dos baralhos que mais se aproximam das reproduções originais, mostrando a presença de certos “purismos” para além dos baralhos antigos. Recentemente, a editora Lo Scarabeo gerou polêmica nas redes sociais ao lançar um baralho com a denominação “Original 1909”, em referência ao primeiro ano de publicação do Smith-Waite Tarot. Contudo, os compradores se depararam com uma versão distinta, denominada por eles de “PAM B”, que chegou ao mercado décadas depois do lançamento da primeira versão e que apresenta um contraste maior de cores em relação ao original, o “PAM A”. Em um dos vídeos de análise do baralho⁸⁶, um usuário realiza a seguinte crítica: “Very often with Lo Scarabeo, or some of the huge international publishing houses - I get the feeling that the people in these organizations who are the designers are perhaps employed artists or marketing executives. So sometimes feel like there is this disconnect between the publishers and people who actually use tarot.”⁸⁷.

Figura 23 - Variações do Smith-Waite Tarot (Centennial/Radiant/ Borderless)



Fonte: acervo do autor

⁸⁶ HARRISON, Simon. Tarot Original 1909 ~ The Latest RWS Offering!. YouTube, sem data definida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PiVo-EMQUUM&t=579s>. Acesso em 09 de Maio de 2021.

⁸⁷ Assim como no vídeo citado em questão, a rede social YouTube, voltada para compartilhamento de vídeos, é cheia de outros comparativos entre baralhos de tarô. Ainda que não seja o foco tratar do mercado editorial, observei vídeos de profissionais e amadores sendo mais apreciados do que aqueles postos pelas próprias editoras ao distribuírem um novo baralho. Nem todas as cartas são reveladas na divulgação da editora, enquanto nos demais vídeos é possível visualizar uma a uma, inclusive em comparação às edições correspondentes àquela.

Outros baralhos foram produzidos próximos ao Smith-Waite Tarot, sendo o mais famoso: o tarô do inglês Aleister Crowley, ilustrado por Frieda Harris e denominado “Thoth Tarot” (Figura 24). Inicialmente, Crowley intencionava produzir um baralho superior àquele publicado por Waite. A rivalidade entre ambos daria margem para que Crowley buscasse condensar os seus saberes acumulados em magia em cada uma das cartas do baralho. Sendo assim, ainda que o baralho apresente ressonâncias com o Smith-Waite Tarot e os escritos da Golden Dawn, existem várias alterações de correspondências que se alinham à obra de Crowley⁸⁸. Cabe notar que parte dos Arcanos Maiores recebem nomes distintos, “Atus”, e os Arcanos Menores vêm acompanhados de títulos. Os Arcanos da Corte também são alterados. Ao invés do costumeiro quarteto encontrado nos demais padrões (Reis, Rainhas, Cavaleiros e Pajens), Crowley alterou com intenção de replicar uma estrutura matriarcal (Rainhas, Cavaleiros, Príncipes, Princesas). Um dos interlocutores que fazia amplo uso do baralho, afirmou que gostava do tarô de Aleister Crowley por ser um “caminho intermediário” entre as tradições imagens do padrão Marselha e o aspecto vibrante do Smith-Waite Tarot.

Figura 24 - “Volúpia”, “Dois de Discos” e “Princesa de Discos” do Thoth Tarot



Fonte: acervo do autor.

⁸⁸ Em comentário sobre as alterações presentes no Thoth Tarot, Decker e Dummett (p. 196, 2013) comentam: “Crowley caused some confusion by numbering his trumps in the order of the Tarot de Marseille, which he considered obsolete, although, in assigning Hebrew letters to them, he interchanged both trumps VIII and XI and trumps IV and XVII. He also illogically refused to change the zodiacal attributions of the Star and the Emperor, although he followed Mathers in changing the attributions of zodiacal signs as well as letters to trumps VIII and XI.55 Why was the ‘correct’ order ever disturbed, and why was it disturbed in just this way? Crowley never explains”.

Certamente, as diferenças postas entre as correspondências esotéricas e artes destes baralhos (Grand Etteilla, Wirth, Papus, Smith-Waite, Thoth) não provocam tantas resistências entre os profissionais do tarô quanto às dos baralhos contemporâneos. Acredito que uma das razões se deva ao fato destes terem tido ampla disseminação no passado e na literatura sobre o tarô, aproximando estas produções mais dos padrões imagéticos “tradicionais” (como o padrão Marselha e Sopraffino) do que dos “contemporâneos”. Cabe lembrar que parte expressiva dos manuais que se popularizaram na década de 1970 e 1980 se utilizavam do tarô de Smith-Waite, sendo uma estrutura muito popularizada no meio e, logo, legitimada pelo seu uso na trajetória de muitos profissionais.

Quanto às categorizações postas nos baralhos citados, foi muito corrente ouvir os interlocutores mais puristas separarem os baralhos de tarô em aqueles de “escola inglesa” (como Smith-Waite e Thoth) e “escola francesa” (como Etteilla, Papus e Wirth). Não encontrei o mesmo uso disseminado de tais categorias em fóruns ou obras estrangeiras. De acordo com os interlocutores que tive contato, cada uma destas escolas ofereceria uma forma de corresponder os saberes esotéricos às cartas e que a mistura de ambas “escolas” poderia confundir e provocar leituras equivocadas. Era costumeiro receber a pergunta se eu estava alinhado à uma das escolas no momento em que interpretava uma carta do tarô. Tendo isso em vista, estes estudiosos do taro postulavam que a apreensão dos símbolos de um certo baralho poderiam acabar entrando em conflito ao serem transpostas a interpretação para um baralho distinto com outro conjunto de correspondências.

Quanto a este ponto, considero que a sobreposição de correspondências dispostas nos baralhos torna possível a consideração destes enquanto dispositivos mnemônicos de suas devidas tradições herméticas. Como atestado anteriormente, havia a intenção, desde o baralho de Etteilla, de que as artes pudessem representar um ordenamento acerca do funcionamento do cosmos a partir de uma literatura hermética. A mesma intenção também foi disposta pelos ocultistas franceses Papus e Oswald Wirth. Nos baralhos de Waite e Crowley, observa-se a intenção também em ordenar as cartas a partir da sequência de graus de uma possível evolução espiritual. Isso posto, mobilizo o seguinte trecho de Severi no intuito de reforçar este agenciamento dos baralhos de matriz ocultistas em concederem saliência a certos elementos dos baralhos clássicos (ponto a ser observado nas próximas sessões) e um ordenamento que esteja consoante a um corpo de preceitos:

(...) the mnemonic techniques are mental artifacts. Iconic traditions organize the images that they transcribe against a material backing (or some other form) in a manner that continues to reflect the articulation of mental images within the memory: through the salience and construction of an order. The emergence of this double criterion generally produces a mnemonic efficacy. The material image plunges its roots in a mental representation, as a pure product of ideation. Yet that is not enough. All the arts of memory that I have studied also obey another condition: they are of a ritual nature. They are always linked to a ceremonial context. For in traditions in which memorization is assigned to a particular use of iconography, the *use* of language is equally carefully controlled (SEVERI, 2012, p. 20).

Para além da saliência de seus elementos e do princípio de ordenamento, a natureza ritual afirmada por Severi é encontrada nos baralhos ocultistas ao se ter em vista a quantidade de escritos que sugerem o uso das imagens em meditações, processos mágicos e aprendizagem de princípios. Contudo, novamente reforço que este conjunto de prescrições se tornam importantes apenas para quem entra em contato e assume a validade das mesmas. Parte dos interlocutores não tinha qualquer conhecimento prévio sobre a origem e a conexão dos símbolos dispostos nas artes dos baralhos. Ainda hoje, quando um novo baralho aparece no mercado com uma proposta de estabelecer artes que repliquem as correspondências dos baralhos de “Livro de Thoth”, é costumeiro que parte dos destinatários escolham e interpretem suas imagens por motivações que vão para além das proposições dos ocultistas.

Quanto aos vários baralhos atuais que reproduzem imagens que se assemelham ao Smith-Waite Tarot ou aos demais de proposição ocultista, os idealizadores e artistas costumam alterar ligeiramente as imagens, procurando manter os elementos do baralho tomado enquanto protótipo (como objetos, posição corporal, nomenclatura) e trazendo alguma temática que permeie a narrativa das lâminas tomadas em sequência (religiosa, artística, onírica, entre outras). Quando os baralhos agregam as correspondências esotéricas em suas imagens, é costumeiro observar que vários não costumam seguir à risca uma “escola” esotérica. Na Figura 25 apresento como exemplo o “Sun and Moon”, tarô contemporâneo que mescla elementos tanto do Smith-Waite Tarot como do Thoth Tarot. Ao lado, no centro, está o “El Gran Tarot Esotérico”, baralho que agrega correspondências astrológicas

próprias, distintas de todos baralhos vistos anteriormente. Este veio a ser fonte de incômodo de um interlocutor por não conseguir encontrar um manual que explicasse a razão de cada correspondência. Por fim, à direita, exemplifico uma arte do Hermetic Tarot, anunciado como inspirado pelos conhecimentos da Golden Dawn, mas que também incorpora proposições tanto do Smith-Waite Tarot quanto do Thoth Tarot. Em todos exemplos da Figura 25 está sendo retratada a carta da “Justiça”, alinhada pela “escola inglesa” com o signo astrológico de Libra.

Figura 25 - Três variantes de tarôs esotéricos a partir do Arcano Maior “Justiça” (Sun and Moon/El Gran Tarot Esotérico/Hermetic)



Fonte: acervo do autor.

Estes são baralhos severamente criticados por parte dos interlocutores apresentados no primeiro capítulo por se “desviarem” dos padrões simbólicos estabelecidos dos baralhos mais conhecidos. Nesta margem de discursos mais puristas, seus defensores acabam por preferir os tarôs herméticos do início do século passado do que os atuais pelo fato de estarem vinculados a uma determinada “escola” de pensamento ocultista. Em contrapartida, atestam que os contemporâneos não estabelecem uma coerência tão grande com os princípios que regulavam a produção anterior. Com isso, podem induzir seus destinatários ao erro na interpretação das suas imagens.

4.4 O TARÔ MITOLÓGICO E A JORNADA DO HERÓI

Em 1996, Sharman-Burke e Greene, duas oraculistas reconhecidas por outras obras no campo da cartomancia e da astrologia, lançaram “O Tarô Mitológico”, obra que acompanhava um extenso manual e um baralho de setenta e oito cartas. Com algumas distinções em relação aos demais baralhos, o Tarô Mitológico não vinha com numeração nas vinte e duas cartas dos Arcanos Maiores. Quanto às demais, Cartas Numeradas e Arcanos de Corte, o baralho contava com a divisão clássica com quatro naipes. Nas imagens, divindades e heróis da mitologia grega, como Perséfone, Zeus e as Moiras (Figura 26).

Figura 26 - Representação dos Arcanos “A Sacerdotisa”, “O Imperador” e “A Roda da Fortuna” no Tarô Mitológico



Fonte: acervo do autor

No Tarô Mitológico, o apelo à mitologia se deve ao interesse em resgatar as tradições do Renascimento que encontravam nos deuses pagãos a expressão mais fidedigna das ambivalências humanas. Nas primeiras páginas do manual, as autoras apontam: “(...) restaurar a acessibilidade original desse jogo de cartas para que não seja mais de domínio exclusivo do estudioso ou do ocultista que deliberadamente mistifica o seu simbolismo” (SHARMAN-BURKE, GREENE, 2014, p. 13). Com grande apelo crítico aos baralhos que agregavam múltiplos saberes da magia e do hermetismo, o tarô Mitológico se propõe a conduzir as reflexões de quem o utiliza por meio de figuras arquetípicas, como atesta o seguinte trecho:

Imagens mitológicas são realmente figuras espontâneas criadas pela imaginação humana que descrevem, em linguagem poética, experiências e padrões humanos essenciais de desenvolvimento. Atualmente, a psicologia usa o termo ‘arquétipo’ para descrever esses padrões. Arquétipo significa um padrão que é universal e existente em todas as pessoas, em todas as culturas, em todos os períodos da história (ibidem, pp. 18-19).

Em vários momentos do manual existem ressonâncias com as obras de Gray (1972), Nichols (2007) e Pollack (1991): o questionamento da rigidez das correspondências das ordens esotéricas, uma apreciação superficial em relação à história do tarô, o baralho pensado enquanto um “espelho da alma” e a sequência de cartas como uma narrativa que tem no Louco o seu protagonista. O que as autoras agregam enquanto diferencial é a proposição de um baralho com imagens que não replicam as do padrão Marselha ou do Smith-Waite. Ainda que a estrutura deste último seja visada, várias imagens seguem caminhos distintos, buscando sobrepor as divindades gregas aos cenários costumeiramente postos nos demais baralhos. Como exemplo, cada naipe das Cartas Numeradas reconstitui em suas imagens uma sequência de eventos de uma tragédia grega conhecida. O naipe de “paus” retrata Jasão em busca do Velocino de Ouro, enquanto o de “copas” reproduz a história de Eros e Psique (Figura 27). Quanto às “espadas”, replica-se Orestes e a maldição da Casa de Atreu e em “ouros” os trabalhos de Dédalo.

Figura 27 - Cartas Numeradas de “Copas” do tarô Mitológico representando a história de Eros e Psique



Fonte: acervo do autor

O grande apelo do Tarô Mitológico alegado por parte das interlocutoras é justamente este imbricamento das cartas com narrativas mitológicas que facilitam a interpretação e a articulação de uma resposta frente a um questionamento. Isso vale tanto para jogos oraculares quanto meditações, já que as cartas podem ser posicionadas como um estudo de uma narrativa mítica de autoconhecimento. Em sorteios, o resultado pode ser parcialmente explicado pela replicação do mito que o envolve, tendo em vista que cada uma das histórias é posta no manual do tarô conjugado a possíveis aconselhamentos diante de cada lâmina. Ainda assim, interlocutores se queixaram do fato do baralho não ter numeração nos Arcanos Maiores, alegando que não respeitaria os baralhos mais tradicionais. Outros consideravam que o fato de estabelecer mitos para as cartas com naipes “fechava a leitura”, não possibilitando muita margem de manobra para respostas ou reflexões sem que o mito viesse a ser mobilizado.

No mesmo ano em que o tarô Mitológico foi distribuído foram também lançados o “Aquarian Tarot” idealizado por David Palladini e o “Cosmic Tarot” de Norbert Lösch. De abordagem muito similar à proposta encontrada em Sharman-Burke e Greene, o primeiro traz uma mescla de imagens de baralhos tradicionais com toques modernos a partir da estética da “Era de Aquário”, com incorporação de diferentes referências culturais e mitológicas. O segundo consagrada nas lâminas um tom mais surrealista, mesclando as abordagens de Waite e Crowley na construção das imagens, ainda que não se firme em nenhuma das duas. Anos depois, Rachel Pollack conjunta ao artista Hermann Haindl promoveriam o “Haindl Tarot”, cujas lâminas agregam as correspondências esotéricas de Waite e Crowley, incorporando também os hexagramas do I Ching. Para além disso, nos Arcanos da Corte, o baralho traz em cada naipe uma referência à uma determinada “cultura espiritual”. Na página oficial da empresa que o distribui, a US Games, consta a seguinte descrição:

The captivating artwork of Haindl Tarot is non-traditional, yet the deck does follow the structure and meanings of the Rider-Waite deck for the most part, with some references to the Thoth Tarot. Each Major Arcana card shows kabbalistic, runic, and astrological associations. In the Minor Arcana each court card is represented by a god or goddess. The four suits are Wands --

Hindu; Cups -- Celtic and Norse; Swords -- Ancient Egyptian; and Stones -- Native American⁸⁹.

Nos anos seguintes, baralhos das temáticas mais variadas se disseminariam em livrarias e lojas de artigos esotéricos, comumente distribuídos pelas mesmas empresas: US Games, Lo Scarabeo e Fournier. Seria possível destacar aqui: o “Angels Tarot” (cristianismo), o “Egyptian Tarot” (mitologia egípcia), o “Afro-Brazilian Tarot” (religiosidades afro-brasileiras) e “Santa Muerte Tarot” (cultura popular mexicana). Todos com ampla projeção e facilmente visíveis nos usos e estudos de praticantes nas redes sociais e disponíveis em lojas diversas. Boa parte destas obras replicam a estrutura imagética do Smith-Waite Tarot. Ainda que possam também reproduzir alguns elementos do tarô de Marselha ou do tarô de Aleister Crowley. Por conta da ampla gama de incorporações simbólicas de diferentes vertentes, certos interlocutores categorizavam estes baralhos enquanto “transculturais”. Apesar disso, cabe reforçar que não existe consenso bem estabelecido quanto às categorias que dividem os baralhos de tarô. Acredito que os três baralhos referenciados anteriormente, Tarô Mitológico, Aquarian Tarot e Cosmic Tarot, tenham sido altamente influentes por não seguirem rigidamente uma estrutura posta tanto pelos baralhos mais antigos, quanto pelos idealizados por ocultistas.

Após analisar os baralhos enquanto ícones que se agregam a outros baralhos e possuem um agenciamento interno entre suas lâminas, cabe reforçar as diferenças entre as principais abordagens apresentando as imagens lado a lado. Dessa forma, ficará mais visível como certa estrutura se replica, ainda que cada baralho apresente uma lógica de disposição de elementos distinta a depender da proposição das artistas. Quatro cartas costumeiramente presentes nos baralhos de tarô foram selecionadas: os Arcanos Maiores “Mago” e “Pendurado”, o Arcano da Corte “Pajem de Espadas” e a Carta Numerada “Cinco de Paus”. As razões das escolhas se devem à facilidade com a qual estas costumam dispor as distinções entre os principais eixos de abordagem em relação ao tarô. Ao final, considerarei baralhos contemporâneos que subvertem estes mesmos eixos postos, enaltecendo a condição atual de instabilidade frente à delimitação rígida de categorias quanto ao uso e estudo dos baralhos de tarô.

⁸⁹ Disponível em: https://www.usgamesinc.com/Haindl_Tarot.html. Acesso em 29 de Julho de 2021.

4.5 MAGO: O LIMIAR ENTRE O ESPETÁCULO E AS PRÁTICAS ALQUÍMICAS

Entre os Arcanos Maiores, se encontra a imagem de uma pessoa frente a uma mesa ou um suporte nos quais visualizamos uma série de objetos. A pessoa parece executar algum tipo de performance. Esta é uma representação que se encontra desde os *tarocchi* Visconti-Sforza e em várias reproduções que antecedem os baralhos franceses de tarô. No padrão Marselha (Figura 28, lâmina à esquerda), a carta carrega o número “1” e o título de “Le Bateleur”, termo próximo a “prestidigitador” em português. Em outras palavras, um profissional que apresenta grande maestria com as mãos. Em sua mesa, é possível distinguir uma faca, alguns dados, copos e uma bolsa. A mesa aparenta ser quadrangular. Ainda assim, um dos pés não se encontra à mostra. Uma pequena flor se posiciona entre as pernas do prestidigitador que parece encenar algum tipo de truque. O olhar é sereno e a postura relativamente relaxada. A maioria dos demais baralhos retrata cena similar, ainda que os objetos à mesa e a fisionomia da personagem se alterem a depender da proposta do baralho como um todo.

Figura 28 - Três representações do Arcano “Mago/Prestidigitador”



Fonte: acervo do autor.

Cada um dos elementos que compõem uma lâmina no padrão Marselha pode ser mobilizado com intuito de refletir sobre os significados atrelados, remetendo tanto à bases de correspondências do ocultismo, quanto arquétipos ou figuras históricas. No caso do “Mago/Prestidigitador”, destaca-se o bastão firmado em suas mãos e os demais objetos postos na mesa. Quanto ao que segura, Alberto Cousté corresponde ao instrumento do deus Hermes: “(...) a vareta que traz na mão esquerda não seria mais que a simplificação do caduceu, assim como seu estranho chapéu corresponde quase exatamente ao capacete alado da divindade” (COUSTÉ, pp. 90-91). Sallie Nichols, por sua vez, se atém às cores de suas vestes, costumeiramente repartidas entre tons “frios” e “vermelhas”, refletindo a ambiguidade daquele personagem (NICHOLS, 2007, p. 62). Os elementos à mesa podem acabar sendo correspondidos com os quatro naipes presentes nas Cartas Numeradas e Arcanos de Corte, assim como o chapéu pode ser referência ao símbolo do “infinito”, ponto que costuma ter ampla concordância entre os manuais. Ainda assim, nenhum destes elementos está devidamente com saliência clara suficiente para que se possa tomar como correspondentes aos preceitos esotéricos elencados por estas interpretações.

Apesar da importância dos elementos pensados separadamente, a análise do conjunto da lâmina costuma resultar em alguma leitura do comportamento da personagem ou do cenário retratados, com intuito de que, em uma tiragem, se torne mais fácil de associar a imagem à uma resposta, conselho ou pessoa. Quanto ao “Prestidigitador/Mago”, Ben-Dov atesta a sua indecisão a partir do seu posicionamento frente à mesa: “(...) under the table his feet point to opposite directions, implying hesitation and indecision. The presence of the table, which hides the pelvis, might also symbolize a blockage of sexual or creative energy” (BEN-DOV, 2017, p. 115). O fato de ser a primeira carta numerada do baralho, pode implicar também a noção de “início”, argumento posto por Carlos Godo que entende o “Mago” enquanto “o homem no sentido natural, desconhecedor de suas potencialidades e possibilidades” (GODO, p. 28). Mas, tomando a mesma referência, o número “um”, também pode gerar uma implicação mais positiva, como observa Mantovanni: “o primeiro Arcano do Tarô é O Mago; como nos ensinam as filosofias ocultas e esotéricas, no número 1 fecundamos, damos início a algo. Esta carta nos traz certeza de que o caminho está pronto e que o indivíduo deve começar a agir” (MANTOVANNI, 2007, p. 39). O questionamento quanto à postura moral do

“Prestidigitador/Mago” em relação aos assuntos mobiliza uma série de debates que observei não só na literatura, como também em diálogos com estudantes do tarô. Observei a rejeição em vários momentos da figura representado no padrão Marselha por se aproximar muito de um ilusionista ou um charlatão. Enquanto por parte de outras pessoas, escutei a defesa do protagonista por se tratar de um encantador de plateias, conhecedor de truques e, possivelmente, um alquimista.

Em obras de cunho mais histórico como em Paul Huson (2004) e Robert Place (2005), os autores buscam as possíveis referências dos tarôs mais antigos, para que o protótipo do ícone fique em maior evidência, conduzindo a abduções menos suscetíveis à intuição ou ao misticismo. Quanto ao “Prestidigitador/Mago” representado no tarô de Marselha, existe um paralelismo quanto à postura da figura e os elementos à mesa na obra “Le Bateleur” de Hieronymus Bosch (Figura 29). Este tipo de correspondência é feito em certas obras com intuito de afastar a menção do “Prestidigitador” ser propriamente um “Mago”.

Figura 29 - “Le Bateleur” de Hieronymus Bosch (c.1502)



Fonte: artigo “The Conjurer” (painting) na Wikipedia⁹⁰

⁹⁰ Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/The_Conjurer_\(painting\)](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Conjurer_(painting)). Acesso em 05 de Maio de 2021.

As obras de tarô de abordagem ocultista também não alinham facilmente suas interpretações ao tratar do “Prestidigitador/Mago”. Éliphas Lévi, ocultista francês, postulou que a primeira carta do baralho do tarô estava associada à primeira letra hebraica, “Aleph”. Chegou a considerar que a postura do personagem corporal representado no padrão Marselha era idêntica ao desenho da letra hebraica. Para os ocultistas ingleses, como Arthur Waite e Aleister Crowley, o “Prestidigitador/Mago” estaria relacionado com a segunda letra hebraica, “Beth”, e ao planeta “Mercúrio”, tendo em vista o posicionamento de seus pés e as ferramentas à mesa (Mercúrio está associado ao conhecimento e à ambiguidade). Dessa forma, o “Prestidigitador/Mago” seria tido como um dos pontos mais altos de aprendizado de um iniciado no esoterismo. Ou seja, quando o adepto alcançasse um alto saber frente aos saberes ocultistas, conseguindo liderar e organizar ritos, ele estaria propenso à categoria de “Mago”, correspondente à carta do tarô.

Quando visualizamos a variante da imagem no baralho de Smih-Waite Tarot (Figura 28, lâmina ao centro), fica observável uma série de pequenas variações: ainda que mantenha a mesma numeração, a carta recebe o nome de “Mago” e os objetos sobre a mesa se alteram. Nas palavras de Arthur Waite⁹¹: “a youthful figure in the robe of a magician, having the countenance of divine Apollo, with smile of confidence and shining eyes” (WAITE, 2005, p. 36). Ao invés das imagens que poderiam remeter a truques performáticos, Pamela Smith representou “O Mago” de frente para uma mesa, com quatro pés à vista, na qual se encontram um bastão, uma adaga, um círculo com um pentagrama cravado (pentáculo) e um cálice, objetos que remetem claramente aos quatro naipes dos Arcanos Menores. As correspondências postas pelas interpretações voltadas ao ocultismo em relação à mesma imagem no baralho de Marselha agora ganham uma saliência mais evidente. O “Mago” faz um movimento similar ao realizado no tarô de Marselha, ainda que o direcionamento das mãos remeta a um preceito hermético tradicional (“assim na terra, como no céu”, o princípio da correspondência). Na leitura de Hajo Banzhaf:

⁹¹ Em sua obra, Waite concede poucas pistas quanto às correspondências esotéricas implicadas na imagem, se limitando a comentar sobre a serpente enrolada no ventre, os quatro naipes representando os quatro elementos à mesa e o símbolo do “infinito” sobre a cabeça. Não é raro que observemos estes mesmos elementos serem atribuídos à mesma carta no tarô de Marselha, produzido séculos antes. Como se eles “já estivessem lá”, tendo Waite apenas idealizado uma maior evidência destes conceitos presentes na imagem.

A carta o mostra na pose do mestre, que não age com a própria força, mas recebe sua energia de cima e a torna eficaz na Terra. Essa ligação entre em cima e embaixo também se expressa no bastão e no oito deitado, o nó do infinito (lemniscata). Ela simboliza a união de dois mundos e a sua troca constante e recíproca (BANZHAF, 2013, p. 39)

A arte apresenta uma carga de cores com maior contraste de cores, detalhismo no cenário e com fundo amarelado, em contraste ao fundo embranquecido do padrão Marselha. As plantas cobrindo parte do cenário são significadas por Rachel Pollack da seguinte maneira: “O Mago permanece rodeado de flores para lembrar-nos de que o poder emocional e criativo que sentimos em nossas vidas necessita ter sua origem na realidade física para que possam extrair dele algum valor” (POLLACK, 1991, p. 39). Em um dos momentos de conversação sobre o “Mago”, uma interlocutora afirmava preferir a representação do Smith-Waite Tarot por se aproximar mais do alquimista do que do prestidigitador do padrão Marselha, muito propenso à “malandragem”. Em contrapartida, com olhar crítico acerca do “Mago” do Smith-Waite Tarot, Sallie Nichols afirma: “alguns baralhos modernos de Tarô (notadamente a versão Waite) apresentam o Trunfo número um como o eclesiástico ‘bom’ Mago, eliminando inteiramente os seus aspectos mais duvidosos” (NICHOLS, 2007, p. 61). Hajo Banzhaf, analisando a alteração de forma positiva, atesta sobre “elementos superiores” nesta representação imagética (rosas vermelhas, lírios brancos, fundo dourado) que limitam a possível interpretação do protagonista enquanto um “charlatão” (BANZHAF, 2013, p. 39).

O “Mago” representado pelo Tarô Mitológico (Figura 28, lâmina à direita) já não se encontra no mesmo cenário das cartas precedentes, ainda que seja possível corresponder de imediato às demais imagens. Mantém detalhes em muito similares ao do Smith-Waite Tarot, contudo, traz elementos que se aproximam mais do deus Hermes/Mercúrio do panteão da mitologia greco-romana. As autoras dispõem no livro cada um dos elementos postos na lâmina, agregando o devido significado: “o cálice representa o Cálice da Sorte, particularmente a sorte no amor, pois Hermes é um entendido nos casos do coração” ou “a espada representa o fio cortante da mente e o seu poder, dado a Hermes por seu pai, Zeus” (SHARMAN-BURKE, GREENE, 2014, p. 32). A própria escrita do texto no manual se diferencia das

demaís por sobrepor a ideia de “Hermes” com o próprio “Mago”, tornando-os indiferenciados. Como se segue no seguinte trecho:

No sentido divinatório, Hermes, o Mago, aponta para dons e habilidades criativas que ainda não se manifestaram. Ele pode aparecer como uma onda de energia e uma intuição de excitantes oportunidades novas. Ele pressente o discernimento e uma percepção de possibilidades inexploradas. O Louco é cego e tem unicamente o sentido animal de um significado a ser encontrado em algum lugar, de alguma forma. Mas, pelo seu encontro com Hermes, o Mago, torna-se claro que a jornada é possível e que ele possui capacidades que ainda devem ser desenvolvidas (SHARMAN-BURKE, GREENE, 2014, p. 34).

Apesar de diferenças notáveis do “Mago” do Tarô Mitológico, especialmente quanto ao cenário e a ausência de chapéu/infinito e a vareta, não é difícil que se coloque em paralelo ao de Smith-Waite Tarot. Mesmo o teor “divinatório” presente nos manuais é similar. As maiores diferenças certamente residem entre estas duas lâminas e a primeira do padrão Marselha. O estranhamento vem mais da interpretação da postura e idoneidade do protagonista do que propriamente de outros elementos postos na imagem, já que as interpretações costumam ser semelhantes quanto a estes pontos (os braços correspondendo “céu/terra”, os naipes à mesa, o símbolo do infinito na cabeça). O questionamento da moralidade do “Prestidigitador/Mago” produz uma série de outras consequências no uso e estudo do tarô, já que possibilita narrativas que conflitam entre si. Este é um ponto que será também visualizado na próxima carta.

4.3 PENDURADO: SACRIFÍCIO OU HUMILHAÇÃO PÚBLICA?

Uma pessoa se encontra de cabeça para baixo, amarrado em um tronco pelo pé esquerdo. Com a perna direita solta, flexiona levemente por trás da perna presa, formando um “T”. No padrão Marselha (Figura 30, lâmina à direita), o tronco superior na horizontal está apoiado por dois troncos na vertical, com podas que transparecem o interior vermelho da madeira. Seus cabelos ficam jogados ao fundo da ilustração, em uma espécie de buraco na terra, impedindo qualquer tipo de apoio que o conforto da situação posta.

Figura 30 - Três representações do “Pendurado” (Marselha/Waite/Mitológico)



Fonte: acervo do autor.

Existe uma motivação pessoal em trazer a arte do “Pendurado” dos baralhos de tarô. Lembro que nas primeiras experiências com o padrão Marselha, esta era a carta que mais me incomodava. Em um dos momentos da minha trajetória, rememoro quando uma colega, curiosa acerca do tarô, estava observando as cartas do padrão Marselha e ao se dar conta de que a imagem estava mesmo representando uma pessoa de cabeça para baixo pediu para que eu a retirasse do conjunto. Ainda hoje, encontro quem resista a permanecer o olhar em sua imagem. Encontrei em manuais de tarô este mesmo dilema, como no seguinte trecho de Sallie Nichols: “se você estender esta carta a alguém não familiarizado com o Tarô, esse alguém, quase invariavelmente, a inverterá, de sorte que a cabeça da figura fique para cima, ‘como deve ficar’.” (NICHOLS, 2007, p. 229). Da mesma maneira, Banzhaf afirma: “quase todos os que pegam O Enforcado nas mãos pela primeira vez giram a carta algumas vezes para um lado e para o outro, antes de descobrir a posição certa” (BANZHAF, 2013, p. 98). Com o passar dos anos, compreendi que meu incômodo parecia se dar pela sensação de não ter qualquer possibilidade de controle ou movimento em estar naquela situação retratada.

Comparando os elementos postos nas lâminas, em um primeiro olhar, são muitos os pontos em comum entre o padrão Marselha (Figura 30, lâmina à

esquerda) e o do Smith-Waite Tarot (Figura 30, lâmina ao centro). Ainda assim, existem pequenas diferenças que trazem consequências maiores no conjunto da interpretação de cada uma. No padrão Marselha, o tronco se encontra com os galhos quebrados, aparentando uma certa sangria que pode ser posta em interpretação: “the twelve tips of the branches may symbolize a whole range of possibilities, like the full circle of the zodiac. Their cutting can signify giving up all possible way of action. There is pain involved with the relinquishing of all initiative, as the red tips – which look like blood drops – indicate” (BEN-DOV, 2017, p. 159). Em contraste ao entorno luminoso da personagem no Smith-Waite Tarot, o “Pendurado” do padrão Marselha se encontra em aparente aflição, como postula Sallie Nichols:

(...) do alto da cabeça do moço, sugere uma terceira bola debaixo da terra, talvez um nabo, com as raízes peludas características desse vegetal. (...). Com as mãos amarradas atrás das costas, o Enforcado se acha tão indefeso quanto um nabo. Está nas mãos do Destino. Não tem poder para modelar sua vida nem controlar seu fado (NICHOLS, 2007, p. 229).

Os livros de tarô, tanto os históricos quanto os manuais, costumam atestar que a carta era intitulada de “O Traidor” em baralhos mais antigos e está possivelmente relacionada às punições públicas perpetuadas pelos romanos (NICHOLS, 2007, p. 231; COUSTÉ, p. 147; BANZHAF, 2013, p. 98; BEN-DOV, 2017, p. 157). Reproduzindo o tom das punições, no tarô de Oswald Wirth, caem moedas dos bolsos do “Pendurado”, correspondendo a cena à traição de Judas Iscariotes na mitologia bíblica. Ainda que no padrão Marselha isso não se evidencie com clareza, a retomada do aspecto histórico da imagem acaba por trazer à tona esta condição vexatória e que necessita de algum tipo de reparo pessoal, amplificando o possível incômodo com a cena retratada. Implicando, em interpretações como: “O Enforcado surge então como anúncio de castigo por termos traído a nós mesmos em algum momento de nossas vidas e, por isso, traz consigo uma crise importante para nos libertarmos de algum sofrimento (MANTAVANNI, 2007, p. 62). Ao que Carlos Godo pondera: “Os pés não estão amarrados (a situação não é incorrigível)” (GODO, 1985, p. 51). As motivações que levaram o indivíduo àquela posição não parecem bem estabelecidas pela própria imagem, concedendo margem para outras sequências de eventos que alcançaram a cena

retratada. Ben-Dov credita ao “Pendurado” do padrão Marselha uma possível renúncia em prol de algum ideal político ou espiritual, como afirma no trecho: “perhaps the querent accepts the process of undergoing difficulties or renouncing vital interests for the sake of someone else, for some political or ideological cause, or as part of some process of spiritual initiation” (BEN-DOV, 2017, p. 159).

Quanto ao padrão Smith-Waite Tarot (Figura 30, lâmina ao centro), é mais frequente encontrar o tom de um sacrifício virtuoso similar ao trecho precedente de Ben-Dov em relação ao padrão Marselha. O “Pendurado” costuma ser posto em paralelo com as narrativas míticas do sacrifício de Odin na Árvore da Vida e com o suplício de João na mitológica cristã, crucificado de cabeça para baixo. Esta interpretação fica mais próxima da reprodução imagética do “Pendurado” no Smith-Waite Tarot por conta da iluminação ao redor da cabeça do protagonista, remetendo à aproximação com o divino. Nas palavras do próprio Arthur Waite, em recusa a considerar a carta apenas pelo tom de mártir ou servidão: “I will say very simply on my own part that it express the relation, in one of its aspects, between the Divine and the Universe” (WAITE, 2005, p. 58). Rachel Pollack, partindo do padrão Smith-Waite, afirma sobre a personalidade do protagonista: “Acima de todo o seu simbolismo, o Homem Dependurado nos afeta porque mostra uma imagem direta de paz e compreensão. A calma se mostra de maneira tão forte na carta porque o Homem Dependurado renunciou inteiramente aos ritmos da vida” (POLLACK, 1991, pp. 108-109). Sob outra perspectiva, Benebell Wen chega a estabelecer a possibilidade do “Pendurado” ter sido condenado por outras pessoas, convocando o consulente (“Seeker”) a manter as suas crenças:

“The traditional theme of The Hanged Man is that of self-sacrifice. The mob has metaphorically hung the Seeker because they do not approve of the Seeker’s beliefs or what the Seeker has done. However, the message of the card is that the Seeker is right. The Seeker must trust him- or herself. He or she has wisdom. The nimbus represents enlightenment, possessing knowledge that resonates with the divine, with the right, and with the good” (WEN, 2015, p. 98).

No Tarô Mitológico, o “Enforcado” (Figura 30, lâmina à direita) toma uma estética em muito distinta das cartas precedentes. A iniciar pelo título da carta, cujo termo traduzido costumamos corresponder mais às figuras suspensas pelo pescoço

do que penduradas de cabeça para baixo. Importante destacar que quase todos os baralhos que tive contato com manuais e títulos de cartas traduzidas ao português costumam vir acompanhadas deste termo e não do título “Pendurado”. Apesar disso, foram raros os momentos em que escutei o termo “Enforcado” por parte de estudantes ou profissionais⁹². Quanto à imagem posta na lâmina, um homem seminu se encontra aparentemente preso à uma rocha em um lugar inóspito. O fundo da carta é iluminado e não apresenta os tons mais escuros ou temerosos de outras lâminas deste baralho. Um pássaro sobrevoa em direção ao homem. Em um rápido olhar, a imagem parece remeter à uma imagem de Jesus Cristo. Quando leigos entravam em contato com essa carta, notava um desconforto menor do que as representações no padrão Marselha e Smith-Waite. Em determinado momento em uma das vivências com estudantes do tarô ouvi o questionamento se o pássaro poderia “resgatar” o indivíduo aparentemente preso na rocha. Já por parte de outro aluno, ouvi um questionamento presente também nas interpretações das outras representações do “Pendurado/Enforcado”: “mas ele não poderia se soltar de alguma maneira? Não me parece tão preso assim”.

Se o intérprete da lâmina já tiver tido contato com o manual ou com o estudo da mitologia grega, é possível o reconhecimento do mito reproduzido (“Prometeu Acorrentado”), a história daquele que afrontou os deuses ao roubar a chama sagrada e distribuí-la à humanidade. Como punição, ficaria acorrentado no meio do oceano, tendo o fígado bicado diariamente. A interpretação da imagem, contudo, segue muito próxima dos sacrifícios dispostos no Smith-Waite Tarot, como afirmam as autoras: “No sentido interior, Prometeu, o Enforcado, é o retrato do sacrifício voluntário para um bem maior. O sacrifício pode ser representado por uma atitude externa ou interna, mas é realizado voluntariamente, aceitando o sofrimento que possa ser exigido” (SHARMAN-BURKE, GREENE, 2014, p. 76). Novamente, a interpretação leva o manual a estabelecer que a carta dispõe um aconselhamento de que os indivíduos devem passar pelo processo de suspensão, como um “preço a

⁹² Esta é uma pequena controvérsia que inclui cartas como: “L'amoureux/The Lovers” (Arcano VI), cujas traduções oscilam entre “Enamorado”, “Enamorados”, “Amantes” e “Amantes”. No próprio tarô Mitológico, a carta recebeu a tradução de “Os Namorados”. As sutis diferenças para cada termo chamam atenção por conceber noções distintas de protagonismo (individual/coletivo) ou de compromisso. Curiosamente a carta sem número denominada “Le Fol/The Fool” costuma receber a tradução de “O Louco”, ainda que a imagética do padrão Marselha e o próprio título se aproximariam mais da noção de “O Bobo”.

ser pago” diante de certas posturas e decisões. Contudo, novamente ressalto que na ausência da leitura do manual de Sharman-Burke e Greene que acompanha o baralho, a imagem pode assumir narrativas em muito distintas da posta pelas autoras. Inclusive com quem venha corresponder a imagem às concepções ocultistas de Smith-Waite ou às construções históricas por trás do padrão Marselha.

4.4 PAJEM DE ESPADAS: O AMADORISMO ARMADO DA CORTE

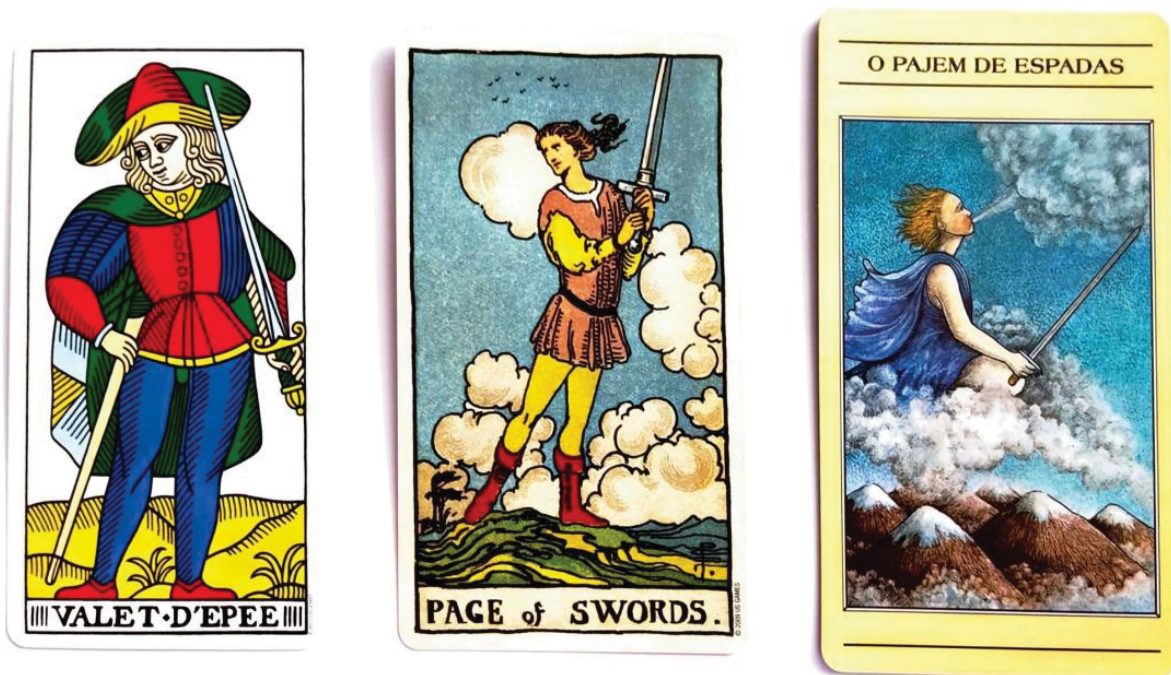
Como referido anteriormente, os 16 Arcanos da Corte costumam ser correspondidos como tipos de personalidade de pessoas que possam se apresentar ao consulente ou a quem esteja manipulando o baralho. Por se tratar de uma sequência que parte do Valete/Pajem, passa pelo Cavaleiro e termina no par Rei e Rainha, há quem considere a sequência uma reprodução das fases do amadurecimento humano. O Valete/Pajem, sendo assim, costuma figurar como o personagem mais inexperiente de cada naipe e de menor pontuação em jogos de mesa. Nos baralhos de tarô, as vestimentas e o cenário do Valete/Pajem costumam ser mais simples em relação à suntuosidade dos Reis e Rainhas. O corpo tende a ser mais esguio, além do rosto ter feições mais suaves. Em manuais, os Valetes/Pajens tendem a ser relacionados aos jovens servos dos Cavaleiros⁹³.

No padrão Marselha (Figura 31, lâmina à esquerda), o Valete de Espadas reproduz um homem jovem que está parado em um cenário exterior ao castelo com a arma em mãos. A postura não é de todo combativa, já que a espada fica para trás de sua cabeça, o que denota em alguns autores a interpretação de certa insegurança frente ao uso da mesma: “the page wields a sword, but he does not look like someone ready for battle. The sword rests on his shoulder, blocking his view toward the future, and he turns his face away from it. We can also think that if he isn’t careful, the sword might cut off his head” (BEN-DOV, 2017, p. 277). Como o naipe de espadas mobiliza um instrumento utilizado para cortes e perfurações, costuma-se associar a sua presença a conflitos e cisões. Como os Valetes costumam ser postos

⁹³ Na obra de Paul Huson (2004), o autor acredita que as distinções entre “Valete” e “Pajem” são suficientemente relevantes para se ter em vista no momento da interpretação. O “Valete” seria uma figura mais ligada à servidão frente aos estratos mais altos. Costumeiramente, os “Valetes” poderiam ser inclusive pessoas mais velhas. Já o termo “Pajem”, mobilizado no padrão Smith-Waite, se refere à uma criança que é criada de um cavaleiro. A atribuição aqui é necessariamente mais voltada aos conflitos armados do período.

enquanto figuras amadoras, é recorrente que esta imagem possa representar uma pessoa traiçoeira, como Nei Naiff coloca: “...imagem de *falsidade, malevolência, intriga*. Esse arcano sugere pouca elaboração mental e visão diminuta da vida, curiosidade fútil sobre o poder alheio, inconsistência na palavra e atitudes, vaidade em todos os níveis” (NAIFF, 2011, p. 156, grifo do autor). Carlos Godo categoriza o papel que o Valete de Espadas costuma representar “intermediários, às pessoas relacionadas de forma mais ou menos indireta com o problema, mas representando parte substancial da angústia ou ansiedade do consultente. (...). Pessoas da família, amigos próximos, tios, filhos” (GODO, 1985, p. 77). Alberto Cousté copia em uma tabela diversas formas de correspondência à lâmina do padrão Marselha, inclusive compondo características físicas: “homem jovem e moreno, é negativo. Traição da sua parte. (...). Moço avarento, cruel e orgulhoso” (COUSTÉ, p. 87). Mantovanni, seguindo uma interpretação similar, afirma que o Valete de Espadas “pode arquitetar situações ruins para se beneficiar e se mostrar um egoísta. (...). Ele não tem experiências; ainda buscará muitos caminhos para vivenciar, pois quer descobrir as coisas” (MANTOVANNI, 2007, p. 96).

Figura 31 - Três representações do “Valete/Pajem de Espadas” (Marselha/Waite/Mitológico)



Fonte: acervo do autor.

Em literaturas voltadas ao ocultismo, as disposições do Valete/Pajem de Espadas não se alteram em grande medida. Apesar das obras trazerem referências menos radicais quanto à sua propensão à traição ou ao ataque precipitado, credita-se a ele o mesmo grau de inexperiência dos manuais mais voltados ao padrão Marselha. Na imagem do Smith-Waite Tarot (Figura 31, lâmina ao centro), existem diferenças pontuais, como a sensação de movimento no cenário, o olhar mais audacioso e uma disposição mais atenta a um possível conflito. Nas correspondências esotéricas postas nos baralhos de tarô, autores como Waite creditavam ao naipe de espadas o elemento “Ar”, sugerido imagetivamente pelas nuvens ao fundo. Sendo assim, a partir da saliência conferida por Pamela Smith às ilustrações, todas as cartas do naipe estariam representando as disposições do temperamento sanguíneo (inquietação, atividade mental, debates e ideologias), somadas às funcionalidades da ferramenta retratada (a espada tendo as funções de corte, perfuração e análise). Com isso, pode suscitar papéis mais positivos do que os vistos anteriormente no padrão Marselha, como afirma Eden Gray: “a young person who might be a page in the diplomatic or government service. He or she already has great understanding and knows how to use diplomacy. This card can also mean a message and certain types of spying, as well as grace and dexterity” (GRAY, 1972, p. 88). Arthur Waite, idealizador da imagem, corresponde a carta à: “authority, overseeing, secret service, vigilance, spying, examination, and qualities thereto belonging” (WAITE, 2005, p. 146). Em referência aos escritos de Waite e observando a posição do Pajem de Espadas de afastamento em relação a um aparente conflito, Rachel Pollack afirma:

Devido à sua natureza desligada, o Pajem às vezes pode permitir-se espiar as outras pessoas, quer literalmente, quer em sentido figurado, como uma atitude para com a vida. Em outras palavras, ele pode olhar para a vida humana como uma espécie de espetáculo curioso do qual ele acha que não faz parte (POLLACK, 1991, p. 79)

A busca em atribuir características que possam ser alinhadas ao indivíduo que estuda a imagem ou indivíduos de seu entorno segue presente nos manuais do Smith-Waite Tarot. Eden Gray aconselha: “choose this card for an energetic boy or girl with brown hair and brown eyes” (GRAY, p. 88). Enquanto Bennebell Wen atesta

que os Pajens devem ser interpretados enquanto “mulheres jovens”, de forma a dualizar com os Cavaleiros que seriam “homens jovens”. Nas palavras da autora:

The Page of Swords is an aggressive but graceful young woman. She is a strong intellectual, with great capacity of learning, great potential for diplomacy, and likewise, great potential for becoming a fighter. However, that is also her character flaw. She is too quick to judge others or situations (WEN, 2015, p. 202).

No Tarô Mitológico (Figura 31, lâmina à direita), o Pajem de Espadas reproduz um jovem em uma nuvem assoprando fortemente com a arma repousada em suas mãos. O cenário e a atitude do protagonista transmitem um movimento similar a um pequeno vendaval. O fundo é montanhoso, enaltecendo ainda mais a sensação de altura e ventania. O conjunto da imagem poderia se mostrar mais “simpático” aos intérpretes do que as cartas anteriores. Quando à esta lâmina, as autoras da obra alegam terem retratado Zéfiro, deus do Vento do Oeste. De forma similar aos escritos do Valete de Espadas do padrão Marselha, existe um cuidado frente a quem possa performar este personagem. Categorizando o personagem, as autoras afirmam:

(...) é a imagem dos primeiros impulsos da vida mental independente que deve emergir em sua forma infantil antes de podermos formular nossas próprias ideias e conceitos e conseguir expressá-los. *Por ser jovem e primitivo, o Pajem de Espadas é briguento e, como qualquer criança tem tendência a fazer comentários cruéis, à zombaria, à grosseria e à maldade em geral* – uma espécie de exercício jocoso dos poderes do pensamento e do discurso antes que qualquer valor de sentimento ou código ético intervenha para formar e orientar a atividade mental (SHARMAN-BURKE e GREENE, 2014, p. 194, grifo meu).

Em uma postagem em um grupo secreto da rede social Facebook, houve um momento em que uma das participantes questionou se poderia confiar em um “Pajem de Espadas”. Não explicou como havia chegado à correspondência da pessoa com a carta. Dezenas de pessoas a responderam, brincando com a situação e atribuindo ao “Pajem de Espadas” a pior das reputações dos Arcanos da Corte. Termos que são tão usuais nos manuais citados foram expressos como: “traíra”,

“costuma ser desonesto” e “ardiloso”. Nesta carta, cujo consenso recai em parte expressiva das literaturas, a reflexão recai se tais abduções foram inferidas a partir da imagem em si do padrão Marselha e demais baralhos ou pela associação de um indivíduo jovem com um instrumento de guerra.

4.5 CINCO DE PAUS: ROMPENDO O EQUILÍBRIO DAS VONTADES

As representações imagéticas se contrastam com clareza nas Cartas Numeradas. Em uma série de baralhos tradicionais, como o padrão Marselha, o “5 de Paus” costuma ser representado com quatro bastões em formato de “X” trespassados por um bastão central. Os bastões costumam ser vermelhos, retos e com pontas pretas nas extremidades, ainda que apresentem variações a depender da edição do baralho. Um pequeno padrão de plantas floresce do centro da carta para as laterais. O número romano “V” fica nas extremidades, reforçando a quantidade posta na imagem (Figura 32, lâmina à esquerda). Em baralhos contemporâneos, contudo, é comum que esta carta venha a ser representada com uma briga com bastões de madeira. O elemento “Fogo”, relacionado ao naipe de “Paus”, pode também ser representado de maneira mais evidente, seja pela manipulação dos indivíduos, seja pelo cenário mais “árido” e avermelhado.

Figura 32 - Três representações do “5 de Paus” (Marselha/Waite/Mitológico)



Fonte: acervo do autor.

Como explicitado anteriormente, foi recorrente o discurso comum entre interlocutores que não faziam uso de baralhos de padrão Marselha acerca da dificuldade em interpretar suas Cartas Numeradas. A falta de cenários e personagens bem delimitadas, como acontece no Smith-Waite Tarot e no Tarô Mitológico, tornam as interpretações contrastantes e, por vezes, opositoras. Em autores como Jodorowsky (2016), ainda que se faça defesa de uma leitura mais “aberta” sobre os baralhos de padrão Marselha, permitindo que a imaginação percorra no momento em que as cartas são visualizadas, é notável a mobilização das produções ocultistas para “negociar” a interpretação e reprodução da imagem. Jodorowsky parte da numerologia atribuída ao número cinco enquanto “uma ação funesta” por se situar no meio da sequência do “um” até o “dez”, além de trazer referências aos Arcanos Maiores “Papa” (5) e do “Diabo” (15). Ao conceber o significado da carta em si, o autor descreve: “(...) representa duas tentações: sublimar a força sexual através das técnicas de meditação e, graças a elas, abrir a porta da iluminação espiritual, ou ainda aprofundar o caminho do desejo e explorar todas as pulsões” (JODOROWSKY e COSTA, 2016, p. 312). Yoav Ben-Dov, por sua vez, segue por um caminho mais livre em que considera que existe uma certa “estabilidade” na imagem do “Quatro de Paus”. Contudo, uma “interferência acontece” na sequência com o “Cinco de Paus” com um elemento a mais que desequilibraria a carta anterior. Ao que autor comenta: “breakdown of equilibrium. Opposition and difficulties, but not too hard to overcome. Focusing attention on a main effort” (BEN-DOV, 2017, p. 323).

A numerologia é um caminho interpretativo observado também por Alberto Cousté na formulação de narrativas a partir das Cartas Numeradas do padrão Marselha. Quando trata do “Cinco” de maneira geral afirma: “número da virilidade e do amor. Harmonia do corpo. (...). Erotismo, saúde. Número da primavera” (COUSTÉ, p.73). Contudo, ao tratar especificamente do “Cinco de Paus”, resume em: “a luta” (COUSTÉ, p. 90), aproximando da própria imagem do padrão Smith-Waite. Assim como ele, certos autores se utilizam das imagens do padrão Marselha, mas mobilizam interpretações que nos remetem à representação imagética no tarô de Smith-Waite. No manual de Montavanni, fala-se sobre o “Cinco de Paus” da seguinte forma: “batalha que poderá trazer vitória, se houver ação” (MONTAVANNI, 2007, p. 90). Também é possível encontrar interpretações cujas palavras alinhadas estão alinhadas às outras tradições cartomânticas não explicitadas. Em Nei Naiff, o

autor descreve: “Esse arcano sugere retomada do livre-arbítrio e elevação da vida; dificuldades que serão sanadas; divergências e discussões construtivas; início de uma reconstrução” (NAIFF, 2011, p. 188, grifo do autor).

O padrão imagético presente em baralhos como os tarôs de Marselha pode conduzir o estudante ou profissional do tarô à múltiplas interpretações díspares que podem tanto induzir à uma leitura pautada na imagem em si a partir do seu agenciamento perante as demais (como na leitura de Ben-Dov levando em conta o posicionamento dos “paus” na sequência do baralho) quanto na numerologia (como no caso de Cousté e parcialmente em Jodorowsky, tomando o que se atribui ao número “cinco” em conjunção ao simbolismo dos “paus”) ou em aproximações com o padrão Smith-Waite (levando a cabala hermética ou o padrão imagético da carta em consideração).

O Smith-Waite Tarot (Figura 32, lâmina ao centro) apresenta em cada naipe uma sequência de eventos ligados ao temperamento atribuído à cada um. No caso de “Paus”, existe o paralelismo com o elemento “Fogo” e o temperamento “Colérico”, em outras palavras, a iniciativa, o desejo de conquista e a prontidão ao conflito. Outras correspondências seriam cabíveis para esta carta como a sua correlação com a *sefira* Geburah da Árvore da Vida ou com certo decanato astrológico, termos presentes em manuais de maior profundidade esotérica como o manual de Robert Wang (1998). Contudo, assim como acontece nas lâminas precedentes, os livros preferem estabelecer suas interpretações mais a partir da imagem posta do que propriamente com o todo das atribuições dos ocultistas daquele contexto. O próprio Arthur Waite, provavelmente com intenção de manter os segredos da ordem, resume a imagem em uma luta pela vida, sem maiores detalhes: “a posse of youths, who are brandishing staves, as if in sport or strife” (WAITE, 2005, p. 102).

Em manuais como de Eden Gray e Benebell Wen, as correspondências ocultistas latentes às imagens do Smith-Waite Tarot são exploradas, ainda que se privilegie a arte em si. Gray relembra o leitor no seguinte trecho: “since the five in each of the four suits are negative, we can assume this is a serious quarrel. Remember. Wands means enterprise, energy, but the five signifies that this energy is used negatively” (GRAY, 1972 p. 52). Wen, por sua vez, procura reconstituir o cenário posto pela imagem do baralho, atribuindo ao intérprete o questionamento frente aos indivíduos do entorno de uma determinada questão: “the Seeker is advised to be cautious of those around him or her, especially those on a team, at the

workplace, or people who should otherwise be working collaboratively with the Seeker. Are these colleagues truly the Seeker's allies?" (WEN, 2015, p. 135).

Na abordagem do Taro Mitológico, o naipe de "Paus" das Cartas Numeradas reproduz a jornada de Jasão e o Velocino de Ouro. De forma muito similar à cena retrata no padrão Smith-Waite, existe um tom de confronto explicitado no manual das autoras e por profissionais do tarô que observei fazerem uso do baralho. Entretanto, visualiza-se uma alteração que traz um conjunto de interpretações distintas às do baralho anterior: ao invés da cena retratar um aparente conflito entre indivíduos, existe aqui a união "humana" (Jasão e Medeia) frente à um inimigo mítico comum (dragão). Nas palavras das autoras:

O Cinco de Paus representa a luta. Aqui, a visão criativa colidiu com a realidade do mundo na forma do dragão que, na Mitologia, é a força primitiva da terra que resiste à mudança. (...). Essa luta com o dragão pode assumir a forma de problemas financeiros ou o problema de habilidades insuficientes (quando o indivíduo precisa estudar ou treinar mais para dominar uma profissão), ou a dificuldade de um corpo fraco (pelo cansaço ou por doença, causado pelo excesso de esforço quando esteve impientemente preso à visão), ou o dilema de ajustar a visão ao mercado prevalecente (que inevitavelmente é conservador demais, cauteloso ou desvalorizado); essa carta simboliza dificuldades em nível concreto (SHARMAN-BURKE, GREENE, 2014, p. 154).

Curiosamente, encontrei profissionais de tarô que advogavam o estudo pormenorizado do padrão Marselha por ser considerado o ponto de partida para a produção dos demais baralhos. Costumeiramente, profissionais que vendiam cursos e livros de cartomancia a partir dos baralhos de tarô. Ainda que este conjunto de imagens tenha se popularizado na Europa, existe um vívido consenso da popularização do Smith-Waite enquanto padrão para as produções contemporâneas. Um dos dilemas que observo, contudo, é que as Cartas Numeradas são passíveis de ligeira abdução ao contrário do padrão Marselha que costuma necessitar de um recurso imaginativo maior para a resposta de perguntas ou de um conjunto de conhecimentos cabalísticos que não são correntes nos sistemas de ensino contemporâneos. O distanciamento entre o que estes profissionais alegam e os baralhos massificados atualmente denota novamente discursos que não se alinham

facilmente a ponto de sustentar conceituações sobre origem, uso e estudo do tarô. As práticas e reproduções são multifacetadas, permitindo não apenas distanciamentos em relação aos padrões postos pelos baralhos “tradicionais”, “históricos” e “clássicos”, como também aproximações com conjuntos de conhecimentos contemporâneos que não seriam passíveis de interpretações nas décadas passadas. A aparente força irrefreável das novas reproduções de baralhos de tarô não parece ser um efeito apenas do mercado capitalista e das grandes editoras, mas também da necessidade dos indivíduos se verem representados nas artes e com uma aliança mais ligeira de seus saberes com aqueles propostos pelas imagens.

4.6 “UM TARÔ PARA CHAMAR DE NOSSO”

A produção de baralhos de tarô que se iniciou, provavelmente, em meados do século XIV, encontra distanciamentos com o uso e a presença deste objeto na contemporaneidade. Hoje são raros os grupos que utilizam um baralho de tarô com intuito de jogos de mesa, sendo visíveis os esforços de Michael Dummett (2004) em recolher os relatos de quem ainda preserva esta prática, ou como presente luxuoso para famílias aristocráticas. Também já não observamos com o mesmo mistério as correspondências entre as imagens dos Arcanos Maiores e os conhecimentos esotéricos de outrora reservados aos iniciados das ordens ocultistas. Com o acesso mais facilitado aos livros, museus e às redes sociais, é possível tomar conhecimento dos inúmeros segredos que cercavam cada uma das produções de tarôs e das teorias que fundamentavam a prática conjunta aos baralhos. Além disso, no exercício atual das artes divinatórias e do autoconhecimento, práticas mais correntes com baralhos de tarô, podemos inclusive prescindir de um profissional fisicamente presente, tendo em vista a rápida disseminação de aplicativos que fazem diferentes jogos e leituras por meio de baralhos virtuais e de sites que reúnem diferentes oraculistas que podem fazer atendimentos por meio de videoconferências.

Mesmo considerando as diferenças relatadas em relação aos séculos anteriores, os pontos de toque seguem sendo consideráveis. O primeiro fator a ser considerado é que os baralhos preservam rememorações de uma tradição de imagens que se aproxima ora das representações do padrão Marselha, ora das imagens do Smith-Waite Tarot. Atualmente, se encontram à venda tanto baralhos

que procuram reproduzir minuciosamente aqueles reproduzidos nos séculos passados, como os já citados *tarocchi* Visconti-Sforza e Sopraffino, como também os de proposta esotérica como o hermético Grand Etteilla e o tarô cabalístico de Oswald Wirth. Chama atenção também o amplo número de baralhos encontrados em livrarias e lojas de artigos esotéricos que procuram reproduzir parte do padrão posto, mas com imagens que vão desde gatos até personagens de filmes e séries de televisão.

Levando em consideração as falas críticas à massificação dos baralhos descritas no segundo capítulo, poder-se-ia pensar que os baralhos produzidos hoje reproduzem apenas uma intenção mercadológica, corrompendo assim os valores estabelecidos pelos baralhos “tradicionais” e propiciando a distribuição destes para um público leigo alheio aos seus “verdadeiros simbolismos”. A controvérsia interna a esse discurso crítico foi não ter sido possível constatar na pesquisa um forte consenso quanto aos usos dos baralhos de tarô ditos “tradicionais”, mesmo que exista um certo “padrão” posto no momento de conceber o número de cartas, as imagens, os títulos e as divisões internas entre Arcanos Maiores e Menores em um baralho. As tensões se mostram maiores nos eixos de estudos histórico-culturais ao comporem as interpretações e as motivações que mobilizaram a criação dos primeiros baralhos. Há também a disputa entre quem atribua ao *tarocchi* Visconti-Sforza o artefato mais necessário para estudo minucioso e aqueles que acreditam que o tarô de Marselha seja o mais importante, tendo em vista a sua ampla disseminação em comparação ao anterior. Entre ocultistas, por sua vez, não existe consenso quanto às correspondências das cartas e princípios herméticos de forma a estabelecer um esquema estável de analogias. Mesmo entre ocultistas que pertencem às mesmas “escolas”, como Arthur Waite e Aleister Crowley. Dispondo os baralhos “tradicionais” e os ocultistas lado a lado, as distinções se tornam ainda mais notáveis, tendo em vista a maneira como as lâminas ganham elementos que transcendem um certo contexto histórico e ganham, por vezes, títulos distintos aos dos baralhos mais antigos.

Ainda assim, é notável como interlocutores e manuais não deixam de chamar baralhos como o padrão Marselha, o Smith-Waite Tarot e o Tarô Mitológico de “tarôs”. Mesmo que o Smith-Waite Tarot se afaste do padrão Marselha ao reproduzir cenas e personagens nas Cartas Numeradas, ao invés de apenas atribuir imagens de naipes conjugados à cada numeração, conferindo maior saliência aos

aspectos elementais de cada carta. Além das mudanças no título de algumas cartas, no ordenamento e na agregação de inúmeros símbolos de etnias e religiosidades diversas aos Arcanos Maiores. Quanto ao Tarô Mitológico, este nem mesmo apresenta uma numeração em relação aos seus Arcanos Maiores, como acontece com os demais baralhos. Quanto às temáticas postas em cada carta, atribui narrativas míticas gregas em contraposição aos princípios do ocultismo inglês disposto no Smith-Waite Tarot. Ademais, o Tarô Mitológico privilegia uma leitura mais arquetípica das imagens do tarô, tomando suas ilustrações como representativas da “Jornada do Louco”. Partindo destes inúmeros distanciamentos entre os baralhos, o que faz um objeto ser considerado um “baralho de tarô”?

Assim como as demais questões amplas postas pela pesquisa, não existe uma resposta clara e bem delimitada quanto à circunscrição do objeto “baralho de tarô”. Os únicos baralhos que consensualmente carregam esta designação por grupos de práticas muito contrastantes são os derivados do padrão Marselha. Contudo, como apontei anteriormente, existem diferentes versões em cada uma das edições disponíveis hoje no mercado e, a depender do “purismo” de quem busca, alguns podem ser alinhados mais alinhados à noção de “baralho de tarô” do que outro. Baseado nos títulos que os baralhos carregam, é possível encontrar até mesmo baralhos que não apresentam uma estrutura próxima dos analisados até aqui e que não são legitimados pela maioria dos profissionais, mas que são nomeados e vendidos enquanto “tarôs”. A exemplo do “Tarô do Cigano” ou “Tarô da Madame Lenormand” que se configuram com outra quantidade de cartas, outro conjunto de práticas e outra forma de nomear cada uma delas, não apresentando nenhum ponto de toque maior com as cartas de um baralho de tarô além do título. Outros, como o “Tarô do Osho”, apresentam estrutura similar às dos baralhos estudados nesta pesquisa, contudo, alteram em grande medida a nomenclatura e as interpretações de algumas das cartas, fazendo com que seja nomeado enquanto “oráculo” e não “tarô”.

Considerando as sutilezas postas na afirmação de um objeto enquanto “baralho de tarô”, quero também considerar ligeiramente os baralhos autorais nacionais que buscam promover alterações na estrutura dos baralhos de tarô do padrão Marselha, Smith-Waite Tarot e Tarô Mitológico. Os três exemplos que trarei foram marcantes em um nível de trajetória pessoal, por suscitarem controvérsias distintas à daquelas postas entre as abordagens ocultistas, arquetípicas e histórico-

culturais. Todos podem ser qualificados como “projetos independentes”, tendo em vista que não foram idealizados e distribuídos por grandes editoras, além de serem relativamente recentes em comparação às demais obras estudadas. Acredito que o cenário nacional de produção de baralhos tenha se expandido ao longo dos anos, propiciando espaços para distribuição de tarôs que ofereçam leituras diversas às mais tradicionais deste campo de saber.

O primeiro foi o contato com o Tarô Brasileiro e da sua idealizadora, a taróloga Luiza Papaleo. Reproduzindo um padrão de imagens muito similar aos baralhos de Marselha, o Tarô Brasileiro apresenta ilustrações de Victor Zalma que conjunto à idealizadora trouxeram figuras da cultura popular brasileira. Os próprios naipes dos Arcanos Menores são também alterados, com objeto de aproximar mais de elementos encontrados nacionalmente, como a troca das espadas europeias pelas peixeiras. No site da Editora Gaia, se encontra a seguinte descrição:

Nesta releitura trazemos uma nova característica: uma roupagem Brasileira. A proposta é valorizar nossa brasilidade, apresentando nossas influências culturais, para poder, assim, representar o Brasil, este país cheio de regionalismos e de infinitas inspirações. Os personagens dos Arcanos Maiores e Menores apresentam e representam nossa “cara”, nossa mistura de raças e etnias, nosso multiculturalismo e nosso tropicalismo.

Desfilam por este caminho oracular sertanejos, cangaceiros, caipiras, boiadeiros, capiaus, povo do campo, da roça e da cidade. As figuras vêm com feições que se parecem conosco, que trazem aspectos e traços tão nossos que reconhecemos imediatamente. A simbologia e adereços nos remetem à nossa cultura e ao nosso jeito de ser, e cada detalhe nos remete a uma lembrança⁹⁴.

Em conversa ligeira, Luiza me contou que não havia uma motivação política por parte dela em trazer uma reconfiguração das imagens reproduzidas no padrão Marselha. Encarava o seu projeto mais como uma contribuição de quem desejava ver uma representação mais “brasileira” nas imagens, tendo em vista o grande

⁹⁴ Disponível na loja da Editora Gaia: <https://www.livrariadagaia.com.br/produto/25621/taro-brasiliano>. Acesso em 04 de Agosto de 2021.

número de baralhos cujas lâminas retratam rostos e vestimentas “europeias”⁹⁵. É visível ao colocar as imagens dos dois baralhos em paralelo sobre como suscitam estilos e figuras étnicas distintas (Figura 33), ainda que se mantenha alguns elementos que são caros à configuração do padrão Marselha, como a direção para a qual se voltam as personagens, certos elementos do cenário e a ordem das cartas.

Figura 33 - "O Enamorado", "O Diabo" e "A Lua" do Tarô Brasileiro



Fonte: acervo do autor

O segundo exemplo de baralho contemporâneo a ser mencionado é o “Nosotras Tarot”, criado por Elisa Riemer e Paula Riemer. Com imagens que representam apenas mulheres, este baralho veio a ser alvo de polêmicas entre alguns interlocutores, por discordarem do excesso de alterações da “estrutura originária” do tarô. Uma das modificações mais notáveis se dá com a carta do “O Imperador” que vem a ser chamada de “A Imperadora” e com o “O Hierofante” que se torna “A Hierofante” (Figura 34). Como já existe uma carta denominada “Imperatriz” nos demais baralhos, os críticos com os quais conversei não viam sentido na coexistência das duas figuras em um mesmo baralho. Apesar disso, a reprodução da “Imperadora” apresentava similaridade com o “Imperador” do padrão

⁹⁵ Em entrevista acerca do tarô Brasileiro no ORLA TV, canal da rede social YouTube, Luiza Papaleo afirma: “Queria trazer muito a cultura brasileira, o nosso jeito. (...). A gente vê os tarôs todos que são lindos e maravilhosos, em quantidades absurdas que temos no mercado, mas todos eles têm uma cara muito europeia. Porque realmente nasceu lá”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kMWieTCoiZU>. Acesso em 04 de Agosto de 2021.

Marselha e Smith-Waite: o trono, a coroa, o cetro, a postura autoritária e controladora. As imagens das chamadas Arcanas Menores replicam um padrão muito similar aos cenários utilizados nos baralhos de Smith-Waite.

Figura 34 - Arcanas "A Imperadora" e "A Hierofante" do Nosotras Tarot



Fonte: Clube do Tarô⁹⁶

Hoje se encontram à venda dois baralhos com o mesmo título: o primeiro é a versão reduzida com as vinte e duas Arcanas Maiores e é nomeada “Uma Jornada ao útero cósmico”, o segundo é a versão completa com as setenta e oito cartas que costumam compor um baralho de tarô e nomeado “A Jornada da Heroína”. Os títulos se tornam mais compreensíveis com a descrição posta no site “Catarse”, pelo qual as idealizadoras conseguiram contribuições para a realização do projeto:

Os 22 Arcanos Maiores do Tarot clássico, relidos e retratados pela artista brasileira Elisa Riemer, com artes em colagem, que expressam respeito e devoção à arte do Tarot e à origem do mundo: As mulheres. A medida em que o estudo do Baralho de Marselha foi aprofundado pela artista, cada

⁹⁶ No artigo no qual se encontram exemplos de imagens das Arcanas Maiores propostas pelas artistas do Nosotras Tarot, também existe uma entrevista válida para compreensão dos processos que envolveram a idealização e materialização do projeto. Destaco o seguinte trecho: “Ele é um tarot que fala sobre o feminino, sobre o que é ser mulher”. Disponível em: http://www.clubedotaro.com.br/site/h2321_Nosotras_Riemer.asp. Acesso em 18 de Setembro de 2021.

carta se apresentou a seu tempo. Em jogos, sonhos e associações espontâneas os símbolos foram se revelando em uma sintonia mágica entre arte e artista e o projeto tomou forma vagarosamente. Foram muitas as nascentes que envolveram esse trabalho: Os estudos de Marselha, a simbologia universal do Tarot, a vida de Pamela Smith - responsável por um dos mais conhecidos baralhos contemporâneos - e principalmente o mundo inconsciente, onde cada carta se revelou por completo, no silêncio da intuição da artista, como que pedindo para ser retratada. (...). NOSOTRAS Tarot é uma viagem ao útero cósmico que concebe a vida. Um retorno. Cada carta foi um nascimento nas mãos de uma mulher, que só pode ser proporcionado por muitas outras mulheres. Elisa Riemer celebra a ancestralidade e as primeiras mulheres que trabalharam com o ocultismo e com a própria arte do Tarot, ressignificando esse universo e as estruturas contempladas por ele⁹⁷.

O último exemplo, mais recente que os casos precedentes, é um baralho Guarani projetado por Yxapy Rendy, oraculista e promotora de cursos e iniciações que resgatem a língua e as tradições ritualísticas guarani. Este foi o processo com o qual tive contato mais íntimo, já que a oraculista me procurou para ter aulas e compreender melhor a estrutura dos baralhos de tarô ao longo da História. Contudo, ainda está em processo de finalização, não sendo possível avançar tanto com a sua estrutura e imagética. Inicialmente, Yxapy almejava criar um “Tarô Guarani” que relacionassem as imagens dos Arcanos Maiores de tarôs padrão Marselha e Smith-Waite Tarot à cosmovisão guarani. O processo levantou algumas controvérsias do circuito mais particular da oraculista, tendo em vista o tarô ser um “molde” europeu de baralho e imagética. Uma das proposições do baralho seria a de justamente alterar o título de algumas lâminas e agregar fortemente o simbolismo dos povos de convívio de Yxapy. Ao finalizar o processo de concepção dos 22 Arcanos Maiores, a idealizadora decidiu agregar mais cartas, pois sentiu que ainda faltavam certos componentes narrativos caros à cosmologia guarani. Naquele momento, questionou sobre a possibilidade de renomear o baralho, não agregando mais o termo “tarô”, já que com a adição das novas cartas poderia atrair uma atenção duvidosa por parte de quem tivesse uma postura mais “purista” em relação à estrutura de baralhos como o padrão Marselha ou Smith-Waite. Entretanto, acabou

⁹⁷ Essa e outras informações que foram vinculadas à campanha de arrecadação no “Catarse” estão disponíveis em: <https://www.catarse.me/nosotrarot>. Acesso em 04 de Agosto de 2021.

por permanecer com o plano original de nomear de “Tarô/Angá Guarani”, possivelmente a ser lançado no final do ano de 2021.

Os três exemplos postos, o Tarô Brasileiro, o Nosotras Tarot e o Tarô Guarani, foram apresentados com intuito de que a trajetória dos baralhos de tarô encontre também um lugar de expressão na contemporaneidade, para além dos já mencionados e utilizados em outros tempos. Cabe notar três características que podem demarcar uma expressão própria destes tempos e que, ainda que possam apresentar ressonâncias no passado, adquirem maior intensidade e projeção na atualidade: a) críticas a certos componentes “estruturais” dos baralhos de tarô que negligenciam algum tipo de representatividade (como a estética “europeia”) e/ou reforçam algum regime de dominação posto (como o patriarcado); b) a possibilidade das redes sociais auxiliarem os idealizadores e artistas de baralhos autorais na arrecadação de recursos e promoção e divulgação dos seus trabalhos completos; c) a sugestão de alterações na imagética dos baralhos que não estejam necessariamente vinculados à um viés cultural, arquetípico ou esotérico, mas à motivações que transcendem estes eixos tão disseminados pela literatura acerca dos baralhos.

Apesar destes pontos de distinção, é interessante notar que o Tarô Brasileiro replica consideravelmente os cenários e personalidades do padrão Marselha, enquanto o Nosotras Tarot promove as devidas adaptações nas imagens do padrão Smith-Waite. Ambos baralhos, em suas versões “completas”, são compostos por 78 cartas, divididas da maneira como a maioria dos baralhos intitulados de “tarô”. Quanto à proposta de Yxapy, o questionamento levantado quanto à classificação de “tarô” reforça a ideia de um certo “limite” com o qual os indivíduos lidam ao estabelecer a devida titulação de “tarô”. Os usos nos três casos se voltam às práticas divinatórias, tendo em vista os discursos de suas divulgadoras. Acredito que este seja também um dos pontos de relativa estabilidade quanto aos diversos usos de um baralho de tarô. Mesmo quando existem motivações mágicas, artísticas ou políticas, raramente se renega a possibilidade de que um baralho de tarô possa ser utilizado para responder perguntas. Um dos fatores que evidencia esta proposta é a presença dos pequenos manuais ou livros junto às lâminas de um baralho com sugestões de “palavras-chave” para as respostas das questões.

Acredito que tanto quem promoveu o padrão Marselha, quanto os ocultistas que trataram de dar bases ao Smith-Waite Tarot, as mitologias e arquétipos presentes no Tarô Mitológico e os demais exemplos de baralhos de tarô citados neste capítulo, buscam um baralho para chamar de “nosso”. No sentido explícito das lâminas receberem um misto de projeções de artistas e idealizadores, perspectivas quanto a quais destinatários alcançar e qual o “molde” a ser ancorado para a produção do baralho. Neste sentido, retomo a noção de como objetos de arte encarnam um princípio de “personitude” elencado por Gell. Partindo da presente pesquisa, como os baralhos incorporam composições da intimidade e do ideário de quem idealiza. Nas palavras do autor: “a personitude é um resíduo cristalizado da performance e da agência na forma de objeto, por meio da qual o acesso a outras pessoas pode ser obtido, e por meio da qual a agência delas pode se expressar” (GELL, 2018, p. 116).

Ainda assim, a partir do momento que cada um destes baralhos se integra ao grande circuito das demais produções, os usos e interpretações de cada imagens tenderão a se contrastar com as proposições iniciais de seus desenvolvedores. Dessa maneira que os objetos à disposição da mesa do “Mago/Prestidigitador” passam a ser os quatro elementos alquímicos, na figura dos quatro naipes do tarô. Também é por este tipo de modulação interpretativa que o “Pendurado” vêm a ser o Prometeu do tarô Mitológico. E o “Sete de Espadas” dos vários baralhos clássicos possam ser agora representados por sete peixeiras no tarô Brasileiro. Ao mesmo passo, a disposição dos baralhos no mercado torna possível que alguém veja na imagem do “Cinco de Paus” do padrão Smith-Waite um grupo de pessoas juntando madeiras para construir uma jangada ao invés de conectar os princípios elementais do fogo com o conflito. Ou, de forma mais ousada, acreditar que todos aqueles deuses suntuosos de baralhos mitológicos sejam pessoas fantasiadas para algum desfile qualquer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado neste trabalho, os maiores conflitos que residem nos baralhos de tarô se encontram nas múltiplas controvérsias acerca da sua origem, uso e interpretação das imagens. Mesmo a categoria “baralho de tarô” pode ser levantada e problematizada por seus praticantes, tendo em vista a ligeira dispersão de novos baralhos que convocam protótipos distintos em relação àqueles tradicionalmente utilizados. Durante a pesquisa e na literatura não encontrei o estabelecimento de códigos profissionais ou corporações público-privadas que demarquem normas sobre a produção de baralhos e a atividade de seus profissionais. Em um fluxo de acontecimentos que subverte essa possibilidade, foi mais fácil observar discursos díspares em uma mesma escola, curso de tarô ou feira esotérica. As disputas, contudo, costumam se apresentar mais como refrações das controvérsias de um período histórico do que propriamente inerentes ao baralho de tarô em si. Hoje, a controvérsia mais ampla acerca do “misticismo” que ainda envolve o baralho, quanto à sua “origem egípcia” ou seu “uso mágico”, encontra ressonâncias em um cenário cuja ciência vem sendo questionada e atacada por grupos negacionistas em período de pandemia. Firmar uma postura “desmistificada” é também reproduzir um cenário mais amplo de tensões entre saberes sem que com isso o ofício dos profissionais do tarô seja deslegitimado. Em contrapartida, décadas atrás, a disposição em elencar o valor terapêutico do estudo e leitura de cartas do tarô possivelmente partilhava de questionamentos feitos ao caráter único das ciências médicas ao tratarem da saúde. A defesa de um viés mais “holístico” de saúde tendo o tarô como um de seus agentes legitimadores. Séculos atrás, a correspondência com as leis herméticas e ritos ocultistas, foi também parte um movimento social mais amplo que buscava na estrutura do tarô uma possível forma de estabelecer vínculos entre as ciências e os saberes do ocultismo tradicional. Em ressonância com a reflexão posta, vale mencionar o seguinte trecho da obra de Helen Farley:

There are as many theories as to the derivation of the term ‘tarot’ as there are theories about the provenance of the cards themselves. In the absence of substantiated etymological evidence, most theories relating to the derivation of the terms ‘tarot’ and ‘tarocchi’ tell us more about the prevailing

social and intellectual currents at the time that these theories were formulated than about the place and time of the origin of the tarot deck (FARLEY, 2009, p. 32).

Interessante pensar que estas controvérsias elencadas ainda se encontram presentes nos círculos que percorri na minha trajetória, como também na vasta literatura de manuais de tarô. Livros de autores com propostas tão díspares como Arthur Waite, Sallie Nichols e Robert Place seguem sendo reimpressos, vendidos e comentados em grupos de estudo e páginas das redes sociais. No capítulo 3 foi possível visualizar como resiste na literatura sobre baralhos de tarô a intenção de dispor uma narrativa que estabeleça uma coesão entre os diferentes ícones que compõe o baralho. Ainda que os eixos tenham sido estabelecidos naquele momento como uma maneira de reunir as obras em certas temáticas mais amplas, firmo novamente que as diferenças entre a abordagem ocultista, a arquetípica e a histórica apresentam pontos de toque notáveis. É possível encontrar menções sobre o autodesenvolvimento nas obras de Waite. Enquanto em Rachel Pollack os conceitos psicológicos de “inconsciente coletivo” e “arquetipos” caminham juntos com certos preceitos esotéricos, como as considerações sobre temperamentos presentes na alquimia antiga. Já em Robert Place, o viés histórico de recompor o imaginário cultural de um período é também contrastado pelo fato do autor desenvolver seu próprios baralhos de tarô, em muito influenciados pela via ocultista de cartomantes dos séculos passados.

Quanto aos baralhos de tarô, para além de seus desenvolvedores e escritores de manuais, apesar da intensa disposição às controvérsias e disputas, estes também fomentam certas estabilidades quanto à uma certa estrutura imagética de suas lâminas. É muito raro que um baralho de tarô não apresenta a ordenação do padrão de Marselha ou do Smith-Waite Tarot. As imagens costumam ser replicadas em grande medida, especialmente quanto ao comportamento das figuras retratadas e a sensação perante o cenário da lâmina. Mesmo quando são reproduzidos elementos mais próximos da atualidade, preservam-se certas características de forma que o baralho de tarô siga sendo qualificado enquanto tal. Se este é um processo consciente ou não, acredito que não cabe ao escopo da presente pesquisa. Contudo, é observável que o padrão se replica mesmo quando as propostas das artistas não se alinham à uma mesma motivação.

Quanto à mediação posta pelos baralhos, ainda hoje é possível visualizar o vívido interesse de que baralhos de proposta ocultista sigam sendo estudados em ordens iniciáticas, sendo preservadas as devidas correspondências esotéricas descritas por autores como Éliphas Lévi, Oswald Wirth, Arthur Waite e Aleister Crowley. Por mais que estes mesmos baralhos de proposições ocultistas sejam também mobilizados para fins terapêuticos ou obras de teor histórico. Quanto aos baralhos de intenção terapêutica, para além das “Jornadas do Louco” e da busca por autoconhecimento, existem aqueles que são criados para fomentar meditações guiadas ou regressões à vida passadas. Enquanto os baralhos que resgatam um conjunto de imagens dos séculos passados, reproduzindo a tradição por meio das tecnologias atuais, seguem sendo distribuídos em uma extensa rede de colecionadores e apreciadores dos baralhos antigos. Muitas vezes, o que cabe às motivações de seus destinatários é a obtenção do artefato, sem que seja mobilizado para fins meditativos, mágicos ou oraculares. Ainda assim, não foi difícil observar quem obtivesse esses baralhos para fins terapêuticos ou oraculares.

Dessa forma, é possível observar que por mais que o tarô resista à uma certa circunscrição do que ele “é”, um olhar antropológico e histórico sobre o que dizem e fazem com ele é passível de análise e pesquisa. Por trás da aparente rede descentralizada de indivíduos, coletivos e eventos, os baralhos de tarô seguem como artefatos que estabilizam parte de seu agenciamento na contínua presença em ritos, estudos e atendimentos. Além da evidente “resistência” de sua estrutura em se alinhar às alterações mais radicais que venham a “desestabilizar” uma tradição imagética difícil de delimitar em texto ou critérios, mas observável pela sua própria reproduzibilidade e reconhecimento por parte expressiva de quem os estuda e os utiliza. Neste ponto que acredito que o tratamento do baralho de tarô para além das literaturas antropológicas da Nova Era, pode vir a ser mais proveitosa ao não desconsiderar os múltiplos usos para além dos campos do misticismo e da espiritualidade. Ao preferir um tratamento das imagens a partir dos conceitos de Alfred Gell, o baralho pôde ser pensado enquanto o agenciador de uma série de processos, não se resumindo à uma postura passiva frente aos usos defendidos por cartomantes e outros indivíduos. Resiste o caráter performativo de suas lâminas, dispondo os entornos às múltiplas controvérsias já elencadas e fomentando novas interpretações, especialmente com aqueles baralhos cujas origens até hoje se encontram desconhecidas.

Sobre essa aparente “vida própria” do baralho, me aproprio da analogia de Carlo Severi (2000, p. 5), ao conceber o “cristal” enquanto análogo ao potencial destes ícones em se constituírem como fragmentos de múltiplas identidades gradualmente construídas. Esta identidade plural que se sobrepõe às interpretações esotéricas, terapêuticas e históricas, dificultando a circunscrição de uma categoria estável, faz do baralho de tarô um agente certamente perigoso a certos entornos. E, por conta disso, igualmente poderoso, em uma reflexão próxima à de Mary Douglas (1976), tendo em vista a sua capacidade de suscitar pelas imagens diferentes afetações e agenciamentos por parte de quem o estuda ou o utiliza.

REFERÊNCIAS (MANUAIS DE TARÔ)

- ABC DO DESTINO. **Tarô: como ler a sorte nos mais famosos tarôs do mundo.** Rio de Janeiro: Editora Globo. Ano 1, nº 6. 1991
- AMARAL, Maria Cecília. **Guia do tarô: as cartas, seus símbolos e interpretações.** São Paulo: Editora Escala, 2010.
- BARLET, Sarah [2006]. **A Bíblia do Tarô: o guia definitivo de tiragens e do significado dos arcanos maiores e menores.** São Paulo, Pensamento. 2011.
- BANZHAF, Hajo [1997]. **O Tarô e a Viagem do Herói: a chave mitológica para os arcanos maiores.** São Paulo: Editora Pensamento. 12º edição. 2013.
- BLAKE, Deborah; ALBA, Elizabeth [2017]. **Diário de uma Bruxa.** São Paulo, Editora Isis. 2020.
- BEN-DOV, Yoav. **The Marseille Tarot Revealed: a Complete Guide to Symbolism, Meanings & Methods.** Woodbury: Llewellyn Worldwide, Ltd, 2017.
- BUNNING, Joan. **The Big Book of Tarot: how to interpret the card and work with tarot spreads for personal growth.** Massachusetts: Weiser Books, 2019.
- CAGNO, Edelweiss. **Os Segredos do Tarô de Marselha.** São Paulo: Madras Livraria e Editora. 1996
- CASE, Paul Foster [1947]. **The Tarot: a key to the wisdom of the ages.** Nova Iorque: TarcherPerigee/Penguin Books USA. 2006.
- CROWLEY, Aleister [1944]. **The Book of Thoth: a short essay on the tarot of the Egyptians.** San Francisco: Weiser Books, 2020.
- DOANE, Doris; KEYES, King [1967]. **O Tarô do Antigo Egito: simbolismo mágico e chaves para sua interpretação.** 9ª Ed. São Paulo: Editora Pensamento. 1993
- DOUGLAS, Alfred; SHERIDAN, Douglas [1972]. **The Tarot: the origins, meaning and use of the cards.** Londres: Arkana, 1991.
- DUQUETTE, Lon Milo. **Understanding Aleister Crowley's thoth tarot.** San Francisco: Weiser Books, 2003.
- EAKINS, Pamela. **Tarot of the Spirit.** Boston: Red Wheel/Weiser, 1992.
- EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA [1956]. **Tarô Adivinhatório.** 2ª edição, 7ª reimpressão. 2020 → "O Tarô é, aparentemente, um jogo de cartas; porém na realidade, é um antiquíssimo livro hieroglífico proveniente do Egito" (1956, p. 16).
- FLOWERS, Stephen. **The Magian Tarok: The Key Linking the Mithraic, Greek, Roman, Hebrew and Tunic Traditions of the Tarot.** Vermont: Inner Traditions. 2019.
- GAD, Irene [1994]. **Tarô e Individualização: correspondências com a cabala e a alquimia.** São Paulo: Mandarim, 1996.
- GEARHART, Sally; RENNIE, Susan [1976]. **A Feminist Tarot.** 5ª ed. Nova Iorque: First Alyson, 1981
- GODO, Carlos. **O tarô de marseille.** São Paulo: Editora Pensamento, 1985.
- GRAY, Eden [1970]. **The Complete Guide to the Tarot.** Nova Iorque: Bantam, 1972.
- GREER, Mary K [2006]. **21 Ways to Read a Tarot Card.** Minnesota: Llewellyn Publications. 2007.
- GREER, Mary K. **Tarot for Your Self: a workbook for personal transformation.** New Jersey: New Page Books, 2002.
- GREGORY, James. **A Beginner's Guide to Reading Tarot Cards.** Colorado: Zymore Press, Inc. 1999.
- HAICH, Elisabeth [1975]. **Wisdom of the Tarot.** Londres: Unwin Paperbacks, 1985.

- HOUDOUIN, Wilfried. **O Código Sagrado do Tarô**: a redescoberta da natureza original do tarô de Marselha. São Paulo: Editora Pensamento. 2017.
- INNES, Brian. **Tarot**: como usar e interpretar as cartas. Trad. De Luísa Ibañez. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.
- JAYANTI, Amber. **Tarot for Dummies**. Nova Iorque: Hungry Minds. 2002.
- JETTE, Christine. **Tarot Shadow Work**: using the dark symbols to heal. Minnesota: Llewellyn Publications. 2000.
- JODOROWSKY, Alejandro; COSTA, Marianne. **O caminho do tarot**. São Paulo: Editora Campos, 2016.
- LIND, Frank [1981]. **Como interpretar o Tarô**: uma galeria de poder e sabedoria oculta. São Paulo: Hermus, 1983.
- MATTOS, Marisa. **Tarô**: um caminho. Rio de Janeiro: 2ª ed. Edições Hipocampo, 1989.
- MANTOVANNI, André. **Tarô**: o jogo da vida!: felicidade, destino e divinação. São Paulo: Ghemini Editora, 2007.
- MASCHA, Rabben [1990]. **O Tarô da Nova Era**. São Paulo: Editora Pensamento. 11ª edição. 2006.
- MEBES, G. O. **Os Arcanos Maiores do Tarô**: seu simbolismo, suas iniciações e seus passos para a realização espiritual. São Paulo: Pensamento, 1990a.
- MIRO, Shahenn; REED, Theresa. **Tarot for Troubled Times**: confront your shadow, heal yourself, transform the world. Massachusetts: Weiser Books, 2009.
- NAIFF, Nei. **Curso Completo de Tarô**. Rio de Janeiro: BestBolso. 2011.
- NICHOLS, Sallie [1980]. **Jung e o Tarô**: uma abordagem arquetípica. São Paulo: Editora Cultrix. 2007.
- OUSPENSKY, Piotr Demianovitch. **The Symbolism of Tarot**. Mineola: Dover Publications, 1976.
- PAPUS. **O Tarô dos Boêmios**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- POLLACK, Rachel [1980]. **78 Graus de Sabedoria**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1991. 2v.
- RENÉE, Janina [1990]. **Tarot Spells**. Minnesota: Llewellyn Worldwide. Twenty-third Printing, 2007.
- SADHU, Mouni [1962]. **The Tarot**: a contemporary course of the quintessence of hermetic occultism. Londres: George Allen & Unwin LTD, 1971.
- SHARMAN-BURKE, Juliet. **The New Complete Book of Tarot**: a step-by-step guide to reading the cards. Londres: Connections Book Publishing. 2007.
- SHARMAN-BURKE, Juliet; GREENE, Liz. **O tarô mitológico**. São Paulo: Madras, 2014.
- WAITE, Arthur Edward [1911]. **The Pictorial Key to The Tarot**. Mineola: Dover Publications Inc., 2005.
- WANG, Robert [1983]. **O Tarô Cabalístico**: um manual de filosofia mística. São Paulo: Editora Pensamento, 1998.
- WANLESS, James [1987]. **New Age Tarot**: guide to the Thoth Deck. California: Merril-West Publishing, 2001.
- WEN, Benebell. **Holistic Tarot**: An Integrative Approach to Using the Tarot for Personal Growth. California: North Atlantic Books. 2015.
- WIRTH, Oswald [1927]. **Tarot of The Magicians**. San Francisco: Weiser Books, 2012.
- ZIEGLER, Gerd [1986]. Tarô: **Espelho da Alma**: manual do tarô Aleister Crowley. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1993.

REFERÊNCIAS

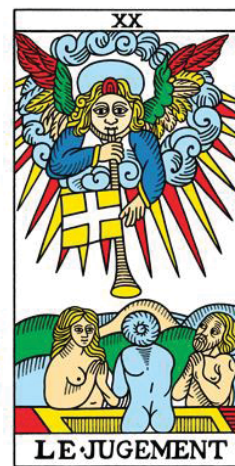
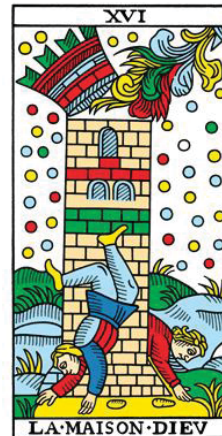
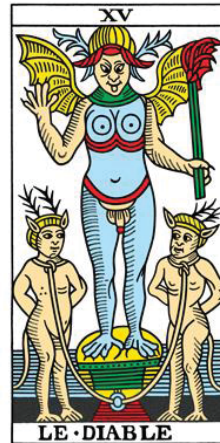
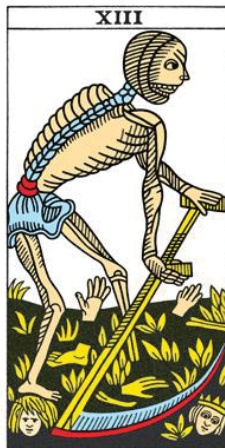
- AMARAL, Leila. **Carnaval da Alma**: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.
- ARANHA, Roberta. **Os Arcanos Maiores do Tarô e a Pintura Simbolista do Séc. XIX** - uma visão interpretativa da correlação arquetípica. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. São Paulo. 2010.
- BERTÃO, Bruno Ueno. **Assim na Terra, como no Céu**: situações sociais em uma etnografia em uma escola de astrologia em Curitiba-PR. Monografia (Especialização em Antropologia Cultural). Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica. 2018.
- CALVELLI, Haudrey Germiniani. Um olhar antropológico sobre as benzedeiras, cartomantes e videntes na Zona da Mata mineira. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v.11, n2, p. 359-373, jul./dez. 2011.
- CARVALHO, José Jorge de. Antropologia e esoterismo: dois contradiscursos da modernidade. **Horizontes antropológicos** 4.8: 53-71. 1998.
- CROWLEY, Aleister Crowley. **Tarot Divination**. Massachusetts: Red Wheel/Weiser, 1976.
- D'ANDREA, Anthony Albert F.. **O self perfeito e a nova era**. São Paulo, SP: Edições Loyola. 2000.
- DECKER, Ronald; DUMMETT, Michael [2002]. **A History of the Occult Tarot**. London: Duckworth Overlook, 2013.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- DUMMETT, Michael; MCLEOD, John. **A History of Games Played with the Tarot Pack**: the game of triumphs. Lewiston: The Edwin Mellen Press, 2004.
- FARLEY, Helen. **A Cultural History of Tarot**: from entertainment to esotericism. New York: LB.Tauris. 2009.
- FARLEY, Helen. **Out of Africa**: Tarot's fascination with Egypt. *Literature & Aesthetics*, v. 21, n. 1, 2011.
- FREEMAN, Nick. The Black Magic Bogeyman 1908-1935. In: FERGUSON, Christine; RADFORD, Andrew (org.). **The Occult Imagination in Britain, 1875-1947**. Londres: Routledge, 2018.
- FULLER, Robert. **Americans and the Unconscious**. New York: Oxford University Press, 1986.
- GELL, Alfred. **Arte e agência**: uma teoria antropológica. Trad. Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, coleção Argonautas, 2018.
- GONÇALVES, Mirna X. **Tarô**: reverberações em poéticas contemporâneas. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Universidade Federal de Pelotas. Centro de Artes. 51f., 2020.
- GONÇALVES, Tatiana Fecchio. **Elementos Iconográficos da Figura do Louco nas Cartas do Tarô**: de Gringonneur ao tarô de Marselha. In: III Encontro de História da Arte do IFCH/ UNICAMP, 2007, Campinas. em processo, 2007.
- GUERREIRO, Silas. WELLITON, Moraes. **Uma rede para além das nuvens**: a Nova Era e a internet. In: revista Último Andar, n.29. 2016.
- HANEGRAFF. **New Age Religion and Western Culture**: esoterism in the mirror of secular thought. Brill, 1996.
- HANEGRAFF. **Esotericism and the Academy**: rejected knowledge in western culture. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

- HEELAS, Paul. **The New Age Movement**: the celebration of the Self and the sacralization of Modernity. Oxford: Blackwell, 1996.
- HEELAS, Paul. **Spiritualities of Life**: New Age Romanticism and Consumptive Capitalism. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.
- HUSON, Paul. **Mystical Origins of the Tarot**: from ancient roots to modern usage. Vermont: Destiny Books. 2004.
- KAPLAN, Stuart [1978]. **The Encyclopedia of Tarot V.1**. Stamford: U.S. Games System Inc., 2007
- KATZ, Marcus; GOODWIN, Tali. **Secrets of the Waite-Smith Tarot**. Woodbury: Llewellyn Publications, 2015.
- LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2013. 1991.
- LATOURE, Bruno. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naif. 2008.
- LÉVI, Éliphas. **Dogma e Ritual de Alta Magia**. São Paulo: Editora Pensamento, 2017.
- LÉVI, Éliphas. **A chave dos grandes mistérios**: segundo Enoque, Abraão, Hermes Trismegisto e Salomão. São Paulo: Editora Pensamento. 2018.
- LEWGOY, Bernardo. **Os espíritos e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 353f. 2000.
- MAGNANI, José Guilherme C. **Mystical urbe**: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole. São Paulo: Studio Nobel. 1999.
- MALUF, Sônia. Mitos coletivos, narrativas pessoais: cura ritual, trabalho terapêutico e emergência do sujeito nas culturas da "Nova Era". **Mana**, 11(2), 499-528. 2005.
- MALUF, Sônia Weidner. Da mente ao corpo? A centralidade do corpo nas culturas da Nova Era. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 7, n. 1, 2, p. 147-161, 2005.
- MALUF, Sônia Weidner. Eficácia Simbólica: dilemas teóricos e desafios etnográficos. In: TAVARES, Fátima; BASSI, Francesca. **Para Além da Eficácia Simbólica**: estudos em ritual, religião e saúde. Salvador: EDUFBA, 2013.
- MARTINELLI. **Os signos pictóricos das cartas de tarô como veículos narrativos**. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. São Paulo. 2013.
- PLACE, Robert. **The Tarot**: history, symbolism, and divination. New York: Penguin Group Inc. 2005.
- PLACE, Robert. **Alquimia e tarô**: uma investigação de suas conexões históricas. São Paulo: Presságio Editora. 2016.
- RIBEIRO, Lestiane P. **Abrindo o jogo**: um olhar antropológico sobre o tarô *online*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. 159 f., 2015.
- SANTA ROSA JÚNIOR, Carlos Alberto Ribeiro. **Cartas Marcadas**: multimodalidade discursiva e transitividade em baralhos de tarô. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras, 2010.
- SANTOS, Marcelo Ribeiro dos. **Tarô de Marselha**: o rosto divino. Tese (Doutorado em Educação). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas. 290p. 2018.
- SEGAL, Robert. Jung's Psychologising of Religion. In: SUTCLIFFE, Steven; BOWMAN, Marion **Beyond New Age**: Exploring Alternative Spirituality. Edinburgh: Edinburgh University Press, pp. 65-82, 2000.

- SILVEIRA, Émerson S. da. Descanonização de símbolos católicos: O caso do “Tarô Católico” e os novos sentidos religiosos. **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 04–39, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/27475>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- SUTCLIFFE, Steven. Re-thinking “New Age” as a popular religious “habitus”: a review essay on “The Spiritual Revolution”. **Method & Theory in the Study of Religion**, Vol. 18, No.3 (2006), pp. 294-314.
- SUTCLIFFE, Steven; BOWMAN, Marion (org). **Beyond New Age: exploring alternative spirituality**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000.
- SUTCLIFFE, Steven; GILHUS, Ingvild. **New Age Spirituality: rethinking religion**. Londres: Routledge, 2014.
- TAVARES, Fátima G. T. Tornando-se Tarólogo: Percepção “Racional” versus Percepção “Intuitiva” entre os Iniciantes no Tarot no Rio de Janeiro. **Namen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v.2, n1. P. 97-123. 1999.
- TONIOL, Rodrigo. **Nova Era e saúde: balanço e perspectivas teóricas**. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais (BIB), v. 2, n. 80, p. 27-41, 2015.
- TAVARES, Fátima. **Alquimistas da Cura: a rede terapêutica alternativa em contextos urbanos**. Salvador: Edufba, 2012.
- VASCONCELOS, Ligia B. **O tarô Visconti-Sforza como espaço de relações e transferências no século XV italiano**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2019.
- VIANA, Fernanda. **Arcanos Performáticos: Ressignificações fotográficas do Tarot de Marselha**. Tese de mestrado apresentada ao Curso de Mestrado de Práticas Artísticas Contemporâneas, da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. 2016.
- VILHENA, Luís Rodolfo. **O mundo da astrologia: estudo antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1990
- TURNER, Victor. **Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EdUFF, 2005.
- WAITE, Arthur. **The Doctrine and Literature of the Kabbalah**. London: The Theosophical Publishing Society, 1902.

ANEXO 1 – IMAGENS DO TARÔ DE MARSELHA (EDIÇÃO CBD POR YOAV BEN-DOV)





ANEXO 2 – BARALHOS DE TARÔ CITADOS NA PESQUISA

a) Tarôs Clássicos: 78 cartas, divididos em 21 lâminas de Arcanos Maiores (Mago até Mundo), 1 lâmina não numerada (Louco/Bobo), 40 Cartas Numeradas divididas em quatro naipes sem representação de cenas (“pip cards”), 16 lâminas de Arcanos de Corte divididas em Rei, Rainha, Cavaleiro e Valete.

BEN-DOV, Yoav. **Cbd Tarot de Marseille**. Stamford: U.S. Games Systems, 2017.

BURDEL, Claude; LO SCARABEO. **Tarot of Marseille**. Woodbury: Llewellyn Worldwide, 2000.

LO SCARABEO. **Tarocco Sopraffino: Anima Antiqua**. Woodbury: Llewellyn Worldwide, 2020.

LO SCARABEO. **Visconti Tarots Deck**. Woodbury: Llewellyn Worldwide, 2000.

WHITE, Julian. **O Tarot de Marselha**. Campo Grande: Editora Isis, 2019.

b) Tarôs inspirados a partir do Smith-Waite Tarot: 78 cartas, divididas em 22 lâminas de Arcanos Maiores, 40 Cartas Numeradas e 16 lâminas de Arcanos de Corte (Rei, Rainha, Cavaleiro, Pajem) divididas em quatro naipes com representações pictóricas correlatas aos quatro elementos (Fogo, Água, Ar, Terra);

ESSELMONT, Brigit; GROSCHE, Eleanor. **Everyday Tarot Mini Deck**. Philadelphia: Running Press, 2018.

GODFREY, Dowson. **The Hermetic Tarot Deck**. Stamford: U.S. Games Systems, 2009.

GREER, Bill; MORGAN, Lloyd. **Morgan Greer Tarot**. Stamford: U.S. Games Systems, 1979.

DECORT, Vanessa. **Sun and Moon in a Tin**. Stamford: U.S. Games Systems, 2017.

KAPLAN, Stuart; SMITH, Pamela. **Pamela Colman Smith Commemorative Set**. Stamford: U.S. Games Systems, 2009.

MANDYBUR, Jerico; RUIZ, Daiana. **Neo Tarot: A Fresh Approach to Self-Care, Healing & Empowerment**. Londres: Hardie Grant Books, 2019.

RIEMER, Elisa. **NosotraS Tarot: uma Jornada ao Útero Cósmico**. Edição da Autora, 2014.

WAITE, Arthur; SMITH, Pamela. **Radiant Wise Spirit Tarot Mini**. Woodbury: Llewellyn Worldwide, 2020.

WAITE, Arthur; SMITH, Pamela. **Smith-Waite Tarot Deck Borderless Edition**. Stamford: U.S. Games Systems, 2017.

c) Outros tarôs ou baralhos: 78 cartas, divididas em 22 lâminas de Arcanos Maiores, 40 Cartas Numeradas e 16 lâminas de Arcanos de Corte divididas em quatro naipes com cenas ou não.

CROWLEY, Aleister. HARRIS, Frieda. **Aleister Crowley Thoth Tarot Deck**. Stamford, U.S. Games Systems, 2005.

GULER, Maritxu; LONGA, Luis. **El Gran Tarot Esoterico**. Woodbury: Llewellyn Worldwide, 2016.

LO SCARABEO. **Egyptian Tarot Deck**. Woodbury: Llewellyn Worldwide, 2000.

LO SCARABEO. **Etteilla Tarot: Collector's Edition**. Woodbury: Llewellyn Worldwide, 2021.

LO SCARABEO. **The Book of Thoth: Etteilla Tarot**. Woodbury: Llewellyn Worldwide, 2003.

MONREL, Violeta. **Tarot Tartessos: Las Huellas de Hispania**. Vitoria: Heraclio Fournier, 1999.

PAPALEO, Luiza; ZALMA, Victor. **Tarô Brasileiro**. Edição do Autor, 2018.

SHARMAN-BURKE, Juliet; GREENE, Liz. **O Tarô Mitológico**. São Paulo: Madras, 2007.